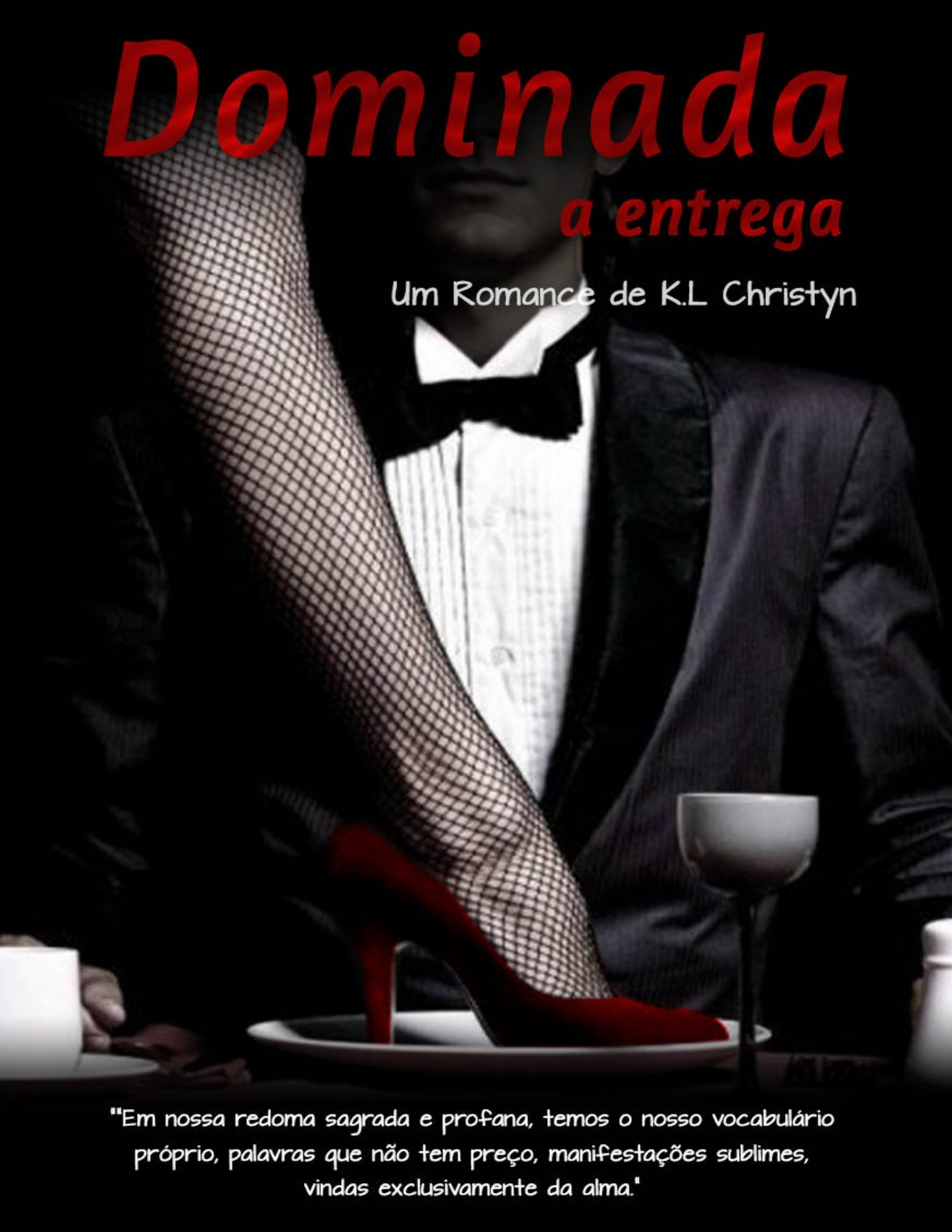


A man in a tuxedo is seated at a table. A woman's leg, wearing a fishnet stocking and a red high-heeled shoe, is resting on a white plate in front of him. The background is dark, and the lighting is dramatic, highlighting the textures of the clothing and the colors of the shoe and stockings.

Dominada

a entrega

Um Romance de K.L Christyn

"Em nossa redoma sagrada e profana, temos o nosso vocabulário próprio, palavras que não tem preço, manifestações sublimes, vindas exclusivamente da alma."



DOMINADA

A ENTREGA

(LIVRO II)

Copyright @ 2019 – Todos os direitos reservados

Capa

MLopesDesign

Revisão

K. Guimarães

B. Junior

1. Literatura Brasileira 2. Romance 3. Erótico

É expressamente proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento escrito dos responsáveis. Essa obra é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele se remetem a situações verdadeiras da vida real.

K.L. Christyn
DOMINADA
A ENTREGA

DOMINADA
A ENTREGA

POR

K.L. Christyn

ESCLARECIMENTOS AO LEITOR

Apesar de ser uma obra de ficção, as fontes usadas para a estruturação desse livro são verdadeiras. Todos os acontecimentos descritos a respeito das “Sessões *BDSM*”, são detalhadamente verídicos e podem ocasionar certo desconforto em leitores mais sensíveis. É indicada cautela e principalmente discernimento ao se propor tal leitura. Todas as diretrizes do “*BDSM*” foram rigorosamente respeitadas e relatadas, sem pudores ou qualquer tipo de censura. O livro aborda desde a simples dominância até o sadismo. Lembrando que a autora não compactua de forma alguma com qualquer tipo de violência doméstica ou de qualquer outra espécie de violência cometida contra a mulher. O “*BDSM*” é uma forma consensual de sexo, prazer, entrega e relação, onde indivíduos se propõem a provar novas sensações e trocar diferentes experiências em prol de satisfação para ambas as partes envolvidas. “*BDSM*” não é CONTO DE FADAS, às vezes ele é feio, sangra, dói, deixa marcas, cicatrizes, faz chorar, tremer as pernas, suar, desesperar, te faz pensar em desistir..., mas só cabe a você decidir até onde vale a pena ir. Abra sua mente e boa leitura.

Sobre a Autora

K.L. Christyn tem 46 anos, é nascida no Rio de Janeiro, onde cursou ciências médicas na universidade Gama Filho e hoje reside em São Paulo. Desde criança sempre teve o dom da palavra e chegou a escrever alguns contos na época do colegial. Como toda boa romântica, seu desejo sempre foi conseguir atingir os leitores, transformando aquilo que escrevia em histórias de simples compreensão, apaixonantes e inesquecíveis. Seus sonhos precisaram ser adiados para que se destinasse exclusivamente aos cuidados intensivos e especiais de seu filho mais novo. Em 2017, depois de 11 meses de dedicação, conseguiu realizar o sonho de terminar o seu primeiro Romance, *"Inconstante Prazer"*, que originou a trilogia *"Inconstante"*, ganhando notoriedade como escritora de sucesso e alavancando sua carreira.

AGRADECIMENTOS

No segundo livro da série, gostaria apenas de agradecer a Deus, que mesmo diante de tantos obstáculos em minha vida e em um momento bastante conturbado o qual estou passando, me concedeu discernimento e inspiração o suficiente para seguir adiante com minha obra, dando o melhor de mim, para ter o melhor para vocês!

“Em nossa redoma sagrada e profana, temos o nosso vocabulário próprio, palavras que não tem preço, manifestações sublimes, vindas exclusivamente da alma.”

K.L Christyn

CAPÍTULO UM



O

vestido vermelho? – Clarisse fala aos gritos, de dentro do seu closet.

– Sexy demais. – Contesto.

– O preto de mangas longas?

– Não vou a uma coletiva com o papa, Clarisse! – Reviro os olhos, já começando o processo de ficar estressada.

– Tudo bem, você pareceria mesmo uma freira com ele...Quem sabe o rosa com babados?

– Vulgar demais! Pelo amor de Deus, amiga, me dê uma opção decente. Estou mais do que atrasada! – Desesperada, enfio as meias pretas nas pernas, ao menos por isso já me decidi, mesmo porque, preciso de alguma coisa que esconda os hematomas que apareceram em minha pele castigada.

A tarde com Domenico deixou marcas por todo o meu corpo. Me sinto como uma tela, borrada em tons de vermelho, roxo e verde, pintada pelas mãos brutais e cruéis do homem mais bagunçado e delicioso que já conheci em toda a minha vida. Pisco os olhos e volto a tentar me concentrar na tarefa de me vestir e chegar a tempo na coletiva.

– Tudo bem, vamos no básico. Menos é sempre mais! – Convicta de que dessa vez está certa, Clarisse aparece segurando um cabide com um discreto tubinho negro, balançando de um lado para outro, como se fosse um troféu.

– Acho que sim... – Murmuro, mesmo o achando decotado demais, sei que não tenho mais opções, e muito menos tempo para buscar por qualquer outra alternativa.

– Acha não meu bem, é assim que você vai! – Jogando o cabide por sobre a cama, ela volta a sumir closet à dentro, voltando logo em seguida com um lindo sobretudo vermelho.

– Exagerado, não?

– Eu diria elegante. Vamos, Ethel, já são quase seis e meia, você está mais do que atrasada para a coletiva!

Apressada, me enfio no vestido, colocando os sapatos vermelhos de

saltos exageradamente altos, enquanto Clarisse fecha, como pode, o zíper que pega toda a parte de trás do tecido. Brincos, perfume, um bracelete discreto, também emprestado por Clarisse, e estou pronta. Me olho no espelho e mais uma vez fico agradecida pelo bom gosto de minha amiga.

Pego o sobretudo vermelho, verifico a bateria do celular, me armo de minha bolsa, credencial que me dará acesso ao salão nobre do “*Sheraton*” e respiro fundo. Preciso me desligar, preciso a todo custo assumir o meu lado profissional, mas, a experiência que tive essa tarde com Domenico permanece muito viva em minha mente, principalmente pelo fato de Clarisse ainda me olhar com aquela reprovação nada discreta em sua expressão.

– Tome, vá com meu carro. – Esticando o braço, ela me entrega as chaves da minivan.

– Você não vai precisar dele?

– Não trabalho hoje e se pintar alguma coisa para fazer, chamo um taxi. Agora vá, arrase e faça a melhor das perguntas para o gostosão do Richard Mitchell.

– Você é a melhor, amiga! – Dou um beijo em seu rosto e caminho até a porta.

– Ethel?

– Sim...

– Não pense que esqueci a forma que chegou em casa mais cedo. Ainda conversaremos a respeito disso.

– Tenho certeza que sim. Agora preciso mesmo ir. – Desvio o assunto, sabendo que apenas algumas horas me afastam da inquisição bárbara e perseguidora de Clarisse Thompson.

O salão já estava abarrotado de jornalistas quando cheguei. Não que eu esteja atrasada, mas deveria ao menos ter me dado ao trabalho de mentalizar uma pergunta decente para Richard. O problema é: Como pensar em uma entrevista e principalmente formular qualquer tipo de questionamento inteligente para ser feito diante de centenas de colegas de profissão, se cada vez que movo meu corpo meus músculos reclamam, me fazendo retornar aos deliciosos abusos cometidos por Domenico a poucas horas?

Atordoada e bastante incomodada com o burburinho incessante do ambiente, busco pelo meu lugar. Verificando a credencial, não me surpreendo quando vejo que fui colocada na primeira fileira de cadeiras, apenas a alguns palmos do entrevistado. Mesmo sabendo o peso que carrego ao representar o “*NBP*”, tenho consciência de que nem isso seria capaz de me conceder tamanho

privilégio, claro que existe o dedo, bem lindo por sinal, de Richard Mitchell nisso.

Me acomodo e mentalizo algo ao menos aceitável para perguntar. A verdade é, tudo que precisava saber, ele já me disse durante nosso almoço de ontem. Não consigo imaginar nada que seja inédito para questioná-lo. Mordendo a ponta da caneta e mais nervosa do que realmente deveria estar, vejo o corpo imenso e bem atrativo de Richard Mitchell adentrar no pequeno tablado, seguido por seu assessor de imprensa e outros dois homens, que acredito, pelo modo que se vestem, fazerem parte da sua equipe de segurança.

Um sorriso delicioso e bastante discreto se desenha em seus lábios ao me avistar. Um leve aceno de cabeça junto a uma piscadela e não me contenho. Como me manter indiferente a tamanha simpatia e charme? Retribuo o sorriso, também com discrição e o vejo assumir o modo CEO. Incrivelmente, ele fica ainda mais atraente quando demonstra sua importância e poder.

– Senhoras, senhores. Boa noite. Vamos iniciar a coletiva. Lembrando que cada jornalista tem direito a uma pergunta, seguida essa de uma única resposta. Vamos nos esforçar para atender todos vocês, mas, para que isso seja possível, peço a colaboração de todos e que se mantenham em silêncio, principalmente quando alguma pergunta for feita por um colega ou quando alguma resposta estiver sendo dada pelo Sr. Mitchell.

O assessor de Richard inicia a coletiva e meu nervoso aumenta em doses estratosféricas. E se eu for a primeira? O que vou perguntar para esse homem? Que nossa senhora dos jornalistas sem criatividade e desesperados me ajude nessa hora! Aliviada, vejo o homem apontar para a ponta oposta a qual estou sentada, não é a minha salvação, mas ao menos me dará tempo para pensar em algo apropriado.

A voz de Richard, potente, forte e sexy para caralho ocupa o salão. Posso estar enganada, mas acho que ouvi alguns suspiros exageradamente apaixonados a cada sílaba que ele pronuncia. Impossível não sorrir. Richard realmente é um daqueles homens cinematográficos, os do tipo de parar o trânsito e causar um apocalipse hormonal.

Um arrepio toma conta do meu corpo. Aquela sensação de torpor, que apenas uma pessoa é capaz de causar me envolve. Assustada, percorro o local com os olhos, sem me dar ao trabalho de disfarçar minha agonia. Meus órgãos internos se contorcem e meus músculos, já doloridos devido ao arrebatamento sexual violento de hoje a tarde, tremem descontroladamente.

Olhei ao redor, só para ter a certeza de que ninguém estava me observando e reparando em minha agitação. Ajeitei meu vestido, mais para me distrair do que propriamente para acertar alguma imperfeição no tecido e respirei

fundo. Vai passar! Deve ser apenas minha louca e fértil imaginação revivendo a experiência de hoje.

– Srta. Willians? – A voz de Richard me arranca quase a força dos meus devaneios loucos a respeito da improvável presença de Domenico.

– Oi? – Sério mesmo que eu respondi a Richard Mitchell com um oi na frente de centenas de jornalistas?

– Oi, como vai? – Ele não usa de sarcasmo, simplesmente responde, como quem entra na brincadeira.

– Sua pergunta, por favor, Srta. Willians. – Seu assessor se manifesta, demonstrando pouquíssima paciência.

O sorriso tranquilizador ainda desenhado no lindo rosto de Richard me conforta e chega a me acalmar, mas apenas por alguns segundo. Nesse exato instante olhos azuis, frios e calculistas se colam aos meus e minha língua enrola em minha garganta, me impedindo de emitir um único som.

No tablado, encostado em um canto, está Domenico Fox. Chocada, não consigo conter a tremedeira e minhas pernas simulam falhar. Apoio a mão no encosto da cadeira, tentado a todo custo me manter firme e de pé. Olhando mais atentamente, consigo perceber aquele sorriso irritantemente cínico, que parece desdenhar do meu nervoso, que é muito mais do que aparente.

Suando frio e tentando me controlar, acabo me deparando com o que realmente faz com que todas as minhas entranhas se revirem. Susanna Wesley, muito bem vestida em um terninho vermelho impecável está ao seu lado. Melhor, ela não está apenas ao seu lado, Domenico mantém um dos braços atracado em sua cintura, como se ela fosse uma posse sua, e ela, bom, como boa vaca que é, parece se deleitar com o toque muito mais do que prazeroso.

Os olhos castanhos brilham e sua beleza, que já é uma coisa de outro mundo, parece ainda mais exaltada. Possivelmente deve ser o tesão, que não faz questão alguma de esconder, pelo homem incrivelmente delicioso que tem ao seu lado, que a deixa ainda mais exuberante do que já é. Ciúme, raiva, descontrole, indignação, dor de cotovelo, despeito, fúria e repulsa são apenas alguns dos péssimos sentimentos que apertam meu coração.

Porém, o pior deles, muito provavelmente está refletido em meus olhos. A dor! Uma dor profunda, que é simplesmente impossível explicar. Um borrão se forma a minha frente e tudo que antes era claro, se torna opaco, escuro e sem vida. Não posso acreditar que Domenico seja tão cruel assim. Me recuso a crer que entreguei minha alma a um monstro bárbaro, desumano e insensível.

Sem pensar muito, esbarrando em todas as cadeiras e em alguns corpos que ocupavam o caminho a minha frente, corro desorientada até a grande porta de saída. Não posso e não quero ficar aqui. Já fui humilhada demais essa tarde

para ainda precisar passar por esse tipo de situação.

Aos prantos, corro até o estacionamento que foi reservado para a imprensa e me enfio dentro do carro de Clarisse, me agarrando ao volante, como se assim pudesse me sentir melhor e mais segura. Meu celular vibra dentro da minha bolsa e não quero olhar, não quero saber quem é.

Estou em um estado tão bagunçado, que não quero falar com ninguém! Mas e se for Domenico? O lado apaixonado, bem burro e absolutamente nada racional do meu cérebro quase me força a atender, já o inteligente, o do discernimento, me puxa fortemente a orelha, me forçando a cair na real. Domenico jamais me ligaria!

– Vá a merda, seu filho da puta! – Grito, e minha voz magoada se espalha pelo interior do carro, provocando uma vibração dolorosa em meus tímpanos.

Mais uma vez o telefone vibra, dessa vez decido por desligá-lo sem me dar ao trabalho de olhar o número, acreditando que minha louca obsessão por Domenico está começando a me causar delírios. Mas, e se for ele? Acorda Ethel, por que afinal ele te ligaria? Por que depois de se colocar a minha frente com outra mulher, não qualquer mulher, mas minha chefe, ele se daria ao trabalho de falar comigo?

Simplesmente porque sou uma babaca submissa, que ele usa, abusa, bate e humilha a hora que quer e bem entende, e ele, um dominador sádico dos infernos. Ele ligaria sim, apenas para saber se sua ação causou o sofrimento que ele tanto desejava. Faz parte do jogo nojento e sujo ao qual me permiti viver.

Não sei por quanto tempo ao certo dirigi pelas ruas de Boston. Acho inclusive que me perdi um pouco. Avancei sinais, não respeitei cruzamentos, a verdade é que estou furiosa. Não, preciso ser honesta, não estou furiosa, estou é muito puta da vida! Por mais que eu tente, não consigo assimilar nada e muito menos entender o que de fato aconteceu na coletiva.

É quase certo que eu não tenha mais o meu emprego amanhã cedo, “*Malévola*” jamais perdoará minha falta de profissionalismo, mas vê-la acompanhada de Domenico, foi como receber um forte soco na boca do estômago de um pugilista gigantesco e meu ciúme, junto a frustração, acabaram falando muito mais alto do que a possibilidade de ficar desempregada.

Tento avaliar os motivos, mas não os encontro. Susanna jamais comentou que conhecia Domenico, muito pelo contrário, ela sempre deixou clara sua inviabilidade em se aproximar dele, era como se inclusive houvesse algum tipo de antipatia entre ambos. Então por que? Um castigo para mim? Apenas mais uma das humilhações as quais ele pretende me submeter?

Limpando as lágrimas que deixam turva minha visão, percebo que

estou no quarteirão de casa. Chegar nesse estado não é uma opção. Clarisse irá me massacrar com perguntas, questionamentos e, é claro, me dará um sermão daqueles sobre a suposta relação doentia a qual me permiti ter com Domenico.

Fico alguns minutos recuperando o fôlego e a coragem dentro do carro. Abrindo minha bolsa, passo um lenço para disfarçar o borrado dos olhos, arrumo o cabelo e sei lá porque, passo um pouco de gloss nos lábios. Respirando fundo, abro a porta e ando vagorosamente até o elevador. Bem que poderia faltar luz agora não é mesmo? Mas é claro que isso não vai acontecer, afinal de contas, o mundo teima em conspirar contra a minha pessoa!

Abri a porta o mais silenciosamente possível. O apartamento se encontra as escuras, e uma breve sensação de alívio ocupa todo o meu ser. Ou Clarisse não está em casa, ou já foi se deitar. Menos mal, terei mais tempo para me preparar psicologicamente para o provável bombardeio pesado que irei enfrentar de minha amiga.

– Posso saber que merda toda foi aquela?

Dei um pulo de susto! Meu coração, já acelerado devido a todos os acontecimentos dessa noite, parece simplesmente querer fugir a galope por minha garganta. Clarisse apareceu do nada, acendendo a luz do abajur ao lado do sofá. Sua cara não é nada amistosa e os braços cruzados na altura do peito me trazem a certeza de que, dessa vez eu não escapo!

– Tipo, que merda? – Faço a desentendida.

– Só para você saber, a “NBC” estava transmitindo ao vivo a coletiva, e eu, como a amiga orgulhosa da incrível jornalista que é, espalhei aos quatro ventos que você estaria lá.

– Sério? – Murmuro, sem coragem de me aproximar de uma furiosa Clarisse.

– Pois é, seríssimo! Qual não foi a minha surpresa quando vi minha profissional e dona de um futuro promissor amiga jornalista, sair correndo como uma louca no exato momento em que deveria fazer a sua pergunta.

– Eu me senti mal...

– E eu sou idiota! Qual é a sua Ethel? Percebe que desde que iniciou sua relação com Domenico começou a esconder as coisas de mim?

– Não estou escondendo nada, Clarisse!

– Claro que está! Você correu daquele salão como se tivesse visto um fantasma!

– Talvez eu tenha visto... Na verdade um não, dois fantasmas, que ficam bem mais que assustadores juntos! – Arranco os sapatos e me rendo, não aguentando mais carregar sozinha toda a angustia contida em meu peito.

– Pode me explicar? – A voz antes nervosa de minha amiga, se torna

carinhosa e compreensiva enquanto ela me puxa pelos braços e me coloca sentada em um das banquetas da cozinha.

– Domenico estava lá...

– Domenico Fox? Ele agora está te perseguindo? – Me observando sobre os ombros, Clarisse segura uma garrafa de vinho, que acabou de pegar na geladeira.

– Acredito que não foi perseguição.

– Então foi o que? Ele está tão apaixonado que não aguentou ficar longe de você? – Debochada, ela enche duas taças e empurra uma em minha direção por sobre o balcão de refeições que separa a cozinha da sala.

– Com certeza a última coisa que ele está, é apaixonado.

– E o que explicaria a presença dele nessa coletiva, Ethel? O ramo profissional dele nada tem a ver com o lançamento de um telefone recarregável por energia limpa. Engenharia e empreendimentos diversos tudo bem, sei que ele é dono de motéis, hotéis e até boates de luxo além da “*Geo Fox*”, mas telecomunicações?

– Ele quis me afrontar.

– Te afrontar? Com sua presença? Acho bem difícil, uma vez que só de olhar para a cara daquele babaca sua calcinha já fica molhada. Seria um brinde e não uma afronta tê-lo por perto.

– Ele não estava sozinho, Clarisse. E pare de falar como se eu fosse uma puta.

– Não posso fazer nada se você age como uma puta quando está perto dele.

– Clarisse...

– Ok, foi mal. Agora me fala, que mulher era essa? A loira da outra noite? – Ela franze o nariz e me observa atentamente.

– Antes fosse...

– Ethel, quem gosta de ser torturada aqui é você, não eu! Fala logo, quem era a tal mulher?

– Susanna Wesley.

– A “*Malévola*”? Como assim? Eles nem se conheciam, não foi o que ela disse?

– Pois é, assim como você, também não entendi nada! – Desanimada, viro todo o conteúdo da minha taça, voltando a enchê-la em seguida.

Alguns minutos se passaram e um silêncio estranho se instalou entre nós duas. Clarisse tem o olhar perdido, parecendo pensar em algo muito improvável até mesmo para suas insanidades. Piscando excessivamente os olhos, e parecendo retornar de sua viagem solitária a realidade, ela me encara, muito

séria.

– Hoje mais cedo, antes de ir para coletiva, você disse que Domenico apareceu no “*NBP*”, não foi?

– Sim...

– Depois disso ele te arrancou de lá e você foi submetida a mais uma sessão, só que dessa vez, bem pesada de humilhação.

– Foi o que eu disse. Qual a novidade em repetir toda a história que já te contei Clarisse?

– Não saia daqui. Eu já volto!

– Não pretendia ir a lugar algum. – Desdenho, entornando o resto da minha taça.

– Engraçadinha!

Me dando as costas sem mais explicação alguma, Clarisse some no corredor, e acredito que tenha ido até o seu quarto pegar alguma coisa. Ficar sozinha é a última coisa que quero agora. Um vazio doloroso toma conta do meu peito e não consigo verbalizar a sensação que abominavelmente machuca minha alma.

– Venha, sente-se aqui! – Clarisse reaparece munida de seu laptop e se joga no sofá, apoiando as pernas cruzadas por sobre a mesinha de centro.

– O que você está aprontando, Clarisse? – Sentando ao seu lado, a observo digitar rapidamente alguma coisa no Google.

– Você me contou, muito por alto, que hoje a tarde as coisas foram diferentes.

– Sim, bem diferentes. Ele me dominou de uma forma obscena, perversa, mas posso dizer que foi prazeroso.

– Você apanhou, Ethel, isso não é prazeroso. Sua história de vida a tornou fraca e você está simplesmente confundindo maus tratos com atenção plena.

– Eu não sou fraca, e vamos mesmo voltar a esse assunto?

– Sim, você é fraca e se encontra confusa, mas não, não vamos voltar ao assunto, pelo menos por hora.

– Então me diz, o que você está caçando?

– Vamos lá, pelo que você me contou, a história entre vocês hoje foi bem mais violenta do que das outras vezes. Acontece que, pelo que estou lendo aqui, você passou por uma sessão de punição.

– Punição? Deixa de ser louca, Clarisse, por que diabos Domenico me puniria?

– Meu bem, já que resolveu entrar nesse mundo, deveria ao menos se dar ao trabalho de pesquisar sobre. Uma submissa recebe uma punição quando

faz algo não compatível com as vontades do seu dono, isso significa que, o prazer deixa de ser mútuo e passa a ser apenas dele, em subjugá-la a partir da dor e humilhação que proporciona, mas, é claro, para isso existe a merda da palavra de segurança, que ele fez questão de ignorar e não respeitar!

– E por que eu seria punida? Não fiz nada, Clarisse! Estava em meu trabalho, ele apareceu por lá, do nada!

– Ethel, lembra! O cara é um sádico nojento, que se satisfaz em ver a dor e o sofrimento dos outros, ou melhor, o seu. Ele te castigaria até mesmo se você ousasse espirrar sem o seu consentimento, mas não foi esse o caso dessa vez. Acontece que...Ele descobriu! – Fechando o laptop, Clarisse me encara preocupada.

– Descobriu o que? – Não estou conseguindo acompanhar o raciocínio de minha amiga.

– Ele foi até o “NBP”, isso significa que ele já sabe que você é uma jornalista!

– E como ele descobriria isso, Clarisse?

– Ethel, caras como Domenico jamais se relacionariam com uma mulher, quanto mais do jeito bizarro dele, sem pesquisar a respeito da vida dela.

– Então você está me dizendo que fui punida por ele ter descoberto que sou uma jornalista? – pergunto incrédula.

– Fala sério garota! Não é possível que você seja tão inocente assim! Ele descobriu que a “*Malévola*” designou a você a função de conseguir arrancar alguma coisa a respeito da vida dele a fim de publicar um furo daqueles que demoram milênios para serem esquecidos, tipo, a morte do Kennedy.

– Isso justificaria ele estar com Susanna na coletiva? Acho que você está viajando, seria como alimentar uma cobra com a própria mão, Clarisse!

– Não, você não é inocente, você é mesmo burra! Lembra Ethel! Qual a maior arma que Domenico possui?

– Seu dinheiro, sua posição, seu poder? – Respondo, começando a ficar nervosa.

– Não tolinha, isso até ajuda, mas sua maior arma é o poder supremo de foder a mente de uma mulher, assim como ele o fez com você!

– Por Deus que estou tentando te entender, mas está difícil demais, Clarisse!

– Ethel, analisa comigo. Susanna quer um furo de Domenico, certo?

– Certo.

– Designou você para conseguir isso, não foi?

– Sim, foi.

– Acontece que você se envolveu com ele, ela não sabe disso, mas ele

sabe. O que uma pessoa esperta faria para se livrar do perigo em potencial de ser desmascarado publicamente?

– Se juntaria ao inimigo... – Falo, sem acreditar que ele possa ser tão calculista a esse ponto.

– Exatamente minha amiga. Dormir com Susanna sem praticar suas preferencias sádicas e dominadoras, é o mesmo que desmentir qualquer história que você venha a contar para ela. Arriscaria dizer que ele vai beirar o romantismo com ela, encantá-la, fazê-la comer em sua mão, apenas para se livrar do constrangimento que seria uma matéria a respeito de suas preferencias sexuais.

– Você está querendo dizer que ele vai assumir publicamente uma relação com Susanna? – Claro que nesse momento meu corpo todo treme e meus olhos marejam em lágrimas.

– Não duvido nada. Presta atenção, Thell. Além de poupá-lo da tal matéria reveladora, Domenico deve ter inúmeras outras mulheres com quem praticou ou ainda pratica sua dominância. Imagina se vaza qualquer coisa a respeito disso? Seriam milhões de processos, ele iria à falência com as mesadas bem gordas que provavelmente teria que pagar para manter suas submissas caladas.

Fico em silêncio. A verdade é que nada mais que Clarisse possa falar, será assimilado. A única coisa que consigo pensar é: Domenico e Susanna estão juntos. É como se minha carne rasgasse e todas as minhas células se espalhassem, sem a mais remota possibilidade de conseguir juntá-las mais uma vez.

Estou desfragmentada, machucada, dolorida. Tanto física, quanto emocionalmente. Os abusos cometidos por Domenico em meu corpo ainda são presentes, mas o abuso que cometeu com minha alma, esse sim, é o mais doloroso, não tem cura, não tem remédio, é como uma ferida aberta, que jamais irá cicatrizar.

CAPÍTULO DOIS



Passei a noite inteira remoendo as palavras de Clarisse. Faz todo o sentido sua conclusão. Por mais que busque por outro motivo para que Domenico estivesse junto a Susanna naquela merda de coletiva, não consigo encontrar, o que me deixa ainda mais estressada. Com que direito esse homem brinca assim com a minha vida?

Decidida a não deixar passar barato, me levanto e corro para o chuveiro. É jogar que Domenico quer, então vamos ver se ele sabe jogar a porra do meu jogo. Sim, admito, tenho tendências submissas e cheguei sim a aceitar a possibilidade de tê-lo como dominador em minha vida, mas não sou babaca e não vou permitir que um riquinho sádico de merda, me faça de otária por puro prazer.

Abro meu closet e observo atentamente minhas opções. Se é uma submissa que ele quer, será isso que terá, mas não nas regras dele, mas sim nas minhas. Uma saia lápis preta, meias de seda, também preta e uma blusa branca de mangas longas com um laço no pescoço. Figurino perfeito para a personagem.

Depois de vestida, puxo o cabelo em um coque baixo, e faço uma maquiagem leve, exaltando os olhos, uma vez que dispensarei as lentes de contato e usarei meus óculos, o que me faz parecer mais séria e respeitável, se é que ainda posso me considerar respeitável depois de tudo que venho vivendo esses últimos dias.

Apressada para colocar meu plano em prática, busco a pequena bolsa que usei na noite passada e pego meu celular, ligando o aparelho. Duas mensagens apitam e, para minha total decepção, não são de Domenico como cheguei a cogitar. As ligações de ontem a noite foram de Clarisse.

Assim que coloco os pés na sala, uma descabelada e sonolenta Clarisse, armada de uma xícara imensa de café me olha dos pés a cabeça. Intrigada, ela continua a me examinar, não fazendo questão alguma de disfarçar o deboche explícito que brota em sua fisionomia.

– Vai a missa para se redimir dos seus pecados carnavais? – Dando um

longo gole em seu café, ela satiriza. Sim, essa é Clarisse Thompson.

– Não tenho pecados carnavais. – Retruco, indo até a cafeteira e me servindo do líquido fumegante de cheiro mais do que atrativo.

– Realmente, pecados carnavais são colocações leves demais para o que você tem. Arriscaria dizer que são mundanos, podres, profanos e nojentos!

– Clarisse, por favor, a essa hora da manhã não, ok?

– Estressada? – Questiona com pouco caso

– Irritada! – Balbucio minha resposta.

– Ciúmes?

– Vai a merda! – Abandono a xícara por sobre a bancada e vou em direção a porta, ouvindo claramente a risadinha irônica de minha amiga.

– Agressividade desnecessária, Ethel. Admito que se tivesse uma relação com Domenico, eu sentiria ciúme ao vê-lo com outra mulher, ainda mais uma no nível Susanna Wesley. De qualquer forma, pensando bem, não me permitiria nunca nada tão abusivo, tenho uma coisa chamada “*Amor próprio*”, coisa que acredito, desconheça. Espero que em algum momento, você acorde e volte a razão, entendendo que entregar sua vida dessa maneira a um homem que não tem um pinga de respeito nem por ele mesmo, não apagará as decepções e feridas que teve em seu passado. Domenico Fox é uma máquina de destruição, um agressor insano e ostensivo, a predileção pela crueldade é tão perene que só uma babaca como você não percebe.

– Realmente você está me ajudando muito, Clarisse.

– Posso ajudar mais, quer? – Erguendo uma das sobrancelhas ela me encara e estou certa de que ela poderia sim, falar por horas a fio, enumerando vários argumentos, todos bem realistas preciso admitir, para me mostrar o quanto minha relação com Domenico é parasitária.

– Agradeço a bondade, mas estou dispensando!

– Que merda, Ethel! Com quem afinal estou falando? Não é possível que você seja tão cega! Onde está sua dignidade?

– Isso não tem absolutamente nada a ver com dignidade, Clarisse.

– Tem a ver com que então? Com seus medos, com seus traumas, com sua falta de amor e carinho durante a infância, por sua mãe ser uma puta drogada que te largou quando ainda era um bebê? Na minha opinião, você não passa muito longe do que ela foi! Virou uma puta sem discernimento, sem vontades, fracassada! – Ela faz uma pausa, seus olhos fervem e seus bochechas rosadas são o indício do quanto está transtornada.

– Tudo que sempre rejeitou para seu futuro simplesmente está acontecendo, e não consegue, ou não quer, enxergar! Chega a ser ridículo! Esse homem está simplesmente usurpando aquilo que de melhor e mais bonito você

tem, sua inocência, transformando-a em uma mulher sem vontades próprias, um verdadeiro capacho humano, pronta para servi-lo a hora que ele estalar os dedos!

– Minha amiga completa, já sem fôlego dado seu exaltado monólogo.

– Clarisse, por favor...

Com os olhos marejados, imploro pela piedade de minha amiga. Suas palavras me ferem, como se punhaladas pesadas estivessem sendo dadas em meu coração. Será mesmo que estou usando do meu passado para justificar minha fraqueza? Será mesmo que estou confundindo minha carência emocional com amor?

– Posso ao menos saber onde você vai vestida assim? – Contrariada, ela muda o assunto, parecendo perceber minha confusão interna.

– Estou vestida de forma convencional, Clarisse.

– Não está não. Parece uma daquelas secretarias de filmes pornô, sabe? Um pedido do “*Seu dono*”?

– Ir a merda não é o suficiente para você não é mesmo?

– Uma vez que você me manda a merda pelo menos duas vezes ao dia? Já me acostumei!

– Que ótimo, preciso pensar em algo mais agressivo então.

– Certamente que sim. De qualquer forma, indo ou não a merda, vou dar um conselho.

– Que conselho? – Com a porta já aberta, viro o corpo em sua direção e a olho, com bastante atenção.

– Não faça nada que venha a se arrepender depois. Domenico não é o tipo de cara que se pode brincar. Ele é um doente, precisa de tratamento, Ethel! O cara é perigoso, desestruturado e mesmo que tenha passado por algo muito ruim em sua vida, nem isso seria capaz de justificar aquilo que ele se transformou. Esse homem é um monstro, sádico e cruel. Ele causa dor e sente prazer com isso. Cuidado, muito cuidado!

– De onde tirou a ideia que estou indo encontrar Domenico?

– Não tirei, na verdade isso nem passou pela minha cabeça. Apenas se lembre das minhas palavras. Agora vá, secretária de filme pornô, “*Malévola*” deve estar louca para comer seu fígado depois do vexame que deu noite passada!

Estou a longos dez minutos sentada no café em frente ao imponente prédio que abriga a sede da “*Geo Fox*”. Se perdendo em meio ao emaranhado de nuvens cinzas que cobrem o céu da cidade hoje, observo os vidros espelhados que ornem toda a fachada, talvez na louca esperança de conseguir visualizar Domenico.

Chamo a garçonete, pago minha conta e me levanto. Chega, esse é o momento. Se protelar mais um minuto sequer meu plano louco, muito provavelmente desistirei e sairei correndo como um cachorro sem dono, me escondendo no primeiro buraco que encontrar, esperando apenas pelo assobio de Domenico para voltar a me entregar a suas insanidades.

Atravesso a rua decidida, empinando o máximo que posso meu corpo ao adentrar o saguão ostensivamente elegante, escutando o tilintar dos meus saltos no límpido mármore branco rajado em um cinza bem clarinho. Respirando fundo, vou de encontro a jovem que permanece escondida por trás de um computador de porte descomunal, que assim que me vê, sorri de maneira mecânica.

– Qual o andar? – Fico muda por alguns segundos. O que respondo? Vim dar uma lição em Domenico Fox por ter me tratado como qualquer uma e por ser uma babaca sem personalidade que só de pensar nele molha a calcinha?

– Vou na “*Geo Fox*”.

– Qual setor? – Sem me olhar, ela digita alguma coisa no computador.

– Diretoria. – Encorpo a voz e resolvo fazer a segura, bom, pelo menos tento fazer.

– Seu nome, por favor.

– Ethel Lisa Willians.

O tempo parece simplesmente ter parado. Apenas os dedos frenéticos da recepcionista ecoando no teclado ocupam minha mente. Troco as pernas nervosa, sabendo que não deve ser tão simples assim chegar ao todo poderoso da “*Geo Fox*”, muito provavelmente, serei impedida de subir pelo próprio Domenico.

– Desculpe, mas seu nome não consta nos horários marcados. Sinto muito. – A jovem não se dá ao trabalho de me olhar e uma irritação fora do normal me ocupa. Cheguei até aqui, não vou desistir assim tão fácil.

– Escuta aqui, meu anjo. Pegue essa merda de telefone, ligue para o número pessoal do Sr. Fox e avise que Ethel Lisa Willians está aqui para vê-lo! – Uau! E não é que eu precisava apenas ser grosseira para que ela me desse atenção?

Olhos azuis bem sem graça e arregalados se fixam em meu rosto. Por incrível que pareça, ela não responde absolutamente nada, apenas pega o telefone, ainda me olhando com cara de apalermada, e digita alguns números. Um silêncio constrangedor se seguiu e apertei as mãos uma na outra, já pronta por uma veemente negativa por parte de Domenico.

– A Srta. Willians está aqui embaixo, ela deseja falar com o Sr. Fox. – Dessa vez a jovem sem sal desviou os olhos de mim, falando baixinho, como se

já esperasse por uma negativa, assim como eu espero.

– Tudo bem. – Ela encerra a chamada e volta a digitar alguma coisa no computador antes de voltar a se dirigir a mim.

– A diretoria fica no décimo sexto andar. Por favor, passe o cartão magnético no leitor digital do elevador, ele a levará diretamente ao seu destino.

Não me dei ao trabalho de agradecer, mesmo porque, estou pasma por Domenico ter permitido que eu fosse até ele. Volto a me sentir incomodada com o tilintar do meu salto no mármore que cobre o chão. As pessoas deveriam pensar que tapetes são muito bem-vindos, principalmente para alguém que está quase tendo um chilique nervoso, como eu.

Claro que esse elevador também é um daqueles supersônicos. Não tive tempo nem de me auto avaliar na imensidão de espelhos que cobrem as paredes do cubículo a jato e as portas já se abriram, mostrando um ambiente refinado, ativo, depurado e extremamente superficial. A cara de Domenico Fox.

Caminho lentamente até uma recepção, onde uma impecável morena, de lábios carnudos e com olhar não muito amistoso se encontra sentada, e não esconde a animosidade com o fato da minha presença. Talvez seja mais uma das conquistas de Domenico, vai saber!

– Srta. Willians, por aqui, por favor.

Se levantando, ela desfila a minha frente, rebolando mais do que o recomendado para um ambiente de trabalho, mas acredito que nesse caso, a intenção seja unicamente me afrontar, uma vez que seu traseiro só não consegue ser maior que o monte Everest. Desviar os olhos é uma tarefa quase impossível. Honestamente, nunca vi uma bunda tão grande!

Fazendo um gesto com a mão. Ela indica uma imensa porta de vidro, coberta por uma película clara, que impede completamente a visão do interior. Nesse instante, me dou conta da merda que estou fazendo. Por que afinal vim até aqui? Com que direito invado o local de trabalho de Domenico a fim de cobrá-lo sobre algo, se verdadeiramente nem uma relação nós temos.

Penso em desistir, mas penso também no quanto isso seria ridículo! Chegar até aqui foi uma vitória, não posso me acovardar e correr como um ratinho medroso. Arrebitando o nariz e esticando o corpo, respiro fundo e ajeito os óculos. Essa é a hora de confrontar o dominador!

Dei uma batida tímida na porta e a abri. Domenico, que estava sentado em uma mesa de proporções astronômicas, desviou o olhar dos documentos que analisava e fixou seus belíssimos olhos azuis cristalinos em mim, abrindo aquele sorriso irônico que o deixa ainda mais gostoso do que já é.

Claro que foi impossível conter a rebelião que se formou no meio das minhas coxas e muito menos o turbilhão hormonal que se espalhou pelo meu

corpo. Domenico Fox é a visão mais divina e mitológica que uma mulher pode ter. Não sei por quanto tempo fiquei ali, parada, apertando uma coxa na outra.

– Feche a porta, por favor. – Ele fala, usando um tom de voz profissional e rouco, que me deixa muito propensa a pular em seu colo e pedir para que me coma ou até que me bata. Em que estou me transformando? Será verdade todo o discurso de Clarisse?

Me virei nervosa, aproveitando o momento em que fechava a porta para tentar conter o tremor do meu maxilar e pernas. Quando voltei a encará-lo, o jogo tinha mudado. Seus olhos se tornaram hostis, frios, indiferentes, arrogantes, dominadores. Ele não se moveu, apenas fez um sinal com seu dedo, pedindo que me aproximasse.

– Domenico, eu...

– Te dei permissão para falar? – A voz grossa e agora carregada em um tom perigoso e intimidador, me faz calar imediatamente.

Se levantando, ele caminha até a imensa janela, a única que permanece com a película aberta, logo atrás da sua mesa, e aciona com toda calma do mundo um botão. Aos poucos, o vidro vai sendo escondido e aproveito esse instante para admirar as curvas perfeitamente musculosas de Domenico. Sim, esse homem é uma tentação!

Se virando, ele volta a se sentar em sua cadeira, recostando sensualmente e cruzando as longas pernas. Seus olhos deslizam por todo o meu corpo, como se estivesse analisando minhas roupas e mais uma vez, aquele sorrisinho sacana desenha seus lábios, impraticável conter o pandemônio que se forma em meu ventre diante da cena.

– Tire sua saia. – Ele diz com uma voz sedutora, mais ainda firme o suficiente para que eu me lembre quem está a minha frente e principalmente, para que eu entenda que não foi um pedido, mas sim uma ordem.

– Domenico... – Tentei argumentar, meus olhos suplicantes e submissos, contradizendo minha vontade de resistir, aguardando inconscientemente por suas loucas ordens.

– Apenas obedeça.

E foi o que eu fiz. Com dedos trêmulos, busquei pelo fecho da saia e vagarosamente o abri, permitindo que o tecido deslizesse suavemente, quase em câmera lenta por sobre as meias 7/8 negras que uso. Os olhos de Domenico imediatamente se prendem a esse detalhe e ele parece extasiado diante da visão.

– A calcinha.

– Não vou tirar minha calcinha.

– Vai me desobedecer?

Dessa vez o som rouco que escapou por seus lábios não foi mais que

um grunhido e não hesitante, obedeci, ficando parada de frente a sua cadeira, como uma menininha amedrontada, a espera de instruções. Domenico sorri, se deliciando com a cena, se levantando e caminhando de forma sensual em minha direção.

– Me diga, Srta. Willians, do que exatamente você está precisando hoje? – Incerta se devo ou não falar, afinal todas as vezes que tentei fui repreendida, passo a língua pelos lábios secos e vejo os olhos de Domenico se estreitarem, junto a um leve alterar da sua respiração.

– Você pode responder. – A voz mansa contrasta com a frieza de seus belos olhos.

– Domenico, eu não sei o que você está falando. Eu quero conversar com você, só isso!

– Vestida desse jeito? Entrando em meu escritório com esse seu jeitinho submissa? Não doce Ethel, você quer muito mais do que isso, admita.

Fecho os olhos e irritada comigo mesma, me rendo mais uma vez as suas palavras. Claro que eu quero mais, sempre quero quando o assunto é Domenico. Quero a liberdade da minha alma, quero estancar a dor que me invadiu desde a noite passada quando o vi junto a Susanna naquela maldita coletiva.

– Eu quero aliviar a dor.

– E onde dói, doce menina? – Seu polegar desliza pela minha bochecha, chegando em meu queixo, erguendo meu rosto para que nossos olhos voltem a se encontrar.

– Minha alma, Domenico! Minha alma dói...

Falo, pendendo meus braços ao lado do meu corpo, me entregando de uma vez, o permitindo comandar, sabendo que por mais que eu negue, apenas esse homem e suas manias loucas conseguem me dar prazer. Ele se afasta e enfia as mãos nos bolsos, erguendo uma das sobrancelhas em uma expressão indecifrável.

– Curve-se sobre a mesa. Quero essa bunda gostosa bem empinada para mim.

Enquanto fala, Domenico anda em direção a uma porta na outra extremidade da imensa sala, que acredito ser um banheiro e desaparece em seu interior. Sem jeito, fico sem saber o que fazer. Com a lembrança ainda bem nítida do que é ser punida por Domenico, acabo cedendo e me debruçando no mesmo instante em que ele retorna à sala, segurando um chicote em suas mãos.

Ele sorri ao observar meu corpo inteiro se retesar e a sensação que mistura expectativa e medo se amplia ao ouvir o seu caminhar lento e ao mesmo tempo decidido, me obrigando a ofegar, em buscar de ar para meus comprimidos

pulmões, que parecem simplesmente ter esquecido de expandir.

Colo minha testa a superfície até que convidativa da mesa e espero pela primeira pancada, o que de fato não acontece. Domenico desliza a ponta sedosa e atrativa do chicote por toda extensão da minha bunda, me arrancando um suspiro inesperado. Não vejo, mas tenho certeza absoluta que ele está sorrindo.

– Toque, Doce Ethel. – Com os dedos, aceito a ponta do objeto e para minha surpresa, vejo que não é nada assustador, pelo contrário, o toque é apazível, suave e bastante agradável.

– É bom? – A pergunta feita em voz mansa balança todas as minhas estruturas. Claro que é bom, é mais do que bom, é sensacional! Sem saber ao certo o que falar, apenas aceno positivamente com a cabeça.

– Responda, é bom? – Domenico insiste.

– Sim, é bom. – Admito em um sopro de voz.

– Sabe que pode parar a hora que quiser, não sabe?

– Da última vez não foi bem assim. – Retruco, lembrando que falei por duas vezes a palavra de segurança e mesmo assim ele prosseguiu com sua tortura.

– Da última vez foi diferente e mesmo assim, não me recordo de vê-la se queixando. Agora responda apenas o que perguntei. Sabe que pode parar a hora que quiser, não sabe?

– Sim, eu sei.

– Ótimo, precisamos confiar um no outro, Ethel. – O tom debochado me incomoda, parece que nem mesmo ele leva a sério suas palavras.

– Como posso confiar em um homem que me massacra a tarde e a noite aparece agarrado em outra mulher apenas para me afrontar?

Tudo bem, deveria ter ficado calada. A mão de Domenico que alisava carinhosamente minha bunda se retirou e o chicote estalou firmemente contra a minha pele, me fazendo grunhir, tentando ao máximo não fazer barulho algum e não demonstrar nenhum tipo de fraqueza.

– Estava aqui pensando no que seria capaz de controlar essa sua boquinha abusada. – Domenico volta a massagear a pele antes castigada.

– Acha que umas dez chicotadas seriam o suficiente? – Ele aperta a minha carne e seus dedos parecem transfixá-la, alcançando aquele pontinho doloroso da minha musculatura. Não me mexi, continuei agarrada a mesa, claro que demonstrando toda a tensão que a situação me causa.

– Quinze, talvez? Ou quem sabe vinte? Adoraria ver mais vergalhões espalhados por essa pele deliciosa! – A voz rouca de Domenico me faz flexionar os ombros, em uma entrega involuntária.

– Empine essa bunda gostosa e se segue firme, Srta. Willians.

Empinei o máximo que pude o meu traseiro e coleí ainda mais meu corpo na mesa, flexionando minhas mãos no vidro gelado. Domenico me chicoteou por cinco vezes seguidas, e todas, sem exceção alguma, foram cruelmente dolorosas. Me mantive calada, mordendo os lábios, tentando a todo custo não demonstrar o quanto a dor e o prazer que ele está me proporcionado mexem comigo.

Sua mão forte, acaricia delicadamente a pele ardida e castigada pelo chicote. Ele parece em transe, silencioso, apenas demonstrando alguma emoção através da sua respiração, que, por mais que tente disfarçar, está claramente alterada. Mesmo tendo a certeza de que Domenico não vai parar por aqui, sinto meu corpo mais relaxado, como se fosse exatamente disso que eu precisava.

Com a respiração entrecortada, volto a ser castigada pelo chicote, dessa vez, do outro lado. Na décima vez que senti o couro macio atingir minha pele, não consegui conter um gemido alto, uma mistura de tesão e dor, e me agarrei ainda mais na mesa, jogando meu corpo na direção do meu alçó, praticamente implorando por mais.

Ouçó a risadinha filha da puta de Domenico e mais uma vez ele para a sequência de golpes, voltando a alisar minha pele. Um beijo delicado em cada banda do meu traseiro e me desmancho. Estou apanhando, sendo dolorosamente castigada e mesmo assim, não consigo conter a enchente que se forma entre as minhas cochas.

– Quietinha, Srta. Willians. Nada de barulhos, não esqueça que não estamos sozinhos. – A voz rouca tem um tom desaprovador e ao invés de temer, me excito ainda mais.

– Desculpe. – Respondo baixinho.

– Não peça desculpas, apenas fale o que deve fazer.

– Devo ficar quietinha, sem fazer barulho. – Respondo, certa que é exatamente isso que meu dono, senhor, meu homem, quer ouvir.

– Muito bem. Você aprende rápido! Se você não fosse tão inocente, tenha certeza que seria castigada por esse deslize. – Ele suspira pesadamente enquanto fala, como se lutasse internamente contra a vontade de me castigar. Retesei todo o meu corpo, esperando pelo pior e escutei a risadinha baixa e rouca de Domenico.

– Para sua sorte, hoje estou bonzinho, e devo admitir que gostei da sua atitude inconsequente de vir até aqui.

Incrivelmente, suas palavras foram capazes de causar um relaxamento sem limite. Senti seu corpo se aproximar do meu e sua mão deslizar sensualmente pelo vale entre minha bunda, escorregando lentamente até alcançar

meu sexo. Caralho! Tremi inteira ao sentir seus dedos brincarem com minha parte mais sensível e encharcada.

Dois dedos tomaram conta da carne quente e pulsante do meu sexo, massageando por alguns segundos aquele ponto, que apenas Domenico sabe localizar com tanta perfeição. Desesperada e prestes a atingir um orgasmo, talvez até múltiplo, estoquei meu corpo em sua direção, forçando seus dedos ainda mais profundamente dentro de mim.

Gemendo, pouco me importando com a ordem anterior de me manter calada, espremo seus dedos dentro de mim, buscando por mais prazer, minha respiração foi ficando cada vez mais rápida e meu ventre se contraindo dolorosamente, preparando meu corpo necessitado para o ápice do prazer.

Nesse momento seus dedos me abandonam e realmente foi tudo muito rápido. Mais cinco chicotadas, fortes, secas, cruéis, ardidas e dolorosas me abatem. Me curvei por inteira no tampo da mesa, tremendo e balbuciando palavras inaudíveis até para mim mesma e finalmente, largando meu corpo, livre de qualquer tensão e completamente relaxado, no vidro embaçado por minha respiração quente e acelerada. Sim, isso foi incrível!

CAPÍTULO TRÊS



O tempo parece ter parado. Permaneci na mesma posição, ouvindo os passos seguros de Domenico se afastarem. Não me dei ao trabalho de erguer minha cabeça, muito provavelmente foi guardar seu brinquedinho no mesmo lugar de onde o tirou, o que abre uma brecha em meu pensamento. Por que diabos ele tem esse tipo de acessório em seu escritório?

Certamente deve fazer inúmeras sessões como essa, talvez até piores, com centenas de mulheres, quem sabe até mesmo com a secretária bunduda, e eu aqui, mais uma vez tento a audácia de me achar exclusiva, como se fosse a única a ter o privilégio de sofrer de dor e prazer nas mãos experientes, hábeis e nada misericordiosas de Domenico Fox. Idiota!

Irritada por concluir que até mesmo seu ambiente de trabalho é usado como uma masmorra sexual, me levanto e cato minha saia e calcinha, me enfiando em ambas apressada e de qualquer jeito. Quando Domenico reapareceu, estava fechando o zíper e uma expressão zombeteira se formou em seu belíssimo rosto.

Tentei desviar o olhar por pura birra, mas o sorriso confiante e sexy que ele me lançou me fez sentir um arrepio profundo de prazer. Como posso ser tão fraca e condescendente? Domenico, por sua vez, parece seguro e relaxado, como se chicotear uma mulher fosse a melhor das terapias do mundo. Seus ombros, diferente dos meus, estão eretos e sua expressão é calma e satisfeita, como quem acaba de fazer um bom trabalho.

– Você disse que queria conversar. Sente-se, Ethel. – Esse cara só pode estar de sacanagem comigo.

Sério que depois de me desestruturar completamente, ele ainda quer que eu tenha cabeça para conversar? Levantei uma sobrancelha e o encarei, surpresa com a capacidade que Domenico tem de se manter indiferente, seja qual for o tipo de situação que tenha vivido ou esteja vivendo.

Os olhos azuis de Domenico me analisam atentamente, como se estivesse estudando minhas reações e por um momento, meu corpo se arrepiou por completo, apenas por ter sua atenção focada em mim desse jeito. É um olhar

diferente do que ele lança para “*Ethel, a submissa*”, e devo confessar, isso aumenta em potências desconhecidas e bem perigosas a minha libido.

– Você está molhada, Ethel? – Oi? Como assim? Domenico faz a pergunta como se quisesse saber a previsão do tempo!

Pisquei os olhos diversas vezes, sem graça e nervosa ao mesmo tempo, surpresa com o questionamento direto e bem inapropriada. Ele se encontra sentado, como um rei em seu trono e eu, bom, eu troco minhas pernas, revezando o peso do corpo, tentando a todo custo disfarçar meu desconforto, sem encontrar absolutamente nada inteligente para falar.

– Vem aqui, Ethel. – Ele ordena e, é claro, eu obedeco.

Sem pedir licença, suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, subindo minha saia. Com uma das mãos, ele afasta minha calcinha, com a outra, ele enfia dois dedos em mim. Puta que pariu! Precisei morder os lábios para conter o grito de prazer que estava louco para ser liberado, mas o gemido manhoso, esse fui incapaz de segurar.

– Molhada, apertada e quente. Tem ideia do quanto gosto de te dar prazer, doce Ethel?

Enquanto fala, ele faz movimentos circulares em toda a minha profundidade, fazendo minhas pernas falharem e me obrigando a apoiar ambas as mãos em seus ombros largos, apertando com energia, me forçando para baixo, em busca de um contato maior com os dedos deliciosamente tentadores que me levam a completa insanidade.

– Domenico... – Suspiro ao mesmo tempo que sussurro.

– Gostoso? Quer mais? – Segurando minha cintura, ele me puxa de encontro a seus dedos, me mantendo de pé. Dessa vez foi impossível, gritei seu nome e enfiei com força as unhas no tecido impecavelmente branco de sua blusa.

– Achou mesmo que faria uma matéria a meu respeito e que eu não saberia disso, doce Ethel? – Ele movimenta apenas as pontas dos dedos, me fazendo arregalar aos olhos, primeiro pelo prazer que esse gesto me ocasiona e segundo pelo que ele falou. Clarisse tinha razão, ele sabia!

– Eu jamais faria uma matéria a seu respeito, Domenico. – Lamento ofegante, certa que se ele continuar fazendo isso com a ponta dos dedos, não vou conseguir me segurar.

– Sêrio? Então por que não me contou? – Ele finca os dedos em mim, apertando minha profundidade, me fazendo sentir aquela deliciosa e viciante dor.

– Eu não faria nada... – Lamento, jogando a cabeça para trás.

– Claro que não faria, mesmo porque, eu não permitiria que fizesse.

– Eu já tinha material o suficiente para acabar com sua vida, concorda? Se quisesse fazer isso, Domenico, já o teria feito! – Irritada, puxo seu punho com

toda força, arrancando seus dedos de dentro de mim. Posso estar enganada, mas acho ter visto um brilho de desapontamento em seus olhos.

– E escreveria o que? Que sou um sádico dominador e você uma submissa que adora se submeter as minhas manias doentias?

– Acredito que daria bastante repercussão, principalmente se eu colocasse na matéria que me submeti as suas manias doentias exclusivamente para conseguir desmascará-lo.

– Você não faria isso. – Um rosnado agressivo escapou de seus lábios e isso me deixou bastante satisfeita, significa que estou conseguindo mexer com o seu sempre tão controlado temperamento.

– Realmente, Domenico, diferente de você, que levou Susanna para cama apenas para manter sua imagem e reputação intactas sem ao menos pensar no quanto isso pode vir a machucá-la mais tarde quando a chutar, ainda fazendo questão de esfregar isso na minha cara, eu jamais seria capaz de jogar sujo para atingir qualquer tipo de objetivo. Nesse ponto, somos bem diferentes.

Sem me preocupar com modos delicados, ajeito minha calcinha no lugar e baixo minha saia, ainda encarando fixamente seus olhos azuis, que nesse momento se encontram alguns tons mais escuros do que o normal. Notando sua falta de intenção em exprimir qualquer outro comentário, bufo contrariada, me virando e praticamente galopando em direção a porta.

Antes mesmo que colocasse as mãos na maçaneta, braços fortes me enlaçam e me puxam. Meu corpo se cola ao de Domenico e na mesma hora toda a minha raiva e força de vontade esvaecem por completo. Como pode apenas um contato físico ser capaz de desencadear uma mistura tão confusa de emoções?

– Ei, se acalme e vamos conversar. – A voz rouca junto ao seu hálito muito próximo ao meu ouvido me derrete por inteira. Como resistir a esse homem?

– Não temos o que conversar, Domenico. Você tirou suas próprias conclusões, me julgou e sentenciou com uma punição descabida ontem a tarde. E ainda me fez bancar a babaca perante meus colegas de profissão, abandonando como uma louca a coletiva de ontem a noite.

Paro de falar e busco pelo fôlego, não porque tenha falado demais, mas sim porque Domenico esfrega deliciosamente seu queixo na junção entre meu pescoço e ombro. Seus braços se apertam ainda mais ao redor da minha cintura e me rendendo, inclino a cabeça, recostando em seu peito forte e para mim, apesar de bagunçado, bastante seguro.

– Que tal sentarmos e debatermos um acordo? – Apenas balancei a cabeça, incapaz de falar qualquer coisa, sendo embalada por uma revolução celular hormonal.

– Que tipo de acordo? – Finalmente consigo falar.
– Um acordo que estipule regras para nossa relação.
– Um acordo mútuo então? Que trará prazer para nós dois?
– Sério que eu não te dou prazer? – Baixando sua mão, ele tenta levantar minha saia. Imediatamente agarro seu punho, o impedindo de prosseguir.

– Eu não falei isso, falei sobre direitos, Domenico.

Domenico me vira de frente para ele, fixando seus cristais azulados em mim. Sua expressão é indecifrável e por mais que eu tente, não consigo entrar na sua louca cabeça. Confusa, sustento seu olhar, segurando seus ombros diante da vertigem que sua proximidade me causa, e para minha surpresa, sinto seu corpo estremecer levemente. Domenico Fox não é um cara tão durão quanto se faz parecer.

– Sim, o acordo inclui direitos e deveres, mas uma coisa precisa ficar clara.

– E o que seria essa coisa?

– Eu mando, você obedece. – Ele diz, bem sério e não sei ao certo porque, mas isso me dá um tesão louco.

Sem pensar muito no que estou fazendo, empurro a imensa massa musculosa que compõe o corpo de Domenico por sobre a cadeira, me sentando em seu colo, enrolando minhas pernas ao redor do seu quadril. Ele por sua vez, apesar de parecer surpreso, me dá o mais lindo dos sorrisos, aquele que faz a terror girar fora da sua órbita e meu coração dispara diante da visão divina.

Excitada com minha suposta dominação, pego seu braço e levo sua mão de volta ao meio das minhas pernas. Recado entendido, Domenico não hesita em introduzir dois dos seus dedos na minha carne pulsante e necessitada. Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos, soltando um longo gemido diante do prazer que me inundou a alma.

– Abusada. – Ele murmura rouco, parecendo extasiado com minha atitude.

– Sua abusada! – Respondo e mais uma vez, o vejo sorrir.

Mexo meu corpo, rebolando lentamente em seus dedos. Usando os braços da cadeira como apoio, me enfio com força, alternando os movimentos de cima para baixo, obtendo um efeito ainda mais profundo com suas estocadas. Domenico geme e se rende, tomando o controle da situação, ele introduz um terceiro dedo, me fazendo gritar em meio a dor e o prazer que isso me causou.

Quase imediatamente a isso, me vi perdida em uma nuvem densa, que encobriu todo o meu pensamento, me jogando de encontro a um orgasmo totalizado. Permiti que gemidos altos escapassem pelos meus lábios, esquecendo

completamente de onde estava e que muito provavelmente poderia estar sendo ouvida por alguém do lado de fora.

Permaneci algum tempo de olhos fechados, a testa encostada na de Domenico, aproveitando cada segundo que o clímax perfeito me proporcionou. Quando finalmente me vi recuperada, meus olhos encontraram cristais azulados confusos, como se buscassem qualquer tipo de explicação para o que havia acabado de acontecer.

Sorri satisfeita, me gabando internamente por ter dado as cartas ou melhor, por ter conseguido, mesmo que por uma gozada, mostrar ao todo poderoso Domenico Fox que não sou uma simples submissa e que posso sim, a qualquer minuto, virar o jogo, incluindo um pequeno parágrafo no nosso ainda nem discutido acordo.

Talvez não tenha sido apenas eu a mulher de sorte por ter encontrado quem colocasse esse meu lado obscuro para fora, que precisava a todo custo ser satisfeito. Talvez Domenico também precisasse de mim todo esse tempo. Talvez eu seja a única a tirá-lo da sua constante guerra, a única a trazer a paz que sua alma tanto precisa.

– Quer falar sobre o acordo agora? – Pergunto, ainda em seu colo, com a voz embargada pelo prazer.

– Não, quero me enfiar nessa sua boceta e te encher de porra, ouvindo você gritar meu nome mais uma vez!

E foi o que ele fez. Me erguendo pelos quadris, Domenico se levanta e me coloca de pé, voltando a me jogar contra o tampo da mesa. Sim, meu delicioso dominador voltou ao comando. Não pude ver, mas pude ouvir sua ânsia ao abrir sua calça e antes mesmo que pudesse me ajeita, ele já estava completamente entalado em mim, jogando meu corpo para frente, me fazendo mesmo gritar pelo seu nome!

Domenico me fez gozar mais duas vezes até enfim se render. Gemendo e pela primeira vez chamando por mim, ele gozou. Seu prazer foi derramado gradativamente em toda a minha profundidade, me proporcionando uma sensação inigualável de prazer e intimidade. Suado e satisfeito, sua testa recostou em minhas costas e assim ficamos, por longos e confortadores minutos.

– Vamos falar sobre o acordo agora? – Domenico depositou um beijo terno em minhas costas e se levantou, me fazendo sentir completamente vazia sem o contato do seu corpo junto ao meu.

Não respondi, apenas acenei com a cabeça ao vê-lo se afastar em direção a outra porta, não aquela que antes achei ser o banheiro. Quando voltou, tentava de alguma maneira conter o mar de porra que teimava em escorrer pelo meio das minhas pernas. Sem graça e vermelha como um tomate, o vi erguer

uma pequena toalha úmida em uma das mãos.

Estiquei a mão para pegá-la e foi nesse exato instante que ele me surpreendeu. Com um olhar parecendo ofendido, Domenico nada falou, apenas me guiou delicadamente até a sua cadeira, me colocando sentada e forçando meus joelhos, a fim de que abrisse minhas pernas.

– O que você está fazendo? – pergunto, sem entender direito o que está acontecendo.

– Cuidando do que é meu!

Sem cerimônia alguma, ele mesmo colocou uma de minhas pernas por sobre seu ombro e iniciou um delicado e detalhado trabalho de limpeza lá embaixo. Meu corpo inteiro tremeu e não pude evitar gemer diante do contato. Domenico apenas sorriu e continuou sua saga, tirando até o último vestígio de sua gozada de mim e por fim, deixando um beijo estalado em meu sexo.

Trabalho terminado, ele se recosta na mesa e me encara, jogando de qualquer jeito a toalha em um canto da sala. Seus olhos estão brilhantes e nesse exato instante ele consegue estar mil vezes mais lindo e atraente do que já é. Aquele sorriso sacana desenha seus lábios e o charme só aumenta quando ele enfia as mãos nos bolsos e cruza as pernas com displicência.

– Para começar, preciso que você entenda uma coisa, Ethel.

– O que? – Minha voz está ridiculamente baixa, efeito de tudo que acabei de viver nas deliciosas mãos de Domenico.

– Dominar não é impor absolutamente nada, mas sim despertar na outra pessoa a vontade de obedecer.

– Você sabe que já despertou isso em mim. – Sussurro, acho que envergonhada por admitir.

– Não se envergonhe por ter descoberto quem realmente é. Para ser um dominador é preciso ter coragem, mas para ser uma submissa, é preciso ter o dobro de coragem.

– Não sei se sou uma submissa, Domenico.

– Acredito que já tenha passado da fase da curiosidade, doce Ethel. Você nasceu para isso, não consegue perceber? Você precisa de alguém que alivie suas dores e traumas.

– A única coisa que consigo perceber, é que esse seu acordo muito provavelmente só trará benefícios para você.

– E por que exatamente acha isso?

– Porque eu acho! Domenico, eu não sei o que quero, não sei o que penso, não sei nem como agir perto de você!

– Mas teve coragem o suficiente para aparecer aqui hoje e tirar satisfações a respeito do meu comportamento de ontem. – Ele ergue uma das

sobrancelhas e sorri de lado, como quem tem certeza do que está falando.

– Só não achei justo o que aconteceu.

– Diga para mim Ethel Lisa. Por que você veio aqui hoje? E tire esse óculos, não curto esse tipo de fetiche. – Arregalo os olhos e só agora lembro que ainda estou com a porra dos óculos na cara, arrancando-os imediatamente.

– Vim por eu fiquei puta da vida com o que fez ontem.

– Só por isso?

Descruzando as pernas, ele as abre, como um compasso, e nessa posição fica bem aparente a elevação que serve quase como um acessório para sua calça caríssima. Mesmo em repouso, Domenico é muito bem-dotado e é quase impossível desviar os olhos. A tentação de encher minha boca com seu pau é grande demais.

– Pensamentos obscuros, Srta. Willians? – Ele sorri e volta os olhos para meu objeto de cobiça. Pigarreio e tento disfarçar, sabendo que devo estar vermelha como uma lagosta.

– Voltando a falar no tal acordo, nele fica incluso que você pode comer e torturar quem quiser? Inclusive Susanna Wesley?

– Eu não vou torturar Susanna, apenas comê-la.

– Claro que não, se a torturasse, isso estaria estampado na primeira página do “*NBP*” cerca de meia hora depois. – Argumento morrendo de ódio com o jeito despretensioso com que ele fala na minha frente que vai comer outra mulher.

– O que você precisa compreender, doce Ethel, é que para todos os fins, precisam existir os meios.

– E isso significa que toda e qualquer ameaça que surgir e que coloque seu estilo de vida em perigo de ser revelado, você usará esse seu tipo de artifício?

– Cada um joga com aquilo que sabe fazer melhor. – O sorriso filho da puta se forma em seu rosto e tenho vontade de quebrar um dos seus perfeitos dentes.

– Honestamente, Domenico? Isso não vai dar certo!

– E por que? Você veio até aqui hoje porque estava sofrendo, precisava dos meus cuidados para relaxar, e foi exatamente o que aconteceu. Não percebe que é exatamente disso que precisa, Ethel?

– Apanhar para relaxar?

– Não, meu anjo. Ser uma posse, ter quem a conduza, a proteja e cuide de você.

– E como quer cuidar de mim? Me fazendo sofrer como fez ontem? É um modo muito cruel de ter cuidado com alguém, concorda?

– Eu te fiz sofrer? – Seu tom suaviza e sua expressão se modifica, mas como sempre, não consigo ler absolutamente nada. Esse homem é um mistério.

– O que você acha, Domenico? – Me levanto, não consigo mais suportar tamanha falta de amor por parte do homem que estou completamente apaixonada.

– Você precisa entender... – Domenico começa a falar, mas o interrompo erguendo minha mão.

– Não preciso entender nada! Eu sei bem o que está acontecendo. Você é um dominador, dominadores tem várias submissas, as chamadas “*irmãs de coleiras*”. Não quero ser mais uma, não quero ter um dia da semana reservado para mim. Quero uma relação Domenico, e você, bom, já ficou bem claro que não é capaz de me proporcionar isso.

– Mas sou capaz de proporcionar calma para sua alma, doce Ethel. Admita, comigo você se sente livre dos seus traumas e frustrações.

Fixo meus olhos em seu rosto. Uma expressão sinistra domina a bela face de Domenico. No fundo, sei que ele tem toda razão. Me entreguei a sua doença, me tornei parte da sujeira que é o seu mundo, achando que isso traria algum tipo de alívio para minha angustia e que, de alguma forma, me libertaria do meu passado.

– Tenho um evento essa noite... – Ele fala, dando as costas para mim e se sentando em sua cadeira. Meu coração imediatamente dispara.

O lado imbecil do meu cérebro se excita diante da possibilidade de ser convidada para acompanhá-lo a um evento, já o lado racional, o inteligente, digamos assim, dá uma risadinha sarcástica, me fazendo cair na real diante da improbabilidade disso acontecer.

– Gostaria de prosseguir com nossa conversa, mas tenho uma reunião em alguns minutos e, caso não fosse o evento, seria um prazer discutir um acordo que agrade ambas as partes ainda hoje. Infelizmente será impossível. – O pouco caso de suas palavras chega fazer arder o meu peito.

Decepção não pode descrever o que estou sentindo. Acorda Ethel. Você é apenas o brinquedo de um sádico, não sua namorada para acompanhá-lo a um evento público, volta a falar, dessa vez bem asperamente meu lado inteligente do cérebro, que se pudesse, me sacudiria pelos ombros, me trazendo de volta a vida real.

– Tudo bem... – É só o que consigo falar, ajeitando minha saia e meu cabelo.

– Tenha um excelente dia, Ethel Lisa. – Domenico solta um suspiro impaciente e vira sua atenção para o computador, começando a digitar algo, como se eu simplesmente não estivesse mais ali.

Me sentindo a merda das merdas, viro meu corpo e caminho em direção a porta. Mais uma vez o pensamento doloroso de como posso ser capaz de me permitir ser tratada dessa maneira me toma por completo. Uma vontade louca de chorar, gritar e esbravejar surge, mas me contenho, preciso manter ao menos um pouco de dignidade.

– Ethel? – A voz de Domenico me faz estancar e olhar por sobre o ombro assim que coloco a mão na maçaneta.

– Sim? – Pergunto, notando a falta de interesse com que Domenico me observa.

– Obrigado pela manhã gratificante, mas, a partir de agora, eu entro em contato. Não gosto de surpresas. – E ele volta sua atenção a seu computador. Sim, Domenico Fox é um monstro, uma verdadeira aberração!

CAPÍTULO QUATRO



Delaware, em cinco minutos na minha sala! – Pela janela que separa a baia onde fica minha pequena mesa e meu laptop de trabalho, vejo o vulto elegante de Susanna Wesley passar apressado, não se dando sequer ao trabalho de parar para dar o seu recado. Sua voz, como sempre nada amistosa, tem um “Q” a mais de agressividade nessa manhã e me preparo para o pior.

Desanimada, levanto e arrumo a saia. Depois que saí do escritório de Domenico, me vi abatida e perdida em conflitantes sentimentos. Amor é isso? Tudo bem que existem vários tipos de paixões, amores e afetos, mas estaria eu confundindo a hipotética liberdade dos meus traumas de infância com o amor que supostamente sinto por Domenico?

Respiro profundamente e caminho cabisbaixa em direção a sala da “*Malévola*”, consciente de que a conversa será bem pesada e difícil. Minha atitude ontem na coletiva não foi nem um pouco profissional, e por mais que busque argumentos que possam justificar e pesar em minha defesa, não consigo encontrar de maneira alguma.

Duas batidas leves e, como não houve qualquer resposta, arrisquei girar a maçaneta e entrar. Susanna estava sentada à sua mesa, mexendo em alguns papéis, parando imediatamente e me engolindo com seus belíssimos e bem maquiados olhos castanhos, que na verdade não parecem nada contentes.

– Uma frase, com no máximo vinte palavras. É o que você tem, Delaware.

– O que?

– Está surda?

– Apenas não entendi... – Respondo, apertando as mãos estendidas nas laterais do meu corpo.

– Vou explicar então. Você tem uma frase com no máximo vinte palavras para justificar o seu fiasco na coletiva de ontem. Depois disso, decido entre talvez acreditar e te mandar embora com todos os seus direitos, ou por justa causa. – Ela olha seu relógio com pouquíssima paciência e sei lá o porque, mas não ousa me aproximar da sua mesa.

– Se já está decidida a me dispensar, por que então quer uma explicação?

– Delaware, simplesmente não me provoque! – O tom ameaçador me faz engolir em seco. Merda, estou prestes a perder meu trabalho e não tenho nada plausível para falar em minha defesa.

– Tive uma crise de hipoglicemia. Isso geralmente acontece quando não me alimento direito. O dia ontem foi corrido...

– Uma crise de hipoglicemia? – Uma das bem-feitas sobrancelhas de Susanna se ergue de forma debochada.

– Sim. Achei menos constrangedor sair correndo do que cair dura desmaiada diante de todos. – Sério que estou mesmo falando isso? Como posso querer que Susanna acredite se nem eu mesma acredito em minhas palavras?

– Certamente, preciso concordar com você. O que não significa que eu acredite. Passe no RH, devolva o cartão corporativo e acerte suas contas com Adam. Você está dispensada.

– Susanna... – Tento argumentar, mas sou impedida pela imagem soberana de minha chefe, ou melhor, agora ex chefe, que se levanta e dá a volta na mesa, parando de forma elegante a minha frente.

– Sem mais conversa, Ethel! Imperdoável sua postura. Dê graças a deus que sou uma pessoa complacente e mesmo morrendo de vontade, não vou fazer uso da justa causa. Agora vá, não tenho tempo a perder com inutilidades.

E em menos de uma semana, consegui a proeza de sair do posto do maior dos trunfos de Susanna Wesley, para uma inutilidade dispensável. Mesmo morrendo de vontade de socar a cara dessa mulher petulante, me controlei e sorri. Não me pergunte o porque, mas eu sorri. Talvez seja mesmo um alívio sair de perto de Susanna.

Me virei deixando uma expressão confusa no rosto da “*Malévola*”, caminhando lentamente até a porta, observando cada detalhe que nos meus poucos dias de trabalho aqui, havia deixado de perceber. Sim, eu quero muito ser uma boa jornalista, mas isso não significa que precise me juntar aos piores para isso.

– Delaware? – Susanna me chama quando já colocava os pés para fora de sua sala.

– Sim? – Não me dou ao trabalho de olhá-la, mesmo porque, fazer isso seria o mesmo que aumentar drasticamente minha vontade de puxar essa vaca pelos cabelos.

– Esqueça tudo que viu, ouviu ou soube a respeito de Domenico Fox. Não é mais seu trabalho.

– Eu não vi, ouvi ou soube nada a respeito de Domenico Fox além do

que passei para você, Susanna.

– De qualquer forma, se esqueça disso também. Quero você bem longe dele a partir de hoje.

– Fique tranquila. Só estava perto dele por ordens suas e não por vontade própria.

– Quer mesmo que eu acredite que não se sentiu atraída por Domenico Fox? Não nasci ontem Delaware!

– Qualquer mulher se sentiria atraída por um homem do nível de Domenico, Susanna. Acontece que estava fazendo o meu trabalho, e não em busca de um romance.

– E passa por sua cabeça que Domenico iria seguir adiante em um romance com uma mulher simples como você? Me agradeça a oportunidade pelo trabalho e principalmente pelos momentos que conseguiu ter de glória e prazer ao lado dele.

– O que passa pela minha cabeça, acredito que não seja da sua conta, Susanna. Quando a oportunidade, muito obrigada pelo trabalho, mesmo que tenha sido apenas por poucos dias, me fez perceber e aprender muita coisa.

– Não agradeça, sei que sou uma ótima professora e que jovens como você se matariam por uma chance como a que te dei. – Dessa vez não foi uma risadinha, mas sim uma gargalhada que escapou pela minha garganta.

– Você é uma pessoa insuportável, Susanna! O que aprendi aqui foi que para ter sucesso e uma carreira digna, a coisa mais importante que preciso fazer é ficar bem longe de pessoas como você! E quanto a oportunidade que me deu... Pegue e enfie na bunda! Por que é lá o lugar certo de tanta merda!

Claro que não perdi a oportunidade de bater com toda a força do mundo a porta do seu escritório, chamando a atenção de todos no andar. Cabeças e mais cabeças se viraram em minha direção e nesse instante me senti liberta! Realmente, por mais que eu achasse que era isso que eu queria, não me encaixo nesse imenso ninho de cobras chamado “*New Boston Post*”.

– Que coisa mais louca! – Clarisse fala, como quem não acredita em toda história que acabei de contar.

– Louca ou não, o fato é: Estou desempregada! – Bufo, me jogando com força por sobre o sofá.

– Vamos resolver isso, apenas se acalme e pense positivamente, Ethel.

– Não começa com essa história de positividade, Clarisse.

– Começo sim! Pare de se fazer de pobre coitada e deixe de ser idiota! Perder um emprego não é uma sentença de morte.

– No meu caso é, uma vez que não tenho um puto para me sustentar e não vou passar o resto da minha vida sendo bancada por você.

– Eu não estou reclamando, estou?

– Não importa se está ou não reclamando, Clarisse. Não quero isso para mim e não acho justo com você.

– As coisas ainda estão frescas e pegando fogo, que tal deixarmos esfriar e depois voltamos a tocar no assunto “*emprego*”?

– Pode ser... – Reviro os olhos e inspiro profundamente. Sim, estou literalmente fodida!

– Agora vamos ao assunto que importa.

– Não!

– Sim, Ethel!

– Eu não vou falar sobre Domenico!

– Não quero falar sobre Domenico, quero falar sobre você.

– E é claro que o contexto engloba o nome dele, não quero Clarisse, por favor!

– Ethel, me escute. Pesquisei muito a respeito do BDSM esses últimos dias e conversei com alguns psicólogos do hospital também sobre o assunto.

– Ah, que ótimo! Você contou minha vida pessoal aos psicólogos do hospital onde trabalha?

– Cala a boca e me escuta! Não falei nada de você e, mesmo que falasse, eles não te conhecem, portanto, seria como falar de ninguém.

– Consolador...

– Como estava dizendo, em minhas pesquisas consegui perceber certas coisas que, na minha opinião, não me parecem muito certas e não estão batendo, amiga.

– Tipo eu ser surrada?

– Tipo isso.

– O que você acha ser uma surra, eu acho ser prazer, quando vai compreender isso? Domenico não me bate. Nós fazemos coisas diferentes e tudo, absolutamente tudo, é consensual!

– Ele abusa de você, Ethel! Pelo amor de Deus, não é possível que seja tão cega!

– Vai repetir isso quantas vezes, Clarisse?

– As necessárias para que entenda que Domenico Fox é um doente e não um Dominador.

– E lá vamos nós mais uma vez... Você não conhece Domenico, não sabe o que está falando!

– Não preciso conhecê-lo para saber que é um cara perturbado

emocional e psicologicamente, que precisa de tratamento com urgência!

– Clarisse, é a sua vez de me escutar! – Falo decidida. Minha vida se tornou um verdadeiro inferno nas últimas 24 horas, não é possível que nem minha maior e melhor amiga consiga me dar um instante de sossego e paz!

– Estou aqui para isso, é só o que venho tentando fazer, Ethel!

– Não, você quer ouvir aquilo que te agrada e não o que eu realmente penso ou sinto!

– Então vamos lá, me diga, o que você sente e pensa? Sou toda ouvidos. – Minha amiga se senta e cruza os braços na altura do peito, fixando os olhos em mim, buscando uma verdade, talvez não a minha, mas a que ela acredita ser real.

– Domenico jamais me escondeu que era um dominador...

– Ele é um sádico sem limite algum Ethel, não um dominador! Dominadores são nobres! – Clarisse me interrompeu antes mesmo que eu terminasse a primeira frase, dando indícios do quão difícil será nossa comunicação.

– Você vai me deixar falar? – Pergunto, começando a ficar irritada. Minha amiga apenas acena positivamente com a cabeça, mas é notório que está contrariada.

– Desde o nosso primeiro encontro, ele mostrou o quanto é diferente dos outros homens e, ao contrário do que pensa, antes de fazer qualquer coisa comigo, ele abriu o jogo, deixando bem claras suas preferências e me dando a oportunidade de pular fora a hora que eu bem quisesse!

– Ethel, você está tão imersa na sua viagem em busca de se libertar do passado que não nota aquilo que é óbvio!

– O que seria tão óbvio? A impossibilidade de um homem do naipe de Domenico Fox se interessar por mim?

– Deixa de ser ridícula, sempre te falei o quanto é linda e interessante, Domenico ou qualquer outro homem beijariam fácil o chão onde pisa, Thell!

– Então o que é tão óbvio para você, Clarisse?

– Que essa merda de homem não passa de um sádico nojento, que se satisfaz dominando de forma insana o corpo e a mente de mulheres fracas como você, com o único objetivo de satisfazer seus próprios demônios interiores!

– E você chegou a essa conclusão pesquisando na internet? Me poupe, Clarisse! E só para constar, não sou uma merda de uma mulher fraca, é a segunda vez que fala isso, já estou começando a ficar verdadeiramente irritada! – Me levanto irada.

A verdade é que não sei ao certo se estou com raiva de Clarisse por estar falando essa torrente de palavras confusas, ou comigo mesma, por bem lá

no fundo dar razão a minha amiga. Sim, sou fraca! Sempre fui fraca, minha avó me falava isso todo o tempo e sempre fez uma cruel questão de não me deixar esquecer.

– Ethel, Domenico está trabalhando em cima da sua fragilidade! Ele parece sentir o cheiro do medo e da sua completa instabilidade emocional. Ele se aproveita disso, transformando o bizarro em dependência!

– Prazer agora mudou de nome? Virou bizarrice? – Debocho.

– E ficar com essa imensidão de marcas no corpo pode ser considerado prazer por uma pessoa normal, Ethel? Acorda mulher!

– Existem vários tipos de prazer, Clarisse.

– Concordo plenamente, mas nesse caso, você está sendo abusada por um total descompensado. Dominância não é isso! Ele é exclusivamente um sádico.

– Que seja uma merda de um sádico, Clarisse! Em algum momento você se deu ao trabalho de parar e analisar o lado dele? – Pergunto. Fuzilando-a com os olhos, me levanto dando-lhe as costas e enchendo um copo com água.

– O lado dele? É uma piada isso? Por pior que sejam seus traumas, nada justifica sua falta de humanidade, Ethel! Domenico não tem apreço sequer por ele mesmo, quanto mais pelos outros, e isso inclui você!

– Para quem é sempre tão compreensiva e positiva, não acha que está sendo radical demais ao prejudicá-lo dessa maneira?

– Não estou pré-julgando ninguém, estou apenas falando aquilo que está na cara! Domenico Fox é uma monstruosidade, seja ele forjado ou não por traumas significativos em seu passado, ainda assim, o cara é uma anomalia assombrosa, daquelas que você tem a obrigação de manter o máximo de distância possível, Ethel!

– As vezes eu acho que você me considera a pessoa mais burra do mundo, Clarisse. Não sou tão inocente ao ponto de não fazer ideia do que é bom ou não para mim! – Reclamo magoadada. Será mesmo que apenas eu não consigo enxergar toda essa crueldade em Domenico?

– Thell, você não é burra, é apenas uma menina doce, carente e perdida em um mundo doloroso, carregado de traumas.

– E na sua concepção busco por uma liberdade errônea para provar minha capacidade emocional junto a Domenico?

– Eu não falei isso, mas sim, já que tocou no assunto, é exatamente o que parece estar acontecendo!

– Que ótimo, minha melhor amiga jogando na minha cara que sou um completo fracasso!

– Ethel, saia da defensiva e converse como uma mulher adulta! Existe

uma imensa bondade aí dentro minha amiga... – Tocando meu peito com seu indicador, Clarisse deixa a frase em aberto.

– Mas... – Busco o que ela realmente quer falar.

– Mas, além da bondade, também existe um profundo desrespeito com aquilo que você é. Seu amor-próprio é zero e sua auto estima, essa eu nem faço ideia de por onde ande.

– Caramba! Mais alguma ofensa que seja relevante?

Dou a volta na bancada da cozinha, e volto a encher o copo com água, virando-o de uma só vez, não por sede, mas para limpar minha garganta, que nesse instante encontra-se completamente travada diante da remota possibilidade de que todas as palavras que Clarisse está falando tenham ao menos uma ponta de veracidade.

– Não estou te ofendendo Thell, estou te alertando! Você se submete a Domenico, achando que isso é amor, mas não é!

– Então me explica o que é isso tudo, Clarisse!

– Explicar? Está na ponta do seu nariz! Você quer se punir, sente a necessidade de se auto flagelar por sempre ter sido considerada pequena, errada e inútil por sua avó e principalmente, por se sentir culpada de ter sido abandonada pela sua mãe, que deu mais valor as drogas do que a você!

– Isso não é verdade... – Apenas sussurro, considerando o quanto Clarisse está certa.

– Sim, meu bem, é verdade! E, assim como eu enxergo isso, Domenico também o fez, e usou de sua sagacidade quase imoral para dominá-la facilmente, transformando-a em um imenso pacote de lixo descartável, uma marionete, que ele manipula como bem entende!

– Você está sendo cruel, Clarisse. – Coloco o copo por sobre a bancada e me dirijo ao corredor que leva ao meu quarto.

– A vida é cruel, o mundo é cruel, Domenico Fox é cruel! – Sério mesmo que a sempre tão controlada Clarisse Thompson está gritando comigo?

– Já chega, vou para o meu quarto. – Decido por um fim em nosso embate. Minha amiga jamais irá entender minha relação com Domenico, inútil gastar saliva em vão.

– Fique à vontade, aproveite o tempo sozinha e pense na merda que está fazendo com sua vida. E não esqueça também de colocar compressas nessas pernas, não gostaria de ser acusada de bater na minha colega de quarto!

Chocada com a colocação absurda de Clarisse, saio batendo os pés, como uma criança birrenta, buscando pela tranquilidade e segurança daquele que ainda considero como sendo meu lugar, meu quarto. Que confusão toda foi essa que se transformou a minha vida sempre tão pacata e simples?

CAPÍTULO BÔNUS



*V*ai com sua nova namoradinha ao evento da mamãe? – A voz irritante de Elise ecoa em meus ouvidos. Antes não tivesse atendido a merda do telefone.

– Não tenho namoradinhas, Elise. Tenho mulheres, gostosas e que fodem bem, as quais eu como e descarto, sem me dar ao trabalho de perguntar seus nomes. Mais alguma informação de suma importância que eu possa dar a respeito da minha vida pessoal que seja do seu interesse? Caso contrário, estou ocupado demais para suas besteiras.

– *Acontece que surgiram fotos suas acompanhado.*

– E? – Mexendo em alguns papéis por sobre minha mesa, dou pouca importância ao comentário de Elise.

– *E? Está dormindo com Susanna Wesley? Logo você, o cara arredo a imprensa e que não tolera sequer a palavra “Jornalista”, ter a primeira foto, bem nítida, diga-se de passagem, divulgada ao lado da pior de todas?*

– E o que você tem com isso, Elise? – Pergunto suspirando, sem esconder o quanto esse papo está começando a me deixar contrariado.

– *Nada, como você mesmo fala, sua vida só diz respeito a você. De qualquer forma, isso não me impede de ser curiosa.*

– Guarde sua curiosidade para quem a suporta, o que não é o meu caso. Direto ao ponto, Elise, o que você quer?

Um silêncio robótico se formou na linha. Elise não entraria em contato à toa, não após nossa última conversa, quando restringi seus gastos bancários. Respiro pesado e mostro o quanto sua demora em falar me deixa impaciente. A data de hoje por si só, já é bastante estressante para mim, uma ligação aleatória de Elise, só aumenta potencialmente minha vontade de arrebentar a cara de alguém no único intuito de relaxar meus músculos já doloridos de tanta tensão.

– *Você lembra que dia é hoje?* – Não acredito que essa filha da puta teve a ousadia de ligar para me foder o juízo!

– O aniversário de nossa digníssima Mãe. – Respondo com pouco caso, certo de que não é bem esse tipo de lembrança que Elise está querendo reviver.

– *Você sabe que não é sobre isso que estou falando, Domenico!*

– Eu jamais esqueceria. O que me deixa intrigado é... O que você tem a ver com isso? – Mais rosno do que falo.

– *Mamãe quer ir ao cemitério e me pediu para perguntar se quer acompanhá-la.*

– Diga a “Mamãe”, que essa dedicação é um tanto o quanto tardia, mande que se ocupe, colocando ainda mais futilidade no evento dessa noite. E não, não vou a porra de cemitério nenhum!

– *Não seja injusto, Domenico! Todos os anos ela cumpre o mesmo ritual.*

– Ela deveria ter cumprido o ritual na época do acontecido. – Esbravejo, perdendo de uma vez a paciência.

– *Não se faça de vítima Domenico, você sabe tão bem quanto eu que ela fez o que pôde junto a papai, principalmente para abafar suas merdas!*

– Elise... – Inspiro profundamente, tentando manter um tom de voz indiferente.

– *O que é?* – Sua resposta vem em forma de afronta e desisto de manter a compostura.

– Vá se foder!

Passei algum tempo sentado, me permitindo alguns questionamentos que sempre me obriguei evitar. Minha vida é uma confusão sórdida e bem suja. Não me orgulho da merda do ser humano que sou e por mais que tente, não consigo parar de cada vez me atolar ainda mais na minha própria bosta.

Vivo em um mundo perdido em adaptações indevidas, onde a vontade é a força mais poderosa e que em silêncio e sempre no escuro, deixa marcas permanentes no corpo e na alma de quem decide dividi-lo comigo. Sim, foi uma escolha minha, nunca pude me considerar um homem normal, aquele dentro dos padrões.

Desde muito novo, a entrega, a posse e a violência do sadismo dominaram minha existência. É uma vontade que não passa, não alivia, muito pelo contrário, ela possui tudo em mim, deixando meus sentidos alertas, e só assim, consigo o deleite total do meu corpo e o entorpecer da dor que habita em minha alma.

Se sou um doente? Talvez o seja. Mas é na pele nua cortada pelos meus dedos, na vida imunda, na meia rasgada, no quarto trancado, na rua escura e fria que me sinto a vontade. É um caminho sem volta, que só faz de mim cada vez mais monstruoso, a caça de olhares singelos que fitam a lua, de pés delicados descalços, do hálito seco, do medo, da insegurança, das lágrimas e olhos borrados.

Os gemidos abafados de dor me excitam, o pecado, o erro, o lençol

manchado, dentes e pulsos cerrados fazem a porra do meu sangue correr acelerado. Meu mundo é profano, sujo, mórbido, doloroso, sórdido e obsceno. Mas é nele que vivo, é nele que quero continuar, é nele que me sinto completo, livre, vivo e longe de toda dor que cerca minha história.

– Perdido em pensamentos? – A voz de Leonard me desperta.

– Mente proativa, meu amigo. – Respondo, abrindo um sorriso e disfarçando minha confusão mental.

– Que bom que sua mente se encontra proativa, uma vez que precisamos adequar alguns pontos.

– Adequar alguns ponto?

– Dom, o lance com a jornalista...

– Estou cuidando disso, Leonard. Ela não será um risco.

– Qualquer uma pode ser um risco.

– Não Ethel! – Afirmo, certo que tenho tudo sob controle.

– Pare de falar dessa mulher como se a conhecesse a anos Domenico!

– Agora te pago para que me diga como devo falar?

– Não, você me paga para manter suas sujeiras encobertas, e é exatamente o que estou tentando fazer.

– Qual o problema agora, Leonard? – Bufo, sem paciência para essa conversa. Hoje realmente não é o meu melhor dia.

– Seguinte, meu amigo. Sei que não se afastou da tal Ethel...

– E o que você tem com isso? – Me levanto irritado com tamanho controle que eu mesmo dei da minha vida a meu melhor amigo.

– Cale a boca e me escute Domenico.

– Sêrio? – Encaro Leonard que mesmo parecendo dar uma leve tremida diante do meu olhar, não recua. Claro, ele nunca recua. Tão alto e atlético quanto eu, ele não é o tipo de cara que se intimida facilmente.

– Apenas me escute. Existem duas opções. – Leonard diz, amenizando um pouco o tom de voz.

– E quais seriam? – Encho dois copos com doses duplas de uísque e volto a me sentar, empurrando um deles na direção de Leonard, que prontamente o aceita.

– A primeira é: Adaptar a relação que você tem com a jornalista.

– E como exatamente eu faria isso?

– Conceito amplo meu amigo. Carinho e sadismo. Uma mistura que toda mulher gosta. Não a tire da sua zona de conforto, saiba dosar sua mão pesada.

– Ficar em uma zona de conforto?

– Sim, muito mais para ela do que para você.

– Leonard, se eu tivesse nascido para ficar em uma zona de conforto, não seria uma merda de um sádico, mas sim um fetichista barato ou um baunilha qualquer.

– Domenico, não estou falando para que mude, apenas para que negocie com ela uma forma mais adequada de colocar seus gostos em prática.

– Talvez eu esteja enganado, meu amigo, mas no meu humilde entendimento, nenhuma submissa do mundo tem condição de negociar nada!

– Ethel não é uma submissa, Domenico.

– Sim, ela é, e sabe bem disso.

– Tudo bem, vamos dizer que eu concorde com o fato de ela ser uma submissa, ainda assim, acho que deveria negociar... – Ergo minha mão e o interrompo.

– Você seria capaz de negociar algo que jamais vivenciou ou determinar a intensidade de qualquer prática, Leonard?

– Domenico, não seja cabeça dura! Essa menina precisa que você tenha limites. Ela não é o tipo de mulher com quem está acostumado a lidar.

– Exatamente por esse motivo uma negociação não seria justa, segura e saudável, e principalmente, não seria consensual, pois só pode consentir quem tem conhecimento e uma submissa que está se descobrindo não tem o conhecimento prévio de como se portar diante de um sádico dominador.

– Cara, você está viajando!

– Não estou viajando, Leonard, estou falando de um assunto que entendo, já você, não.

– Acha mesmo que depois de todos esses anos limpando suas merdas, não sei sobre o que estou falando?

– Sim, eu acho! Existe muito mais do que se lê em sites, meu nobre amigo.

– Domenico, me escute, você precisa valorizar as vontades dela, ou então, sugerir que assine um acordo.

– Ethel jamais assinaria qualquer acordo e meu ponto de vista é que a negociação seria um tiro no pé dela. Ela não faz ideia do que aceitar ou não, Leonard. O que preciso fazer é valorizar, e muito a “*SafeWord*”.

– Coisa que você já não fez, Domenico! Essa mulher implorou para que parasse, gritou vezes consecutivas a “*SafeWord*” acordada previamente e nem assim você estancou!

– Aquele dia foi diferente, ela sabe disso.

Tento me defender, mas sei que fiz uma puta merda naquela tarde. Deveria ter estancado no momento em que Ethel gritou a palavra “*Lobo*” a primeira vez, mas não fui capaz! Minha monstruosidade se alimentava das suas

lágrimas, do seu sofrimento e principalmente do desespero que escapava por todos os seus poros.

– Não, Domenico. Não foi! Caralho, consegue perceber que fez um acordo, mesmo que verbal com essa mulher e, na primeira oportunidade que teve, não o cumpriu? Como ela pode confiar em você?

– Tenho certeza que ela entendeu os motivos. E para sua informação, Ethel confia em mim.

– E como pode ter tanta certeza disso? A conhece tão bem assim?

– Apenas tenho, Leonard!

– Não seja egoísta, Dom! Imagine a confusão que está a cabeça dessa moça agora? Ela não sabe se está lidando com um sádico sem limites, um dominador desregrado ou com mais um punheteiro tarado aproveitando a modinha do BDSM para comer e maltratar mulheres sem temer ser denunciado.

– Não sou uma merda de um playboy sem responsabilidades, Leonard. Sei bem o que faço e como o faço, e principalmente, não temo ser denunciado.

– Porque você é um babaca prepotente, que acha que todo o mundo gira em torno do seu próprio eixo. Domenico, nesse exato momento essa mulher pode estar fazendo uma denúncia por violência doméstica contra você!

– Ela não faria isso, Leonard! – Espalmo a mão de forma violenta por sobre minha mesa. A irritação começa a dominar e estabeleço uma contagem mental regressiva para não socar a cara do meu melhor amigo.

– Vamos dizer que tenha razão, Domenico, e que ela realmente não seja capaz de fazer uma denúncia contra você, de qualquer maneira, ainda assim, insisto que seja sensato e sente-se com ela, a fim de negociar suas intenções.

– Quantas vezes vou precisar repetir que quando se estipula uma “*SafeWord*” não se admite qualquer tipo de negociação? Quando ela é usada, não existe a possibilidade de postergação ou qualquer pedido “*para aguentar mais um pouquinho*”, já uma merda de negociação, essa que você tanto insiste que eu faça, sempre gera dúvidas pela impossibilidade de se determinar em palavras o que acontecerá na prática!

– Domenico, Ethel não é uma masoquista! Ela mal foi apresentada ao seu mundo. Ela necessita sumariamente de uma negociação!

– Leonard, a maior masoquista do mundo pode aceitar a negociação com “*Spanking*” e não aguentar, porque a mera mudança do material de um “*Flogger*” ou na quantidade de tiras, pode impactar profundamente no nível de dor causada. Negociar sem saber como é, como vai ser a intensidade das práticas é impossível! Não tem como quantificar no papel, ou sequer em palavras o quanto uma sessão pode doer.

– Domenico, você não quer enxergar o óbvio. Ethel não aguentará sua

intensidade por muito tempo. Você não sabe nada sobre ela, assim como ela própria não conhece nada a respeito da sua vida.

– Sei o suficiente para ter noção de até que ponto posso chegar.

– Sêrio? Então me diga, ela tem traumas? Algum tipo de problema físico que possa ser agravado em uma sessão mais pesada? Ela sabe que a “*SafeWord*” vale para todas as práticas as quais não se sentir à vontade?

– Cabe ao Dominador conduzir, Leonard. Seja para que ela nunca faça o que não se sente à vontade ou para que faça depois de ser adestrada para isso.

– Cara, realmente eu começo a achar que você vive em outro planeta!

– Vivo em outro planeta por ter a certeza que posso fazê-la se descobrir e aceitar aquilo que antes não achava razoável? – Me levanto, inquieto com a conversa desconfortável. Me virando de costas, observo o horizonte acinzentado de Boston. Sim, hoje é realmente uma merda de dia!

– Domenico, Ethel dizer que aceita algo, dá uma falsa impressão que você pode fazer o que quiser com ela em qualquer tipo de prática! Vamos supor que ela ache interessante o conceito do “*Shibari*” e aceite, vai colocá-la de cabeça para baixo, suspensa só pelas pernas a vários metros de altura já na primeira sessão? Acha mesmo que ela suportaria algo nesse nível?

– Eu jamais excederia o limite do aceitável em uma primeira sessão de nada, Leonard!

– Vá se foder, Domenico. Você usou a palmatória na primeira vez que saiu com a menina, mesmo sabendo ser uma completa baunilha! A quem está tentando enganar? Você perdeu a mão, perdeu o ponto de até onde tem o direito de chegar.

– De que lado você está, Leonard? – Me viro e o encaro.

– Do seu, Domenico. Como sempre estive. Só acho que sua fixação por essa mulher está bloqueando sua racionalidade. Existem vários pontos que precisam ser conversados e, por pura conveniência, você os está ignorando, pulando etapas propositalmente.

– Nós vamos chegar lá. Só preciso de mais tempo para que ela se descubra e se aceite como a submissa nata que é!

– Tudo bem, uma cláusula grifada e lida diversas vezes em seus contratos é sobre a colocação comum das submissas que seus limites têm a ver com práticas que causam desconforto ou nojo. Não estamos falando mais de chicotes, palmatorias e afins, Domenico, estamos falando de fezes, urina, sêmen, vomito, seja lá a coisa bizarra que acordarem.

– Eu jamais usaria essas práticas com Ethel.

– Deixa de ser filho da puta, Dom. Você não é um dominador comum, mas sim um sádico que não sente pena, não se compadece diante do sofrimento

de uma submissa. Você curte a dor, a humilhação e as lágrimas que provoca. – Apenas sorrio cinicamente diante da colocação de Leonard. Sim, sou exatamente tudo isso que ele descreveu, e talvez seja ainda um pouco pior. Mas não com Ethel, com ela é diferente.

– Não sorria como se tivesse orgulho de ser assim, Domenico.

– A última coisa que tenho de mim é orgulho, meu amigo, acredite em mim.

– Então seja ao menos digno, e deixe a menina impor seus limites. Você precisa esclarecer onde ela está pisando e que ela tem todo o direito de não aceitar tal prática porque foge do “SSC” no contexto do saudável, ou seja, não pode porque viola a questão de saúde e não porque você não quer ou tem o direito de decidir por ela.

– Isso não é questão de limite, Leonard. A questão é de entendimento sobre o que é ou não saudável, e se não é considerado saudável para ela, não há de ser colocado como limite, mas como questão implícita no são, seguro e consensual.

– Impressionante como você minimiza absolutamente tudo, Domenico, tirando o peso dos fatos em si.

– Não estou minimizando nada, estou apenas sendo realista. Você está cometendo um erro primário, de quem não compreende as diretrizes do BDSM.

– E qual seria o erro? Prudência?

– Não meu amigo, veja bem, saúde não pode e não deve ser confundida com nojo, afinal, sexo anal é nojento para alguns, sexo oral e nojento para outros, comer na tigela de cachorros pode ser nojento para ambos...

– Conceito interessante Domenico, mas a verdade é que continua sendo nojento! E se é nojento, não é saudável para quem o acha.

– O conceito do nojo é relativo e será aplicado de forma devida em Ethel, para que ela entenda por exemplo a questão da humildade ou para que passe por uma humilhação quando assim o for necessário.

– Percebe o quanto soa doentio o seu discurso?

– Eu vivo em um mundo que para muitos é doentio, podre, obscuro e sem integridade alguma, Leonard. A verdade é que fora o “*papai e mamãe*” básico, alguém sempre vai achar algo nojento ou bizarro. Uma submissa de verdade não tem nojo, não tem pudor, não tem moral, não tem valores sociais ou culturais. Ela é uma peça, um objeto, algo para uso e o mais importante é: Uma submissa gosta de ser isso, sente prazer nisso.

– Meu deus! Como pode falar assim de uma mulher? – Meu amigo exclama, completamente chocado.

Olhos arregalados se fixam em mim e Leonard aparenta uma fúria que

jamais havia presenciado antes, melhor, vi essa fúria uma vez e naquele dia, conheci o lado selvagem de meu amigo. Depois daquilo, jamais voltamos a conversar tão abertamente sobre minha vida pessoal e a respeito das minhas preferências como o estamos fazendo agora.

Tudo que ele sabia até então, era superficial, apenas o básico, para que cuidasse dos contratos e me mantivesse distante de qualquer tipo de inconveniente jurídico com uma submissa. A alguns anos, meu amigo por opção própria, decidiu se manter afastado de qualquer coisa que pudesse lembrar aquela fatídica noite. Não o condeno por isso, queria eu poder fazer o mesmo.

– Não faça o cheio de pudores, Leonard. Só estou tentando te explicar que, tudo que busca restringir com a desculpa de “*não querer*”, é zona de conforto e tudo que é “*não poder*”, tem a ver com o respeito a saúde e a integridade física prevista no “SSC”. Isso é o básico, qualquer submissa, mesmo que iniciante, sabe disso.

– E onde não ter uma conversa franca como a que está tendo comigo com Ethel se encaixa nisso tudo, Domenico? Ela não é uma submissa iniciante, a verdade é que ela mal sabe se realmente é uma submissa.

– Ser, ou saber se é, são apenas formas diferentes de colocar a mesma coisa, Leonard. Terei a conversa, gradativamente, quando achar que devo e principalmente, quando tiver a certeza de que ela está pronta para entender. Adiantar as coisas só irá prejudicá-la e confundi-la ainda mais.

– E esconder a parte mais obscura de suas práticas ajudará em que essa moça, Domenico?

– Acredite, fará Ethel reconhecer em si uma submissa forte.

– E ser uma submissa forte significa ceder a todas as suas loucuras sem a chance de negar absolutamente nada?

Leonard anda nervoso de um lado para o outro na sala e a cena realmente me faz sorrir. É complicado colocar na cabeça fechada e dura de um baunilha como as coisas funcionam e principalmente, fazê-lo entender que o prazer está em servir, em se doar, na entrega da carne e da alma.

– O formato que adoto não visa proibir a submissa de negar práticas.

– Visa o que então, meu amigo? – Uma bufada e vejo que meu fiel amigo começa a desistir de seus questionamentos.

– A plenitude, meu caro! Desde o primeiro encontro, Ethel foi psicologicamente preparada para crer que servirá em tudo.

– E a plenitude envolve a questão dessa moça fazer absolutamente tudo que você quer? Qual é Domenico!

– A questão envolve a psicologia, Leonard, envolve como ela se sentirá ao saber que tudo que for contra a saúde dela, não será feito, e que ela

não é incapaz de nenhuma prática, apenas cabe a mim levá-la até ela de maneira adequada.

– Não é mais simples me deixar sentar com essa mulher e fazê-la assinar a merda do contrato padrão de seus relacionamentos?

– Ethel é diferente. Ela não assinaria um contrato, se sentiria ofendida. Ela acredita em uma relação.

– E você vai seguir com isso adiante mesmo sabendo que vai machucá-la? A porra da vida já não te ensinou o bastante a respeito do que é ferir e ser ferido por alguém?

Fixo meus olhos em Leonard. Sei que no fundo ele tem razão. Não quero e não vou ter uma relação romântica. Realmente esse tipo de coisa não me atrai. Mas, de qualquer forma, não quero abrir mão das pequenas asas de Ethel e principalmente, quero ser o responsável por libertar sua alma e fazê-la reconhecer quem ela realmente o é. Mas, por outro lado, sei bem o significado da palavra dor, e não quero que a doce Ethel o conheça, pelo menos não da forma que eu conheci.

– Vai na festa de hoje a noite? – Pergunto, dando o assunto por encerrado.

– Não perderia por nada. – Leonard sorri e entende meu recado, caminhando pesadamente até a porta, na intenção clara de deixar meu escritório.

– Nos vemos mais tarde, Leonard. – Volto a me sentar e tentar me concentrar na infinidade de documentos que se espalham por sobre minha mesa.

– Domenico? – Leonard volta a me encarar e dessa vez o desespero, a impaciência e até a raiva desapareceram de seu rosto. Preocupação! Sim, é apenas isso que enxergo no rosto cansado de meu melhor e mais fiel amigo.

– Sim?

– Apenas pense na possibilidade de um contrato e, caso não seja viável, pense na possibilidade de deixar essa moça em paz, não estrague a vida dela assim como estragaram a sua.

E ele deixa a sala, me largando em um turbilhão confuso de pensamentos e lembranças. Guerras e batalhas que precisei lutar e vencer até aqui voltam com tudo. Aperto meus punhos e inspiro profundamente. Contando até dez, recupero meu bom senso e sorrio. Abrir mão da doce e pequena Ethel? Sinto muito, mas isso, jamais!

CAPÍTULO CINCO



Passa um pouco das três da tarde e a fome me consome. Tomando coragem e aproveitando o silêncio absoluto no apartamento, saio do quarto em busca de algo para comer. Preciso ao menos estar de barriga cheia para pensar sobre o que vou fazer da minha vida a partir de agora. Voltar a atender bêbados nojentos em um salão fétido como o “*Millo’s*” não é sequer uma opção.

Assim que chego na sala, vejo Clarisse sentada em uma das poltronas, óculos na ponta do nariz e um livro nas mãos. Um levantar despretensioso de sobrancelhas foi sua única reação aparente a minha presença. Conhecendo-a bem, imagino o quanto esteja louca para falar um monte, mas sei que vai se segurar e esperar a poeira baixar para voltar a tocar no assunto.

Abro a geladeira e fico algum tempo observando seu conteúdo. Croissant, salada de atum e alface. É isso que vai ser. Colocando os ingredientes na bancada, inicio a tarefa de construir meu lanche, sem ter a coragem necessária para erguer os olhos e encarar Clarisse. Sim, a educação me obrigaria ao menos oferecer um sanduíche, mas a falta de ousadia me impede e me mantenho calada.

– Seu celular. – A voz tranquila de minha amiga me obriga a olhar em sua direção.

– O que?

– Seu celular, ficou aqui na sala. Você tem quatro chamadas. – Puta que pariu! Só falta Domenico ter me ligado e Clarisse por sua vez, ter atendido.

Isso me faz lembrar que: Nunca dei meu número a Domenico, mesmo assim, ele já me ligou. Será que seu poder chega ao ponto de conseguir espionar a privacidade das pessoas? Enfim, voltando a Clarisse, claro que ela atenderia uma chamada do digníssimo Sr. Fox, jamais perderia a oportunidade de falar meia dúzia de palavrões para Domenico.

– Não dei falta dele. – Murmuro, tentando não demonstrar minha tensão e caminhando em direção a mesinha, onde lembro ter deixado o aparelho.

– Claro que não deu. Ultimamente você só sente falta de uma coisa, não é mesmo? – Irônica, Clarisse fecha o livro de forma nada delicada e se levanta, sumindo em direção ao seu quarto.

Com dedos trêmulos, pego o celular e observo a tela. Não, ela não atendeu as ligações, e com uma mescla complicada de decepção e alívio, vejo que as ligações não foram de Domenico, mas sim da assessoria de Richard Mitchell. Fico algum tempo observando a tela, pensando se devo ou não retornar as ligações.

Por que diabos me ligariam? Estava voltando em direção a bancada que separa a cozinha da sala, onde preparava meu lanche, quando meu celular voltou a tocar. Observo o visor e reconheço o número da assessoria de Richard ligando mais uma vez. Tudo bem, esse dia não poderia mesmo ficar mais esquisito do que já está.

– Sim? – Encorpo a voz, tentando controlar o bichinho da curiosidade que me consome.

– *Srta. Willians?* – Uma voz feminina bastante impessoal soa do outro lado da linha.

– Eu mesma. Em que posso ajudar?

– *Um minuto, vou transferir a ligação.*

Não tive tempo para responder, imediatamente começa a tocar uma doce melodia. “*Angel*” de “*Shaggy*”! Como eu amo essa música! Distraída e acompanhando a letra, não me dei conta quando a voz grave e harmoniosa de Richard tomou o espaço da canção, me pegando de surpresa e me deixando completamente sem graça!

– *“Girl, you're my angel, you're my darling angel...Closer than my peeps you're to me, baby...”*

– Uau! Dentre tantas qualidades bem significativas, não é que cantar bem também entra para sua lista? – Brinco, ao ouvir Richard ecoar o refrão delicioso, acompanhando o meu cantarolar.

– *Sou uma caixinha de surpresas, Srta. Willians.*

– Percebi. – Sorrio, já contagiada pela energia calma e receptiva de Richard Mitchell.

– *Se sente melhor hoje?*

– Como assim? – Pergunto, sem entender direito.

– *Depois de sua saída abrupta ontem na coletiva, fiquei preocupado. Tentei contato com você e não obtive sucesso, resolvi então, ligar para Susanna.*

– Logo para quem... – Balbucio, sendo traída mais uma vez pelo meu enorme e infame bocão. Uma risadinha gostosa e metálica toma a linha, me fazendo imaginar a expressão deliciosa de Richard nesse exato minuto.

– *Pois é, o que um homem desesperado não faz!*

– E você estava desesperado para saber como eu estava? – O provoco.

– *Digamos que a palavra “Desesperado” serve para causar maior*

impacto e valorizar mais a minha preocupação.

– Objetivo atingido. Fiquei comovida!

– *Então creio que poderei ser recompensado, isso, é claro, se sua glicemia estiver sob controle.*

– Pelo visto minha crise hipoglicêmica rendeu assunto entre você e Susanna. – Bufo consternada, lembrando pela primeira vez desde que iniciei a conversa com Richard, de Domenico Fox e todo constrangimento que passei, causado única e exclusivamente por ele. Perdi a porra do meu emprego por causa dele!

– *Pode-se dizer que sim.*

– Então ela também deve ter comentado que me demitiu, não é mesmo? – Um silêncio agitado ocupou o espaço entre nossas orelhas. Escuto apenas a respiração, agora um tanto o quanto alterada de Richard.

– *Acredito que ela tenha esquecido de comentar sobre isso.* – Sua voz ganha um tom mais grave e fico realmente comovida com o fato de uma pessoa, que me viu apenas uma única vez na vida, demonstrar tamanha preocupação.

– Pois é, coisas de “*Malévola*”. – Forço um risinho, que com toda a certeza, soou bem nervoso.

– *Podemos conversar sobre isso mais tarde, isso é claro, se aceitar meu convite.*

– Um convite? Seria um segundo encontro?

– *Contanto que prometa não me dar outro banho de chocolate, sim, pode considerar como um segundo encontro.*

– Poxa vida, nem um pouquinho de chantili?

– *Acho que não seria apropriado, pelo menos não durante o período do evento, mas depois dele...* – Uma malícia deliciosa desenha as notas harmoniosas da voz de Richard. Esse homem é uma tentação!

– Então vamos a um evento?

– *Nós vamos?*

– Uai, e você não ligou para me convidar?

– *Não me lembro de tê-la ouvido aceitar.*

– Formalidade desnecessária para quem já tomou um banho comigo, Sr. Mitchell.

– *Um doce banho de chocolate, Srta. Willians.*

– Não deixa de ser uma coisa bem íntima, concorda?

– *Dependendo da ocasião, sim, seria bem íntimo, o que necessariamente, não foi o caso, infelizmente!*

– Que tipo de evento? – Pergunto, ignorando propositalmente as segundas intenções impressas nas palavras de Richard, que se limita a sorrir

baixinho.

– *O aniversário de uma velha amiga.*

– Amiga? Do tipo, Susanna Wesley?

– *Apesar de Margareth ser uma mulher belíssima, acredito que beirando os setenta anos, me ache muito novo para ter esse tipo de amizade.* – Minha vez de sorrir, ou melhor, gargalhar. Richard é aquela lufada de ar fresco que precisava diante de toda tensão que venho passado.

– Não aguentaria seu pique? – Implico.

– *Olha só, se eu falar que quem não aguentaria seria eu, você acreditaria?*

– Richard, você é uma comédia!

– *Mais uma das minhas qualidades ocultas. E então, posso buscá-la as nove?*

Por um milésimo de segundo penso em aceitar imediatamente, logo em seguida caindo na real, me dando conta que jamais encontraria nada em meu closet que pudesse acompanhar o estilo de Richard Mitchell em um evento noturno e, desempregada, também elimino cogitar a hipótese de sair para comprar algo.

Merda! Como falar para um cara tão legal que te chama para um segundo encontro decente, que você é pobre e não tem nada adequado para vestir ao seu lado? Um gemido sofrido escapa sem querer pelos meus lábios e me vejo na obrigação de dar uma explicação. A última coisa que quero nesse momento é que passe pela cabeça de Richard que o estou rejeitando.

– *Muito cedo, precisa de mais tempo?* – Indaga, parecendo um pouco impaciente com o meu silêncio.

– Desculpe, Richard, mas não vou poder aceitar o convite, mesmo ficando extremamente lisonjeada. – Falo, bastante pesarosa. Ter a companhia muito mais do que agradável de Richard me tiraria do mundo sombrio onde eu mesma fiz questão de me enfiar.

– *E posso saber o por que de não poder aceitar?*

– Preciso ser honesta com você.

– *Como já disse em nosso primeiro encontro, gosto da sua honestidade e prezo para que sempre o seja.*

– A verdade é que sou de Delaware, Richard. Não tenho absolutamente nada apropriado para vestir e acompanhá-lo em nenhum tipo de evento social, sinto muito... – Posso estar enganada, mas acho ter ouvido um suspiro aliviado do outro lado da linha.

– *Você poderia me acompanhar em qualquer evento, Srta. Chocolate, independente da roupa que esteja usando.*

– Demagogia pura, você sabe que não é bem assim que funciona. Não posso vestir um jeans rasgado, uma regata e um tênis, e aparecer no aniversário de sua amiga ninfomaníaca ao seu lado! – A deliciosa gargalhada de Richard Mitchell ecoa em meus ouvidos, me fazendo pensar no absurdo que acabei de falar.

– *Você é boa com apelidos, e o mais impressionante, sempre acerta em cheio em seus julgamentos.*

– Sério que ela é uma ninfomaníaca? – Pergunto, sem acreditar que alguém que está para completar setenta anos de idade possa ser considerada uma viciada em sexo.

– *Sem noção se encaixaria com mais propriedade no caso de Margareth.*

– Que medo!

– *Confesso que as vezes eu também tenho. Mas o assunto em questão aqui não são as preferências sexuais de minha amiga, mas sim sua recusa em me acompanhar.*

– Não estou me recusando acompanhá-lo, Richard, apenas não me adequo ao seu meio.

– *Qual é, Srta. Chocolate, você me pareceu bem a vontade quando almoçamos no “Davio’s”.*

– Você disse que era um ambiente informal.

– *Eu menti.*

– Ok, acabei de incluir “mentiroso” em sua lista recém-aberta de defeitos.

– *Ninguém é perfeito, mas, em minha defesa, só o fiz para que se sentisse mais à vontade.*

– Não ganha bônus pela boa intenção, mas, conseguiu atingir seu objetivo. – Admito, lembrando quanto foi agradável e leve almoçar com Richard.

– *Fico feliz em ouvir isso, agora vamos ao que importa. Você confia no meu gosto?* – Pergunta, me pegando de surpresa. Precisei de alguns segundos para formular uma resposta.

– Confio, afinal, você diz gostar de mim, não é mesmo?

– *Garota esperta!*

– Não tanto quanto deveria... – Lamento, permitindo mais uma vez que Domenico Fox domine meus pensamentos.

– *Deveria questionar sua colocação, mas vou deixar para depois, agora a única coisa que preciso é do seu endereço.*

– Richard, já falei, não tenho como ir...

– *Você disse que confia em meu gosto, não disse?*
– Disse, mas o que diabos isso tem a ver com o meu endereço?
– *Srta. Chocolate, eu faço questão da sua companhia essa noite e quando quero uma coisa, eu tenho.*
– E agora eu virei uma coisa?
– *Não, me expressei mal, perdoe minha falta de tato. Vou reformular a frase, posso?*
– Contanto que não piore ainda mais o que falou antes... Mandar ver! – Mais uma vez o sorrisinho maroto de Richard invade a linha telefônica.
– *Quando eu quero alguém, eu tenho.*
– E você me quer? – Falo assustada, com a cabeça mais uma vez viajando em direção a Domenico, que deixaria suas deliciosas marcas em mim caso soubesse dessa conversa.
– *Quero a sua companhia, Srta. Chocolate.*
– Ah, tá... – Sério que estou levemente decepcionada? Queria mesmo ouvir de um homem como Richard Mitchell que ele me quer como mulher?
– *Decepcionada?*
– Por você fazer questão da minha ilustre companhia? Jamais! – Disfarço, fazendo-o sorrir.
– *Então estamos combinados, as nove passo para buscá-la.*
– Richard, eu não vou a um evento com você de jeans.
– *Você disse que confiava no meu gosto, não disse? Agora deixe de ser birrenta e me passe seu endereço.*

– Clarisse?
Dou duas batidas acanhadas em sua porta, sem obter resposta. Provavelmente deve estar dormindo, ou fingindo, apenas para não falar comigo. Desanimada, me afasto, chateada com toda essa merda de situação que me afasta daquela que é meu único e mais valioso porto seguro.
– Thell? – A voz suave interrompe minha caminhada e viro meu corpo em sua direção.
– Oi. Achei que estava dormindo.
– Estava tomando banho. Por que não entrou?
– Sei lá... – Dou de ombros, prestes a cair em um mar sem fim de lágrimas.
– Ei, vem aqui mocinha.
Esticando os braços, Clarisse desenha aquele sorriso de anjo, o que

sempre foi capaz de me acalmar, e me espreme em um protetor abraço. Ficamos assim, por alguns minutos, entre lágrimas e soluços, completamente em silêncio, acertando nossas contas e colocando nossa relação em dia.

– Me desculpe... – Murmuro, acho que envergonhada por não conseguir fazer aquilo que Clarisse acha correto.

– Não se desculpe por estar seguindo seus instintos, por mais bizarros que eles sejam.

– Meus instintos estão me enfiando na mais completa merda, amiga.

– Pode ser, mas isso confirma que você está crescendo e aprendendo com suas experiências.

– Não aprendi nada, Clarisse...

– Você que pensa, meu bem. O ser humano é burro, não consegue assimilar ensinamento algum que não seja pelo sofrimento.

– Quer dizer que preciso sofrer para crescer? – Ergo uma das sobrancelhas incrédula, arrancando uma risadinha de minha amiga.

– Bem por aí! Agora me fale, o que você queria batendo na minha porta?

– Vou sair com Richard hoje a noite. – Falo, vendo um brilho radiante tomar as belíssimas feições de minha amiga.

– Tá de sacanagem? – Me segurando pelos ombros, Clarisse consegue parecer muito mais excitada do que eu mesma, sorrindo como uma criança que acaba de ganhar um imenso pirulito.

– Não estou e pior, parece que é um evento daqueles super chiques.

– Precisamos escolher uma roupa, com urgência. Que horas ele vem te buscar? Acho que você poderia colocar o tubinho vermelho. – Clarisse me atropela, falando como uma matraca e me empurrando para dentro de seu quarto.

– Ei, calma! Não preciso de roupa.

– Vai pelada, por acaso? – Ela mal se dá o trabalho de me olhar, fuxicando todo o conteúdo de seu closet freneticamente.

– Richard vai mandar algo para mim. – Falo e Clarisse interrompe imediatamente o que está fazendo, colocando a cabeça para fora e me encarando confusa. Sim, a cena é subliminar de tão engraçada!

– Como assim ele vai mandar algo para você?

– Parece que é um evento de gala. O aniversário de uma amiga grã-fina. Não posso ir vestida de qualquer jeito.

– E ele se ofereceu para te mandar uma roupa?

– Não foi bem assim.

– Então como foi?

– Eu fui honesta com ele e recusei o convite por não ter nada adequado

para vestir. Ele disse que fazia questão da minha companhia, perguntou se eu confiava no gosto dele e disse que estava resolvido, que passaria aqui as nove para me pegar.

– Caralho! As nove? Sabe que temos pouquíssimas horas para fazer seu cabelo, unhas e maquiagem? Sem contar a depilação. Está em dia?

– Clarisse! Não vou trepar com Richard, apenas acompanhá-lo em um evento. – Resmungo.

– Amiga, melhor prevenir do que remediar. Depilação nunca é uma coisa a ser ignorada, principalmente quando se vai sair com um homão da porra como Richard Mitchell.

– Clarisse! – Falo energicamente e minha amiga mexe os ombros com pouco caso, se armando de sua maleta da maquiagem, secador de cabelos, pranchinha e mais uma infinidade de produtos, todos equilibrados em suas mãos e por entre seus braços.

– Vamos, Ethel! O que está esperando? Já para o chuveiro, temos muito o que fazer. Hoje será uma noite inesquecível!

Aperto os olhos e rezo para que as palavras de minha amiga se concretizem. Tudo que eu preciso é dar um tempo do furacão destruidor que estacionou em minha vida e passar, nem que sejam algumas poucas horas, ao lado de um homem normal e que me faz bem, me desprendendo da deliciosa tortura tirânica de Domenico Aron Fox.

CAPÍTULO SEIS



Pontualmente, as nove horas o interfone toca. Agitada, Clarisse entra no quarto e fica de pé a minha frente, admirando o resultado de sua produção expressa. Sim, minha amiga é habilidosa quando o assunto é arrasar. Meus cabelos foram ondulados e caem em uma cascata pesada pelas costas e a maquiagem, essa é uma atração a parte.

Tons pasteis, que vão desde o nude até o marrom escuro esfumam meus olhos, o tom pêssego nas bochechas me dá um ar saudável e os lábios foram perfeitamente delineados com um leve batom cor de boca. Sim, passo longe da menina que a poucos dias chegou de Delaware, afogada em seus traumas e medos.

O vestido, bom, chamá-lo de esplêndido certamente seria uma puta injustiça. Richard realmente é um homem de muito bom gosto, porém, com uma ousadia que não demonstra em seus gestos comedidos e seu temperamento calmo, nobre e sempre bastante terno.

Vermelho sangue, longo, com uma imensa fenda que se abre no meio da minha coxa esquerda, deixando à mostra com incomensurável discricção a pele branca da minha perna, que contrasta, e muito, com o tom quente da seda. Nas costas, existem apenas duas alças bem finas, que se cruzam na altura de minhas omoplatas, formando um decote que beira o indecente.

Sandálias de saltos finíssimos douradas junto a uma bolsa de mão no mesmo tom, completam o visual. Sorrio para uma Clarisse descontrolada, que troca as pernas excitada e volto a me olhar no espelho. Sim, estou digna de acompanhar o importante executivo Richard Mitchell em qualquer que seja o evento.

– Ele chegou! – Clarisse se aproxima, ajeitando uma mecha do meu cabelo e segurando meus ombros.

– Melhor eu descer, não quero que se atrase por minha causa.

– Cinco minutos.

– Oi? – Questiono, confusa.

– O faça esperar por cinco minutos. Uma mulher jamais deve parecer

ansiosa demais para um encontro.

– Amiga, a única mulher ansiosa aqui é você! – Brinco, dando um beijo em sua bochecha, deixando uma quase imperceptível marquinha de batom.

– Estou ansiosa sim, para que tenha uma noite comum, simples, feliz e tranquila ao lado de um homem maravilhoso como Richard Mitchell. – Claro, ela tinha que dar sua cutucada básica, não seria Clarisse Thompson se não o fizesse.

– Então eu preciso ir para minha noite perfeita e não ficar fazendo cu doce e demorando para descer por puro charme, concorda?

– Concordo, mas não esqueça isso. – Clarisse estende a caixinha, aquela que sei guardar os brincos que me emprestou na noite em que conheci Domenico.

Um aperto estranho se forma em meu peito e pela primeira vez, desde que comecei minha produção, me pego perdida no homem que me tira completamente dos eixos, fazendo de mim gato e sapato e pior, me provocando um imenso desconforto com sua ausência.

– Algum problema? – Clarisse pergunta, parecendo preocupada.

– Não, amiga, nenhum problema. – Disfarço, sorrindo amarelo e pegando um dos brincos, encaixando-o na orelha.

Me despedi de Clarisse na porta do apartamento e até entrar no elevador, fui obrigada a aturar o olhar de admiração que ela me lançava, como se eu fosse uma obra prima, finalizada por suas engenhosas e talentosas mãos. Um breve aceno e me enfiei no cubículo, aliviada por não ter mais a inquisição estética de minha amiga por sobre mim.

Assim que coloquei os pés no saguão estanquei. Jesus tenha misericórdia! Não é possível que meus olhos realmente estejam sendo contemplados com uma visão tão divina! Richard Mitchell, está ali, parado, com um sorriso de esfinge no rosto e elegantemente vestido com um belíssimo smoking preto, que consegue realçar ainda mais toda sua já tão aparente beleza.

Os cabelos negros, hoje estão penteados para trás e o rosto, perfeitamente barbeado, deixa a mostra uma cicatriz sexy para cacete em seu queixo quadrado e bem definido. Seus olhos parecem ter um brilho mais intenso e estão muito mais azuis do que me lembrava que o eram.

Caminhando em minha direção em passos lentos e decididos, ele estica um dos braços, me oferecendo sua máscula e forte mão. Sedução pura é liberada por seus poros e começo a perceber como Richard Funciona. Diferente de Domenico, que me puxa em sua direção com uma força descontrolada e incompreensível, Richard me seduz com sua calma, delicadeza, seu olhar e o belo sorriso.

Não posso negar, ele é capaz de me fazer desejar seu toque apenas ao sentir seu cheiro fresco e cítrico. É uma sensação completamente avessa a tudo que sinto por Domenico. A intensidade, a volúpia e a lasciva são deixadas de lado e trocadas pela excitação quase infantil de ter um homem como Richard me olhando com tamanha admiração, como ele o faz nesse exato instante.

– Fracamente, não fazia ideia que ficaria tão perfeita dentro desse vestido. – Richard fala, deslizando seus olhos por toda a extensão do meu corpo.

– Mas foi você quem o escolheu. Já deveria prever o resultado.

– Escolhi um pedaço de pano, Srta. Chocolate, e confesso que tive ajuda. Mas o que faz o conjunto ficar perfeito, é exatamente o que tem dentro dele. – Ele fala e, corada como um pimentão, baixo os olhos.

Depois desses últimos dias sendo tratada como uma escrava sexual, escutar elogios tão galanteadores são como colocar gás em uma garrafa e sacudi-la, fazendo-a borbulhar de puro prazer, um prazer verdadeiro e sincero, que faz meu coração ficar mais leve e principalmente, me faz sorrir e me sentir realmente desejada. E que a noite seja perfeita, assim como Richard Mitchell o é!

– Que lugar é esse? – Pergunto, ao mesmo tempo em que tento esconder a angustia que começa a invadir cada pequeno pedaço da minha pele.

A viagem até aqui foi simplesmente maravilhosa. Richard é delicado, acessível, generoso, franco...Humano. Não preciso ter dedos ou fazer caras e bocas para estar ao seu lado. Rimos, gargalhamos, literalmente nos divertimos muito. Mas toda minha felicidade se esvaiu por completo assim que o carro adentrou os imensos portões da casa onde será a festa.

– A casa de férias da família de Margareth. Algum problema? – Richard vira seus agora bem escuros e preocupados olhos azuis na direção do meu rosto, acho que buscando o motivo de tamanha agitação da minha parte.

– Não... Problema nenhum. Apenas curiosidade. – Tentei disfarçar, mas acho que fazer isso diante de um homem esperto como Richard, é meramente impossível.

– Ethel, você está pálida. Óbvio que está acontecendo alguma coisa.

– Só tive uma breve tontura.

– Uma breve tontura? Está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?

– Não, obrigada pela preocupação. Já passou... – Falo, limpando discretamente as gotículas de suor que se formaram em meu buço.

– Você tem se alimentado bem, Ethel?

– Na medida do possível, uma vez que Susanna não me dava muito

espaço, mas agora, posso garantir que não vai faltar hambúrguer e batata frita em minha vida! – Sorrio e acredito que tenha conseguido despistar meu real desespero.

– Podemos ir? – Richard prende seus lindos olhos em mim antes de abrir a porta ao seu lado, como quem espera por minha aprovação.

– Sim, claro. Podemos. – Respiro fundo e me preparo emocionalmente para o que será essa noite.

Com um dos braços atracado a minha cintura, Richard me guia pelo imenso tapete estendido na entrada da mansão. Fotógrafos se amontoam em busca do melhor clique. Paramos algumas vezes e nos deixamos ser capturados pelas lentes, até que Richard decidiu que já tinha dado a cota suficiente de exibicionismo e com um pouco de pressa, me conduziu elegantemente até o interior da casa.

Tudo está completamente diferente desde a última vez que estive aqui. Naquela tarde, a casa parecia abandonada, apesar de muito bem cuidada. Ao sair, uma vez que quando cheguei estava vendada, percebi que alguns móveis tinham lençóis alvos por sobre eles e todo o glamour que brota aos olhos nesse instante, parecia simplesmente não existir.

Tudo bem que meu nervoso naquele momento, que não difere muito do de agora, não me permitiria mesmo reparar em nada, por mais que eu tentasse, a situação me impedia, me cegava e me deixava incapaz de racionalizar qualquer coisa. Mas, fazendo uma avaliação rápida, tudo nesse lugar cheira a ostentação e dinheiro.

– Richard, meu querido! Como é bom vê-lo aqui. – Um mulher, talvez beirando os seus cinquenta anos se posta a nossa frente.

Chamá-la de bonita seria até uma heresia. A mulher é divina. Se tem algum tipo de intervenção cirúrgica estética, essa com certeza foi muito bem-feita, o rosto primoroso brilha junto ao sorriso que oscila entre o simpático e esnobe. Olhos azuis poderosos, que combinam com maestria com a cor de seu vestido, se viram em minha direção, e é impossível não perceber a semelhança. Meu corpo treme e tento a todo custo controlar a mistura de sensações que o olhar dessa mulher me causa.

– Eu jamais deixaria de vir prestigiá-la, Margareth. – Richard se abaixa um pouco e beija carinhosamente a testa da mulher, que continua com os olhos azuis vidrados em mim.

– Não imagina o tamanho da minha felicidade. Quem é a linda jovem que tem a sorte de acompanhá-lo? – Curiosidade misturada a um certo deboche. Sim, agora ficou bem claro. A semelhança é inegável!

– Essa é Ethel Lisa Willians, uma amiga especial. – Me puxando em

direção ao seu corpo, Richard repete o ato anterior, dessa vez, beijando minha testa, de forma carinhosa e demorada.

– Muito prazer, Senhora. – Falo, o mais segura que consigo.

– Por favor, me chame de Margareth, Senhora é definitivamente uma palavra que não combina em nada comigo. – Sorrindo, ela alisa o braço de Richard e não sei bem ao certo porque, mas o gesto me incomodou um pouco.

– Essa é Margareth Fox, a aniversariante. – Parecendo reparar no desconforto que o toque em seu braço da matriarca da família Fox me causou, Richard se afasta discretamente, terminando as apresentações e sorrindo com cumplicidade.

– Feliz aniversário! – Digo, mas a verdade é que a mulher pouco dá bola para qualquer coisa que eu falo, seu olhos azuis tão expressivos quanto os do filho, não desgrudam de Richard um momento sequer.

– Obrigada, querida. – Parecendo lembrar da minha existência, ela volta sua atenção para mim, logo em seguida sendo rodeada por um grupo de mulheres, todas plasticamente perfeitas, assim como ela.

Educadamente, Richard acena levemente com a cabeça em direção a Margareth e se afasta, me levando junto ao seu corpo, desviando com destreza da infinidade de grã-finos bem vestidos cheios de joias que lotam o imenso salão, cumprimentando de maneira discreta alguns e apenas sorrindo brevemente para outros.

– Quer beber alguma coisa? – Voltando seu lindo rosto para mim, ele cochicha em meu ouvido, causando um arrepio gostoso, do tipo que a muito tempo não sentia.

– Acho que preciso! – Eu e meu bocão! Assim que terminei de falar, Richard me encara, solícito de que estou escondendo alguma coisa. Por que diabos preciso ser tão transparente sempre?

– Tem alguma coisa acontecendo aqui que eu não saiba, Ethel? – O tom de voz, apesar de ainda ser doce, tem um “Q” de urgência e seriedade.

– Eu preciso te contar uma coisa... – Mais gemo do que falo. Como contar a Richard, no nosso primeiro encontro oficial que estou tendo uma relação de origem bem duvidosa e nada saudável com Domenico Fox?

– Que coisa, Ethel? – Me puxando pelo braço com bastante discrição, ele me leva para um canto mais isolado do cômodo, os olhos sempre colados em meu rosto.

Posso estar enganada, mas acabo de ver um breve lampejo de dominância em sua fisionomia. Balanço a cabeça, afastando o pensamento. Minha convivência bizarra com Domenico está me fazendo enxergar coisas onde não existem. Richard é um homem doce e delicado, não se encaixaria em mundo

sujo como o de Domenico.

Nesse exato instante aquele arrepio característico atravessa minha alma. Minhas pernas fraquejam e preciso segurar o braço de Richard para não despencar no chão com tudo. Intrigado e ao mesmo tempo preocupado, ele apenas me observa, tentando achar um motivo no mínimo plausível para o meu comportamento esquisito.

– Ora, ora, ora... O que temos aqui? – A voz melodiosa e propositalmente debochada de Susanna soa por trás do corpo de Richard, que bloqueia por completo minha visão.

O fato é, não preciso ver para saber quem está com ela. O frenesi que se forma em minhas células denuncia a presença de Domenico, que surpreendentemente, permanece calado. Richard se posta ao meu lado e sua mão, de forma despretensiosa, se instala no vale entre meu traseiro e costas, exatamente naquele ponto que me deixa em chamas, quando tocado por Domenico.

Nesse instante, olhos febris atingem os meus. Domenico não disfarça sua irritação e parece que a qualquer instante, pulará no pescoço de Richard, ou no meu, obrigando-o a tirar as mãos de mim. Com medo, ou melhor, apavorada diante dessa possibilidade, desvio o olhar, baixando a cabeça e esperando pelo que ainda está por vir... Provavelmente o pior!

– Dom... – Richard é o primeiro a falar, cumprimentando Domenico com uma intimidade que me deixa bastante curiosa.

– Richard... – A voz rouca e como sempre, pouco amistosa de Domenico toma meus ouvidos, alimentando aquele lado faminto do meu cérebro que tanto precisa dele. Inconscientemente estremeço, e Richard, que olhava de maneira nada simpática para Domenico, vira seu rosto em minha direção, me fazendo mais uma vez desviar os olhos diante de sua inquisição silenciosa.

– Olá crianças, parece que temos um caszinho aqui! – Dessa vez queria mesmo que um imenso buraco se abrisse e eu pudesse me enfiar nele.

A palavra casal pronunciada pelos lábios carnudos e vermelhos da “*Malévola*”, formaram uma expressão quase demoníaca no perfeito e assustador rosto de Domenico. Susanna Wesley e todo o seu glamour exagerado, sorri agarrada ao seu braço, reluzente em um belíssimo tomara que caia dourado, que a faz ficar ainda mais bonita do que já é.

Os cabelos presos em um coque frouxo no alto da cabeça, deixam a mostra a cintilante gargantilha de brilhantes, muito provavelmente, um presente de Domenico, uma vez que por mais que o “*NBP*” pague salários generosos, nem Susanna seria capaz de arcar com tamanha despesa.

– E parece que temos outro aí! – Só me dei conta do que havia falado,

quando ouvi a leve risadinha de Richard muito próximo aos meus cabelos e o erguer de sobrancelhas irônico de Domenico.

– Digamos que estamos nos conhecendo. – Apenas Susanna fala, um indício perigoso do quanto o temperamento explosivo e dominante de Domenico está sendo colocado a prova.

Sei lá o porque, mas sorri e nesse instante uma expressão curiosa se forma no rosto antes satânico, que não desgruda os olhos de mim nem por um único instante. Não posso negar o quanto é cômico ver o sempre tão poderoso Domenico Fox precisando pegar leve e fingir ser aquilo que não é.

Enquanto Susanna fala como uma matraca, duas coisas não saem da minha cabeça, uma delas, óbvio que é Domenico, que além de ser uma presença constante em meus pensamentos, agora se tornou uma presença constante em minha vida, parecendo estar em absolutamente todos os lugares que estou. A segunda coisa é: Não faço ideia do que vou fazer da minha vida!

– Bom, Susanna você já conhece, esse é...

– Não precisa nos apresentar, Richard. Eu e a Srta. Willians já nos conhecemos. – Com a voz seca, Domenico corta Richard, que agora, me observa curioso.

– Sério?

– Nos conhecemos na minha segunda noite em Boston, quando saí com Clarisse. Coincidentemente, Domenico estava na mesma boate. – Me antecipo, desesperada com o que Domenico pode se capaz de falar.

– Uma noite e tanto. Eu arriscaria dizer, inesquecível. – Aquele sorriso filho da puta que o faz ainda mais gostoso, ilumina seu rosto. Sim, ele não só quer, como vai me foder se eu não fizer nada.

– Não me recordo de nada significativo ao ponto de torná-la inesquecível. – Ergo meu queixo e encaro Domenico, que solta labaredas pelos escuros olhos azuis em minha direção.

Claro que só estou com toda essa coragem, devido a presença física de Richard ao meu lado. De qualquer maneira, meu corpo inteiro parece a beira de um colapso muscular. A tremedeira progrediu para uma avalanche de pequenos espasmos e tenho certeza absoluta que meu acompanhante, esperto como é, já percebeu que existe alguma coisa muito séria me incomodando.

– Só o fato de tê-la conhecido já a torna inesquecível, doce Ethel. – Um sorriso sedutor transforma o rosto de Domenico.

Minha vontade é de pular em seu pescoço e pedir desculpas pelo meu mau comportamento. O quão ridícula uma pessoa pode ser? O cara está na minha frente, fingindo uma relação baunilha com minha ex chefe e ainda sim quero me ajoelhar a seus pés e clamar pelo seu perdão?

– Me sinto lisonjeada, Sr. Fox. – Balbucio, engasgando em minhas próprias palavras.

Nossos olhares se unem como poderosos imãs e mais uma vez aquela sensação eletrizante atravessa minha espinha. Não sei ao certo por quanto tempo ficamos nos encarando, mas acredito que tenha sido o suficiente para irritar uma já impaciente Susanna, que parece implorar pela atenção de Domenico.

– Podemos ir? – Falo para Richard, saindo do transe emocional que apenas Domenico é capaz de me causar.

– Claro. – Prontamente ele concorda, entendendo meu apelo silencioso.

– Domenico, Susanna. Vamos dar uma circulada, nos vemos por aí. – Me puxando de encontro ao seu forte corpo, Richard cria uma falsa sensação de proteção em mim. Falsa mesmo, porque as palavras seguintes de Domenico, ligaram imediatamente o meu botão de alerta máximo.

– Certamente que nos veremos, afinal, a noite está apenas começando.

CAPÍTULO SETE



E aí? Vai me falar o que está acontecendo aqui? – Richard quebra o silêncio assim que colocamos os pés no belíssimo jardim, tenuamente iluminado por lampiões e, assim como o interior da mansão, finamente decorado.

– Eu conheço Domenico. – Falo, me afastando um pouco e ficando de costas para Richard. A verdade é que não sei o que fazer, não sei o que falar.

– Essa parte eu já entendi, Ethel. Quero saber o que tem por trás disso tudo.

Não ousou olhar para trás. Pela primeira vez, Richard usa um tom de voz duro e firme comigo, o que na minha opinião, o faz ainda mais sexy, mas diante do meu nervosismo, preferi ignorar essa parte. Abraço meu corpo com meus próprios braços e uma vontade de chorar me domina. Clarisse está coberta de razão...Estou acabando com minha vida!

Desde o instante que conheci Domenico Fox, minha existência, que nunca foi lá essas coisas, se tornou algo decadente, podre e decomposto e nesse momento, estou perdendo a oportunidade de ouro de ser feliz com um homem incrível como Richard Mitchell! Será que existe ainda mais um nível no poço sem fundo onde eu mesma me enterrei?

Ele abusa de mim, me machuca, maltrata como se fosse um brinquedo e mesmo assim aqui estou eu, aflita por falar qualquer coisa que possa vir a prejudicá-lo ou evidenciar seus gostos bizarros. Repassando as palavras de Clarisse, sim, sou fraca e tento a todo custo me punir por algo que nunca tive culpa em um relacionamento frustrado com um homem que não tem um pinga de apreço por mim que não seja o desejo que sente pelo meu corpo.

Mas o problema disso tudo é que meu coração idiota fala mais alto e não consigo me livrar dos abusos sofridos. Acontece, que bem lá no fundo, não considero abusos, muito pelo contrário, e na concepção de minha amiga, isso me transforma em uma merda de mulher sem um pinga de amor próprio, que se satisfaz com a agressividade desmedida de um completo desconhecido.

Como posso achar que essa situação doentia é amor se a cada nova palavra de quem está de fora fica ainda mais claro que é apenas uma loucura?

Como posso me permitir tão pouco quando vivo ouvindo que mereço algo mais e melhor? Como posso ser tão cega ao ponto de não enxergar aquilo que, pelo menos Clarisse, acha tão óbvio?

– Ethel? – A voz poderosa de Richard me desperta dos meus devaneios.

– Eu conheci Domenico, como falei, em uma boate, na minha segunda ou primeira noite aqui, não me recordo direito. – E é verdade! Por mais que tenha apenas alguns dias que cheguei em Boston, parece que já se passou uma eternidade, e a cada novo encontro com Domenico, o tempo se torna ainda mais turvo, hipotético e sem importância.

– E isso é motivo para agir como se estivesse prestes a ser crucificada diante dele? – O observo por sobre o ombro e vejo uma das suas sobrancelhas se erguer, quase de forma acusatória.

– Eu não agi assim... – Tento me defender, voltando a perder os olhos na bucólica paisagem, que caso não fosse toda a tensão que estou passando, poderia facilmente classificar como divina.

– Realmente, não agiu. Foi pior!

– Richard, acontece que Domenico Fox é um cara meio assustador. Ele me intimida!

– Aquilo que presenciei não foi apenas intimidação, Ethel. O que aconteceu entre vocês? – Delicadamente, Richard me segura pelos ombros e me vira de frente para ele, me fazendo perder o juízo diante do olhar quase compadecido que me dirige. Por que diabos não consigo deixar de amar Domenico e me jogar com tudo em cima do homem maravilhoso e delicado que está a minha frente?

– Eu não sabia que você conhecia a família Fox. – Comento, não na intenção de mudar de assunto, mas porque realmente sinto uma curiosidade que me sufoca. Richard não só conhece a família de Domenico, como parece ter imensa intimidade com todos.

– Mesmo não sendo o assunto em questão aqui, Domenico foi casado com minha irmã, Patrícia.

– Casado? – Meus olhos se arregalam e um sentimento de merda aperta meu peito.

Domenico sempre deixou claro que não era capaz de amar, que jamais seria o tipo de homem romântico ou que se entregaria a uma relação com qualquer mulher, que não fosse no “estilo” dele. A irmã de Richard provavelmente deve ser uma puta mulher, ao ponto de fazê-lo se dobrar diante de suas peculiaridades e se casar com ela. A não ser que ela também curtisse as loucuras dele... Não, pensar isso seria até loucura.

– Sim, casado. Mas isso foi a algum tempo.

– E eles se separaram por que? – Merda de curiosidade e boca sem limite!

– Eles não se separaram. Mas acredito que essa seja uma conversa que deva ter com ele, uma vez que sua reação a sua presença deixou bem evidente que o que aconteceu na noite que se conheceram foi muito além de uma simples apresentação.

– Richard, eu peço desculpas. Deveria ter contado assim que entramos no estacionamento.

– Então você já esteve aqui? – Incredulidade, é exatamente isso que a voz de Richard expressa.

– Sim, uma vez...

– Ethel, desculpe, posso parecer estúpido com minha pergunta, mas preciso saber. Você está dormindo com Fox?

– Não estou dormindo com ele, Richard. Nós saímos, algumas vezes...

– Algumas vezes? Preciso lembrá-la que só está em Boston a alguns dias? Algumas vezes seria muito tempo para pouco tempo, concorda?

– Richard, por favor... – Imploro para que ele encerre o assunto e aceite a explicação de que apenas conheço Domenico, mas alguma coisa que diz que não será tão fácil assim.

– Ele fez, não fez? – Seu rosto vira uma pedra de gelo e a raiva contida em suas palavras é assustadora.

– Fez o que? – Minha voz é tão baixa que nem eu mesma a escuto.

– Filho da puta de merda! – Richard pragueja e desliza os longos dedos pelos cabelos negros, causando uma desordem bastante sexy.

– Eu não sei sobre o que está falando, Richard. Eu apenas saí com Domenico e... – Seu olhar sombrio me interrompe e me calo instantaneamente. Sim, esse lado de Richard Mitchell é realmente aterrorizante.

– Domenico não é o tipo de homem que simplesmente sai com uma mulher.

– E que tipo de homem ele é?

– Do tipo que se infiltra entre pessoas do bem para cometer suas atrocidades!

– Richard, acho que você não sabe o que está falando.

– Não sei? De verdade, nem sei porque vou te contar isso, mas conheço bem o estilo de vida de Domenico, Ethel, foi assim que nos conhecemos, nos esbarrávamos constantemente em clubes obscuros de Boston na época em que fazíamos faculdade, onde satisfazíamos nossos desejos e colocávamos em prática nossas vontades. Tenho pleno conhecimento do que

estou falando e infelizmente sei o que acontece nesse universo! – Chocada seria pouco.

Meu queixo despencou e meus olhos saltaram de sua órbita diante da informação inesperada. Richard também é um dominador? O nobre, educado e gentil Richard Mitchell? Nunca! Ele não se assemelha em nada com Domenico. Um homem civilizado, altivo e cortes como ele, jamais poderia praticar as coisas psicopatas que Domenico pratica.

– Então você é igual a Domenico... – Afirmo, mais para mim mesma do que para Richard, que agora parece soltar faíscas de raiva pelos lindos olhos azuis.

– Não me compare a esse merda, Ethel! Eu sou um homem decente, Domenico Fox não! Ele não se diferencia em nada dos maníacos espalhados pelo mundo, exceto pelo grau de periculosidade, o dele é muito maior!

– O que? – Me encolhendo em meu próprio eixo apenas observo, começando a ficar bem preocupada com o ímpeto de fúria de Richard Mitchell.

– Domenico Fox se diz um dominador, mas não é! Ele é um filho da puta doente, um sádico descontrolado e sem limite algum, que se aproveita da ingenuidade de mulheres como você para desfrutar de seus nauseantes prazeres!

– Ele me disse que era um sádico, não escondeu isso de mim, Richard.

– Sério que ele disse? A que ponto chega a cara de pau desse merda! Ethel, entenda uma coisa, no mundo BDSM existem sádicos, assim como os masoquistas, porém, tudo é feito de forma consensual e principalmente, segura! Gostar de infligir ou experimentar a dor, não é nada demais, contando que seja uma escolha de ambas as partes envolvidas.

– E como você conhece tão bem esse mundo? – O questiono, sem querer acreditar que Richard faz parte de algo tão sujo e obscuro.

– Isso não vem ao caso, apenas acredite, eu conheço, e conheço muito bem! Domenico não é um cara no qual se pode confiar.

– Tudo que eu e Domenico fizemos foi consensual, Richard.

– Como pode falar de consensualidade? Você conhecia esse mundo? Fazia ideia do que realmente o envolvia? Sempre foi uma submissa?

Seus olhos me engolem enquanto ele espera impaciente por minha resposta. Queria conseguir mentir, dizer que sempre fui uma submissa e já cansei de viver experiências como as que estou vivendo com Domenico, mas não consigo, não para Richard, dono de uma honestidade tão simples que beira o libertadora!

– Não, mas Domenico me explicou, não sou uma pessoa inocente a qual se deixa levar por psicopatas babacas!

– Ethel, apenas me responda com honestidade.

– Estou sendo honesta, Richard! – Começando a ficar irritada por mais uma pessoa me achar fraca ao ponto de ser influenciada ao ponto de me entregar a dor, cruzo os braços, encarando os olhos azuis escuros cheios de raiva de Richard.

– Ele bateu em você? – A pergunta direta me faz engasgar.

– Eu acredito que isso seja uma informação que não lhe diga respeito! O que eu e Domenico fizemos não é da sua conta!

– Ethel, apenas compreenda que, em uma relação dominador/submissa, quem tem todo o poder nas mãos é a submissa, não o dominador. Quando esse poder é roubado ou vetado, não importa a explicação ou desculpa que arrumem, vira crime, e como tal, deve ser punido.

– Está dizendo que o fato de eu ter aceito levar uma relação desse tipo com Domenico é crime?

– Não, estou dizendo que a partir do momento que ele exceda os limites da normalidade e daquilo que faz parte das diretrizes seguras, aí sim, se torna um crime.

– Não aconteceu isso... – Falo baixinho.

– Por que será que não consigo acreditar em você? – Olhos brilhantes percorrem meu corpo com uma atenção que me deixa nervosa. Richard parece buscar algum indício das violências cometidas por Domenico, como se tivesse plena certeza dos estragos que ele é capaz de provocar.

– O que você está olhando, Richard? – Questiono a atitude, bastante aborrecida, com uma determinação quase voraz em provar que não sou o ser fraco e incapaz de cuidar de mim como todos vem falando.

– Ethel, apenas me ouça...

– Não, me ouça você, Richard! Não sou mais criança e muito menos fraca e ingênua ao ponto de me deixar levar por qualquer tipo de situação abusiva. Se você e seu cunhado tem algum tipo de pendência, resolvam entre vocês, não me envolva nisso!

– Ele não é meu cunhado! – Um rosnado angustiado escapole da garganta de Richard.

– Que seja, pelo que me disse, em algum momento já o foi. Guarde suas preocupações para sua irmã, ela, tendo sido casada com Domenico, pode melhor do que ninguém esclarecer até que ponto ele é capaz de ir. Com licença, essa conversa realmente está me estressando, vou ao banheiro!

Sem dar a oportunidade de Richard responder, saio praticamente correndo em direção ao interior da mansão, com um turbilhão louco dominando meus pensamentos. Richard, assim como Clarisse, considera Domenico um criminoso, que machuca e abusa de mulheres por puro prazer. Duas opiniões

idênticas e eu continuo ofuscada pela cegueira sem limites que minha paixão por Domenico provoca?

Tentando controlar as lágrimas, vejo um corredor e me enfio nele, buscando pela segurança de um banheiro, onde possa colocar para fora toda a tensão que estou vivendo. Minha cabeça lateja e minha boca está seca, denunciando o tamanho do meu estresse e nervoso. Preciso de um tempo, preciso sumir, preciso me afastar de toda essa merda.

Mãos fortes agarram com urgência meu corpo, colando-o na parede. Meus braços erguidos acima da minha cabeça, são seguros por punhos de ferro e meu pescoço é enlaçado por dedos longos, macios e ao mesmo tempo brutais. Perco a respiração por milésimos de segundo, até que enfim, a pressão é aliviada.

– Que...Porra...Você...Pensa...Que...Está...Fazendo?

Cada palavra é intercalada com um beijo em meus lábios. Na última, uma mordida seca e dolorosa é depositada, me fazendo sentir o gosto metálico do meu próprio sangue. O corpo musculoso de Domenico me prende contra a parede e consigo sentir o tamanho da sua vontade roçando sem um pinga de pudor contra mim.

– Domenico... – Tento falar, mas o sorriso torto e a leve pressão que ele volta a fazer em meu pescoço, me fazem calar.

– Me diga, doce Ethel, de quem você é? – A voz baixa e rouca arrepiava minha alma. Abusivo ou não, meu corpo não obedece a razão, e se entrega luxurioso a brutalidade sem limites de Domenico.

– Sua... – Lamento, enquanto vejo seus dentes brilharem diante do escancarado sorriso que dá.

– Que bom que se lembra disso.

– Eu jamais poderia esquecer, Domenico. – O encaro, fazendo força com os braços para me soltar.

– Eu jamais deixaria que esquecesse, doce Ethel! – E seus lábios se colam aos meus.

É um beijo absorvente, duro, intenso. Sua língua explora cada canto meu, como se quisesse realmente deixar claro que tudo ali é única e exclusivamente dele. Sem fôlego por tamanho ímpeto, correspondo, me entregando de uma vez a sua lasciva poderosa, que me remete ao lado mais escuro da minha existência.

Assim como começou, tudo também terminou. Domenico solta meus braços e afasta seu corpo de mim, provocando na mesma hora aquela sensação dolorosa de vazio intenso. Por algum tempo ele me observa, até que seu polegar desliza pelo meu lábio inferior com delicadeza, me fazendo sentir uma leve

pontada de dor.

– Não vamos querer que saia por aí sangrando, não é mesmo? – Ele fala, enquanto leva o dedo a sua boca e o chupa, com um prazer que me faz apertar as coxas, já meladas diante do prazer que sinto apenas ao olhar para esse homem.

– Em uma hora. – Ele volta a falar e franzo as sobrancelhas sem compreender.

– Em uma hora? – Pergunto.

– Meu motorista irá pegá-la em uma hora. Esteja em casa, caso não aconteça, vou te caçar e garanto, mocinha, não será nem um pouco legal para você!

– Eu não posso! Estou com Richard, que desculpa vou dar para sair as pressas? – Incrédula, vejo-o se afastar, apenas um breve dar de ombros acusa que ouviu o meu protesto.

– Isso não é um problema meu, doce Ethel. Apenas obedeça! – Não se dando ao trabalho de se virar, ele desaparece na penumbra do corredor, me largando na mais perfeita merda do universo!

Corri para a segurança do banheiro, pensando em minhas opções. Posso simplesmente ignorar o que Domenico falou e continuar agindo como se absolutamente nada tivesse acontecido, seria o mais sensato. Mas, por outro lado, não posso e não consigo ignorar o frisson que se espalha por meu corpo, implorando para que o obedeça.

Passo um lenço umedecido no rosto, tentando a todo custo não estragar a maquiagem que Clarisse fez com tanto carinho e molho minha nuca, observando a imagem pálida refletida no espelho. No que afinal me tornei? Um capacho humano que sente prazer em ser maltratada por um homem completamente sem limites?

Balançando a cabeça, tento dispersar a sensação de estar errada, buscando em vão, argumentos lógicos para não me livrar do ciclo vicioso em que eu mesma me enfiei. A dependência física que Domenico me causa chega a ser aterrorizante e em alguns momentos, me pego imaginando que tipo de mulher é capaz de aceitar tamanho aviltamento físico e emocional.

Quão intensamente posso entender como um sonho de liberdade as excruciantes torturas que Domenico me submete? Talvez esteja perturbada demais para conseguir raciocinar direito, ou talvez seja sim uma merda de uma submissa, e esse meu lado imbecil esteja sobrepujando minha coerência, me tornando escrava daquilo de mais impudico que existe.

Decidida, saio do banheiro. Vou simplesmente ignorar a ordem de Domenico. Preciso dar um rumo para minha vida e se para isso necessito

enfrentar a fúria mortal e dominante do sádico, assim o farei. Com os olhos, busco por Richard, que assim que me avista, caminha charmosamente em minha direção.

– Fique preocupado. – Ele fala, me segurando pela cintura com ambas as mãos e repousando seus lábios em minha testa.

– Eu só fui ao banheiro. – Expliquei, me afogando no remorso de ter sido tão abrasiva com alguém sempre tão gentil quanto Richard Mitchell.

– Não quero que se assuste ou se afaste diante de tudo que falei, Ethel.

– Um lampejo de angustia invade a linda expressão de Richard, e não contengo a vontade de passar meus dedos pelo seu rosto impecavelmente barbeado.

– Não me assustei. Como você, gosto de honestidade.

– Então estou com saldo negativo com você, uma vez que não contei o que deveria desde o início.

– Realmente seria ótimo, depois do banho de chocolate quente, você estenderia sua mão e se apresentaria: Olá, sou Richard Mitchell, o fodão das telecomunicações que entende tudo de BDSM. Posso por acaso chicoteá-la? – Aquele sorriso gostoso, que chega ao olhos, invade o rosto de Richard, que me puxa de encontro ao seu corpo, encostando seu nariz em minha testa.

– A última coisa que quero fazer é chicoteá-la, Srta. Chocolate. – Ele murmura, aumentando seu contato e me fazendo sentir o quanto está excitado.

– E qual seria a primeira coisa que gostaria de fazer? – Provoco, erguendo meus braços e circulando seu pescoço, enterrando meus dedos em seu farto cabelo negro.

– Quero te receber como meu mais valioso presente, Ethel.

– Um presente?

– Sim minha linda. Um presente frágil e insuportavelmente necessário.

– Richard... – Suspiro ao ouvir suas palavras e sentir seu nariz deslizar pelo meu rosto.

– Quero cuidar de você, te proteger. – Ele fala, a boca muito próxima a minha e meu corpo treme, dessa vez de puro deleite. O hálito adocicado, temperado com uma pitadinha de álcool de Richard, me eleva as nuvens, me fazendo esquecer toda a bagunça que está a minha vida.

– E como pretende fazer isso? – O provoco, colando meu corpo ainda mais no dele, fazendo-o soltar um gemido rouco e sensual para caralho.

– Te dando o meu mundo, Srta. Chocolate. Um mundo de amor, prazer e se você quiser, mas só se quiser, um pouquinho de dor.

– Um pouquinho de dor? – O encaro, tentando assimilar sua colocação.

Tudo bem, já entendi que Richard saca, e muito, do mundo de

Domenico, inclusive confessou que frequentava as mesmas boates. Mas praticar? Não, loucura pensar isso. A postura que Richard impõe contradiz toda a existência de um dominador. Pelo menos o que conheço.

– Sim, só um pouquinho...

Ele me dá aquele sorriso delicioso de esfinge, que faz seu rosto reluzir e meu lado bobo do cérebro se dá conta de que ele está apenas brincando comigo... Ou não! Mas, todo e qualquer pensamento foi deixado de lado ao ver seu rosto se aproximar do meu de maneira sugestiva. Seus lábios entreabertos e carnudos praticamente colados aos meus, em um convite explícito para que eu os devore!

– Richard! – Me rendendo completamente, busco por seus lábios, que recebem os meus com uma ternura e cuidado surpreendentes.

Nesse exato momento, “*Angel*” lindamente interpretada por “*Shaggy*” ecoa por todo o salão e vários outros casais de juntam ao nosso redor, dançando ao som da suave melodia. Sorrimos um para o outro, nos permitindo embalar pela música e lembrando do telefonema de hoje mais cedo e do quanto coincidências podem ser agradáveis e surpreendentes.

– Muito bem crianças, chegou a tão esperada hora! – A voz da matriarca da família Fox interrompe nosso momento e nos afastando um pouco, viramos em direção ao pequeno palco colocado em uma das extremidades do salão.

– Hora de que? – Pergunto a Richard, sem entender absolutamente nada do que está acontecendo.

– É uma tradição das festas de Margareth, a troca de casais.

– Troca de casais? – pergunto assustada.

– Se acalme, Srta. Chocolate, na vou deixar que a tirem de mim tão fácil assim. É apenas uma brincadeira, segundo Margareth, serve para que todos os convidados interajam e se conheçam.

– Acontece que não estou a fim de interagir com ninguém! – Falo, já imaginando a remota possibilidade de Domenico aparecer e me arrancar dos braços de Richard. Teria eu, energia o suficiente para não sucumbir a força irrefreável que ele exerce sobre mim?

– É apenas uma brincadeira, Ethel. Mas se não quiser participar, saímos de fininho agora mesmo da pista. – Acariciando meu rosto, ele me acalma, deixando claro que minhas vontades são o que valem para ele e que jamais me forçaria a nada.

– Eu acho que não quero participar... – Antes que eu terminasse a frase, Margareth já se encontrava agarrada ao braço de Richard, arrancando-o de mim sem um pinga de constrangimento.

Parada como uma estátua de sal, vi a matriarca Fox iniciar uma dança sensual demais para sua idade com Richard. Honestamente não sei se fico puta ou começo a rir. A segunda opção foi a mais viável, principalmente depois de ver a cara forçadamente assustada de Richard, que silenciosamente, pede socorro com os lábios.

Dou um imenso pulo de susto quando mãos fortes aderem a minha cintura. A energia não é igual, mas se assemelha, e muito, a que Domenico é capaz de passar para mim. Me viro, quase em câmera lenta e me deparo com um homem na casa dos setenta anos, belíssimo e com um sorriso simpático nos lábios.

– Parece que sobramos. – O tom divertido não disfarça a semelhança com a voz de Domenico.

– Pois é... – Falo sem graça, aceitando sua mão e iniciando uma dança formal com aquele que acho ser o pai de Domenico.

– Posso saber o nome do meu belíssimo par?

– Sou Ethel, Ethel Lisa Willians. – Me apresento, sendo contagiada pela simpatia do homem.

– É um prazer, Ethel Lisa. Sou Robert Aron Fox. O babaca que paga por todo esse circo. – Ele revira os olhos e faz uma cara para lá de engraçada. Gargalhei alto, chamando a atenção de Richard, que não tira seus olhos de mim por um momento sequer.

– Não é um circo. A festa está bem bonita e de muito bom gosto.

– O que não deixa de ser um circo, luxuoso e cheio de pompa, mas, ainda sim, um circo! – Ele rodopia comigo na pista e sinto meus cabelos baterem em alguém. Sorrindo com a displicência do anfitrião, me viro a fim de me desculpar e meu coração perde um compasso.

– Ora, se não é a jovem e doce Ethel Lisa. Acho que está na hora de trocarmos de par, “*papai*”. – O toque debochado com que Domenico profere a palavra papai não passa despercebido, nem por mim e nem pelo Sr. Fox, que parece fechar a cara instantaneamente.

– Infelizmente essas são as regras. – Robert Fox fala, se afastando e beijando educadamente os nós de meus dedos.

Uma Susanna nada satisfeita força um sorriso, o que deixa seu semblante assustador. Posso estar enganada, mas tenho certeza que se ela pudesse, voaria por cima de mim e me arrancaria cada fio de cabelo existente em minha cabeça, um a um, bem dolorosamente.

– Nos encontramos de novo, doce Ethel. – Domenico sussurra, muito próximo ao meu ouvido e me liquefaço. Como pode um homem causar esse tipo de reação apenas com poucas e tão indiferentes palavras?

– Domenico, por favor... Não acho conveniente dançarmos juntos. Susanna não me parece nem um pouco satisfeita com isso.

– Que ela se foda. – Dessa vez o tom foi rude e com um dos braços, ele força o contato entre nossos corpos, serpenteando de maneira sensual seu quadril de encontro ao meu.

– Pare com isso Domenico. Estamos no meio de um salão, com inúmeras pessoas.

– Isso nunca foi um problema para você, doce Ethel.

– É o aniversário de sua mãe, respeite ao menos isso. – Tento me afastar e ele me puxa ainda mais, segurando minha nuca com sua mão livre.

– Uma vadia fútil que só pensa nela mesma. Acho que você ainda tem muito que saber a respeito da aparentemente feliz e perfeita família Fox.

Aproximando seu rosto do meu, fica óbvio que Domenico já consumiu uma quantidade excessiva de álcool. Ele impõe mais força na mão que agarra minha nuca e solto um gemido, metade de pura excitação e a outra de pânico completo. Nervosa e preocupada, tento manter o controle da situação. Se Domenico já é volátil e bastante perigoso sóbrio, o que dirá embriagado!

– Eu acredito que tenha se excedido na bebida, Domenico.

Digo baixinho, tentando suavizar o máximo que consigo o tom da minha voz. Sorrio e olhos azuis embaçados se grudam aos meus. Conheço o potencial destrutivo dele e nada e nem ninguém seriam capazes de estacá-lo. Nesse estado, Domenico Fox é um estopim prestes a ser deflagrado.

– E eu acredito que está com medo de mim, Srta. Willians. – A voz embargada, mas ainda assim sensual, parece tropeçar nas palavras.

– Não estou com medo, estou preocupada com você. Acho que bebeu demais e que não sabe o que está fazendo. Que tal irmos até o bar e pedirmos uma dose dupla, dessa vez de água bem gelada? – A quem enganei? Estou praticamente petrificada de tanto medo e fico aqui, fazendo a complacente com um sádico, que se pudesse, me espancaria aqui mesmo, na frente de todos, apenas para saciar seu próprio e doentio prazer.

– Preocupada comigo? Ou estaria preocupada com o que posso vir a fazer com seu novo amiguinho? – Sim, agora entrei em pânico.

– Você não faria nada com Richard. – Balbucio, engasgando com o nó que se forma em meu peito, arrancando aquele sorriso maldoso dos perfeitos lábios de Domenico.

– Bem-vinda mais uma vez ao covil do lobo, doce menina! Te peguei Srta. Willians!

CAPÍTULO OITO



Foi extremamente súbito. Em um minuto estávamos na pista de dança em meio aos convidados e no outro, Domenico já tinha me levado para outra ala da casa, interdita para os demais convidados. Tentei indagar o que estava fazendo, mas em um transe, talvez causado pelo álcool, ele simplesmente ignorou todas as minhas lamentações.

Diante da escada, estanco, hesitando em acompanhá-lo e isso foi o suficiente para que Domenico se tornasse invasivo e até um pouco hostil. Fui praticamente arrastada a força escadaria acima, sem condições de emitir um único som diante do terror que se libera por todos os meus poros. Um pensamento louco passa por minha mente. E se ele realmente me machucar? E se ninguém der a minha falta? O que de fato Domenico Fox pode ser capaz de fazer comigo?

Segurando firmemente um dos meus braços, Domenico abre a porta de um dos quartos. Assustada, tento manter minhas pernas firmes, mas com uma força quase desumana ele me arremessa de encontro ao chão e ali eu fico, de joelhos, as mãos espalmadas no carpete fofo, completamente desesperada, mas sem conseguir negar a excitação que começa a se formar entre as minhas coxas.

Escuto-o trancar a porta e sua respiração alterada, ocupa o silêncio, que mais parece um vácuo, dominando todo o cômodo. Minha pulsação ecoa em meus ouvidos e nesse momento me culpo, por sentir tanto prazer diante dos descomedimentos brutais de Domenico. Lágrimas pesadas escorrem por minhas bochechas e me sinto uma merda de mulher. Subjugada, usada, humilhada e a mercê das vontades soberanas de um homem que se julga meu dono.

– Sente-se na cama. – Ele ordena, mas não tenho nem forças e muito menos coragem para obedecer.

Permaneço ali, de quatro, jogada por sobre o carpete. Passos impacientes ecoam em minha direção, a mão poderosa e agressiva de Domenico se enrola em meus cabelos, me puxando com eficácia exagerada para cima. Um grito de dor escapa pelos meus lábios, mas nem assim ele alivia.

Me trazendo pelos cabelos como um homem das cavernas, ele me joga

de encontro a cabeceira da cama, ajeitando uma cadeira e se sentando de frente para mim, cruzando as pernas e acendendo um cigarro, como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo.

A posição o deixa perfeito. O conjunto sexy de sua beleza, o smoking e o cigarro, conseguem transformá-lo em um deus grego. Sim, Domenico Fox é mitologicamente lindo, e eu, escrotamente maluca, por estar admirando o homem que tenho certeza, está louco para me castigar e punir sem um pinga de dó ou piedade.

– Vamos conversar, doce Ethel. – A voz rouca soa como um sussurro em meio as longas tragadas que dá no cigarro.

– Não quero conversar, Domenico. Quero sair daqui!

Falo baixo, sabendo que qualquer reação abrupta da minha parte pode deixá-lo ainda mais cego em meio a sua fúria, mas a verdade é que não tenho certeza se quero sair. Metade de mim está morrendo de medo, já a outra, está louca para pular em seu colo e pedir que me bata até gozar.

– Me escutou perguntar o que você quer? – Estremeço com o tom seco e me encolho em meio aos travesseiros que suavizaram minha queda.

– Responda, Ethel! – ele grita e me arrepio inteira.

Aperto as coxas e lamento baixinho, já me contorcendo de puro tesão. Como posso ser tão permissiva? Onde está minha força de vontade, meu amor próprio? Claro que se Clarisse estivesse aqui, diria que Domenico é um abusador, um criminoso, um homem monstruoso que merece estar atrás das grades! Por que então apenas eu não enxergo isso?

– Não... – sussurro.

– Não o que? – Ele ergue uma das sobrancelhas e dá uma longa tragada no cigarro. Puta merda, a cena parece a de um filme erótico, impossível não me excitar ainda mais. E eu que nem sabia que ele fumava!

– Não, Senhor. – Assim que respondi sua fisionomia se suavizou. De satânico a quase apaixonado.

Esticando o braço, ele apaga o cigarro sobre a mesa que orna o canto do belíssimo sofá de veludo branco, sem se importar nem um pouco com o fato da peça parecer valer uma pequena fortuna. Se levantando ele empurra a cadeira e caminha suave até a cama, esticando o braço e me oferecendo sua mão.

– Vem aqui, Ethel. – De agressivo ao amoroso.

Como entender esse homem e pior, como entender as minhas reações diante dele? Um simples mudar no tom da sua voz já é o suficiente para que me sinta amada e protegida e faz com que me sinta diluída de tanto desejo por ele. Aceito a mão que ele me estende e delicadamente sou puxada em sua direção.

Ajoelhada na cama, me vejo frente a frente com meu algoz e lágrimas

voltam a rolar pelo meu rosto, provavelmente desfazendo por completo a cuidadosa maquiagem executada por Clarisse. Dedos delicados alisam minhas bochechas e os lábios de Domenico de aproximam, beijando cada lágrima que escorre, como que em um pedido silencioso de desculpas.

Entregue e mais uma vez me permitindo ser dominada pela força sobre-humana que ele exerce, cedo ao seu carinho, erguendo meus braços e tocando seus ombros. Um forte tapa no meu rosto quase me faz cair. Assustada o encaro, levando a mão a pele que arde depois da brutalidade do contato.

– Deixei você me tocar? – Ele fala, roçando os lábios em meu pescoço, puxando minha mão para baixo e me beijando de leve.

Mais uma vez ele resvala minha pele com suavidade, seus lábios exploram cada pedacinho de mim, secando toda a unidade que as lágrimas, que ainda brotam, deixam. Uma de suas mãos se perde no farto recorte do vestido em minha perna, alisando minha coxa e atingindo em cheio meu sexo.

Dedos lentos e macios me invadem. Gemo diante do contato, jogando minha cabeça para trás. Domenico enfia seus dedos com delicadeza, acariciando aquele ponto que ele conhece bem e sabe o quanto me leva a loucura. Todo o meu corpo treme, meu ventre se contrai e sei que se ele continuar a fazer a deliciosa massagem, não vou conseguir aguentar.

Prestes a gozar, levo meus braços ao seu pescoço, acariciando sua barba e entrelaçando meus dedos em seus cabelos. Mais um tapa me atinge, dessa vez a dor foi colossal, meu rosto foi arremessado para o lado e sem saber o que fiz de errado dessa vez, estanco, ainda agarrada em seu corpo.

Outro tapa se seguiu junto a uma estocada dolorosa e profunda em meu sexo. Um terceiro dedo se juntou aos dois que já faziam sua devastação sexual e eu gritei. Gritei alto e me agarrei com ainda mais força em seus cabelos. Outros dois tapas se seguiram e isso foi o limite daquilo que poderia aguentar.

– Desobediente como sempre, não é mesmo, doce Ethel?

– Domenico... – Não terminei de falar e um último tapa foi desferido. Cai sobre a colcha caríssima e pude ver um pontinho de sangue marcando o branco quase asséptico da roupa de cama.

– Quando eu falar para não me tocar o que você deve fazer, Ethel? – ele pergunta, se abaixando e falando muito próximo a mim. Meus cabelos desarrumados e suados, cobrem meu rosto e não consigo ver sua expressão.

– Não devo tocá-lo... – Respondo em meio a um soluço.

Não tive tempo de falar mais nada. Domenico me segurou pelo braço e me tirou da cama. Trôpega, tentei acompanhar seus passos, cambaleando em minhas próprias pernas. Me virando, ele me coloca de frente para a parede, abrindo com cuidado o pequeno zíper do vestido, baixando as finas alças e me

despindo.

Algun tempo se passou até que ele voltasse a se aproximar. Estou aqui, de pé, apenas de calcinha, virada para a parede, sem fazer a menor ideia do que ainda está por vir. Um movimento me chama atenção. Assustada, escuto um leve tilintar, que parece ser causado propositalmente e cada vez fica mais alto e sincronizado.

Reteso o corpo e me dou conta do que é. Um cinto! Apavorada tento me virar, mas sou contida pelo corpo pesado e musculoso que se joga contra o meu, me espremendo de encontro a parede. Com os polegares, ele empurra minha calcinha para abaixo e instintivamente, acabo pulando para fora do arco que ela forma em meus pés.

Com um dos pés, Domenico afasta minhas pernas, puxando meu quadril em sua direção, me obrigando a espalmar as mãos contra a parede a fim de manter o equilíbrio. Mais uma vez ele se afasta e só ouço sua respiração, que junto a minha, formam uma sinfonia melodiosa, acelerada e compassada.

– Empine a bunda, doce Ethel. – Rouco, ele fala de longe, como se estive admirando a posição humilhante a qual me encontro.

Processando suas palavras, demorei um tempo para atender sua ordem e um tapa forte, ardido e aderente em minha bunda me fez voltar a realidade. Obedeci, me dando conta que deixei de ser alguém para me tornar exclusivamente um objeto de prazer de Domenico, seu brinquedinho particular, que ele usa e abusa a hora que bem entende, mas a merda toda é: Não me importo com isso, eu gosto, eu quero, eu preciso!

– Muito bem, boa menina. Gosto quando você obedece, Ethel.

– Domenico, por favor... – Imploro, sentindo o gelado da fivela do seu cinto roçar a pele da minha bunda.

– Se acalme, Ethel. Serei bonzinho com você hoje. Nada de fivelas!

Não tive tempo para reagir. O couro do cinto atacou pela primeira vez com fúria a pele da minha bunda. Gritei quando senti outro golpe no mesmo lugar, recuando meu corpo de encontro a parede. Um tapa, bem em cima das prováveis marcas já formadas, foi o suficiente para que voltasse a posição original e simplesmente esperasse por mais da sua crueldade.

Domenico me bateu, me bateu muito. As cintadas eram duras e fortes e não estancavam nunca. Parei de contar na décima, pois minha mente não conseguia processar nada mais além da dor impermeável que estava sentindo. A surra se seguiu, era uma mistura de tapas fortes e cintadas cruéis, uma atrás da outra e mesmo diante das minhas lágrimas, ele não diminuiu seu ímpeto.

– Domenico, pare! – Gritei quando o couro já quente diante de tamanho abuso, atingiu minhas pernas.

– Diga a palavra. – Ele rosna, me golpeando mais uma vez as pernas.

– Não vou falar porra de palavra nenhum! Pare, apenas pare! – Um soluço alto escapou pela minha garganta e me engasguei em minha própria falta de orgulho e humilhação.

Incrivelmente as agressões cessaram. Como em uma cena em câmera lenta, ouço o cinto cair do chão. Domenico não me toca, fica apenas ali, provavelmente parado atrás de mim, me vendo perder entre fartos, altos e desesperados soluços. Todo o meu corpo dói, minha alma se rasga e minha carne, se dilacera. Como pude me permitir chegar tão no fundo do poço?

– Ethel? – A voz embargada chama pelo meu nome.

Sem pensar no que estava fazendo me virei e esbofetei o lindo rosto de Domenico com toda a força que consegui, me encolhendo imediatamente e fechando os olhos, já a espera de sua represaria, o que surpreendentemente, não aconteceu. Abri os olhos depois de alguns segundo e me deparei com olhos azuis profundos e confusos me encarando.

Braços carinhosos me enlaçam e ele me beija. Um beijo carinhoso, apaixonado, cheio de amor. suas mãos percorrem meu corpo, reconhecendo cada pedacinho de pele, com um cuidado que beira a reverência, como ele jamais havia feito antes. Virando meu corpo, ele me deita delicadamente na cama, sem interromper nosso beijo.

Atolada em uma avalanche de lágrimas, me permito ser mais uma vez seduzida e me agarro ao corpo musculoso, vestido apenas com a calça e a blusa branca do seu lindo smoking. Se ajoelhando na cama, uma perna de cada lado do meu corpo, ele se encarrega de arrancar a blusa, voltando a atacar meu lábios.

Vez ou outra, ele sussurra meu nome. Carinhos em meio a gemidos despontam em uma cena única, que jamais achei que Domenico fosse capaz de protagonizar. Suas mãos buscam as minhas diante da minha hesitação em tocá-lo. Ele espalma ambas as minhas mãos em seu peito musculoso, implorando pelo meu toque.

Não pude resistir a tamanho apelo emocional. Pela primeira vez me vi perdida e livre no corpo perfeito de Domenico. Cada pedacinho do seu tórax e abdômen ganharam minha atenção. Distribui pequenos beijos e mordidas, o vendo completamente entregue ao prazer que eu estava proporcionando.

Escorreguei as mãos para o cós da sua calça, procurando a frita pelo botão. Assim que consegui cumprir a tarefa, libertei sua imensa ereção, acariciando-a de leve, me dedicando ao trabalho, sentindo o estremecer de cada músculo de Domenico, que geme palavras que não compreendo e me encara, com algo que poderia caracterizar como pura paixão.

Erguendo minha perna pela junção entre a coxa e o joelho, ele se

encaixou lentamente em mim. A penetração foi vagarosa, me fazendo sentir cada milímetro de sua imensa potência. Assim que alcançou toda a minha profundidade ele estancou. Erguendo seu corpo pelos braços, ficou assim, por algo que poderia considerar uma deliciosa eternidade.

Seu pau latejava dentro da minha carne e eu, o sugava, querendo cada vez mais do prazer exclusivo que Domenico é capaz de me proporcionar. Me encarando, ele inicia movimentos cadenciados, ritmados, densos e calmos. E foi assim que atingimos um orgasmo ímpar, juntos, no mesmo instante. Foi simplesmente uma explosão pirotécnica de dimensões imensuráveis.

Domenico gritou pelo meu nome, se aprofundando em meu pescoço, se perdendo em minha pele e cabelos. Sim, depois de me torturar, machucar e provocar o limite daquilo que eu poderia aguentar, fizemos amor. Um amor só nosso, que aperta ainda mais o elo da corrente álgida que une nossas almas, aumentando em doses potencialmente perigosas minha dependência física e emocional por esse homem!

Essa noite foi apenas o início do meu maior e mais excruciante martírio. Minha insatisfação com meu passado conturbado e com todos os traumas que vivi, me aprisionaram na mais perigosa das cercas. Minha carreira, meu futuro promissor, tudo foi deixado de lado. Sou uma submissa e é isso que quero para mim.

Mesmo contradizendo a todos que me mandam tomar cuidado, sei que Domenico Fox é o homem em quem posso confiar e me entregar sem reservas. Deleti as palavras de Clarisse e Richard a respeito de toda a minha inexperiência e ingenuidade e me permiti ser conduzida diretamente para um pesadelo sem fim, de onde não conseguia, mesmo que tentasse despertar.

Desse instante em diante, sei que Domenico é o único homem capaz de me salvar do meu inferno astral pessoal, cicatrizar minhas feridas e me mostrar com clareza os prazeres intensos da submissão plena. Ele me dará tudo que eu sempre sonhei, a liberdade dos meus atos, a remissão das minhas dores e aquilo que desejei fervorosamente desde o dia em que o conheci: Seu coração!

O tempo passou e permanecemos com os corpos colados, desafiando a lei da física. Domenico acaricia meus cabelos e vez ou outra, os beija. Nenhuma palavra foi dita até então, mas o silêncio que nos consome é leve, delicado, e bastante confortável.

– Por que não usou sua “*SafeWord*”, Ethel? – Domenico é o primeiro a falar.

– Eu não sei. – Digo a mais pura verdade. Não sei porque na usei a porra da palavra. Talvez eu não quisesse usar ou talvez estivesse apavorada demais para fazê-lo.

– Eu já falei que preciso confiar em você, Ethel! Como posso se não conheço seus limites?

– Eu pedi para que parasse. – Lamento, me aconchegando ainda mais ao seu corpo quente, que aceita como nunca o tinha feito antes esse contato mais íntimo.

– E eu parei, na mesma hora. Acontece que é para isso que existe uma palavra de segurança, você precisa confiar em mim e aprender a falá-la.

– Você me machucou, Domenico. – Reclamo, sentindo os efeitos da surra ao tentar me afastar para encará-lo.

– Você precisava ser castigada. Entender como as coisas funcionam é fundamental para que esse tipo de relação dê certo, Ethel. – O tom de voz, antes carinhoso, volta a se tornar distante e indiferente.

Me afastando, ele se levanta, buscando por sua blusa e começando a se vestir. Incrédula com a mudança brusca de comportamento, fico parada, sem saber ao certo o que devo fazer. Talvez por pura proteção, puxei a colcha branca que cobre a cama e nessa hora meus olhos se deparam com a pequena mancha de sangue causada por um dos seus tapas.

– Toda vez que eu fizer algo que não goste vai me surrar? – Me sentando na cama, tomo coragem para falar.

– Castigar é a palavra certa, e sim, toda vez que fizer algo que seja errado ou desagrade será castigada.

– E como posso saber o que te agrada ou não Domenico? Eu mal o conheço! Não é justo que apanhe sempre que estiver irritado ou alterado por causa de uns drinques a mais!

– Não estava alterado por causa de uns drinques a mais. Você é minha Ethel e permitiu que outro homem a tocasse!

– E você está trepando com outra mulher! Isso me dá o direito de surrá-lo?

– Não sou um submisso. – Ele me encara, acho que louco para me dar outra surra.

– E não sou sua dona, não é mesmo? – Aguento a força inacreditável do seu olhar e pela primeira vez, é ele quem desvia, desfazendo nosso contato.

– Responda, Domenico! – Grito, beirando o descontrole.

– Se recomponha, Ethel. Vista suas roupas e volte para a festa. – Acabando de se arrumar, Domenico ajeita a gravata borboleta com imensa perícia, sem se dar ao trabalho de olhar para mim.

– Festa? E você acha que tenho condições de voltar para a festa?

– Apenas se ajeite e saia do quarto, Ethel!

Ele não aguardou por minha resposta. Destrancando a porta do quarto,

simplesmente saiu, me largando ali, sozinha, impotente e completamente entregue a um milhão de dúvidas impostas por mim mesma, uma vez que tenho discernimento o suficiente para sair dessa situação, mas, de maneira surpreendente, me prendo ainda mais, como se necessitasse disso para sobreviver.

Um pranto incontável me invadiu. Soluços altos escapam por minha garganta, e me afundo nos travesseiros, sabendo o quão minha aparência deve estar decadente nesse instante. Domenico não me castigou apenas fisicamente, ele destruiu o pouco de auto estima que Clarisse com seus cuidados e Richard, com o belo vestido, conseguiram difundir em mim.

Um clique na maçaneta e me encolho, agarrada aos lençóis, apavorada com a possibilidade de ser pega em uma situação tão deprimente por quem quer que seja. Tampo a boca, buscando diminuir a intensidade dos meus soluços e quem sabe assim, passar despercebida na penumbra do quarto.

Uma mulher, de no máximo trinta anos, vestida em um belíssimo vestido negro todo em paetês adentra o recinto. Sua postura esguia e os passos firmes me intimidam ainda mais. Quem quer que seja, deve fazer parte do mundo grã-fino e cheio de poder de Domenico e sua família. Não consigo ver seu rosto. Apenas o cabelo acobreado, muito bem penteado, jogado por sobre um dos ombros se faz presente diante da tênue luminosidade que penetra pela imensa janela.

Rezando silenciosamente para que a desconhecida se vá sem maiores investigações, deixo escapar um soluço débil e isso a faz virar o rosto imediatamente em direção a imensa cama na qual estou encolhida como um ratinho apavorado, envergonha pelo estado em que me encontro.

Voltando em direção a porta, ela aciona o interruptor e a luz que parte de imensos lustres de cristal dependurados no teto, ofuscam minha visão, me fazendo cobrir o rosto com o tecido fino, que ainda contém o cheiro deliciosos e amadeirado do perfume de Domenico.

– Posso saber o que está fazendo na minha cama? – A voz aguda e com uma pitada de frieza me arreia dos pés a cabeça.

O que falar? Como explicar o fato de estar completamente nua, descabela e borrada de maquiagem na cama, que agora descubro ser dessa mulher? Lentamente, exponho o rosto e encaro olhos azuis cintilantes, que estão mais para curiosos do que furiosos propriamente.

– Desculpe-me. Eu... – Erguendo uma das mãos, que exibe um diamante de proporções estratosféricas, ela me faz calar.

– Você não é a acompanhante de Richard? – Um vinco desenha a testa da belíssima mulher, que desvia os olhos de mim e percorre o quarto, sorrindo ao

ver meu vestido e calcinha jogados no chão.

– O danadinho não perde mesmo tempo. Onde ele está? Não vai me dizer que te largou aqui sozinha? A propósito, sou Elise Fox, a dona desse quarto. Bom, pelo menos eu era, antes de casar e quando ainda costumava passar os verões por aqui.

– Sou Ethel... Ethel Lisa Willians. – Controlando o choro e tentando colocar uma força que não sei de onde tirar em minha voz, respondo. Fracasso total. Imediatamente olhos de lince se grudam em mim e a mulher, que pelo sobrenome e também semelhança física, fica claro ser irmã de Domenico, se aproxima da cama, observando atentamente o caos que deve estar meu rosto.

– Ei, o que aconteceu aqui? – Ela pergunta, parecendo verdadeiramente preocupada e se sentando na beirada do colchão.

– Nada. Me desculpe por invadir seu quarto. – Falo bem baixinho.

Meus olhos na mesma hora se deparam com as três gotinhas de sangue que escaparam de meus lábios durante a sessão de tortura a qual fui submetida. Parecendo ler meus pensamentos, Elise também desvia os dela, ficando algum tempo analisando o lençol, e quando volta a me olhar, uma expressão furiosa tomou conta do seu belíssimo rosto.

– Você era virgem? – Claro que a pergunta é carregada de ironia.

– Não! Claro que não! – Respondo, talvez me sentindo ofendida por tal questionamento.

– Merda! – Elise Fox se levanta e busca sua bolsa, que deixou na cômoda perto da entrada e pega seu celular.

– O que está fazendo? – Pergunto assustada, me levantando enrolada no lençol com imensa dificuldade diante da dor que percorrer todo o meu corpo, o máximo que consigo, é me sentar, um pouco curvada, talvez mais de vergonha de toda a situação constrangedora que estou vivendo, do que pela dor em si.

– Richard jamais faria isso, meu bem! Só conheço um homem capaz de executar esse tipo de selvajaria, e dessa vez, ele está bem fodido comigo! – Ela bufa, enquanto continua a mexer em seu aparelho celular.

– Por favor, Srta. Fox! – Imploro para que ela não faça nada. Meu deus, a que nível consegui chegar! Estou simplesmente indo contra a alguém que está apenas querendo me ajudar.

– É Brighton... Sra. Brighton. – Resignada, ela esquece por alguns segundos o telefone e volta a se aproximar de mim, se sentando e me convidando silenciosamente para que eu chegue mais próximo a ela.

– Agora me fale, Srta. Willians, o que de fato aconteceu nesse quarto?

– Vamos, Srta. Willians, estou aguardando. – Impaciente, Elise cruza as pernas e se acomoda melhor na cama, como quem espera uma longa história.

– Eu não tenho nada para contar. – Digo baixinho, sem vontade alguma de enfrentar os olhos inquisitórios tão parecidos com os do irmão.

– Tudo bem, achei que seria fácil, mas já que não quer começar, começo eu. O que Domenico fez com você?

– Como sabe que foi Domenico? Você mesma me reconheceu como acompanhante de Richard.

– Richard é um cavalheiro meu bem, por mais que eu admita que ele é um tremendo de um macho alpha e que talvez, também seja admirador de um delicioso sexo violento...

Por alguns instantes seus olhos se perdem e alguma coisa me diz que a vontade de ter certeza daquilo que pensa é bem maior do que a própria Elise quer admitir. Qual mulher em sã consciência não teria nem que fosse uma única fantasia com um homem do nível de Richard Mitchell?

– Dito isso, sei que jamais deixaria uma mulher na cama nas condições em que se encontra. – Ela prossegue, voltando a me olhar.

– Você parece conhecê-lo bem. – Digo, talvez com um pontinha de ciúmes.

O que afinal se passa pela minha cabeça idiota? Sei que estou louca por Domenico, louca ao ponto de cometer o tipo de insanidade que acabei de me permitir cometer, mas não consigo evitar o sentimento de posse por Richard, que grita e me irrita, principalmente quando um mulher do gabarito de Elise Fox demonstra uma intimidade que nem mesma eu tenho com ele.

– Não tanto quanto eu gostaria querida, pode acreditar. Mudando de assunto, se quiser descer e voltar para a festa, vai precisar dar um jeito nessa sua cara. Você está um completo desastre.

– Por favor, Sra. Brighton, será que podemos esquecer tudo que aconteceu nesse quarto? – Imploro, mas alguma coisa me diz que sua preocupação comigo não é lá muito verdadeira, sua real intenção me parece ser o prazer de foder a vida e o juízo do irmão.

– Querida, me escute. Em primeiro lugar, me chame de Elise, Sra. Brighton me faz sentir muito mais velha do que sou e, afinal de contas, estamos tendo uma conversa bem pessoal em uma cama com você inteiramente nua. Formalidade desnecessária, concorda?

– É, acho que você tem razão. – Dou um sorriso débil, e incrivelmente, começo a simpatizar com a irmã de Domenico.

– Vamos por partes, ok?

– Não tenho muito o que falar.

– Meu bem, uma mulher que diz não ter o que falar, provavelmente não é uma mulher! Sempre temos. Me responda, você estava com Domenico,

não estava?

– Sim, estava... – Decido pela honestidade, o flagra já foi estabelecido, de que adiantaria eu tentar tapar o sol com a peneira?

– Vocês estão juntos? – Direta como o irmão, ela pergunta, retirando de sua bolsa lenços umedecidos e me entregando, denunciando o quanto devo estar um verdadeiro estrago.

– Que eu saiba ele está com Susanna Wesley. – Lamento, meu corpo todo se contorcendo no mais absoluto ataque de despeito amoroso.

– Querida, Domenico e Susanna não estão juntos. Meu irmão é o tipo de cara que se diverte com a fragilidade das mulheres, e ela, não se enquadra em nada no perfil ao qual ele está acostumado.

– Então eu me enquadro?

– Me adianto ao pedir desculpas por minha honestidade, mas sim, você se enquadra!

– Parece que a família Fox tem um radar que facilmente detecta fraquezas emocionais nos outros.

– Pode ser que sim, mas o caso não é esse. O caso em questão é, pelo que posso notar, a parada aqui foi bem intensa.

– Nossa parada é sempre intensa, Elise.

– Estou abstraindo esses detalhes, Ethel. Informações sobre a vida sexual de meu irmão nada me interessam e para ser muito honesta, até me assustam! O que eu quero saber é: Ele fez alguma atrocidade com você? – Olhos azuis cristalinos me observam, como se pudesse detectar qualquer intenção minha de não ser verdadeira.

– Atrocidade? – Faço propositalmente a desentendida.

– Sim, meu bem. Atrocidade! O sangue no lençol... Se você não era virgem, suponho que houve algum tipo de violência cometida por meu irmão contra você, estou enganada?

– Por que será que algo me diz que sua preocupação não é necessariamente comigo?

– Nossa! Assim você até me ofende, Ethel! Minha única e exclusiva preocupação é o seu bem-estar! – Teatralmente, ela leva a mão ao peito, parecendo ofendidíssima com minha colocação.

– Pois para mim parece que você está é a fim de descobrir alguma coisa que possa vir a usar contra o seu irmão.

– Isso também seria algo bem promissor, mas o caso aqui é: Não quero que minha mãe suba e se depare com esse tipo de cena. Não hoje! Por isso, não desconfie das minhas boas intenções em ajudá-la, pelo menos não nesse momento.

– Obrigada... – Agradeço baixinho, imaginando o quão constrangedor seria se a matriarca Fox aparecesse no quarto e me encontrasse nua em uma das suas camas.

– Vamos, temos muito trabalho para fazer. A impressão é que um trator passou por cima de você.

Se levantando, Elise estica seus bem cuidados dedos em minha direção, aceito a mão e ainda enrolada no lençol, sigo-a até o banheiro. Uma rápida olhada no espelho e me assusto diante da visão. Olhos borrados, bochecha levemente inchada devido aos tapas desferidos por Domenico e uma palidez quase mórbida.

Observando mais atentamente, tenho a mais surpreendente das constatações. O brilho intenso que carrego no olhar é inegável. Assustadoramente, esse é o maior indício de que gostei! Mais uma vez, gostei de tudo que aconteceu e não pensaria duas vezes antes de repetir.

– Sim, querida, você está um lixo! Aparentemente satisfeita, mas, ainda sim, um verdadeiro lixo! – Um sorriso perfeito desenha o também perfeito rosto de Elise Fox ao me examinar pelo reflexo do espelho.

– Preciso pegar meu vestido...

– Vá dando um jeito no seu rosto, aqui, use o que tem na bolsa, vai quebrar o galho. Vou buscar sua roupa. Deve ter uma escova de cabelos em alguma dessas gavetas e mais alguma coisa que ajude. Já volto.

CAPÍTULO BONUS



E aí meu amigo? – Leonard se senta ao meu lado no bar, onde já devo estar na quinta dose de uísque, sem tirar os olhos da escadaria, por onde Ethel já deveria ter descido a algum tempo.

– Leonard... – O cumprimento, talvez com descaso, o que só aguçou a curiosidade de meu amigo.

– Chateado?

– Estaria mais para preocupado.

– Uau, o todo poderoso Domenico Fox, preocupado? Posso saber o motivo? – Ele desdenha e sou obrigado a sorrir. Bem lá no fundo ele tem razão.

Por que infernos estou preocupado? Talvez porque saiba que extrapolei os limites com a doce Ethel mais uma vez, e sua demora em se recompor e descer, está simplesmente destruindo minha lucidez. Logo eu, o filho da puta que pouco dá qualquer importância a sentimentos femininos.

Do outro lado do bar, uma loira fogosa, a qual já vi algumas vezes nas festas de minha mãe, filha de alguma de suas amigas, tão fúteis quanto ela, parece me engolir com os olhos, disposta a tudo. Isso deveria me excitar, como geralmente acontece, mas hoje não. Tudo parece diferente, o cheiro adocicado e fresco de baunilha que emana de todos os poros de Ethel, impregna meus pensamentos.

– Sua preocupação por acaso tem alguma coisa a ver com a loira sentada a sua frente? – Acompanhando meus olhos, Leonard toma um longo gole de seu copo, logo após ser servido.

– Loiras, ruivas, morenas, baixas, altas... Mulher nenhuma seria capaz de exaltar minha preocupação, Leonard.

– Sério? Nem mesmo a doce Ethel? – O comentário carregado de ironia me faz engoli-lo com os olhos e na mesma hora um sorriso sem graça desenha seus fartos lábios.

– Onde está Susanna?

– Mandeí para casa. – Aperto os olhos ao lembrar o desagrado explícito de Susanna ao comunicá-la que estava dispensando sua companhia assim que ela terminou seu discurso quase histérico após meu desaparecimento.

– Mandou Susanna Wesley para casa? Meu pai santíssimo, estou realmente começado a ficar bem apreensivo com você, Domenico.

– Gosto de mulheres sexualmente ativas, meu amigo, não de bonecas de porcelana.

– Susanna me parece muito mais do que sexualmente ativa, está por acaso precisando de óculos?

– O problema é que você se contenta com muito pouco, Leonard.

– Muito pouco? Aquela mulher é esteticamente perfeita, Dom!

– É exatamente nesse ponto que nos diferenciamos meu amigo. Adoro corpos, curvas e sexo, mas o que realmente me enlouquece, é o jeito que uma mulher se entrega completamente aos meus desejos.

– Como a Srta. Willians o faz.

– Qual a merda do seu problema? Não consegue passar dez segundos sem tocar no nome de Ethel?

– Impossível, uma vez que você vem a cada dia se transformando em outra pessoa por causa dessa mulher.

– Acha mesmo que venho me transformando em outra pessoa?

– Suas atitudes deixam isso bem óbvio, Dom.

– Gozado ouvir isso, uma vez que estou aqui sentado e a mesma merda de sempre continua a rolar.

– Que tipo de merda? Do que você está falando?

– Olhe a sua volta, Leonard. Todas as mulheres presentes estão olhando para quem?

– Para o macho alpha comedor, Domenico Fox!

– Exatamente, e acredite, 100% delas estão loucas para que eu as deixe nuas. Todas, sem exceção alguma, me desejam entre as suas coxas e nesse exato instante, fantasiam a possibilidade de uma delas ser a escolhida dessa noite.

– Bonita teoria, se é que tamanha vulgaridade pode ser considerada bonita, o problema é que na prática tem sido diferente, meu amigo.

– Continuo o mesmo, Leonard. Gosto de sexo ardente, inflamado e cheio de tesão e quero alguém que seja capaz de curtir comigo, de mil maneira diferentes. Logo a sua direita está a ruiva do final de semana passado, se eu lembro o nome dela? Não, mas por que deveria me lembrar? Acredito que nem o tenha perguntado. Mudei em que?

– A quem está querendo enganar, Domenico? Em qualquer outra ocasião, já teria arrastado a loira que não tira os olhos de você para um dos quartos e passado bons momentos com ela, uma vez que parece disposta a tudo, principalmente a ceder as suas loucuras.

Assim que Leonard acaba de falar, meus olhos se cruzam com os da

loira. Sim, uma belíssima mulher, pronta para satisfazer qualquer homem, mas não é o que eu preciso. Difícil compreender? Acredito que sim, talvez por isso tamanha confusão de meu amigo ao ver a loira sorrir e ser retribuída por mim, em um contato silencioso, como se pudéssemos nos comunicar com esse simples gesto.

– Sou um dominador, Leonard. Um predador sexual, assim como a deliciosa loira a nossa frente também o é, não é disso que preciso e acredito que nem ela.

– Claro, você precisa de uma submissa.

– Não qualquer uma. – Com um sorriso de fracasso no rosto, volto a examinar a escadaria e começo a ficar frustrado comigo mesmo.

Deveria ter largado Ethel sozinha depois do que aconteceu? Se já estava fodido, afogado em minhas dúvidas, minha noite acaba quando vejo Elise descer junto a Ethel as escadas. Minha visão escurece e me levanto de súbito, derrubando com um imenso estrondo a banqueta na qual estava sentado, fazendo Leonard se levantar em um pulo, assustado com minha atitude.

– Caralho! – Falo alto, alisando os cabelos com força exagerada.

Tudo que eu precisava era que a vadia maldita se aproximasse de Ethel, e pior, que a pegasse na situação em que a deixei. Uma mistura de culpa, remorso e ódio se acende como uma imensa brasa incandescente dentro de mim. O olhar apático de Ethel denuncia sua fragilidade e Elise, parecendo se aproveitar da situação, a segura pelo braço, aparando-a com um carinho exagerado e pouquíssimo verdadeiro, bem típico do seu caráter.

– Posso saber o que está acontecendo? – A voz de Leonard ecoa em meus ouvidos, mas não consigo compreender uma única palavra.

– O que? – Desvio o corpo em sua direção, e vejo meu amigo recuar um passo, mais por pura precaução do que medo.

– Ei, pega leve meu irmão. Minha mulher não vai ficar nem um pouco satisfeita de vê-lo me dando uma surra na frente de toda essa gente.

– Vá a merda, Leonard! – Esbravejo, começando a caminhar em direção a Ethel e Elise, que desenha um sorriso irônico nos lábios. Filha da puta!

– Cara, qual o problema? – Suspirando, estanco e respiro fundo. Enfiando as mãos nos bolsos na calça, me viro em direção a meu amigo, que retém uma expressão bem preocupada.

– Aquela, junto a Elise... – Começo a falar, voltando meus olhos mais uma vez para a mulher que parece rasgar meu coração diante de tamanha fragilidade.

– Ethel? – Leonard se antecipa e apenas concordo com um discreto aceno de cabeça.

– Não me fala que você estava com ela lá em cima e Elise ficou sabendo? – Nervoso, Leonard começa a trocar as pernas, atitude que conheço bem de meu amigo, principalmente quando algo foge do seu controle.

– A resposta a primeira pergunta é sim, quanto a segunda, vamos descobrir isso agora mesmo!

– Domenico... – Não escuto mais o que meu amigo fala.

Uma força inexplicável me puxa de encontro a Ethel e minha vontade nesse instante é pegá-la em meu braços e ao menos minimizar a dor que a fiz sentir. Como posso ser tão filho da puta com alguém tão inocente? Caminhando em passos largos, sempre seguido por um apressado e desajeitado Leonard, vejo Richard Mitchell se aproximar das duas. Merda, era tudo que eu precisava!

Paro a alguns metros dos três. Ethel sorri fraco para um Richard que demonstra imensa preocupação. Filho da puta! Depois eu que sou o escroto que trabalha em cima das fragilidades femininas. Claro que ele está se aproveitando de uma situação para se aproximar intimamente de Ethel e, conseqüentemente, me afastar o máximo que puder.

Irritado, volto a caminhar, parando diante de minha irmã, que mantém o irritante sorriso no rosto. Juro por tudo que é mais sagrado que precisei me segurar para não arrebentar sua cara. Apertando os punhos que descansam nas laterais do meu corpo, encaro Ethel, que treme como uma criança diante da minha presença. Que merda de homem sou eu afinal?

– Uma reunião quase familiar? – Debocho, permitindo um tom de voz baixo, baixo o suficiente para deixar claro o quanto estou contrariado.

– Por Deus, Domenico, desemburra essa cara! – Elise é a primeira a se manifestar.

– Não fale comigo. – Sibilo, lhe dirigindo um olhar de recriminação, sua presença me irrita, ainda mais estando tão próxima a Ethel.

– Domenico, tente ao menos ser cortês e civilizado na frente das pessoas...

– Vá para o inferno, Elise – Interrompo. Ela me desafia com o olhar, conheço bem minha irmã, é uma criatura capaz de deixar nervosa até a mais tranquila das pessoas.

– Só achei que você gostaria de conhecer minha nova amiga, Ethel. – Propositalmente, ela carrega o nome de uma apática Ethel em pura ironia. A observo boquiaberto, pasmo pela cara de pau de minha irmã.

– Não, eu não gostaria. – Respondo simplesmente.

– Uma pena, você não faz ideia do quanto ela é uma pessoa agradável. – Elise insiste, me fazendo bufar. Retiro o copo de bebida da mão de Leonard, que parece preparado para me conter a qualquer minuto, e tomo um longo gole.

– Se é sua amiga, não serve para mim. Só de pensar em alguém capaz de se relacionar com você, me dá nojo, Elise. – Digo com secura.

Instintivamente, desvio meu olhar para Ethel, que nesse momento, tem os olhos marejados em lágrimas. Elise por sua vez afasta o cabelo do rosto e mexe o pescoço de maneira sedutora, sorrindo. Ela tinha convicção que minha resposta desagradaria a doce Ethel e eu, imbecil que sou, entrei em sua pilha errada!

– Nossa! Assim você ofende minha convidada, Domenico!

– Já chega, Elise. – Aumento o tom de voz e isso só faz com que o sorriso de Elise se alargue ainda mais. Se tem alguém no mundo capaz de me tirar dos prumos, esse alguém é minha irmã. Mais uma vez meus olhos buscam os de Ethel, que de cabeça baixa e tremula, evita qualquer tipo de contato.

– Me desculpe, Ethel, eu realmente não quis ser indelicado. – Suavizo o tom da minha voz, e uma vontade absurda de agarrá-la e enche-la de beijos me consome, na mesma proporção que a raiva. Richard Mitchell, que observa a cena com uma expressão indiferente, quase divertida, se mantém ao seu lado e agora, enlaça sua cintura com um de seus braços.

– Engraçado. Estava aqui pensando... Para quem acabou de submeter a pobre moça a uma sessão de sexo sujo e ardente, você está sendo bem intolerante! – Elise murmura em meu ouvido, para que apenas eu ouça seus absurdos. Enojado, praguejo em pensamento e balanço a cabeça, enquanto a encaro com severidade, quase voando em seu pescoço.

– Bom, parece que estamos sobrando aqui, Ethel. – Pela primeira vez, Richard se pronuncia e apenas sua voz já é o suficiente para desencadear tendências bem violentas em mim.

– Você está sempre sobrando, Richard. Já não digo o mesmo da doce Ethel. É um prazer ter tão bela e agradável companhia. – Me dirijo a Ethel, que para minha surpresa, ergueu a cabeça e tem um olhar nada amistoso dirigido a mim.

– Já chega! Parem de falar como se eu não estivesse aqui! Todos sabemos o que está rolando e não vou ser uma peça nesse jogo familiar sujo de vocês, e isso inclui você também Richard! Com licença!

Se desvencilhando do braço pegajoso de Richard, Ethel se afasta em passos decididos, deixando um Richard com cara de babaca, uma Elise com uma expressão vitoriosa, um Leonard confuso e eu, bom, eu apenas me perco em pensamentos ao observá-la se afastar. Se quiser manter Ethel em minha vida confusa e degradada, preciso agir, imediatamente!

CAPÍTULO NOVE



Dez minutos e nada de Clarisse aparecer. Teria sido melhor chamar um taxi, mas minha amiga insistiu que chegaria rápido, pois estava nas proximidades e, preocupada com o meu estado alterado ao telefone, me proibiu de sair de onde estava sem ela. Uma mistura de tudo reina em mim. Confusa, ando de um lado para o outro, abraçando meu corpo com meus braços, tentando me proteger do frio cortante do início da madrugada de Boston.

Sendo precavida, saí pela porta dos fundos da imensa mansão, usando o portão dos funcionários. Caso Richard ou Domenico tenham tido a brilhante ideia de me procurar, jamais desconfiariam que estou em um beco escuro e fétido, sozinha e esperando por minha amiga que nunca chega. Ninguém seria tão burra assim!

Um roçar em meu pé e baixo os olhos assustada. Tremendo, rezo silenciosamente para que não seja um rato. Um gatinho! Tão pequeno que caberia facilmente na palma da minha mão. Tentando desviar o pensamento de que posso estar correndo algum risco sozinha a essa hora em um lugar ermo, me abaixo e o bichano parece agradecer por oferecer meu colo.

Corro os olhos pela rua deserta, buscando algum sinal de sua mãe. Nem miados, nenhum ronrono, nada que indique uma mãe em busca do seu pequeno. Um farol me cega e assustada, me agarro ao bichinho, que se esconde entre meus braços, parecendo ainda mais temeroso que eu.

– Você é louca? Tem ideia do quanto esse local é perigoso? Entre logo nesse carro! – A voz quase histérica de Clarisse me acalenta o coração e um alívio sem fim me amolece as pernas. Sem pensar duas vezes, abro a porta do carro e me aconchego na quentura reconfortante da minivan.

– Que porra é essa na sua mão? – Os olhos de Clarisse se estreitam. Sei o quanto minha amiga odeia gatos e sei também o quanto vou ouvir reclamações eternas por tê-lo levado para casa.

– Um gato. – Falo simplesmente, como se o fato de achar um animal na rua e carregá-lo para dentro de casa fosse a coisa mais corriqueira do mundo.

– Que é um gato eu percebi, mas o que você vai fazer com esse gato?

– Ele estava abandonado, Clarisse! Seria crueldade deixá-lo ao relento, sem comida, sem água, no frio...

– Gatos se viram, Ethel, e é exatamente por isso que existem montes deles espalhados pelas ruas.

– Mas esse é apenas um bebê, Clarisse! Olhe para ele, está assustado, com frio... – Clarisse bufa alto e me interrompe.

– Com fome, sem água...Já entendi. Sabe Ethel, você deveria trabalhar para o exército da salvação!

– Talvez, mas, idiota como sou, acho que nem lá me aceitariam. – Lamento, acariciando a barriguinha do bichano, que ronrona satisfeito em meu colo, me fazendo sorrir diante de tamanha doçura.

– Você não é idiota.

– Não, realmente idiota é pouco para mim.

– Ethel, pare com isso. Se lamentar não vai resolver seus problemas, já te falei isso dezenas de vezes.

– Meu maior problema sou eu mesma, Clarisse!

– Então é simples. Resolva-se! – Minha amiga desvia os olhos da estrada por um segundo e me olha.

– Aí que está, não sei como me resolver.

– O que afinal aconteceu de tão grave nessa merda de festa? – Ela questiona, metendo a mão na buzina ao atravessa com tudo um cruzamento.

– Está querendo nos matar? – Pergunto, me encolhendo no banco e colocando o cinto de segurança, que havia esquecido.

– Esse gato está atacando minha rinite.

– E isso é motivo suficiente para que avance um sinal a toda?

– Ethel, esse é o menor dos problemas que temos dentro desse carro, concorda? – Mais uma vez ela me olha, dessa vez em busca de respostas. Não precisamos falar, nossa comunicação vai além do entendimento de um ser humano normal.

– Deu tudo errado, amiga! – Uma lamúria quase infantil escapole de meus lábios.

– Vamos fazer assim, concentre-se em manter esse bicho longe de mim por enquanto. Quando chegarmos em casa conversamos, pode ser?

Apenas assenti com a cabeça. Sei que a implicância de Clarisse com o gato é exagerada e que logo, logo, ela irá ceder aos encantos do bichano. Mas, em contrapartida, sei que sua preocupação comigo extrapola os limites racionais e sei o quanto deve estar se remoendo por dentro para saber o que de fato aconteceu essa noite. Fizemos o resto do caminho em silêncio.

Aproveitei o momento de sossego e deixei os olhos deslizarem pela

paisagem. Preciso de alguma forma dar um jeito na minha vida. Preciso de um emprego, preciso saber a que ponto vai essa minha louca relação com Domenico, preciso saber o que ao certo Richard deseja de mim. São muitos “preciso” para pouquíssimas certezas, mas sei que preciso!

– Me explica isso direito! – uma perplexa Clarisse, refastelada no sofá me olha enquanto arranco as sandálias altíssimas, que se tornaram uma tortura medieval para os meus pés.

– Exatamente isso que ouviu. Domenico foi casado com a irmã de Richard, Patrícia.

– E quando foi isso? Eles se separaram? Ela curtia as coisas que ele curte?

– São as mesmas perguntas que assolam minha mente nesse momento, Clarisse!

– Não acredito que não perguntou a respeito.

– Perguntei, mas não obtive êxito nas respostas.

– Como assim?

– Richard foi evasivo e quanto a Domenico, bom, os momentos em que estivemos juntos, não pude falar muita coisa.

– O que o pervertido fez com você dessa vez?

– Clarisse!

– Uai, o cara é mesmo um pervertido, Ethel. E desculpe, mas está se tornando uma também, basta ver o brilho nos seus olhos toda vez que questiono as atitudes dele com você.

– Perverso ou não, eu gosto do que ele faz.

– Você é louca, isso sim!

– Não sou louca, Clarisse, sou uma submissa!

– Ethel, pelo amor de Deus! Até uma semana atrás você nem fazia ideia da existência desse mundo, e agora, enche o peito e fala com todo orgulho que é uma submissa?

– Acontece que estou me descobrindo amiga.

– Não, você está se entregando as fantasias nojentas de um homem doentio, baby boo!

– Baby o que?

– Se fizesse pesquisas na internet a respeito do mundo o qual acha fazer parte, saberia o que o apelido significa.

– Eu sei o que significa, só não entendi o porque de encaixá-lo a mim. Baby boo é um apelido carinhoso entre namorados, Clarisse, não só usado por

dominadores.

– Não duvido nada que daqui a algum tempo esteja chamando Domenico de Dad.

– Não quero mais falar sobre isso!

– Você nunca quer! Toda vez que se sente pressionada foge como um ratinho medroso.

– Clarisse, será que você pode me dar um tempo? Acabei de passar por uma noite de merda, estou desempregada, apaixonada por um sádico, descobrindo um lado meu que nem sabia existir e com tesão em um gostoso que por acaso já foi cunhado do sádico. Percebe o quanto minha vida está complicada?

– Ethel, me escute.

– Eu sempre te escuto, Clarisse.

– Vá se deitar, pense na sua vida e principalmente no que quer para o seu futuro. Se realmente acredita que faz parte desse mundo, peço ao menos que pesquise sobre ele, que saiba seus limites e cobre que Domenico os respeite.

– Vou fazer isso. – Acato as palavras de Clarisse. A verdade é que já deveria ter feito isso a algum tempo. Se quero estar com Domenico, preciso ao menos saber o terreno em que estou pisando.

– Pegue meu laptop, use-o e se informe. Existem várias informações disponíveis na internet, inclusive sites e blogs de dominadores renomados, que podem aconselhá-la ou ao menos abrir seus horizontes.

– Obrigada amiga. Eu realmente não sei o que seria da minha vida sem você.

– Provavelmente estaria na mais profunda merda, baby boo. Mas não precisa me agradecer, sou caridosa e gosto de seguir o mandamento de ajudar ao próximo! – Ela sorri ao se vangloriar.

– Você é ridícula! – Faço uma careta e cato minha sandália no chão, me levantando em seguida.

– Ethel?

– Sim.

– Faça a coisa certa. – A frase martelou minha cabeça e por mais que tentasse achar algo a altura para responder, não consegui encontrar.

– Boa noite, amiga. – Mando um beijo para Clarisse, que retribui dando um afetado tchauzinho.

– Ah, baby boo, mais uma coisa.

– O que é? – Me viro irritada com o novo apelido que minha amiga empregou a mim.

– Amanhã conversaremos sobre esse monstro que trouxe para dentro

de casa.

– Clarisse, é um filhotinho de gato! – Pegando o bichano, mostro a criaturinha branca e peluda que se aconchega em minha mão.

– Monstruoso! Agora vai, some da minha frente e cuide de sua vida.

Nas duas semanas seguintes, me empenhei em colocar as coisas em dia. Distribui uma infinidade de currículos, grandes agências, pequenos tabloides e até sites de fofoca agora tem minhas informações. A cada novo toque do meu telefone ou o tilintar da caixa de entrada no meu e-mail, minha esperança se renova.

Acontece que achar um emprego em uma cidade do tamanho de Boston sendo uma jornalista iniciante, não é uma das tarefas mais fáceis do mundo. Nesse intervalo, Richard me ligou algumas vezes. Todas elas, me restringi a observar seu número na tela do celular e esperar que parasse de tocar.

Atender para que? Não teria o que falar. Quanto a Domenico, bom, esse me ligou apenas uma única vez, logo no dia seguinte a festa. Não atendi. Preciso estabelecer limites para mim mesma antes de voltar a me entregar as loucuras dele, se é que ainda terei essa oportunidade.

Com tempo de sobra para pensar, me dedico integralmente a cuidar do apartamento de Clarisse, me tornando obcecada por arrumação e limpeza. Minha vida social se tornou nula e, quanto mais penso em tudo que estou vivendo, menos vontade tenho de me aproximar de quem quer que seja.

Tenho passado madrugadas inteiras na internet. Busquei muitas informações e, preciso admitir, mesmo ainda tendo certeza da minha condição de submissa, estava romantizado demais esse fato. BDSM não é romântico, não é amor, não é fantasia. É uma entrega sublime de almas, só que para isso, existe a dor associada ao prazer.

Pensando nisso, me veio a ideia de buscar pelo melhor dos melhores. Em todas as comunidades em que me infiltrei, um único nome é repetido com frequência e sempre com imenso respeito pelos dominadores e uma veneração quase exagerada pelas submissas. Sim, o cara deve ser o pica das galáxias!

O tempo passou e para ser honesta, não me dei conta do quanto me tornei reclusa em meu mundo. Meus ideais se modificaram, minha forma de ver as coisas, também, a única coisa que não desapareceu, foi o desejo constante dos toques brutais de Domenico.

Foram várias as vezes que me peguei pensando em ceder e correr ao seu encontro. Mas, meu amor próprio, recém adquirido diante de tudo que venho lendo a respeito do BDSM, não me permitiu fazer isso. Preciso entender, preciso

saber em que ponto posso e devo me colocar, preciso saber o momento certo, a maneira exata de fazer a coisa funcionar.

Saí algumas vezes com Clarisse, Andrew, Victoria e a sempre insuportável Amanda. Tentei a todo custo me divertir, mas é simplesmente impossível quando você tem absoluta certeza que não se encaixa em nada nesse mundo comum. Um verdadeiro peixinho fora d'água.

Frequentemente, via meus olhos percorrendo o ambiente, na esperança de talvez encontrar Domenico. Mas isso jamais ocorreu. Clarisse, sempre precavida, fazia questão de evitar os locais sugeridos na famosa lista dos locais preferidos de Domenico, cedida por Susanna no dia da minha entrevista no “NBP”. A cada nova volta para casa, o desanimo me consumia.

Ficava claro que jamais voltaria a sentir aquele impacto em meu corpo causado pela simples presença desse homem com uma força vital que chega beirar a destruição! Aos poucos, me dediquei a escrever, escrever muito. Tudo e qualquer coisa que dissesse respeito ao mundo de Domenico, era anotado.

Aos poucos vi uma história sendo criada. Personagens reais, sentimentos reais, dores reais. Nesse meio tempo, fui chamada para algumas entrevistas, mas nunca obtive resposta. Frustrada e adjudicada a derrota, já estava entregando os pontos e pensando seriamente em voltar a trabalhar como garçone.

Precisava de alguma maneira ajudar Clarisse nas despesas da casa, não suportava mais me sentir um encosto. Passava os dias no laptop, enquanto via minha amiga dar plantões atrás de plantões para nos sustentar. Até que de uma hora para outra, minha vida deu uma volta de 360° e me vi mais uma vez entregue as garras sagazes de Domenico Fox.

– Ethel? – A voz de Clarisse entrando no quarto como um raio me desperta.

Sem pedir licença, ela abre as cortinas, permitindo que os poucos raios de sol, que tímidos, tentam aparecer em meio a nebulosidade tão característica de Boston, ofuscassem meus olhos. Observo o relógio da cabeceira da cama e vejo que ainda não são nem oito da manhã. Só um motivo justificaria minha amiga me acordar de forma tão afoita a essa hora: A casa provavelmente está pegando fogo!

– Já chamou o corpo de bombeiros? – Ironizo, me espreguiçando.

– O que?

– Para você me acordar a essa hora e nessa ansiedade, a casa deve estar pegando fogo, não? Já sei! Você arrumou um namorado? – Charlotte, que

dormia tranquilamente embaixo do edredom, dá o ar da sua graça, ronronando amistosamente para Clarisse, que franze o nariz, odiando-a e amando-a ao mesmo tempo.

– Tão engraçadinha, baby boo! Ao invés de abrir esse bocão, segure essa monstruosidade, não quero ser atacada! – mencionando o irritante apelido que a meses vem me perseguindo, ela aponta para a gata manhosa, que nem se dá conta de sua presença no quarto.

– Clarisse, passei a madrugada toda em meio as minhas pesquisas e escrevendo. Estou simplesmente acabada!

– Querida, não me importa se você estava pesquisando ou escrevendo sobre a vida do Papa, vai tirar essa imensa bunda da cama, tomar um banho e se vestir adequadamente, agora mesmo!

– Me vestir adequadamente para exatamente o que? – Pergunto curiosa, me sentando na cama.

– Um cara bem bonitão, cheiroso, vestido em um terno que deve custar o preço desse apartamento está sentado em nossa sala a sua espera.

– Oi? – Pulo em um salto da cama. Domenico não viria aqui, não depois de tanto tempo sem dar notícias.

– Não se exalte e nem se anime, não é Domenico Fox!

– Eu não pensei que fosse ele. – Resmungo.

– Claro que pensou! – Minha amiga retruca.

– Tá bom, Clarisse, vamos ao que de fato importa: Afinal de contas, quem é esse homem?

– Pelo que entendi, um representante da “Geo Fox”. – Ela fala, franzindo a testa.

– Um representante da “Geo Fox”? Aqui em casa?

– Também me fiz essa pergunta mentalmente, mas não tive condições de verbalizá-la, uma vez que meu cérebro só conseguia processar o quanto o cara é gostoso!

– Clarisse! “Geo Fox” por acaso te lembra alguém? – Estalo os dedos e tento tirar minha amiga do seu transe erótico a respeito do tal bonitão.

– O babaca pervertido. Mas não importa, faça o que falei. Você tem dez minutos para estar na sala, caso contrário, vou arrancar minha roupa e pedir para que o gostoso me coma em cima da bancada da cozinha. – E ela saiu do quarto, me deixando na mais profunda confusão.

Assim que coloquei os pés na sala, já devidamente vestida e desperta, pude comprovar o que Clarisse havia falado. O cara realmente é um bombom, daqueles recheados de licor, que escorrem quando a gente morde. Sorri igual uma idiota diante do meu pensamento e nesse exato instante, ele se levantou,

abotoando seu paletó e parecendo bastante desconfortável, talvez encabulado diante das investidas nada discretas de minha amiga.

– Srta. Willians? – Ele pergunta, estendendo sua mão para me cumprimentar.

– Eu mesma. – Aceito sua mão e o aperto firme de seus dedos junto aos meus mostra que esse não é um cara qualquer. Não um simples representante da “Geo Fox”. O cara é um dos grandes.

– Me perdoe por incomodá-la tão cedo, mas o assunto demanda certa urgência. A propósito, sou Leonard Robson, diretor da assessoria de imprensa da “Geo Fox” e “AC Interprise”.

– E o que seria tão urgente ao ponto de trazer alguém com tamanha importância até a minha casa?

– Não sou tão importante assim, Srta. Willians. – O homem sorri e tenho a leve impressão de conhecê-lo de algum lugar. No outro canto da sala, Clarisse se derrete, parecendo hipnotizada, sem desgrudar os olhos um minuto sequer do figurão a minha frente.

– Desculpe perguntar, mas eu o conheço de algum lugar?

– Talvez tenha me visto na festa de Margareth Fox, a alguns meses atrás.

– Claro... Você estava com Domenico. Perdoe-me por não reconhecê-lo de imediato.

– Imagina, nada que perdoar. Podemos conversar em algum lugar mais reservado?

– Não temos espaços mais reservados nessa casa, Sr. Robson. A não ser que não se importe em sentar na minha cama, ainda bagunçada por não ter tido tempo de arrumá-la.

– Sem problemas. Seria um ótimo lugar.

Caminhei vagorosamente até o quarto, sendo seguida de perto pelo homem que está me causando uma curiosidade sem fim, além daquele arrepio na espinha tão singular de quando estou nervosa. O que um representante da “Geo Fox” estaria fazendo aqui e pior, por que quer falar em particular comigo?

Assim que entramos, sem muita cerimônia Leonard Robson se sentou na beirada da cama, cruzando as pernas e aguardando que eu fizesse o mesmo. Acanhada e sem saber como conduzir a conversa, me sentei e apenas o fitei, esperando que ele começasse a explicar suas intenções.

– Bom, Srta. Willians, vou direto ao ponto.

– Que bom, já estava começando a ficar nervosa. – Desenho um sorriso amarelo nos lábios e o vejo retribuir francamente, apesar de ainda se mostrar bastante diplomático.

– Não fique, garanto que trago boas notícias.

– Então por favor, comece a dá-las.

– Certo. Como disse, sou o diretor do setor de relações públicas dos conglomerados “*Geo Fox*” e “*AC Interprise*”. Infelizmente, nossa equipe sofreu uma baixa significativa essa semana.

– Uma baixa significativa?

– Sim, uma das nossas melhores colaboradoras precisou se afastar por motivos pessoais, e pelo que parece, não poderá retornar tão cedo.

– E o que eu tenho com isso?

– A agência que trabalha em conjunto com o nosso setor de RH indicou seus serviços. Estou enganado que mandou seu currículo para a “*Stand Business*”?

– Provavelmente devo ter mandado. A verdade é que espalhei currículos por toda a cidade, fica impossível me recordar em quais agências estou cadastrada.

– Pois bem, ao ligarmos para a agência e passarmos o perfil do que estávamos precisando, sua indicação foi imediata.

– Minha indicação para o que? – Pisco vigorosamente os olhos, agitada e perplexa com a situação.

– Assistente de relações públicas. É um trabalho pesado e bem cansativo. Digamos que nosso chefe é um cara que dá bastante trabalho e é totalmente avesso a imprensa.

– E ele sabe a respeito da minha contratação? – Pergunto, sabendo que tudo que eu mais gostaria de ouvir era que ele tinha mandado o tal Leonard até aqui em casa, apenas para me ter próximo a ele.

– O Sr. Fox não se envolve nas contratações de setores, Srta. Willians, ele tem um império muito grande apara administrar, não existe a menor possibilidade de dispor de tempo para esse tipo de assunto.

– Entendi...

– Como disse, recebi hoje bem cedo sua indicação através da agência. Apenas eu e você estamos sabendo sobre o assunto.

– Eu fico realmente muito lisonjeada com a oferta, Sr. Robson, mas infelizmente, não posso aceitar a colocação.

Baixo meu olhos e de uma maneira nervosa, aperto as mãos, cortando praticamente todo o fluxo sanguíneo dos meus dedos. Como aceitar trabalhar para o homem que despedaçou minha vida e me transformou em algo que nem sabia que era? Não que eu mesma não tenha permitido que ele o fizesse, seria hipócrita jogar a culpa única e exclusivamente nele.

Mas o caso é, Domenico nunca mais me procurou. Sua ausência só

comprova que fui um brinquedo em suas mãos, diferente de mim, que até hoje faço pesquisas idiotas na internet e busco por dominadores sérios a fim de me aprofundar no assunto, na esperança idiota de um dia poder entender e satisfazer os desejos distintos de Domenico.

– Srta. Willians, reconheço que a proposta parece estranha, principalmente depois da relação que teve com o Sr. Fox.

– Como sabe sobre isso? – Ergo os olhos e o encaro. Domenico não contaria sobre mim a Leonard, ao menos que tivesse o mínimo de importância para ele.

– Sei absolutamente tudo a respeito da vida de Domenico, Srta. Willians. Sou o responsável por manter em sigilo tudo aquilo que é necessário.

– Claro... – A decepção transparece em minha voz. Leonard não sabe a meu respeito porque Domenico falou de uma garota em especial, mas sim porque é ele que esconde todas as suas sujeiras.

– O salário é de treze mil dólares por mês, mais os benefícios. Pagamos as horas extras também, e não vou mentir, elas são muitas. Precisamos da sua disponibilidade para viajar e, em momentos ocasionais, trabalhar também aos finais de semana. Em casos mais urgentes, as madrugadas podem ser necessárias.

Já não consigo falar mais nada! Treze mil dólares? Ganhava três mil dólares no “NBP” e achava que recebia muito bem! Se aceitasse o trabalho, poderia enfim pagar tudo aquilo que devo a Clarisse e arrumar um cantinho só meu. Não que ela me cobre ou queira que eu saia de seu apartamento, mas não aguento mais viver da caridade sem fim de minha amiga.

– Muito honestamente, não sei se o Sr. Fox iria gostar da minha contratação, Sr. Robson.

– Isso foge a alçada de Domenico, Srta. Willians. Quem decide a competência dos meus funcionários sou eu e não ele. Quem está lhe oferecendo a vaga sou eu, não o Sr. Fox.

– E caso eu aceite, quando deveria começar?

– Imediatamente! Temos muito trabalho e precisamos de nossa equipe completa.

– Não tenho experiência alguma com relações públicas, Sr. Robson, não sei em que poderia ajudá-los. Na verdade, nem sei porque a agência me indicou.

– Sua formação jornalística diz que é especialista em gerenciamento de emergências e análises de risco, estou enganado?

– Não, não está. Sou pós-graduada nessas duas áreas.

– É tudo que precisamos, Srta. Willians.

– Eu posso pensar um pouco a respeito?
– Claro que sim. – Leonard Robson se levanta, abotoa seu paletó e retira do bolso um cartão, estendendo-o em minha direção.

– Aqui estão meus números. Pense e questione aquilo que achar conveniente e necessário, caso alguma coisa não esteja do seu agrado, também poderemos conversar sobre. Só preciso de sua resposta ainda hoje.

– Eu ligo assim que decidir, ainda hoje, pode ficar tranquilo.

– Espero de verdade que aceite. Precisamos de alguém com seu perfil trabalhando com a gente. Tenha um excelente dia, Srta. Willians.

Não me levantei. Continuei ali, sentada, boquiaberta e sem saber o que pensar. Alguns minutos depois, Clarisse avança quarto adentro, curiosa e agitada, se sentando ao meu lado e ficando por algum tempo calada. Claro que ela espera que eu comece a falar, mas não encontro minha voz.

Minha garganta está apertada e o sentimento de que sei bem o que minha amiga vai falar sobre a proposta que acabei de receber, me deixa ainda mais tensa. Depois de algum tempo, consegui resumir o que Leonard Robson veio fazer e os olhos de minha amiga se arregalaram.

Como previa, ela enlouqueceu diante da oferta inesperada de trabalho e chegou a ameaçar minha integridade física caso eu não aceitasse. No fundo, sei que ela tem razão, não posso deixar que minha relação conturbada com Domenico me prive de uma colocação que aumentará, e muito, minha qualificação profissional.

Mesmo porque, não foi Domenico que pediu para me empregar, segundo o próprio Leonard, ele nem sabe da situação. Acontece que, da mesma maneira que foi uma surpresa para mim, também o será para ele. Volátil do jeito que é, meu maior receio é sua reação.

Depois de escutar um discurso enfático e intimidador de Clarisse, não tive mais dúvidas do que fazer. Não posso prejudicar mais minha vida. Já se passaram três meses que estou desempregada e uma oferta como essa, jamais voltará a cair no meu colo uma segunda vez. Pego o telefone uma hora depois da saída do Sr. Robson e digito seu número.

– Sr. Robson?

– “Sim”.

– Ethel Lisa Willians.

– “Srta. Willians, espero que seu telefonema me traga boas notícias!”

– Eu aceito!

CAPÍTULO DEZ



E stimulo, concentração e criatividade. Três coisas fundamentais que preciso para trabalhar e que nesse instante, se encontram bem escassas. A mais de um mês venho martelando ideias, sem conseguir colocá-las no papel, modo de dizer, a verdade é que com a facilidade dos corretores ortográficos e dicionários criativos, fica simples para qualquer pessoa brincar de escrever no “Word”. O problema é que entalei nesse relatório, e nem o dicionário criativo está conseguindo me ajudar a encontrar as palavras corretas.

O trabalho na “Geo Fox” é estressante ao extremo! Passo dias, noites e madrugadas em busca de qualquer fofoca a respeito, tanto da empresa, quanto do todo poderoso Fox, e preciso me desdobrar em mil para conseguir, seja de maneira amistosa ou as vezes recorrendo ao departamento jurídico, tirá-las do ar o mais rápido possível.

Junto a isso, resolvi levar mesmo minhas pesquisas a sério. Tudo que vejo, ouço ou leio sobre BDSM, é minuciosamente organizado em páginas e mais páginas, que, como disse Clarisse, acabarão virando um best-seller futuramente. Não duvido muito, o problema é que a teoria a qual venho me submetendo diante de minhas pesquisas, não alivia em absolutamente nada o fogo crescente dentro de mim pela prática.

Ainda me mantenho distante de Domenico, mesmo trabalhando para ele. Depois de todo esse tempo e da ligação no dia seguinte a festa na casa de sua mãe, só mais um único contato por sua parte existiu. Obviamente, também não atendi. Fora isso, nos encontramos esporadicamente nos corredores da “Geo Fox”, ou nas raras reuniões que ele participa.

A primeira vez que nos vimos, seus olhos azuis escureceram e um leve tremor em sua musculatura demonstrou que ele não é tão indiferente quanto eu pensava em relação a mim. Meu lado inteligente do cérebro na mesma hora gritou que sua reação nada tinha a ver com sentimentos positivos, muito pelo contrário, a verdade era que: Ele estava odiando me ter por perto.

Passado três meses, eu já estabilizada e completamente entrosada com toda a equipe, Domenico se tornou educado, cortes e simpático, chegando ao

ponto de por vezes puxar assuntos do tipo: “*Como está o tempo lá fora? Como foi o final de semana? Gostando de trabalhar por aqui?*”

A verdade é que, muito talvez de forma proposital, Domenico não dá absolutamente indício algum de que um dia tivemos alguma coisa, o que me deixa sempre muito nervosa, uma vez que só de sentir sua presença no nosso andar, já fico nervosa e isso faz meu corpo lembrar perfeitamente tudo que vivemos.

Quanto a Richard, esse desapareceu por completo. Melhor assim, minha cabeça já anda confusa demais para ainda precisar lidar com outro homem que não seja aquele que realmente quero. Eu mesma me dei um prazo muito curto para resolver minha vida. Se quero me jogar de cabeça em um mundo que antes era totalmente desconhecido, tenho que primeiro entendê-lo e prefiro acreditar que Domenico está apenas aguardando meu amadurecimento.

Quanto ao prazo, preciso ser honesta, foi bem satisfatório, seis meses é tempo o suficiente para uma mulher adulta se resolver, o problema é que minha falta de capacidade pensativa atingiu níveis alarmantes ultimamente. Preciso entender, quero entender, porém, parece que algo me bloqueia. Fiz pesquisas, ouvi pessoas, li artigos... Fiz meu trabalho de casa, mas não estou satisfeita. É como se algo fundamental faltasse.

Um barulho na porta do quarto e o miado de Charlotte me arrancam do meu transe e me dou conta que devo estar no mínimo a mais de trinta minutos de frente a tela do laptop, olhando para nada, pensando em tudo e não distinguindo porra nenhuma para que consiga resolver os problemas da minha vida causados por mim mesma!

– E aí, baby boo... Nada ainda? – Clarisse entra em meu quarto, buscando freneticamente por algo em meu Closet.

– Nada. Estou com absolutamente todo o material nas mãos, mas não consigo tirar nada de útil dele. Quero escrever um texto legal, imagina se o tal grandão aceita conversar comigo? Preciso no mínimo ter conteúdo. – Suspiro, entregue ao desânimo.

– Estava falando sobre seu relatório de trabalho, mas já que tocou no assunto, pense na possibilidade de escrever sobre outra coisa, entrar em outro mundo talvez...Poderia fazer um livro daqueles, largar seu emprego promissor na “*Geo Fox*” e virar uma autora freelance.

– Deixe de ser debochada, Clarisse. Mas, só por curiosidade...Outra coisa do tipo?

– Ah, sei lá! Guerras alienígenas, invasão de insetos radioativos.

– E onde esses temas se encaixam no estilo romance e submissão para que eu pudesse entrevistar um Dominador de verdade, posso perguntar?

– Estava falando no caso de virar uma autora, mas, se quiser outras pautas na entrevista com o tal dominador, é só você colocar o alienígena transando com um inseto acorrentado.

– Só pessoas loucas como você poderiam pensar dessa maneira, Clarisse.

– Só para você saber, existe uma infinidade de loucos no mundo.

– Não estou escrevendo um livro, uma história. Estou pesquisando para saber o que quero da vida.

– Pouco importa. Já se passaram seis meses e você ainda não decidiu porra nenhuma! Transforme essa merda toda em um livro, publique e fique famosa!

– Qual parte? O BDSM entre alienígenas e insetos?

– Seria um verdadeiro sucesso. Acredite ou não, uma grande porção de maníacos alucinados adorariam ver uma história desse nível.

– O nível bizarro? – Clarisse para o que está fazendo e caminha até a minha cama, onde estou sentada, e se acomoda aos meus pés.

– Nada é mais bizarro que Domenico Fox, amiga!

– Clarisse, por favor, não vamos voltar a esse assunto, vamos?

– Não, não vamos... – Prendendo o longo cabelo em um coque alto, ela faz uma pausa, sem deixar de me observar.

– Sabe, Ethel, eu acho que você está precisando de um namorado.

– Não concordo. Você sabe muito bem que não quero ter uma relação tão cedo. Pelo menos não uma convencional.

– Seja sensata Ethel Lisa! O seu lance com Domenico já foi, já deu! Já está mais do que na hora de superar isso e partir para outra.

– Eu já superei, só não estou a fim de partir para outra. Estou bem sozinha e é exatamente assim que vou continuar.

– Superou? E continua pesquisando como uma louca a respeito de submissão pela internet? Qual é Ethel! Você sabe que quer voltar a sofrer nas mãos de Domenico, só não admite.

– Ele mal olha na minha cara, Clarisse. É como se simplesmente nada entre nós tivesse acontecido.

– E ainda assim você está convicta de que é uma submissa?

– Não posso mudar quem eu sou, Clarisse, pare de me encher com essa história!

– Ok! Não precisa ficar estressada.

– Não estou estressada.

– Não? – Ela pergunta e reviro os olhos, desistindo de resistir.

– Claro que estou. Encontro com o cara que ocupa meus pensamentos

desde a hora que acordo até a hora que durmo pelo menos uma vez ao dia, mesmo que rapidamente. Por sua vez, ele me trata como se fosse qualquer uma de suas funcionárias, às vezes chega ao cúmulo de ser carinhoso e atencioso, o que só me frustra ainda mais...

– Claro que te frustra, você quer chicotadas, tapas, marcas e algemas. – Ignoro o comentário de Clarisse e continuo meu discurso.

– Tirando isso, ainda existe o fato de que faz mais de duas semanas que estou tentando contato com o tal Dom Aron Damon, sem uma única resposta! O cara parece ser simplesmente uma entidade divina. – Jogo o laptop sobre a cama e me deito de barriga, cruzando as pernas e apoiando o queixo em minhas mãos. Posição de derrota!

– Vamos sair hoje a noite. Quer ir com a gente?

– Esse era o motivo de você estar saqueando meu closet?

– Exatamente! Estava procurando o vestido vermelho. E aí, vamos?

– Não sei Clarisse, acho que não estou no clima.

– Então se coloque no clima, Ethel! Você parece uma velha trancafiada nessa casa, até gato você já tem. Olha o tamanho das suas olheiras... Você está péssima! – Franzindo o nariz, Clarisse olha Charlotte, que dorme confortavelmente em um dos meus travesseiros. Desde a noite que a resgatei, ela implica sempre que pode com sua presença, mas já a flagrei algumas vezes mimando-a.

– Muito animador da sua parte.

– Realista, Baby boo!

– Quando você vai deixar de me chamar de baby boo?

– O dia que eu cansar...

– E quando você vai cansar?

– Não sei...Talvez um dia, quem sabe..., mas não hoje! – Clarisse se levanta, cata a roupa que pegou em meu closet e rebola até a porta.

– Que horas você sai do trabalho hoje? – Ela pergunta, me olhando charmosa por sobre o ombro.

– Tudo vai depender do poderoso chefão. Esses dias ele tem andado bem mau humorado.

– Ethel, gostoso do jeito que ele é, até mau humorado eu o queria por perto. Aquilo não é um homem, é um pedaço de torta de chocolate com sorvete e muita calda. Excelente para ser devorado. – Desde o dia que Leonard esteve aqui em casa para me oferecer o emprego, se tornou um dos assuntos preferidos de minha amiga.

– Ele é um cara muito sério.

– E solteiro, rico, gostoso, musculoso... – Ergo minha mão e a

interrompo.

– Recém separado, e tudo bem, chega de elogios. Já foi o suficiente para que minha virilha pinicasse. A propósito, como você sabe tudo isso sobre o Sr. Robson?

– Internet! A fofoqueira perfeita!

– Vaza daqui Clarisse, preciso me arrumar para o trabalho. – Taco meu travesseiro em sua direção. Ela sorri e o agarra.

– As nove. Esteja pronta as nove. Vou me arrumar na casa da Vick, mas passamos aqui para te pegar.

– Tudo bem. Se for para você não pegar mais no meu pé, eu vou!

– Fique chique. Gostosa, mas chique. Vamos naquela boate nova que abriu na 453 W com a 17th Street.

– A 10ak? Você só pode estar ficando louca! Ela faz parte do conglomerado da “AC Interprise” que por sua vez, pertence a “Geo Fox”. Nem eu que sou assistente de relações públicas de lá consigo entrar sem a indicação de um promotor!

– E quem disse que não temos uma indicação? – Clarisse se gaba, fazendo uma cara de importante.

– E quem indicou, só a nível de curiosidade.

– Victória tem uns amigos que são amigos de uns caras que conhecem outros caras que trabalham com a assessoria de Leonardo DiCaprio.

– Nossa, muito esclarecedor.

– Deixe de ser debochada.

– Não estou sendo debochada.

– Sim, você está. Agora preciso terminar de arrumar minhas coisas. Trate de ficar perfeita para essa noite. Muito brilho, maquiagem de matar e saltos agulha. Quero ver essa bunda exagerada arrancando suspiros daquele lugar! – Sem esperar pela minha resposta, Clarisse sai do quarto.

Olho no relógio e vejo que já estou atrasada. Mais um dia que eu chegue depois das dez e a Srta. Nielsen engole meu fígado, depois de fatiá-lo em pedacinhos bem pequenos, isso porque o Sr. Robson é cavalheiro demais para fazê-lo. Sem contar que hoje teremos uma reunião importante, isso significa a presença de Domenico, preciso me preparar psicologicamente para encontrá-lo e ao mesmo tempo, correr, para não receber mais uma advertência.

Depois de um banho expresso e uma escolha de roupas no mesmo nível, estou as voltas com meu cabelo, tentando a todo custo controlá-lo, uma vez que lavar para depois secá-los, sequer seria uma opção diante do pouco tempo que tenho. Por que preciso sempre ser tão enrolada?

Optei por um rabo de cavalo baixo e um sorriso se desenha em meu

rosto ao me lembrar que foi esse o penteado que Clarisse me fez usar no dia que cheguei a Boston, quando troquei de roupas dentro da sua minivan, a caminho da entrevista no “NBP”. Minha nossa, parece que já se passou uma eternidade desde aquele dia!

O apito da caixa de entrada de e-mails no laptop sobre a cama me chama atenção. Respiro fundo, contendo a vontade de olhar a mensagem, caso o faça, meu atraso será ainda maior. Mais uma apito e não me aguento. Corro até a cama e abro meu e-mail, onde a pequena caixinha de diálogos retém duas mensagens. Minhas pernas tremem e um bolo se forma em minha garganta!

– “*Bom dia, Ethel Lisa.*”

– “*Seu e-mail me foi repassado. Fiquei sabendo que gostaria de falar comigo.*”

Tremula, meus dedos endurecem, como pedras de gelo! O que vou responder? Esperei por esse contato por semanas e agora que ele está acontecendo, fico paralisada diante da luminosa tela, lendo repetidas vezes as poucas e formais palavras daquele que é considerado o dominador dos dominadores. Inspiro profundamente e inicio uma resposta.

– Bom dia. – Sério que foi apenas isso que consegui escrever? Imbecil!

– “*Em que posso ajudá-la?*”

– Bom, é meio confuso, a verdade é que não sei direito como explicar.

– “*Seja clara, óbvia e direta. Tenho pouco tempo disponível.*” – Eita porra! Mais direto seria impossível. Um vislumbre do temperamento de Domenico se borra em meus pensamentos. Será que todo Dominador é assim?

– Serei...

– “*Estou esperando.*” – De direto a quase grosso. Não sei se antipatizo ou se me sinto atraída por ele. Estou começando a acreditar que além de submissa, também tenho tendências bem masoquistas!

– Acontece que algum tempo atrás, iniciei uma relação com um Dominador. Nunca fui uma submissa, sequer sabia da existência desse mundo, posso dizer que gostei, mas muitas pessoas, ou melhor, as pessoas mais íntimas a mim, que ficaram sabendo da minha relação, me colocaram imensas dúvidas se o que estava vivendo era uma relação entre dominador e submissa ou simplesmente se estava sendo abusada por um fetichista maluco, que se alimenta da fraqueza feminina para cometer suas insanidades.

Terminei de digitar e sem sequer revisar minha grafia, cliquei em enviar. Puta merda, não creio que escrevi coisas tão idiotas para um cara tão poderoso dentro do BDSM. Minutos intermináveis se passam e nada de uma resposta. O ícone verde indica que ele permanece online, mas nada aparece na

minha tela.

– “*Entendi.*” – Entendeu? Sério que ele demorou quase cinco minutos para responder que apenas entendeu?

– Não quero ocupar seu tempo, sei que esse tipo de questão deve ser levantado todos os dias com o senhor, uma vez que, pelo que pude perceber em minhas pesquisas, é o mais confiável dos dominadores.

– “*Fique tranquila, não está ocupando meu tempo à toa. Essas questões são de extrema importância, principalmente para uma iniciante, que não faz ideia de onde está realmente se metendo. Agora me diga, o que exatamente você quer saber?*”

– Tenho um questionário pronto, posso enviá-lo ao senhor?

– “*Por que simplesmente não faz as perguntas?*”

– Posso?

– “*Se estou falando para fazer, é porque pode, doce menina.*” – Nesse instante todo o meu corpo se arrepiou.

A sonoridade rouca da voz sensual de Domenico me chamando de “*Doce Ethel*”, me remeteu a momentos que eu daria tudo para voltar a vivenciar. Sacudo a cabeça e tento me concentrar. Uma olhada rápida no relógio e me dou um prazo de trinta minutos para não chegar muito atrasada.

Acredito que com esse tempo, terei todas as respostas de que preciso pelo menos por agora, e depois, em um momento mais oportuno, envio o questionário. Isso é claro, se ele voltar a entrar em contato ou responder alguma de minhas mensagens. Me concentro e penso em tudo que mais tenho dúvida. Vamos lá!

– Posso começar?

– “*Deve.*”

– Ok. Por quem o BDSM geralmente é praticado?

– “*O BDSM é praticado por pessoas perfeitamente normais que todos conhecemos. O seu médico, a professora de seus filhos, um colega na empresa ou a senhora que vende jornais na banca da esquina. Qualquer uma dessas pessoas pode praticar o BDSM e, provavelmente, você nunca o saberá. Entenda que... O BDSM é praticado por pessoas que têm vidas muito semelhantes à sua. No entanto, nos momentos íntimos, essas pessoas gostam de fazer as coisas de maneira um pouco diferente. Não há nada de tarado ou depravado em gostar de ser amarrado durante o sexo. Ter essa preferência, não torna a pessoa diferente socialmente. As pessoas que praticam BDSM são indivíduos normais que encontraram uma forma eficaz de explorar os seus fetiches.*”

– Dor e BDSM. O que você pode me falar sobre essa combinação?

– “*BDSM não é só sobre dor. Gosta da ideia de ser amarrado, mas*

não quer sentir dor? Ótimo. Consensualidade também abrange esse universo. Este é, provavelmente, um dos maiores mitos acerca do BDSM. A dor não é obrigatória e nem faz parte de todos os fetiches e práticas. Pode-se gostar apenas de ter relações sexuais com as mãos atadas, de ser estimulada enquanto tem os olhos vendados ou de experimentar lingerie diferentes e muito arrojadas.”

– Então o que é o BDSM em si? – Pergunto confusa. Todas as vezes que eu e Domenico estivemos juntos, algum tipo de dor foi empregada, a não ser quando quase fizemos amor, se é que posso chamar o que fizemos de amor.

– *“É um conceito muito amplo e inclusivo de consumações, práticas e fetiches, dessa forma, o BDSM funciona como elemento libertador do ato sexual, criando espaço para que se possa experimentar livremente e sem julgamentos novos brinquedos, posições, sensações e relações entre parceiros. BDSM não é só sobre sexo. É sobre entrega também! É um conjunto de comportamentos de natureza sensual que envolvem trocas de poder com o intuito de estimular o prazer.”*

– O ato sexual é obrigatório no universo BDSM? – Mais uma pergunta que não sai da minha cabeça. A primeira vez que estive com Domenico, ele me propôs um jogo, um jogo deliciosamente instigante, que não necessariamente envolveu sexo, uma vez que não houve penetração.

– *“A existência do sexo, seja através da penetração ou estímulo direto dos órgãos sexuais, é opcional e negociado previamente entre os intervenientes. Os diversos brinquedos sexuais que existem hoje no mercado, tornam possíveis que a prática do BDSM explore novos tipos de prazer e relações entre Dominador e Dominada ou dominado, se for o caso. O mundo BDSM é extremamente inclusivo e permite quase todo tipo de fetiche e preferências sexuais. Se você tem prazer com um determinado objeto ou situação, não se sinta sozinha e nem diferente. É muito provável que mais alguém sinta o mesmo e apenas prefira não falar, talvez por receio de encarar uma sociedade que desconhece e por isso, evita e repudia.”*

– O BDSM é para todos?

– *“Apesar de alguns colocarem o BDSM como algo quase que inatingível, onde apenas alguns poucos privilegiados conseguem vivenciá-lo, sim, ele se encaixa em quase todas as pessoas. Mas é necessário defender a ideia de que para concretizar esta relação (Dom/sub), neste universo que é totalmente diferente do baunilha em muitos aspectos, a princípio temos que ser verdadeiros com nós mesmos e com aqueles com os quais compartilhamos os nossos desejos e prazeres.”*

– Existe uma hierarquia para a prática do BDSM?

– “Não chamaria de hierarquia, mas sim, existem os papéis que cada um deve respeitar e tal premissa é irrevogável. Cada um tem o seu espaço e isso, não é discutível. Dono manda, submissa obedece. Pode até parecer rude essa expressão para algumas pessoas mais sensíveis (não acho e gosto dela), mas é verdadeira e que sintetiza bem os papéis dentro do BDSM. Entretanto, isso não impede que haja diálogo e momentos de reflexão entre os envolvidos. Por exemplo, não é porque eu mando e sendo a última palavra a minha, que me impede de deixar a submissa se expressar, dizendo o que pensa. Irei ouvi-la, respeitando a sua visão e opinião, mas ela estará ciente que a decisão final será minha.”

– Então as decisões importante sobre a relação são exclusivas do Dominador?

– “Decisões são baseadas naquilo que você assimila por meio da observação e do que está a sua volta. Você observa, digere e após refletir a respeito, chega as suas conclusões. Agindo assim, o Dom evitará que cometa erros ou até mesmo que seja injusto. O Dono também aprende com sua submissa. Ninguém consegue se aperfeiçoar, se superar e até mesmo evoluir, sem que ouça o que o outro tem a dizer.”

– Então existe uma hierarquia! – Penso e ao mesmo tempo digito e envio. Mesmo romantizando suas palavras, ele acabou de deixar claro que quem manda é o Dominador.

– “Acredito que seja mais uma decisão consensual de quem manda, mas se você prefere a palavra hierarquia, tudo bem. Entenda que, mesmo havendo a hierarquia citada em destaque por você, que não deve ser questionada em hipótese alguma uma vez que a relação é discutida e qualificada previamente, se existe respeito, tudo é válido. E é exatamente isso que torna o BDSM mais rico, atraente e libertador. Talvez muito mais do que uma relação baunilha qualquer, onde existem traições, mentiras e cobranças excessivas, que consequentemente, acarretam em desgaste.”

– O senhor poderia me dizer quais são as obrigações de um Dominador? Se é que ele as tem, é claro.

– “O Dono tem que dar prazer para a sua submissa, não importando o meio que utilize para isso. Pode ser através do sadismo (o que gosto muito), ou através de qualquer outra prática que queira usar, pois a criatividade em retirar prazer dos mais inóspitos elementos é que torna o Dom melhor. As mesmas “obrigações” são aplicadas a submissa, ou seja, ela deve também proporcionar prazer ao Dono.”

– E quais seriam as formas de uma submissa dar prazer ao Dominador?

– *“Por meio da submissão a ele, que é convertida em obediência, superação de limites ligados à dor ou qualquer outro artifício existente entre eles, ela dará o seu melhor ao Dono. Sendo assim, ele terá orgulho da peça que possui. E mais que orgulho, ele terá muito prazer com a relação.”*

– Quanto a coleira... – Sou reticente, e a verdade é que só fiz a pergunta por me lembrar do colar no pescoço de Susanna Wesley no dia da festa de aniversário da mãe de Domenico.

– *“O que tem ela?”*

– Realmente existe?

– *“Sim, uma coleira é o maior símbolo dentro de uma relação BDSM. É como se representasse a aliança em uma relação baunilha.”*

– Entendi. Quem coloca a coleira é o dominador, mas no caso de retirá-la? A submissa tem o mesmo direito para devolvê-la quando se sentir violada?

– *“Certamente. Lembro-me de ler em algum lugar o relato de uma submissa... Ela dizia que o Dono dava pouco, praticamente quase nada para ela, e isso a deixava frustrada como submissa, pois apesar de fazer tudo que haviam combinado no período da negociação e saber que o mesmo se sentia satisfeito com ela, não entendia o motivo de tanta indiferença. Não sei o rumo que a relação tomou, mas baseado no que aprendi ao longo desses anos no mundo BDSM, digo que se não conversaram e resolveram essas arrestas, é bem provável que a coleira tenha sido devolvida por ela.”*

– Toda submissa recebe uma coleira?

– *“Não doce menina curiosa...Digamos que apenas as especiais são merecedoras de tamanha demonstração de afeto.”*

– Encoleirar uma submissa é questão de afeto? – Digito perplexa. Afeto no BDSM?

– *“Diferente do que pensa, existe amor em uma relação BDSM. Não em todas, mas existe.”*

Parei um tempo e fiquei observando a tela a minha frente. Então dominadores também amam. Isso explicaria o fato de Domenico ter sido casado com a irmã de Richard. Muito provavelmente ela fazia parte do seu mundo e sim, ele a amou, a amou ao ponto de se casar com ela. Não consigo evitar um leve aperto no peito, mas, me lembro o quanto já estou atrasada e continuo minha avalanche de perguntas, não posso e não vou perder essa oportunidade.

– A prioridade do prazer é do Dominador?

– *“Isso é lenda. Não vivemos mais no tempo em que proporcionar prazer ao parceiro era uma tarefa exclusiva da submissa. Nesta época remota, a submissa só sentia prazer quando o Dono, por ser uma pessoa extremamente*

generosa, permitia. Hoje, depois do SSC (São, seguro e consensual), o mais importante numa relação BDSM é a satisfação mútua. É ingenuidade por parte de qualquer Dom pensar que deve se preocupar apenas com a sua libido. Se acreditar nisso, será um forte candidato a ficar sozinho. O BDSM é uma via de mão dupla. Existem dois indivíduos que “trabalham” para dar o melhor de um para o outro. Isso é inquestionável.”

– Então a submissa é uma responsabilidade do Dominador?

– “Uma pergunta capciosa, minha menina. Você me surpreende.”

– Isso por acaso foi um elogio? – Digito sorrindo, imaginando a aparência desse homem fascinante e ao mesmo tempo misterioso.

– “Se assim desejar interpretar, o faça.” – A resposta seca me faz ficar imóvel, sem saber o que escrever. Parecendo notar minha indecisão, ele retoma o assunto.

– “Voltando a questão, é responsabilidade do Dom fazer com que a submissão de sua peça não escorregue entre seus dedos, pois se isso acontecer ele não a terá novamente. Para um Dom não existe nada que seja melhor que a sua submissa. Acima dela, apenas ele. Tendo isso em mente, cabe a ele cuidar, proteger, orientar, e principalmente, amar a sua submissa.”

– Dominadores amam mesmo? – Digito a pergunta, cada vez mais magoada por lembrar as palavras de Domenico: “Romantismo não faz parte das minhas relações.”

– “Ao seu modo, sim, amam... E amam muito, doce menina.”

– Por exemplo, eu acabei de descobrir esse mundo, não sabia nada sobre ele, existe uma forma correta para treinar uma suposta submissa?

– “Eu acredito que cada pessoa é diferente, e também que cada situação é única. Você deve então adaptar o treinamento de acordo com a personalidade de sua submissa, assim como o relacionamento de vocês e seus estilos de vida. Se sua sub/ escrava é rebelde, você terá que optar por punições mais severas, mais fortes e com maior frequência. Mas se sua sub/ escrava for mais mansa, punições psicológicas são provavelmente a melhor maneira de treiná-la, e desta forma, você não irá destruir a confiança dela, além de que irá ajudar sua autoestima, enquanto corrige aquilo no comportamento dela de que você não gosta. Resumindo, não há uma única fórmula para todas.”

– Então existe um manual? Como treinar sua submissa? – Debocho. Era só o que faltava, manual de treinamento de submissas.

– “Ironia, doce Ethel?”

– Não, me desculpe se soou como ironia, senhor. – Um tremor descontrolado sacodiu meu corpo ao ler o modo como me chamou. Domenico me chamava assim e foi impossível conter meus pensamentos que viajaram em

sua direção.

Voltando a realidade, me dou conta que fui irônica com o pica das galáxias do mundo dos açoites e tremo de medo ao ler mais uma vez sua resposta. Mesmo estando protegida sei lá a quantos quilômetros de distância desse homem, ainda assim uma simples frase dele conseguiu me intimidar como se estivéssemos frente a frente.

– *“Desculpas aceitas. Mesmo não podendo dar a você um manual de como treinar uma submissa, eu posso passar uma direção geral e dicas que possivelmente podem ser seguidas. Para iniciar o treinamento o dominante deve analisar algumas questões, o primeiro passo é uma avaliação, onde o dominador busca aprender as necessidades específicas, forças, fraquezas e desejos de sua sub.”*

– E quanto ao sexo? As preferências sexuais da submissa também são avaliadas e levadas em consideração?

– *“Esta avaliação com certeza inclui aspectos sexuais, mas não se limita somente a isso. Muitas vezes, o treinamento sexual e as atividades sexuais para uma submissas são exposições com outros propósitos e objetivos além de meramente uma experiência de um grande orgasmo. As ferramentas de como treinar sua submissa e de como desenvolvê-la são usadas com base em suas situações e mesmo que seja uma iniciação a distância, será feita como se o relacionamento com o dominador acontecesse cara a cara.”*

– Como seria esse treinamento?

– *“Em experiências na vida real, geralmente o dominador irá promover um treinamento com instruções diretas a submissa. Começando devagar, com breves momentos de catequizações e simples atividades, o dominador começa a introduzir a submissa à novas experiências. Entenda, minha menina, a liturgia do BDSM envolve todo um ritual, um comportamento entre Top e Bottom, preparação de cenas, ritos de posse e entrega, entre outros.”*

– Como estabelecer um cronograma para que os atos sejam executados de uma maneira satisfatória para ambos os lados? – Digito, lembrando a palmatória usada na minha iniciação. Preciso a todo custo saber se Domenico realmente extrapolou limites ou se simplesmente achou que aquele seria o jeito mais adequado de demonstrar o mundo ao qual faz parte.

– *“A liturgia é, por definição e natureza, um elemento formal. Isso significa que seus componentes também serão revestidos de formalidade. Será regida por normas específicas e, em alguns pontos, rígidas. Em linhas gerais, estabelecer uma liturgia significa definir os atos e objetos litúrgicos e seus respectivos significados. Os atos podem ser executados em uma ordem preestabelecida ou ser ordenados de acordo com a conveniência de cada*

solenidade. O mais importante é que determinado ato sempre seja executado de determinada forma e que tenha um significado especial que seja conhecido de todos ou, ao menos, passível de o ser.”

– Você poderia citar um elemento que caracterize a relação D/S?

– “Uma relação de dominação e submissão é caracterizada pelo elemento controle. O dominante controla as ações e pensamentos da submissa, que se submete pelo prazer de fazer as vontades do dominante, pelo prazer que sente com o fato de o dominante ter prazer, é um prazer empático, um prazer de dar prazer.”

– Quais as práticas mais utilizadas nas relações BDSM?

– “Existem várias práticas relacionadas à dominação e submissão. Por exemplo, o controle da conduta da submissa através de relatórios diários, o dogplay, em que a submissa se comporta como um cão, o foodplay, “brincadeiras com comida”, em que se pode por exemplo, usar a submissa como um prato, colocando-se comida em cima dela. Existe ainda a dominação psicológica, em que o dominante molda ou tenta moldar a mente da submissa, seus gestos, atitudes e até pensamentos conforme seus gostos e preferências. Na verdade, embora essas práticas estejam geralmente ligadas à dominação e submissão, isso não é verdade absoluta, pois o que determinará se uma prática é de dominação e submissão é a intenção dos praticantes com aquilo.”

– Quais características são fundamentais para que se reconheça uma relação D/s?

– “Se há intenção de dominação e controle, então estamos diante de uma prática num contexto D/s. Entretanto, uma prática aparentemente ou geralmente D/s, pode estar num contexto mais preponderante de B/D ou de SM. Por exemplo, uma prática de dogplay pode estar relacionada aparentemente a D/s, mas na verdade tratar-se de SM, pois a intenção dos praticantes é explorar o sofrimento, um querendo sentir-se humilhado e o outro humilhar, curtindo o sofrimento alheio, tratar-se de uma prática dogplay num contexto SM e não D/s, ou com poucas cargas de D/s e mais de SM, se é que me faço entender.”

– Desculpe-me, mas o que é SM? – Pergunto curiosa.

– “Perdoe-me por usar siglas. Vou citar algumas que são de supra importância no BDSM. SSC, são, seguro e consensual. SM, Sadomasoquismo, ou sadismo e masoquismo. D/S, dominação e submissão.”

– Posso fazer mais uma pergunta?

– “Acredito que por hoje seja o suficiente, minha menina. Não retenha muitas informações de uma só vez, isso vai confundir sua cabeça. Estarei a sua inteira disposição, mas não agora. Lembre-se: Meu fôlego está no soprar de suas palavras, doce menina...” – E ele desconectou!

Não foi oficialmente uma conversa, foi um esclarecimento educado que “*Dom Aron Damon*” fez, e pela primeira vez, me senti mais segura diante de tudo que vivi junto a Domenico. Achava que tinha algo errado, mas pelo pouco que entendi, tudo que aconteceu entre a gente está sim dentro do contexto do BDSM, por mais bizarro que tenha sido.

Respirei profundamente e abri um satisfeito sorriso. Uma olhada para o relógio e me dou conta do quanto estou fodida! Tenho quinze minutos para chegar no trabalho. Me levanto e por alguns segundos volto a olhar a conversa ainda aberta no laptop sobre a cama. Esse cara deve ser provavelmente uma máquina de sexo e não duvido nada que seja também bem gostoso!

Feliz e certa que, de agora em diante consigo seguir em frente com aquilo que sei que sou e definitivamente quero ser, fecho o aparelho, praticamente levitando até a porta de casa. Tola que eu fui em pensar assim! Mal sabia que a partir daquele momento, as palavras do importante e misterioso dominador, mudariam ainda mais minha já tão complicada vida!

CAPÍTULO ONZE



Faltando apenas cinco minutos para as dez da manhã, estou tentando entrar na garagem subterrânea do imenso arranha céu, onde fica a nova sede da “*Geo Fox*”. Parecendo conspirar de maneira cruel e sádica para que eu tenha meu fígado arrancado, algum idiota resolveu estacionar seu ostensivo BMW justamente ali, na minha entrada salvadora!

Sem pensar muito, coloco a mão na buzina. Além de estar atrasada, estou simplesmente bloqueando toda rua. Atrasada e ferrada com a linda multa que irei receber! Por que afinal esse idiota não tira a merda do carro da minha frente? Abro o vidro do carona e me aprumo, estava pegando todo o fôlego possível para gritar um enorme palavrão quando estanquei, mumificada e aterrorizada!

Merda, estou muito fodida! A visão subliminar e dominadora de Domenico Fox, com um terno negro que o deixa ainda mais gostoso e o sobretudo na mesma cor, me amolece as pernas. Esse homem foi esculpido no cristal mais raro do planeta, encontrado somente em algum ponto escondido no cume do Everest. Ele me encara, para meu alívio e também imenso conflito interior, parecendo divertido com a situação.

– Com pressa, Srta. Willians?

– Desculpe-me, Sr. Fox. Eu não sabia que era... Bom... enfim, me desculpe. – Já posso com certeza morrer agora! Mais sem graça seria impossível. Minhas bochechas queimam e meus pensamentos se enviam as vezes em que fui brutalmente mastigada pelas mãos poderosas desse homem. Como ele consegue agir com tamanha indiferença?

– E o fato de eu estar parado com meu carro em um lugar inapropriado passa a ser aceitável apenas por ser eu?

– Não foi exatamente o que quis dizer, Sr. Fox.

– Acredito que não tenha sido. – Ele sorri, derramando simpatia. Não posso reclamar, seria injusta se o fizesse.

Apesar de tudo que aconteceu entre a gente, que ele prefere ignorar ou simplesmente fingir que não existiu, Domenico é sempre muito educado e gentil

comigo. Um verdadeiro gentleman. A verdade é que ele não lembra em absolutamente nada o homem arrogante e prepotente que conheci a meses atrás na minha segunda noite em Boston.

– Será que... – Sinalizo com a cabeça em direção a seu carro, que continua a bloquear minha entrada na garagem.

Um sorriso impagável desenha os lábios carnudos e sensuais de Domenico e minhas pernas se apertam, tentando conter o fluxo que teima em jorrar e encharcar a merda da minha calcinha. Sim, Domenico Fox tem o poder de derreter qualquer mulher facilmente, seja ela uma submissa ou não. Pena que para minha mais profunda tristeza, minha oportunidade de usufruir de todo esse poder, parece não existe mais.

Cada dia que passa, nossa distancia só aumenta e suas atitudes polidas, demonstram sua total falta de interesse por mim. Talvez tenha arrumado uma submissa de verdade, capaz de satisfazer todas as suas necessidades. O pensamento aperta meu coração e me vejo segurando as lágrimas, enquanto tento, a todo custo, desfazer o bolo que se formou em minha garganta.

– Scott já vai tirá-lo. Lembra-se dele, não é mesmo, doce Ethel? – Uma tremedeira sem fim me consome por inteira.

Seis meses se passaram e essa é a primeira vez que Domenico manifesta algum indício de que não esqueceu o que vivemos. Doce Ethel! Ele me chamou de doce Ethel! Assim como Dom Aron Damon o fez em nossa conversa. Pisco os olhos e tento me ambientar, contendo a vontade louca de pular janela a fora e me pendurar em seu delicioso pescoço.

Domenico se afasta do carro e posso ver o tamanho da sua imponência em todo o seu esplendor! Uma mistura confusa de sentimentos ocupa a porra dos meus pensamentos, mas o que vence, é a vontade de ser subjugada e dominada mais uma vez pelas mãos quase bestiais desse homem.

– Já estou ferrada mesmo! Vou ter meu fígado devorado pela terrível Srta. Nielsen! Um minuto a mais um minuto a menos não fará diferença. – Resmungo para mim mesma ao mesmo tempo que deixo meus olhos perdidos na figura mitológica de Domenico.

– Não se preocupe com seu atraso, Srta. Willians, ele será justificado para Samantha, que não comerá o seu fígado, acredite em mim. – Ótimo, ele precisava mesmo ter ouvido! Me sinto ridícula, como uma adolescente reencontrando seu primeiro namorado em uma ocasião nem um pouco oportuna.

– Muito obrigada, Sr. Fox. – Baixo meus olhos, querendo que um meteoro atinja a cidade e cause um daqueles caos apocalípticos iguais aos dos filmes.

Preferindo não olhar mais em direção a Domenico e tentando controlar

meu instinto primitivo de me jogar por sobre seu delicioso corpo implorando por uns tapas, coloco o carro para dentro, não sem antes acenar em sinal de agradecimento a Scott, que me reconhecendo, abre um doce sorriso.

Claro que não tinha vaga. Depois de rodar o quase um quilometro abarrotada de carros dispostos um ao lado do outro, parei na última vaga, do último setor, do último lugar existente e, é claro, o mais distante possível do elevador! Por que acreditar que tudo está bem e pensar positivo quando tudo na verdade está uma grande merda?

Suada, cansada e ofegante pela caminha feita por sobre saltos altíssimos, enfim toco o botão eletrônico do transporte mais temperamental de toda a existência mundial. O elevador! Ele sempre poderá te dar uma rasteira. Olho o visor logo acima da porta e graças a deus, vejo que ele se encontra no térreo.

Ansiosa por chegar o mais rápido possível a minha sala, troco as pernas quase que em um tique nervoso, me abanando e tentando conter a quentura que sobe pelo meu pescoço e atinge em cheio minhas bochechas. As portas se abrem e fica certo, nesse exato momento, que o universo está mesmo em uma grande conspiração contra a minha existência!

– Merda! – Mais uma vez meus pensamentos fluem por minha boca sem a minha autorização.

– Bom vê-la novamente também, Srta. Willians!

– Sr. Fox... – Aquele momento que você fica parada com cara de idiota, estancada e ancorada, sem saber o que fazer? Estou nele! Não posso entrar em um elevador sozinha com Domenico. Meus hormônios gritam e pareço uma cadela no cio ao seu lado, seria humilhação demais precisar passar por essa tortura.

– Não vai entrar, Ethel Lisa? – O sorriso simpático e bem-humorado do incrivelmente gostoso Domenico Fox, amolece minhas pernas.

– Claro... – Fazendo a supersegura, quase tropeço ao entrar no elevador. Sorrio! Se é para fazer a decadente, que pelo menos eu o faça com glamour e banhada em glitter!

Com dedos praticamente gelatinosos, passo meu crachá que dá acesso ao 62º andar. O número se acende imediatamente no painel digital luminoso. O 65º andar, já se encontra acesso, é de lá que Domenico comanda seu império. Desconfortável, me encosto na outra extremidade da caixa espelhada e tento não encarar a figura divina a pouquíssimos metros de mim, o que é humanamente impossível. Como pode um homem cheirar tão bem? E como pode o cheiro dele ainda mexer tanto comigo?

É bem provável que um vidro do perfume de Domenico custe o

mesmo que o meu carro e o apartamento de Clarisse, juntos! Me arrependo de nunca ter perguntado qual era a marca. Balançando as pernas, finjo estar mexendo em algo na bolsa. Já tinha cruzado algumas vezes de forma casual pelos corredores da empresa e participei de reuniões que Domenico comandava junto a Leonard Robson, mas jamais fiquei tão próxima e sozinha.

O foda é ter o dominador sádico que virou minha cabeça e minha vida em uma completa desordem, no mesmo metro quadrado que eu duas vezes seguidas, e pior, em um intervalo de pouquíssimos minutos. Acho que não me dei conta do tempo que o elevador demorou para chegar, o sorriso quase aconchegante de canto de boca do todo poderoso e enervantemente charmoso Domenico Fox, parece ter o poder de parar o tempo.

Vez ou outra, olhei de canto de olho, tentando disfarçar transparecer aquilo que ele já deve estar careca de saber. Domenico ainda exerce um poder muito mais do que fascinante sobre a minha pessoa e isso, ao invés de incomodá-lo, parece agradá-lo consideravelmente. A verdade é que: Submissa ou não, é inexistente a possibilidade de uma mulher não apertar as coxas ao lado dessa criatura mística!

A porta do elevador se abre e me vejo obrigada a executar a dolorosa tarefa de largar o Sr. Deus com cara de quem está pouco se fodendo para o meu desconforto latente e inquieto sozinho, seguindo seu destino, juntamente com seu cheiro viciante e sorriso comedor. Tudo bem... Quase todas as palavras que usei tiveram algum tipo de conotação sexual, mas é impossível não atribuí-los a Domenico.

– Sr. Fox, tenha um bom dia. – Falo, sem olhá-lo diretamente.

– Nos vemos mais tarde. – A voz grossa e profunda como a de um cantor de ópera brindou os meus ouvidos e como sempre, me fez estremecer. Como assim nos vemos mais tarde? Claro que fiquei sem graça e devo estar mais do que corada. Domenico por acaso está sugerindo algo que fui incapaz de captar?

– A reunião Srta. Willians. – Ele fala sorrindo, aquele sorriso dos deuses que faz suas covinhas se salientarem ainda mais, ao mesmo tempo que pisca para mim.

A atitude me pegou de surpresa e fez meu coração parar por alguns dolorosos milésimos de segundo diante da visão subliminar. Desde nosso último encontro, essa é a primeira vez que trocamos mais do que um bom dia ou um boa tarde e Domenico está completamente diferente daquilo com o qual me acostumei. Simpático, cordial, brincalhão... O foda é que isso o faz ainda mais charmoso do que quando está colocando em prática suas tendências dominadoras.

– Ah, claro... A reunião. – Um calor forte subiu pelo meu corpo e fiquei mais do que com vergonha. Fiquei decepcionada!

Forço um sorriso, apavorada com a possibilidade de ser dispensada de meu emprego por assediar meu chefe dominador que já me fez levitar diante das suas habilidades manuais, que me levavam a completa loucura e insensatez. Insensatez que me faz dar conta de que esse Domenico a minha frente não é o cara que conheci.

Me lembrando das palavras de Dom Damon, percebo o mais óbvio que existe nesse mundo ainda bem desconhecido para mim. Um dominador não é sempre um dominador! Ele é um cara normal, um pai de família, um homem de negócios. Precisou me afastar de Domenico e fazer uma pesquisa séria com alguém bastante entendido, para conseguir compreender isso.

Acontece que entender essa parte, só me atola em um paradoxo ainda mais enervante. Tudo que eu mais quero e preciso é do homem normal Domenico Fox em minha vida, assim como também preciso do dominador feroz, capaz de cometer as mais violáveis atrocidades, nas quais, me delicio em dor e êxtase absolutos.

– Então, nos vemos mais tarde.

– Claro, Domenico. Nos vemos mais tarde. – Seu nome deslizou gostoso pela minha língua e boca, me fazendo abstrair completamente o protocolo que criei para mim mesma de chamá-lo apenas de Sr. Fox. Rapidamente corri porta a fora.

– Ethel? – A voz rouca e sexy parece saborear meu nome, e nesse momento, sem precisar me virar, consigo perceber claramente o dominador se manifestando.

– Sim... – Balbucio, incerta do que falar e muito menos de como agir.

– Você está cada dia mais linda. – Ao ouvir tais palavras, me virei lentamente, a tempo de ver a sombra de um sorriso em seus belos lábios antes das portas do elevador se fecharem. Sério mesmo? Que porra de homem confuso é esse?

A manhã demorou uma eternidade para passar. Fui obrigada a enfrentar o olhar furioso da Srta. super frígida Samantha Nielsen, que provavelmente deve estar bem intrigada com o fato de ter recebido uma ligação de Domenico em pessoa para justificar meu atraso. Me mantive distante, o máximo que pude, tentando assim evitar que ela fizesse algum dos seus comentários venenosos e me matasse de vergonha.

O vai e vem de pessoas finalmente diminuiu. Depois de ler

atentamente os relatórios dos próximos compromissos com a imprensa, tanto de Domenico, quando dos outros figurões da “*Geo Fox*” e da “*AC Interprise*”, resolvi que era o meu momento de relaxar e comer alguma coisa, uma vez que saí tão corrida de casa, que não tive tempo para nada mais que um xícara de café.

Armada do meu sanduíche de salada de frango e uma latinha de refrigerante diet, começo a vasculhar a internet em busca de alguma fofoca a respeito do meu chefe, afinal, esse é o meu trabalho, gerenciar as crises que a imprensa promove. A meses venho lutando com sites sensacionalistas e negociando para que absolutamente nada comprometedor a respeito de Domenico ou mesmo das empresas seja vinculado nas redes.

Abro meu e-mail e me perco alguns segundos na conversa que tive mais cedo com Dom Damon. Apesar do pouco tempo que nos falamos, suas palavras foram bastante esclarecedoras. Sucinto e direto, ele me fez entender coisas que a meses buscava respostas. A seriedade com que ele trata o assunto, a integridade do que escreveu, junto a resignação com que detalhou o BDSM me deixaram mais segura e muito, muito mais curiosa para viver esse mundo.

Meu conhecimento, até então, se resumia as chicotadas, amarras e romances criados pela minha imaginação fértil. A verdade é que tudo se resumia ao que havia vivenciado com Domenico. Pelo que pude compreender, existem muito mais coisas envolvidas. Em meio as minhas incansáveis pesquisas, procurei também por psicólogos, que puderam me dar uma base a respeito da conduta mental dos praticantes, mas como confiar na palavra de uma pessoa que só conhece o assunto porque o leu, assim como eu?

Precisava de mais. Muito mais. Por isso decidi escrever um e-mail respeitoso ao site, solicitando o contato do tal “*Dom Aron Damon*”, que parece ser uma celebridade entre os habitantes do mundo dos chicotes, dor e açoites. Claro que, como toda boa celebridade, ele não autoriza que seu contato seja divulgado, mas os administradores me garantiram que fariam com que meu desejo de entrevistá-lo chegasse até ele. Por isso me vi tão surpresa pelo contato feito pelo próprio essa manhã.

Um tilintar em minha caixa de entrada e volto meus pensamentos para a realidade. Um e-mail do site onde encontrei Dom Damon? Uma curiosidade sem precedentes me invade, uma vez que ele mesmo já falou comigo hoje mais cedo, por que estariam entrando em contato?

A mensagem era simplória, poucas palavras e ainda menos informações. Mas preciso admitir que a excitação me invadiu como uma onda gigante ao clicar em abri-lo, sei lá porque. A verdade é que tudo que envolve esse homem misterioso me deixa assim, ligada, como se tivesse enfiado o dedo em uma tomada.

“O próximo contato com o Mestre Damon será feito por intermédio de sua rede social. Por favor, não responda esse e-mail e só volte a se comunicar após ser adicionada. Não adicione nenhum perfil que contenha seu nome. Aguarde. Ele irá procurá-la.”

Talvez a conspiração que o mundo tramava contra minha vida desde o momento em que coloquei os pés nele enfim tivesse chegado ao fim! Além de o todo poderoso do mundo da dor ter falado comigo por conta própria, ainda terei o prazer de tê-lo em minha rede social? Esse cara era tudo que precisava. Ele será a fonte mais segura que poderia ter!

Ninguém jamais conseguiu entrevistá-lo ou sequer falar com ele. Pelo pouco que consegui descobrir em minhas pesquisas, nem seu rosto é conhecido. Ele se mantém nas sombras a mais de 10 anos. Agitada e ansiosa, corro para minha página do Facebook. Foi por lá que contatei o site, será fácil ele me descobrir. Pensando bem, deveria ter seguido o conselho de Clarisse e criado um perfil fake apenas para esse tipo de contato.

Minha vida ao longo dos últimos 6 anos está estampada naquelas páginas. Assim que o Sr. Misterioso me adicionar, terá acesso a todas essas informações e provavelmente concluirá o que Domenico concluiu... Que sou a pessoa menos atrativa e mais sem graça de todo o universo! Sacodindo a cabeça, coloco minha senha e espero a página armar.

O número três aparece no ícone de pedidos de amizade. Giro minha cabeça em todo o eixo de meu pescoço tentando soltar os músculos, que de uma hora para outra, resolveram se contrair. Sei que se o nome desse cara não estiver ali, dentre aqueles três avisos, não vou nem dormir essa noite com os olhos colados na tela do laptop aguardando por isso. Provavelmente não vou dormir nunca mais uma vez que o e-mail deixou claro que qualquer contato a partir de agora só será feito por aqui.

Tomo coragem e clico. Puta que pariu! *“Dom Aron Damon”* é o primeiro perfil a aparecer! Esquecendo de ver os outros dois pedidos, aceito e na mesma hora, vou investigar o seu perfil. A primeira coisa que faço é vasculhar suas fotos. Descrição deveria ser o nome do meio desse homem. Não posso garantir que as fotos sejam verdadeiras, mas que são uma delícia, ah, isso são!

Seu rosto não aparece, o que dá indício de que as imagens realmente possam não ser dele, mas quem liga para isso diante do corpo perfeito que se desenha diante da minha visão que nesse momento está até turva perante tamanha perfeição e beleza? Meu Deus, que corpo! Alto, forte, perfeito...Do tipo que faz você salivar.

Mesmo estando finamente vestido com belíssimos ternos em todas as fotos, fica impossível não perceber as pernas musculosas, o abdômen estreito, o

peito e ombros largos e um pescoço que te convida a tentações bem impuras. Balanço a cabeça ao perceber que estou claramente descrevendo Domenico.

Acho que minha obsessão por ele está começando a me fazer enxergar semelhanças onde elas realmente não existem. Puta merda! Fake ou não, esse homem é a visão subliminar do paraíso e todos os seus pecados escondidos e desconhecidos. Rolei todas as fotos, uma por uma e não vou mentir, suspirei em todas elas, até que a última realmente me fez pensar na possibilidade de lambar a tela do laptop.

Seu rosto, mais uma vez não aparece, mas ele está sem blusa, um chicote em uma mão e um copo de uísque na outra. Caralho! Eu jamais vi um homem assim, a não ser Domenico, é claro, na verdade a semelhança entre os dois chega a ser absurda de tão grande!

A figura clássica, erótica, potente e máscula, me faz lembrar em muita coisa o dominador que vem tirando meu sono e sossego a meses, claro que muito provavelmente, é fruto da minha imaginação fértil! Uma desdenhosa miragem. Desdenhosa e muito, muito gostosa.

Por mais que eu tente, meus olhos não conseguem e não querem desprender de seus detalhes. A barriga de bocha do meu sedentarismo com seus gomos bem delineados e o peito, ah, o peito, simplesmente perfeito. Me lembro de ter explorado o de Domenico na noite de aniversário de sua mãe, e pisco os olhos, tentando conter a loucura de imaginar tantas particularidades em ambos.

A calça preta, com cinto e botão abertos, cai deliciosamente em seu quadril, marcando o músculo da barriga que forma aquele “V” quase imoral e entorpecente que guia os olhos e a imaginação para o volume grosso e bem aparente do seu sexo. Sim, o Sr. Dominador Damon é muito bem-dotado, assim como Domenico.

Bíceps, tríceps e sei lá mais quantos músculos esse homem tem, parecem ter vida própria e ressaltam nas fotos. Sempre em preto e branco, mas de uma qualidade excepcional. Uma imensa tatuagem se destaca desde o ombro esquerdo até a altura do cotovelo, arrancando de uma vez por todas o meu fôlego.

Isso me faz na mesma hora desistir da ideia de semelhança entre ele e Domenico, que não tem tatuagem alguma. Caveiras, velas, rosas e mais uma infinidade de elementos que não consigo definir, todos juntos e muito bem estruturados que fazem o homem ainda mais sexy do que já é. Uau! Uau várias e muitas vezes.

O tilintar da minha caixa de entrada me faz pular da cadeira e preciso me segurar para não desmaiar. “*Dom Aron Damon*” em pessoa está me chamando!

CAPÍTULO DOZE



Olá – Apenas o olá desse homem já me faz estremecer. Como não compará-lo a Domenico? Apenas ele foi capaz de causar esses tipos de reações exageradas em mim.

– Olá, boa tarde.

– *“Seja bem-vinda mais uma vez, curiosa.”*

– Muito obrigada.

– *“Pode começar.”* – Direto e reto. Já percebi que não vai rolar muita simpatia em nossas conversas. Fico pensando no que escrever, mas logo o som de uma nova mensagem me desperta.

– *“Você quer continuar com sua entrevista?”* – Não sei bem porque, mas senti um certo tom de desdém na palavra “entrevista”.

– Não é exatamente uma entrevista, está mais para uma pesquisa... Deixe-me tentar explicar.

– *“Explique.”* – Por que será que mesmo lendo sou capaz de visualizar um tom de impaciência?

– Primeiro, me sinto na obrigação de perguntar se estou sendo inconveniente e se isso te incomoda. – Um tempo que mais se assemelhou a um espaço temporal ou um vácuo entre as galáxias me atormentou até que aparecesse a sua resposta. Definitivamente esse homem me deixa muito nervosa!

– *“Fique tranquila.”* – Como ficar tranquila quando estou falando com o dominador dos dominadores?

– Quero esclarecer alguns pontos que acho confusos demais e que realmente, por mais que eu tente, não sou capaz de assimilar. Hoje mais cedo, você foi de grande ajuda e posso dizer que já vislumbro outro lado daquilo que vivi, mas ainda continuo bastante ambígua em certos pontos.

– *“Fale o que você precisa.”* – Isso vai ser muito mais complicado do que imaginei. O cara parece pouquíssimo receptivo. E se é esse o caso, por que diabos então me chamou? Homens, dominadores ou não, como entendê-los?

– Como já disse, tive uma relação a algum tempo atrás, com um dominador e também sádico. Na época, nem fazia ideia que essas coisas

existiam, todo o meu conhecimento vinha de livros ou filmes de romance que envolviam o assunto. Mas, depois do que vivi, posso categoricamente afirmar que nada que tenha lido ou assistido, chega próximo a experiência que tive. Andei fazendo algumas pesquisas, buscando maior compreensão, mas esse é um mundo muito fechado e também onde se encontram muitas fraudes... – Será que escrevi demais? Toquei brevemente na tecla enter, sem a certeza se tudo que falei realmente importa para esse homem desconhecido que, sei lá porque, estou confiando tanto.

– *“Esclarecendo... Romances não são livros BDSM, muito menos filmes, portanto, não servem como parâmetro. Graças a propagação inverídica e indiscriminada da prática BDSM por pessoas sem conhecimento algum, o mundo virtual se tornou uma fraude e a cada dez minutos aparece um suposto dominador, apenas na intenção de conquistar mulheres que se sintam atraídas por algum tipo de emoção mais quente em seus lençóis!”* – Uau! Definitivamente ele ficou zangado e não sei o porque, mas acho que ele deve ficar uma delícia zangado! Mais uma semelhança impressionante com Domenico.

– Entendo...

– *“Então devo acreditar que seu interesse se resume a esclarecer o engano e desencontro de informações, não é mesmo?”*

– Não teria buscado pelo melhor caso essa não fosse a minha intenção!

– Toma essa Dominador, quebrei suas pernas.

– *“Mas teria buscado para conseguir aquilo que jornalista algum jamais conseguiu, estou enganado?”* – Como ele sabe que sou jornalista?

– Se seu receio é que esteja em busca de uma matéria, acredite que jamais foi minha intenção. – Digito nervosa, sem conseguir me livrar da lembrança dos castigos aplicados por Domenico no dia em que descobriu que eu era uma jornalista.

– *“Incrivelmente, eu acredito em suas palavras, doce Ethel.”* – E lá vem a porra do “doce Ethel” mais uma vez! Meus hormônios se manifestam e gotículas de suor se criam em meu buço.

– Sou uma pessoa confiável, “Senhor”. – Destaco a palavra senhor com aspas, a fim de brincar e tornar o clima mais ameno.

– *“Prossiga.”* – Achei que vinha ao menos um sorriso depois do meu comentário. Nada. Estou diante de um homem de pouquíssimas palavras e nenhuma simpatia.

– O que eu realmente quero é me encontrar no mundo BDSM. Depois da minha experiência, me descobri uma submissa, mas não sei o que devo fazer, como fazer. Preciso entender como funciona a cabeça de um dominador e

consequentemente, de uma submissa, sem meias verdades.

– *“E como pretende fazer isso? Me fazendo perguntas pela internet?”*

– Sinto uma imensa ironia em suas palavras, e isso realmente me irrita. O cara é o rei da prepotência!

– Sugere algo mais agregador? – Meus rosto esquentava enquanto digito.

– *“Primeiro passo. Você precisa de um dominador que se encaixe nas diretrizes BDSM.”* – Ele responde, ignorando completamente o meu comentário anterior.

– Você é o meu dominador... (Rs)

– *“Não, não sou. Sou um cara desconhecido, em quem você depositou suas esperanças para anular suas dúvidas.”* – Fico calada. A verdade é que não tenho o que responder. Dom Damon está certíssimo!

– *“Só por curiosidade, você pesquisou diretamente sobre mim?”*

– Eu pesquisei sobre BDSM e a grande maioria dos sites que abordam o assunto de maneira séria e coerente, trazem o seu nome como referência.

– *“Entendi. E você acha que é produtivo fazer esse tipo de pesquisa em facebook? Onde cada um é aquilo que simplesmente deseja ser?”* – Impressão minha ou não, mas esse cara está me dando uma bela puxada de orelha?

– Eu não fiz a pesquisa em facebook. Busquei sites idôneos a respeito do assunto. E se não me engano, acredito que seja pelo facebook que estamos nos falando. Isso talvez não o torne tão diferente de tantos outros que supostamente existem por aí, estou enganada?

– *“Informações Susceptíveis existem em qualquer lugar. Você não conhece meu rosto e muito menos a minha índole. Por que então confiar naquilo que digo?”*

– Porque pelo que pude ver, você é o melhor dos melhores.

A pausa interminável que veio a seguir me fez pensar se havia falado alguma coisa errada. Batucando com os dedos na mesa e roendo a tampa da caneta, começo a me sacudir como uma doida na cadeira. E se ele simplesmente desaparecer? Minha única e confiável fonte de informação iria por água abaixo!

– *“Desculpe a demora. Vamos direto ao ponto. O que de fato a doce curiosa deseja?”*

– Tenho algumas perguntas prontas, você se incomodaria de respondê-las?

– *“Entendi errado quando disse que preferia esclarecimentos informais a respostas diretas às perguntas pré estabelecidas?”*

– Não... Mas, não tenho muito tempo disponível, assim como você também não. Não posso e não quero perder a oportunidade de ter minhas

perguntas mais importantes respondidas.

– *“Posso responder todas as perguntas necessárias à sua pesquisa, Srta. Willians”.*

– Primeiro posso fazer uma pergunta?

– *“Acredito que tenha me procurado para fazer perguntas, seria no mínimo incoerência da minha parte dizer que não, concorda?”*

– Como sabe o meu sobrenome? Não me recordo de tê-lo colocado no e-mail e também não consta no meu endereço eletrônico. – Digito nervosa, sem me importar com possíveis erros de caligrafia que possam dar indícios de que uso demasiadamente o corretor ortográfico.

– *“Ethel Lisa Willians, 22 anos, nascida em New Castle, Delaware. Jornalista formada pela universidade da Pensilvânia e que atualmente trabalha como assistente de relações públicas da “Geo Fox” e o conglomerado “AC Interprise”. Esqueci algum detalhe?”* – A rapidez com que ele digita não acompanha a lentidão do meu cérebro ao tentar imaginar como ele conseguiu tantas informações a meu respeito.

– Sério que você investigou minha vida antes de vir falar comigo? – Pergunto incrédula.

– *“Não perderia meu tempo com isso, Srta. Willians, sou um homem muito ocupado. Se não quer que as pessoas saibam da sua vida, seja mais discreta e se exponha menos em sua rede social”.* – Tudo bem, acabei de levar uma baita porrada do Sr. Dominador misterioso e bem fuxiqueiro, uma vez que ficou óbvio que sua demora em responder foi porque estava avaliando meu perfil.

– Um conselho que pretendo seguir.

– *“Assim espero. Meu tempo, como disse, é curto. Vamos aos detalhes, Srta. Willians”.*

– Envio as perguntas por aqui ou prefere me passar um e-mail?

– *“Por aqui está ótimo”.* – Claro que ele não me daria um e-mail pessoal dele. Doce ilusão a minha.

– Posso começar? – Digito, fechando a janela onde está o navegador com a página do facebook e procurando desesperadamente o arquivo salvo com o questionário detalhado que preparei caso conseguisse acesso ao todo poderoso Dom Aron Damon. Um bipe me faz interromper minha tarefa e voltar ao Messenger.

– *“Antes precisamos acertar alguns detalhes. Tenho uma vida fora o mundo Blue, Srta. Willians, portanto, acho que privacidade é primordial para que sua pesquisa seja bem-sucedida e principalmente, para que eu me de ao trabalho de cooperar”.*

- Acredite, jamais exporia seu nome.
- *“Preciso dessa confirmação por escrito, Srta. Willians. Não estou lidando apenas com uma aspirante a submissa, estou abrindo intimidades bem peculiares a meu respeito à uma jornalista”*.
- Posso enviar um termo de confidencialidade. Eu assino, envio e podemos timbrar em cartório.
- *“Apenas me envie. Meu departamento jurídico cuidará dos detalhes”*. – Departamento jurídico? Um dominador precisa ter um departamento jurídico?
- Pode me dar cinco minutos para que encontre o arquivo?
- *“Você tem no máximo três. Tenho compromissos inadiáveis e não tenho como me demorar”*.
- Ok, três minutos! – Digito nervosa.
- *“Agora são apenas dois minutos e quarenta segundos, Srta. Willians”*. – Merda, será que esse cara faz ideia do quanto é irritantemente enervante?

Em meio a infinidade de arquivos nomeados apenas com números ou letras por pura preguiça, rapidamente faço uma anotação mental de ser mais organizada, começo a procurar o tal termo de confidencialidade, que na verdade, peguei na internet, uma vez que nunca tive necessidade de utilizá-lo.

- Posso enviar?
 - *“Um minuto agora, Srta. Willians.”* – Sério que ele está mesmo cronometrando o meu tempo? Sem pensar muito, clico no arquivo e aperto enter.
- Sim, o tempo em que aguardei sua resposta, li umas vinte vezes o termo de confidencialidade, buscando algum detalhe que pudesse fazer o todo poderoso dominador dar para trás e desistir de me dar as informações que tanto necessito. Busquei nas entrelinhas, nos pontos e nas vírgulas. Com o cérebro esfumaçando, concluí que não existe absolutamente nada de errado em tudo que está escrito e apenas aguardo, ansiosa, por sua resposta.
- *“Para mim está ótimo”*. – Suspiro aliviada ao ler sua mensagem.
 - Posso então enviar as perguntas?
 - *“Vá em frente. Digamos que estou aqui para isso. Esclarecer suas dúvidas ou talvez aguçar ainda mais a sua curiosidade.”*

E assim foi. Ficamos no mínimo uma hora conectados. Eu perguntava, ele respondia. Algumas vezes percebi um pouco de impaciência da sua parte, outras, uma certa diversão por eu ser tão ignorante a respeito do assunto. Quando estava começando a gostar da brincadeira, ele deixou claro que quem estava no comando do jogo era ele.

- A respeito de castigos... – Início a pergunta, mas estanco ao ver que

ele está digitando alguma coisa.

– *“Acho que já chega, ao menos por agora. Como já disse anteriormente, não retenha muitas informações de uma só vez, isso não vai ajudar, apenas irá confundir sua cabeça.”*

E ele desconectou! Merda! Depois dessa conversa, como posso me concentrar em qualquer outra coisa que não seja nesse homem pelo resto do meu dia? E ainda tem o fato de precisar encarar Domenico por no mínimo uma hora durante a reunião. Olho o relógio e percebo que tenho apenas cinco minutos para estar na sala de reuniões. E lá vou eu, mais uma vez, correr igual uma louca para não chegar atrasada.

Peguei o elevador justo com quem? Samantha Nielsen e seu olhar ainda bem especulativo. Claro que suas entranhas devem estar se contorcendo de curiosidade para saber o motivo de Domenico em pessoa ter ligado para justificar meu atraso. Faço uma cara de superior e desenho um sorriso torto nos lábios, sem emitir um único som, satisfeita, por pelo menos uma vez na vida, ter conseguido ferrar o juízo da sempre irritante Samantha.

Assim que as portas do 65º andar se abriram e me deparei com a quantidade imensa de pessoas esperando pelo todo poderoso para entrar na sala de reuniões, me dei conta de que, dessa vez o assunto deve ser realmente bastante sério e, é claro, como a parte da firma que é contratada para gerenciar crises, já sei que vou ter trabalho dobrado esses dias.

Um arrepio intenso percorre meu corpo. Alto, forte, lindo, gostoso, apetitoso, degustável e incrivelmente intimidador. Sim, esse é Domenico Fox em todo o seu esplendor. O semblante carregado, mostra que está para pouquíssimos amigos, mas nem demonstrando tamanha antipatia, esse homem consegue ficar feio ou menos atrativo. Pelo contrário, fica ainda mais sensual.

Seus olhos encontram os meus por alguns segundos, emoção alguma transparece. Pedras geladas, que parecem jamais ter tocado a minha alma de forma tão intensa. Baixo a cabeça, certa de que minhas pesquisas serão em vão. Domenico não parece o cara que come duas vezes no mesmo prato.

– Srta. Willians? – A voz de Leonard Robson me arranca a força do autoflagelo emocional que me enfiei.

– Vamos a minha sala, precisamos conversar antes da reunião. – A voz séria de meu chefe me deixa imediatamente tensa. Que merda toda é essa que está acontecendo?

Foi difícil acompanhar os passos rápidos e seguros de Leonard, ainda mais sentindo todo o tempo aquele frisson descontrolado que se instala em meu corpo sempre que Domenico está próximo a mim. Desajeitada, tentei manter o ritmo, tropeçando em minhas próprias canelas até chegarmos a sala em anexo a

de reunião e finalmente me instalar na cadeira indicada por meu chefe.

– Como já deve ter notado, o assunto é de extrema gravidade, Srta. Willians. – Leonard começa a fala, apertando as têmporas, como se quisesse aliviar uma imensa dor de cabeça.

– Percebi. Em que posso ajudar? – Falo pouco, o nível de estresse de Leonard me deixa intrigada e ao mesmo tempo bastante nervosa para alongar minhas palavras.

– Ultimamente, Domenico vem recebendo algumas cartas e e-mails bastante ameaçadores.

– Ameaçadores do tipo?

– Do tipo vou arrancar suas bolas e enfiá-las em sua boca.

– Oi? – Arregalo os olhos, sem acreditar no que acabei de ouvir.

– O fato é, de início achávamos que era apenas um louco querendo chamar atenção.

– E o que os fez mudar essa visão?

– A duas noites atrás, o carro de Domenico foi seguido. Scott, seu motorista, conseguiu, depois de muito trabalho, despistar, sendo inteligente o suficiente para anotar a placa do automóvel.

– Então vocês já sabem quem é? – Aperto as mãos no colo.

Quem poderia querer fazer algum mal a Domenico? Acorda Ethel! Com a vida que ele leva, muito provavelmente, metade da população feminina já dispensada por ele depois dos seus deliciosos abusos, devem querer muito mais do que simplesmente arrancar suas bolas e enfiá-las em sua boca!

– Era uma placa fria. A única coisa que sabemos é que o carro foi roubado a uma semana atrás, em New Jersey.

– New Jersey? Mas isso fica a milhares de quilômetro daqui.

– Isso também nos deixou intrigados. Digamos que seria muito trabalho para pouca intenção. – Leonard se levanta e caminha pela sala, com ambas as mãos enfiadas em seus bolsos.

– Isso pode significar que a pessoa que está fazendo as ameaças é de Nova York? – Pergunto, sem acreditar direito no que estou ouvindo. No meu pouco entendimento corporativo, esse lance de ameaças só existia em filmes de ação.

– A pessoa pode ser de qualquer lugar, Ethel. – Leonard se senta na beirada da mesa e me encara atentamente.

– Isso quer dizer que Domenico está mesmo em perigo? – Exatamente nesse instante minha ficha cai. Engulo em seco tentando empurrar o bolo que se forma em minha garganta. Tem alguém tentando fazer mal ao homem que amo... E que me ignora completamente depois de ter tirado minha alma e sossego por

completo!

– Pode ser que sim, pode ser que não. Não sabemos se a intenção da pessoa é exclusivamente assustar ou na realidade executar. Existe muita concorrência, e posso dizer que isso é bem mais comum do que imagina.

– Executar o que exatamente? – Me remexo inquieta na cadeira.

– Ethel, me escute.

– Estou escutando, Leonard! – Me exalto ao responder. Só de imaginar a hipótese de alguma coisa ruim acontecer a Domenico, meu estomago se revira.

– Se acalme, por favor.

– Como posso me acalmar? Você está me dizendo que existe algum louco solto por aí querendo matar Domenico.

– Eu não falei isso...

– Não, mas deu a entender. Não sou burra, Leonard!

– Querida, eu sei que você e Domenico tiveram um envolvimento emocional. Talvez até ainda o tenham, vai saber, a única coisa que peço é que seja profissional. Vou precisar muito de você a partir desse momento.

– E o que posso fazer? Sou apenas uma assessora de imprensa, Leonard, não a mulher maravilha! – Dou de ombros desanimada, sem compreender no que posso ajudar em um assunto tão sério.

– Você vai ter que mentir.

– O que?

– Mentir, Ethel. E mentir bem. Precisarás ser convincente. Esse cara, ou esses caras, vão ter que acreditar no que você irá falar na coletiva que daremos hoje mais tarde.

– Mas por que eu? Temos uma equipe imensa, o que significa que muito provavelmente você pode contar com pessoas muito mais capacitadas que eu para esse serviço.

– Sim, eu tenho. Mas nenhuma que goste tanto de Domenico ao ponto de conseguir mentir com perfeição por ele.

– Foi ele que pediu que falasse comigo? – Pergunto baixinho.

– Ele não sabe que estou delegando essa função a você, Ethel. Acredito inclusive que terá suas reservas quanto a isso. Mas não creio que exista mais alguém na equipe que queira proteger Domenico tanto quanto eu e você.

– E o que exatamente vou precisar fazer? – Me aprumo na cadeira, tentando me concentrar no que meu chefe está falando.

– Apenas siga tudo que eu falar durante a reunião. Não questione, finja acreditar. Ninguém da equipe pode saber a verdade, não sabemos em quem podemos ou não confiar. Talvez os inimigos de Domenico estejam infiltrados entre nós, seria um jeito inteligente de saber tudo a respeito dos seus negócios.

– E as ameaças tem alguma coisa a ver com os negócios da “*Geo Fox*”?

– Você entenderá melhor durante a reunião. Apenas acate e quando for citada para ser a porta voz da empresa durante a coletiva, não questione, aceite o trabalho como se já o tivesse feito antes.

– Leonard, eu nunca dei uma entrevista na minha vida! – Me levanto, apertando a lateral do corpo com meus braços.

– Então coloque na sua cabeça que essa será a primeira de muitas enquanto estivermos gerenciando essa crise. Lembre-se Ethel, a integridade de Domenico depende da sua voz. Seja convincente!

Saí da sala atordoada, muito provavelmente branca como uma folha de papel. Domenico está correndo perigo. Mas que tipo de perigo? Além dessa informação que faz praticamente meu coração paralisar, ainda preciso me acostumar com o fato de que, em algumas horas, estarei rodeada de microfones dando minha primeira entrevista, e pior, mentindo!

CAPÍTULO BÔNUS



Quantas essa semana? – A voz de Leonard consegue me deixar ainda mais tenso do que já ando ultimamente.

– Umas cinco ou seis.

– Concorda que esse é o indício de que essas pessoas não estão para brincadeira, Domenico?

– Quem quer que seja, é só mais um babaca querendo assustar, Leonard. Não vou ceder as loucuras de um psicopata e negar um trabalho de tamanha magnitude.

– Passa por sua cabeça dura que você pode estar subestimando “*Esse babaca*”?

– É apenas mais um na longa lista. Quantas vezes já sofri ameaças? Essa não é a primeira e nem será a última.

– Dom, meu amigo... Você foi seguido! Sua segurança foi quebrada! Pela primeira vez alguém conseguiu chegar tão próximo a você.

– Apenas uma falha, que já foi corrigida, Leonard.

– Você poderia ter morrido!

– Estava dentro de um carro blindado com um ex agente secreto da CIA na direção. Acredito que essa probabilidade seria bem remota.

– Remota ou não, Domenico, o fato é que aconteceu! Alguém foi bom o suficiente para furar o bloqueio criado por seus seguranças. Esse cara ou quem sabe até uma organização, não sabemos ao certo com quem estamos lidando, conhece seus passos, ele estuda você, e estará sempre um passo a sua frente.

– Nossa, quanto otimismo! – Desdenho, me jogando no sofá que orna minha sala.

A verdade é que estou pouco me fodendo para o que Leonard está falando. Desde o momento em que falei com a doce Ethel hoje pela manhã, não consigo de maneira alguma afastá-la de meus conturbados pensamentos. O cheiro, a voz, o jeito... Tudo naquela mulher me deixa louco.

A meses atrás, quando recebi a notícia de que ela incorporaria nossa equipe, não fazia ideia do quão seria difícil esbarrar com o corpo deliciosamente frágil pelos corredores da empresa. Cheguei a questionar Leonard por sua

escolha, achando que o tinha feito apenas para tentar manter minha suposta relação com Ethel sob sua vigília.

Acontece que não existiu mais relação. Procurei por Ethel, acredito que tenha ligado umas duas vezes após o aniversário de Margareth, mas, como uma criança birrenta, ela fez questão de não me atender e jamais se deu ao trabalho de retornar minhas ligações. Achei mais sensato ficar na minha. Ethel não é como as outras, nunca foi e jamais o será.

O mais incomodo de tudo isso é o fato de que ela não demonstra nenhum tipo de emoção a meu respeito. Tirando o nervosismo, mas esse sou capaz de causar em qualquer ser humano na face da terra, portanto não conta, sua atitude sempre que esbarra acidentalmente comigo, beira a indiferença. Pela primeira vez na vida, sinto que uma mulher se afastou de mim por vontade própria, e não porque eu a descartei.

As vezes me pego pensando se isso não passa de orgulho ferido, afinal, se tem algo que sei sobre mim é que não sou do tipo que vai atrás de uma mulher. Eu escolho, as seleciono e sempre me vangloriei de ter a capacidade e sorte de ter nascido com um bela genética para poder fazer isso. Mas com Ethel, bom, com Ethel é diferente.

– E agora ainda preciso me preocupar com... – Sem perceber, penso em voz alta e sou imediatamente interrompido por um furioso Leonard, que me arranca quase na porrada dos meus devaneios.

– Caralho, Domenico, será que você pode aterrissar no planeta terra e se dar conta da merda da crise que estamos vivendo? – O encaro, de maneira não muito amistosa.

– Não adianta me olhar assim, bonitão. Sou imune as suas intimidações explícitas!

– Leonard, me escute...

– Te escutar? Estou aqui falando como um imbecil a mais de dez minutos e você estava tirando férias em Nárnica! – Impossível não sorrir com o comentário de Leonard e acho que isso o deixou ainda mais putado da vida.

– Tudo bem, meu amigo. O que exatamente acha que precisamos fazer? – Me levanto e sirvo duas doses de uísque, oferecendo uma a meu amigo, que é prontamente aceita.

– A proposta de reconstrução na Síria é inegavelmente o maior desafio já apresentado para a “Geo Fox”.

– E é exatamente por isso que não vou fugir como um ratinho e negar o trabalho.

– Ninguém está falando que vamos negar. Estou falando em jogar. Você é bom de pôquer, meu amigo? – Leonard pergunta, arqueando uma das

sobrancelhas.

– Uma merda! – Respondo, sem entender onde meu amigo quer chegar.

– Bom, ao menos em alguma coisa você precisava ser ruim, não é mesmo?

– Atenha-se aos fatos, Leonard!

– Vamos blefar! Na reunião de hoje vamos citar que a “*Geo Fox*” não se interessou pela proposta e que não arriscaria a integridade de seus funcionários e de uma extensa equipe apenas para reconstruir uma unidade militar em uma cidade que muito provavelmente voltará a ser detonada por grupos extremistas.

– E aí, daqui a um mês aparece em todo canto que a “*Geo Fox*” está no projeto. Mais alguma ideia brilhante, meu nobre amigo?

– Um mês é tempo o suficiente para o colocarmos em segurança, Domenico.

– Pelo amor de Deus, Leonard! Você realmente acredita nessas ameaças idiotas? Quantas delas eu já recebi antes? Foi assim com o túnel em Tóquio!

– Domenico, não estamos lidando com maridos traídos, mulheres frustradas ou concorrentes incompetentes dessa vez. Estamos falando de uma força que aterroriza nações.

– Isso é exagero. – Bufo impaciente, me sentando em minha cadeira e tentando achar alguma lógica nas palavras de meu amigo.

– Não Dom, isso é terrorismo!

– E passa por sua louca cabeça que fui seguido e estou sendo ameaçado por terroristas? – Fixo meu olhar em Leonard, que decisivamente, parece ainda mais nervoso diante da minha resistência em acreditar em suas palavras.

– Domenico, me ouça. A anos sou pago para te proteger e não o faço apenas pela volumosa soma que cai em minha conta todo final do mês, o faço porque sou seu amigo e o amo como a um irmão. Mesmo diante da sua oposição, que é claramente óbvia, não posso e não vou deixar que continue a agir como se tivesse tudo sob controle.

– Eu tenho tudo sob controle, Leonard! – Irritado, me levanto e caminho até a janela, observando o movimento incessante de carros e pessoas que desfilam alheios a toda essa babaquice que Leonard está me falando.

– Sua petulância ainda irá colocá-lo em uma imensa merda, Domenico.

– Não estou sendo petulante, estou sendo realista. Por que diabos a “*Geo Fox*” chamaria atenção de grupos extremistas?

– Talvez porque a “*Geo Fox*” esteja pronta para reconstruir a maior e mais poderosa base militar norte americana em um território que eles consideram como sendo de sua propriedade.

– Tudo bem, e se esse for o caso, vai fazer o que? Me colocar em uma cela e jogar a chave fora? Pelo que sei, extremistas não se importam como atingem seus objetivos, mas sim em simplesmente atingi-los. Se eu estou correndo perigo, significa que meus funcionários também estão.

– Acredite que, nesse momento você é o foco. Você é o cara que manda, Domenico. As decisões são tomadas exclusivamente por você. Eliminando ou intimidando o cabeça de uma operação, deflagra-se uma mudança de atitude.

– Você deve estar ficando louco! – Passo ambas as mãos nos cabelos, começando a considerar o discurso quase surreal de Leonard.

– Louco ou não, você deve concordar comigo que a possibilidade de que eu esteja certo não é remota.

– Não, realmente não é remota... É absurda!

– Domenico, apenas fique na sua e me permita agir com coerência.

– Ficar na minha? Agora você quer me ensinar como agir dentro da minha própria empresa? – Fixo meus olhos em Leonard, que dessa vez estremece, mas de uma maneira impressionante, se mantém rígido em sua postura. Sim, ele não vai desistir.

– Não, Domenico, não quero te ensinar nada, quero apenas cuidar de você, uma vez que a muito tempo você esqueceu como fazer isso!

Sem mais uma única palavra, Leonard deixa minha sala, me largando perplexo diante de sua atitude. O que afinal ele espera? Devo me trancar dentro de casa e simplesmente permitir que o trabalho de toda uma vida ao transformar a “*Geo Fox*” na maior e mais renomada firma de engenharia do mundo vá por água abaixo?

Depois dessa porra de conversa sem pé e nem cabeça com Leonard, minha mente fervilha. Não que esteja ignorando completamente as ameaças que venho sofrendo, simplesmente preferi por não dar atenção exagerada ao fato, uma vez que isso só fará com que a situação se agrave.

Comoção demasiada acabaria por gerar uma imensa indisposição dentro da “*Geo Fox*” e alteraria consideravelmente o movimento das bolsas, que já não andam lá essas coisas. Entendo o lado prático sobre o qual Leonard se respalda, mas ele não entende o lado administrativo. Seria uma gigantesca merda me acovardar e permitir que um fato isolado prejudicasse o mundo financeiro como de certo, aconteceria.

Para completar, desde cedo não consigo tirar Ethel da minha cabeça, é

como se ela fosse tóxica. Consigo fechar os olhos e sentir o delicioso cheiro de baunilha fresca que exala de sua deliciosa pele. Sendo honesto comigo mesmo, desde o dia em que coloquei meus olhos naquela mulher, ela habita meus pensamentos constantemente. Desde o dia que atendi aquela ligação na garagem da antiga sede da “*Geo Fox*”, sabia que ela seria a porra da minha perdição.

Logo eu, Domenico Fox, que sempre soube o que fazer em todas as situações, por pior que elas fossem sempre mantendo o controle de absolutamente tudo, e agora, não sei como dar o passo seguinte com Ethel e o mais grave de tudo, não sei como lidar com a ocorrência das tais ameaças.

Aperto os olhos e chego a uma conclusão dolorosa. Tudo que eu mais queria era estar com Ethel. Ela saberia o que me falar em meio a toda minha confusão. Chocado com o andamento de meus pensamentos, me permito imaginar voltar para casa, depois de um dia desgastante como esse, e encontrar Ethel me esperando.

Seu sorriso, seu jeito desafiador, sua inexperiência, sua ânsia de querer cada vez mais... Tudo nela é perfeito e ideal. Ethel é um diamante bruto e ao mesmo tempo delicado, esperando pelas mãos certas para ser suavemente lapidado, mãos essas que muito provavelmente não são as minhas, não depois de todas as merdas que já vivi e principalmente no que me transformei.

Respiro profundamente e olho de relance meu relógio. Está na hora da porra da reunião. Vou estar cara a cara com a deliciosa Srta. Willians e mais uma vez vou precisar lidar com a vontade louca de me aproximar, mesmo tendo plena consciência que o mais sensato a fazer é me afastar. Uma batida na porta interrompe minhas loucuras mentais.

– Entre. – Pigarreio antes de responder, tentando manter meu tom de voz firme e decidido, dando mais uma olhada rápida na tela do meu laptop. Com um sorriso no rosto, fecho o aparelho. Sim, Doce Ethel será minha degradação completa!

Uma assustada e agitada Srta. Mathews entra em minha sala com alguns papéis em suas tremulas mãos. O monstro Domenico Fox e sua incrível habilidade de intimidar pessoas. Quando afinal essa mulher vai deixar de me olhar como um mito e passar a me tratar apenas como seu chefe?

– Desculpe incomodá-lo, Sr. Fox, tentei ligar para sua mesa, mas o Senhor não atendeu.

– Tudo bem, Srta. Mathews, direto aos fatos. O que a traz em minha sala?

– A reunião...

– O que tem a reunião?

– O Senhor pediu que avisasse. – Claro que devo ter pedido, só

esqueci de lembrar disso.

– Obrigado.

Falo, já me levantando. Abotoando o paletó e passando pelo corpo tremulo da pobre mulher, sem conseguir mais suportar a paixão estampada em seus olhos. Sacudo levemente a cabeça, livrando o pensamento de qualquer outra coisa que não seja essa merda de reunião. Vamos de uma vez por todas resolver essa questão.

CAPÍTULO TREZE



A sala de reuniões está simplesmente abarrotada. Desde gerentes de RH, engenheiros e empreiteiros, até todo o departamento de relações públicas e assessoria de imprensa da “Geo Fox”. Domenico foi o último a entrar e não emitiu um único som. Sentado na ponta da mesa, ele brinca com uma caneta, parecendo completamente alheio a todo o burburinho nervoso que o cerca.

– Podemos começar? – a voz rouca e potente de Domenico tilinta em meus ouvidos e involuntariamente, aperto as coxas. Quando enfim vou deixar de ter esse tipo de reação diante desse homem?

Leonard inicia a reunião. A verdade é que não consigo ouvir uma palavra que ele fala. Meus sentidos estão todos apurados para um único ponto da sala. Estar no mesmo ambiente que Domenico chega a ser doloroso. É uma tortura que me desgasta tanto física, quanto mentalmente.

Meus olhos correm a figura divina com discrição e não tenho como evitar lembrar do tal Dom Damon. A semelhança realmente é absurda! Não fosse a tal tatuagem, poderia jurar que é a mesma pessoa. Até mesmo as medidas do corpo se encaixam! É como um clone perfeito...Deliciosamente perfeito!

– Não vamos aceitar a obra? – A voz quase histérica de um dos empreiteiros me desperta e levanto meu olhar pela primeira vez, me deparando com o rosto pálido do funcionário, como se não acreditasse na informação que acabou de receber.

– Não. Não vamos. – Leonard responde com uma calma que beira o irritante e a prostração que Domenico demonstra começa a me intrigar.

– É uma obra de milhões de dólares, Leonard, não podemos perder a estimativa monetária que irá gerar, e muito menos a notoriedade adquirida com uma construção dessa magnitude!

O empreiteiro, inconformado, continua com seus argumentos, Leonard debate, mas a conversa, antes calma, parece começar a perder o rumo. Esse foi o instante em que Domenico deu sinal de vida e se mostrou presente na sala. Seu suspiro foi tão profundo, que todos os pares de olhos ao redor da mesa se voltaram em sua direção.

Um silêncio nada confortável se espalha pelo ambiente e vejo o homem mais intimidador do mundo se levantar soberano e apoiar ambas as mãos no imenso tampo da mesa. Sim, muito provavelmente devo estar babando nesse momento. Pisco repetidas vezes, tentando me concentrar no que está acontecendo, mas é impossível com tamanha demonstração de poder irradiando de Domenico.

– Acredito que essa discussão seja desnecessária. – Sua voz é baixa, perigosamente baixa. Um arrepio percorre todo o meu corpo ao lembrar as vezes que esse mesmo tom foi usado comigo. Ninguém mais se manifesta, nem mesmo Leonard, que agora parece tenso, com os braços cruzados na altura do peito.

– Tomamos a decisão de não aceitar a obra baseados em uma longa lista de pontos negativos que encontramos. Notoriedade não paga a integridade de meus funcionários. Dito isso, acho que estamos devidamente conversados. Todos concordam?

Olhos azuis profundos se encontram com os meus. Posso estar enganada, mas um brilho mais suave parece se estabelecer e seu semblante se torna mais afetuoso e bem menos carregado. Não controlei um leve sorriso que se formou em meus lábios. É como se o resto do mundo não mais existisse. Quebrando nosso contato visual, Domenico se senta, voltando a dar o controle da reunião para Leonard.

– Srta. Willians?

– Sim, Sr. Robson. – Mesmo tendo sido previamente informada, precisei me controlar para não pular da cadeira ao ouvir meu nome.

– Você será a responsável pela coletiva de hoje. Todo e qualquer assunto relacionado a obra na Síria será de sua responsabilidade a partir de agora.

– Ethel? Desculpe Leonard, mas não acho a decisão mais acertada colocar alguém com pouca experiência para representar a empresa em uma coletiva relativamente importante. – A voz de Samantha se faz presente pela primeira vez na reunião.

Olhando como que afrontada para Leonard, ela espera por uma resposta que a favoreça. Claro que nem ligaria caso meu chefe mudasse de opinião e delegasse a função a ela. Não faço a mínima ideia de como me portar em uma coletiva! Sendo bastante honesta comigo mesma, tenho quase certeza que serei um imenso fiasco!

– Acredito que Leonard saiba perfeitamente o que está fazendo ao relacionar a Srta. Willians para a coletiva, Samantha. – Domenico se levanta e abotoa o paletó enquanto fala, sem se dar ao trabalho de olhar para a mulher que chega a tremer ao ouvir seu nome pronunciado por ele.

– Sim, Sr. Fox, com certeza ele sabe. – Desistindo de debater diante do tom de pouquíssimos amigos de Domenico, Samantha se levanta, pegando os papéis da ata da reunião e muito provavelmente, me odiando intensamente.

– Então acho que terminamos. Tenham todos um excelente dia. – Caminhando ereto e bem charmoso até a porta, Domenico para antes de abri-la. O silêncio na sala ainda é pesado, beirando o constrangedor.

– Srta. Willian? – A voz rouca e sexy me faz agarrar com força os braços da cadeira. Meu deus, quando afinal vou aprender a lidar com toda essa bagunça sentimental que esse homem me causa?

– Sim, Sr. Fox? – Minha voz nada mais é que um sopro baixinho.

– Boa sorte na coletiva.

O tempo simplesmente voou depois da reunião. Não encontrei mais com Domenico, o que bem lá no fundo foi bom, desviaria minha atenção daquilo de mais importante que tenho que fazer: Encarar jornalistas famintos por qualquer furo, por menor que seja, a respeito do todo poderoso da “*Geo Fox*”.

As cinco em ponto, Leonard aparece na sala onde estou concentrada em decorar respostas prontas para perguntas óbvias que poderão ser feitas. Mesmo tendo sido instruída para não responder absolutamente nada, não custa nada me preparar para qualquer tipo de imprevisto. Um arrepio percorreu meu corpo, não aquele repleto de sensações que sempre tenho quando Domenico está por perto, mas de medo, na verdade, completo pânico.

– Pronta? – Leonard me lança um sorriso encorajador.

– Acho que sim. – Hesito.

– Relaxe, Srta. Willians. Você se sairá muito bem na coletiva.

– Tem certeza que sou a pessoa certa para isso, Sr. Robson? – Pergunto enquanto nos dirigimos para o hall dos elevadores, na esperança de que meu chefe caia na real e perceba o tamanho erro que está cometendo. Quando era criança, nem trabalho na escola gostava de apresentar, nunca suportei plateia.

– Sim, tenho certeza. A “*Geo Fox*” precisa de cara nova para representá-la. Digamos que minhas histórias não estão mais colando. – Ele sorri e pela primeira vez percebo o quão bonito meu chefe realmente é. Clarisse tem razão, uma verdadeira tentação.

– Figurinha repetida? – Entro na brincadeira, percebendo a intenção clara de Leonard em conseguir me relaxar.

– Exatamente isso! Conseguiu ler tudo que te enviei?

– Se eu li? Eu decorei cada parágrafo! – Respondo enquanto entramos no elevador.

– Lembre-se, nada de responder perguntas. Fale apenas o que está no comunicado. Seja breve, direta e confiante.

– Breve, direta e confiante? – Reviro os olhos diante das palavras de Leonard. Eu, Ethel Lisa, a menina do interior sendo breve, direta e confiante? Com certeza ele não faz mesmo ideia de que escolheu a pessoa errada para essa coletiva.

– Acredite em mim, não é tão difícil assim. Basta ignorar as provocações.

– Provoações?

– Eles irão tentar buscar algo a mais, qualquer coisa, até mesmo que não esteja relacionado ao assunto em questão. Apenas ignore. – Leonard termina sua frase no momento em que as portas do elevador se abrem no terceiro andar, onde existe uma imensa sala de coletivas e na mesma hora meu estomago se revira. Está simplesmente lotado!

– Apenas ignore... – Repito baixinho as últimas palavras de meu chefe.

– Lembre-se Ethel, você está representando a maior e mais bem-conceituada firma de engenharia do mundo.

– Difícil esquecer isso, Sr. Robson. – Falo ao mesmo tempo que faço um gesto com o braço, mostrando o enxame de gaviões prontos para me devorarem.

– São só pessoas, querida, lembre-se disso. Agora vá e cumpra o seu dever. Me deixe orgulhoso! – Leonard me dá uma piscadela e um sorriso que, não fosse a situação, eu diria que é bem agradável antes de se afastar.

Respiro fundo e ajeito minha saia, aproveitando o reflexo nas imensas portas espelhadas para verificar se estou no mínimo apresentável. Sim, tirando a cara de pavor, estou ao nível de ser uma representante da “*Geo Fox*”. Alguns rostos conhecidos no meio da multidão de jornalistas me chamam atenção, mas, o que realmente me paralisa é o de Susanna Wesley. O que essa vaca está fazendo aqui?

Sem ter muito tempo para pensar sobre isso, sou puxada pelo braço por um dos membros da equipe de imprensa, acho que é Charlie o nome, ainda não decorei todos, e levada para o palco, onde um púlpito está estrategicamente colocado no centro. Sem muito tempo para pensar, subo os três degraus que me separam da glória ou do completo fracasso.

Assim que me posiciono, o burburinho da sala diminui e percebo todos os olhos direcionados a mim. Puta que pariu! Minha vontade é de sair correndo como uma menininha assustada. Tentando conter a náusea súbita que me invade, dou um sorriso ensaiado e pigarreio antes de iniciar meu breve monólogo. Vamos Ethel, isso não deve ser assim tão difícil!

– Boa tarde a todos. – Incrivelmente, minha voz sai com uma confiança que nem eu sabia que tinha.

– Sou Ethel Lisa Willians, assessora de imprensa da “*Geo Fox*” e suas afiliadas.

– Leonard não se pronunciará hoje? – Merda, e lá vem a primeira pergunta! Ignore Ethel, apenas ignore... Claro que não consegui ignorar!

– Se estou aqui, acho desnecessário responder sua pergunta, concorda? Agora vamos ao que de fato importa. – Sorrio internamente, satisfeita por ter conseguido me colocar na primeira menção de intimidação por parte dos jornalistas presentes e inicio minha narrativa, não abrindo precedentes para ser interrompida.

Ao final, um leve tumulto se formou. Todos, ao mesmo tempo, em uma sinfonia desordenada, gritam perguntas e questionamentos. Seguindo as orientações de Leonard, sorri, ajeitei meus papéis que estavam por sobre o púlpito e dei as costas, já estava chegando na pequena escada quando uma voz se sobressaiu e minha impetuosidade falou mais alto que meu bom senso.

– Então quer dizer que o grande Fox cagou nas cuecas e não aceitou o trabalho? – A voz masculina, estava encharcada de ironia e desprezo. Lentamente, me virei e caminhei até o microfone, espalmando minhas mãos no acrílico impecavelmente limpo da base do púlpito.

– Acredito que esse não seja o linguajar próprio a ser usado diante de tantos profissionais respeitosos aqui presentes. Quanto a sua colocação, devo citar que o Sr. Fox, dono de um caráter irrefutável e uma personalidade íntegra e inquestionável, presa antes de qualquer coisa pelo bem-estar e segurança de seus funcionários. Trabalho algum, por mais lucrativo que o fosse, faria com que colocasse sua equipe em segundo plano ou correndo qualquer tipo de risco. Uma boa tarde a todos! – Sério que acabei de dar um faniquito para defender Domenico diante de toda a imprensa? Com as bochechas pegando fogo, praticamente corro para fora do palco, sendo interpelada por Leonard, que tem sorriso satisfeito nos lábios.

– E não é que nos saímos melhor do que a encomenda?

– Desculpe-me, Sr. Robson, sei que falou para que não respondesse as provocações... – Não termino a frase, e vejo o sorriso de meu chefe se alargar ainda mais.

– Você foi incrível Ethel. Acredite, eu mesmo não teria feito melhor!

– Sério? – Incredulidade pura deve estar estampada em meu rosto, que ainda queima diante da explosão emocional no final da coletiva.

– Seríssimo! Agora suba, pegue suas coisas e vá para casa. Você merece uma folga.

– Uma folga? Já são sete da noite. Sr. Robson.
– Poderia ser dez. Observando por esse lado, está sim ganhando uma boa folga.

– Claro... – Sorrio, achando graça do bom humor, que pela primeira vez, Leonard demonstra para mim.

– Boa noite, Srta. Willians. Não esqueça de deixar seu celular ligado.

– Não vou esquecer. Tenha uma ótima noite, Sr. Robson.

Sorrindo e feliz por ter ganho a aprovação de meu chefe e ter me saído bem na minha primeira aparição pública representando a “*Geo Fox*”, caminho como se estive nas nuvens até o elevador. Como dizem, alegria de quem não nasceu para ser alegre dura pouco. Parada com o ar debochado de sempre e exalando um perfume exageradamente adocicado a espera do elevador, está Susanna Wesley e todo o seu esplendor irritante.

– Delaware! – Fingindo surpresa na voz, ela sorri, aquele sorriso perfeito, que sempre foi capaz de me deixar enervada. O que essa mulher está fazendo aqui? E por que diabos está aguardando o elevador?

– Susanna. – Respondo, tentando ser o mais educada possível, uma vez que perto de Susanna, qualquer apelo para diplomacia é impraticável.

– Gostei da sua performance na coletiva, principalmente a parte em que defendeu seu chefe. – Nojenta e debochada! Essa é a “*Malévola*”.

– Pois é... Esse por acaso é o meu trabalho, e posso garantir que ganho muito bem para fazê-lo.

– Impressionada com tamanha dedicação. – Nesse instante as portas do elevador se abrem e Susanna não faz nenhum movimento, continuando estática, olhando com um risinho irritantemente torto para mim.

– Vai subir? – Falo, desviando do seu corpo e me enfiando no cubículo sufocante, passando meu crachá e liberando o acesso a meu andar.

– Vou...

Foi sua única resposta. Entrando no elevador, Susanna passa um dos crachás VIPs no leitor digital, já os vi alguma vezes, são dados apenas para convidados da diretoria. Um calor descontrolado invade minha coluna quando vejo o número 65 acender no painel luminoso. A vaca vai se encontrar com Domenico!

Quarenta e cinco minutos, esse é o tempo que estou sentada em minha sala, cotovelos apoiados na mesa e o queixo entre as mãos, tentando aliviar o enjoo que o perfume e a presença de Susanna Wesley me causaram. Minha mente dá voltas e não consigo imaginar outro motivo a não ser que ainda estejam

juntos desde aquela maldita festa na casa da matriarca Fox. Esse poderia ter sido o motivo de nunca mais ter me procurado.

O trepidar do vidro da mesa me chama atenção. Olho para a tela do meu celular e um desânimo sem fim me domina. Clarisse! Esqueci completamente que havíamos marcado de sair hoje a noite. Estico um dos braços e deslizo o dedo no visor, colocando no viva voz e voltando a posição de puro desprezo por mim mesma de antes.

– Oi amiga...

– *Oi amiga? Fala sério Ethel, você sabe que está atrasada, não sabe? Liguei para casa e como não está lá, deduzi que ainda estava enfiada no trabalho. Por falar em trabalho, parabéns pela coletiva, foi brilhante, principalmente a parte que defendeu o maníaco devastador de mulheres!* – Tudo bem, foi um monólogo assustador. Não sei de onde minha amiga tira tanto fôlego!

– Clarisse, dá um tempo!

– *Já está saindo?*

– Em cinco minutos. Marcamos as nove se me lembro bem.

– *São oito da noite, Ethel!*

– O que significa que tecnicamente não estou atrasada.

– *Tecnicamente se continuar aí irá se atrasar.*

– E tecnicamente se continuar me prendendo ao celular, vou me atrasar ainda mais.

– *Tudo bem...Vaza logo daí e não esquece: Sexy e sofisticada!*

– Clarisse, não enche meu saco!

– *Passo as nove para te pegar com a Vick.*

– Vamos fazer assim, encontro vocês lá.

– *Você precisa estar junto para entrar, Ethel. A 10ak não é o tipo de boate que avisamos na porta que uma amiga está para chegar e eles permitem a entrada.*

– Estarei, Clarisse. Encontro vocês as nove e meia na porta, pode ser?

– *Impressão minha, ou está tentando fugir de mim, Ethel Lisa?*

– Por que fugiria de você, Clarisse?

– *Só para tranquiliza-la, não vi a coletiva, apenas me passaram por alto o conteúdo.*

– E o que isso tem a ver com o fato de supostamente eu estar fugindo de você?

– *Esquece...Estaremos na porta de esperando. Nove e meia Thell, nem um minuto a mais!*

- Prometo que serei pontual. Beijos amiga.
- *Beijos baby boo!*
- Vá a merda, Clarisse!

CAPÍTULO BÔNUS



E estou bebendo uma dose dupla de uísque, ainda imerso nas palavras de Ethel na coletiva quando Susanna entra em minha sala. Ao ser informado de sua presença, pensei seriamente em não recebê-la, mas, minha curiosidade acabou falando mais alto que minha vontade de manter Susanna distante. Não nos falamos desde a noite do aniversário de Margareth e fico imaginando o que de tão importante ela tem para me falar que não pudesse ter sido feito pelo telefone.

– Domenico.

– Susanna, a que devo o prazer da sua visita? – Cumprimento-a, indicando a cadeira em frente a minha mesa para que ela se sente.

– Tentei ligar, mas parece impossível falar com o todo poderoso Fox. – Com um sorriso afetado nos lábios, ela recusa silenciosamente a cadeira oferecida e encosta o corpo emoldurado em um vestido cor de pêssego justo, no tampo da mesa, muito próximo a mim, roçando sua perna propositalmente em minha coxa.

– Tenho andado ocupado.

Susanna me olha, um sorriso sexy desenhado nos lábios carnudos, talvez buscando por uma cumplicidade que nunca existiu entre nós. Se aproximando ainda mais, ela morde os lábios e sua linguagem corporal fala mais que mil palavras. Conheço bem as expressões de mulheres vazias como ela, são como um livro aberto para mim.

Observo-a atentamente. Mesmo não tendo um pinga de interesse em Susanna, não posso e não vou negar o quanto ela é apetitosa. Peitos fartos, bunda avantajada, rosto atrativo e aquele lampejo no olhar de quem topa qualquer coisa para se divertir. Meu lado selvagem afronta meu bom senso e sem a minha permissão, meu pau lateja por dentro das calças.

– E então? – Tomo um longo gole da minha bebida e controlo meu lado animal. Susanna Wesley seria a última mulher no mundo em quem eu colocaria minhas mãos.

– Pensei em te convidar para jantar. – O tom forçosamente afetado faz meu pau, antes bem desperto pelo corpo de Susanna, murchar na mesma hora.

– E passou por sua cabeça que eu iria aceitar? – A encaro, vendo o

rubor subir pelo seu rosto.

– Quando o não já é certo, não custa nada trabalharmos com a positividade de um sim.

– Já tenho compromisso. – Corto sem muita paciência.

– Acredito que seu compromisso possa ser adiado.

– E se baseia nisso provavelmente colocando na balança a importância de sua agradável companhia?

– Vamos, Domenico, deixe de lado toda essa hostilidade. – Diz ela, me fazendo rir ironicamente. Com certeza ela não conhece o meu lado hostil.

– Direto ao ponto, Susanna. O que você quer? – Pergunto, me levantando e voltando a encher meu copo.

– Não vai me oferecer uma bebida?

– Não, não vou. – Replico asperamente, enfiando uma das mãos no bolso, diligenciando controlar meu desejo de esganar Susanna.

– Sabe, Domenico, você precisa aprender a relaxar. Principalmente na presença de amigos que te querem tanto bem.

– Talvez seja por isso que não esteja relaxado. Não somos amigos.

– Assim você me magoa. – Levando a mão bem cuidada ao peito, ela suspira melancolicamente. Sim, uma verdadeira atriz de segunda linha.

– Vou passar a noite em claro por causa disso. Vamos, Susanna, o que de fato você quer? – Apoio o corpo no tampo da mesa e observo a mulher parada a minha frente. Susanna não é o tipo que dá ponto sem nó e por isso, sei que não estaria aqui à toa.

– Digamos que um passarinho verde me contou sobre o seu incidente da outra noite. – Estalo o pescoço e aperto os dedos no vidro do copo.

– Que merda você está falando? – Questiono, erguendo o corpo e me aproximando dela.

– Realmente deve ser uma merda ser perseguido. Fico imaginando o quão não ficou irritado com sua equipe de segurança, afinal, paga os melhores para que isso não aconteça.

– E você, muito preocupada com minha integridade física, veio até aqui apenas para saber se estou bem? – Debocho, abrindo a porta e oferecendo a saída para Susanna.

– Eu fecharia a porta, Domenico.

– Um argumento inteligente para que eu o faça.

– Bom, poderia usar alguns, mas prefiro não me perfazer de todo meu conhecimento.

– Tchau, Susanna. – Minha paciência atinge o limite máximo.

– O que será que a imprensa e também a concorrência, é claro, irão

achar quando souberem que tirou o time de campo e não assumiu a obra na síria porque vem sendo perseguido por extremistas? – Olhos astutos me engolem. Essa merda de mulher está literalmente me tirando do sério.

– Direto ao ponto, Susanna, sem paciência para rodeios desnecessários. Onde você pretende chegar com toda essa conversa? – Fecho a porta e volto minha atenção para a mulher a minha frente.

– Quero ajudar, mesmo ainda estando muito chateada pelo jeito rude que me tratou no dia da festa de sua mãe.

– Ajudar? Você querendo ajudar? Conta outra, Susanna.

– Então você confirma que está sendo ameaçado por extremistas? – Irônica, ela abre um sorriso irritante.

– Não confirmo nada. Crie a fantasia que desejar nessa sua cabeça doentia.

– Tenho informantes bons, Domenico.

– Então os troque, porque não estão sendo lá muito eficientes.

– São tão eficientes que conseguiram me proporcionar o prazer de ver o sempre tão ponderado Domenico Fox beirando o descontrole.

– Você vai sair ou vou precisar chamar a segurança para isso? – Me sento em minha cadeira, tentando segurar a vontade desenfreada de eu mesmo colocá-la para fora.

– Você não seria tão rude, ao menos não comigo.

Incrivelmente, a mulher se aproxima e lança suas pernas ao redor do meu corpo, sentando-se em meu colo. O cheiro enjoativo do perfume extremamente doce invade minhas narinas, e se antes tive a pretensão de achá-la atraente, desfaço instantaneamente esse pensamento. A presença de Susanna beira o ofensivo.

– Isso tudo é desespero, Susanna? – Pergunto, puxando seus braços que se entrelaçaram em meu pescoço.

– Eu chamaria de atração Domenico, e posso estar enganada, mas me parece mútua.

– Que tipo de drogas anda usando? – Me levanto, suportando o peso de Susanna, que, de olhos arregalados, cambaleia um pouco para manter-se de pé ao largá-la abruptamente.

Uma leve batida na porta e Leonard entra, sem saber o que estava se passando no interior de minha sala. Com uma ar de deboche, ele enfia as mãos nos bolsos e encara Susanna, que parece ainda mais desconfortável diante da companhia inesperada. Um sorriso torto desenha os lábios de meu amigo, sei bem o que está pensando. Tudo bem, Leonard, sou um filho da puta, mas ao menos sou seletivo.

– Ora, ora... Se não é nossa tão estimada Susanna Wesley.

– Leonard... – O cumprimento sai apertado em sua garganta e baixo demais para quem antes posava em uma segurança indestrutível.

– Uma festinha e não fui convidado? Você já foi mais parceiro Dom. – Leonard se aproxima enquanto fala, pegando a mão de Susanna e beijando os nós de seus dedos.

– Garanto que na próxima eu aviso, meu amigo. – Sorrio abertamente, vendo o rubor cobrir o colo e rosto de Susanna.

– Se não o fizer ficarei demasiadamente triste.

– Claro que não me perdoaria se isso acontecesse. Aproveite a porta aberta e acompanhe Susanna até o elevador, Leonard. Nossa amiga já estava de saída. – Volto a me sentar, aliviado pela inesperada e inconsciente ajuda de meu braço direito e melhor amigo.

– Sabe que nosso assunto não termina aqui, não é mesmo Domenico?

– Susanna mais rosna do que fala. Essa mulher consegue superar o limite do ridículo.

– Assunto? Desculpe-me, Srta. Wesley, mas não me recordo de ter nenhum tipo de assunto pendente com você. De qualquer forma, foi um prazer recebê-la.

– Está ciente que irei publicar tudo que sei?

– Você não sabe de nada, Susanna, a não ser o que sua mente fértil e podre inventa em benefício próprio.

– Eu te dei a oportunidade, Domenico. Não reclame das consequências.

– Srta. Wesley, coloque uma coisa nessa sua cabeça suja e pouco produtiva: Não durmo com vagabundas, pelo menos não com as do seu tipo. Vir até o meu escritório oferecendo o seu corpo, já bem usado, em troca do seu silêncio, além de ser brochante, beira o ultraje.

– Brochante, eu?

– Sua existência é brochante, Susanna! Agora faça um favor, a mim e a você também. Pegue o pouco de dignidade que ainda lhe sobra e suma daqui!

– Sabe qual é o seu mal, Domenico?

– Tenho muitos, mas estou curioso para saber qual é da sua preferência.

– Você se considera o rei do mundo, inatingível, intocável!

– Historinha repetida. Conte-me algo que eu não saiba. – Debocho, vendo a mulher a minha frente perder completamente o controle de seus atos.

– Acontece que você não é! Eu te avisei, não fique chocado quando acordar amanhã e for notícia em todos os jornais e tabloides sensacionalistas!

– Devo lembrá-la que está trabalhando em cima de suposições, Susanna. Assim como, também não me custa lembrá-la que meu departamento jurídico adoraria arrancar até o último centavo do “NBP”, consumindo todas as suas poucas verbas e fechando de vez as portas daquela espelunca!

– Não me preocupo com isso, sempre existe vaga para suas amantes na “Geo Fox”. – A mulher cospe sua raiva, misturada a uma impotência de dar pena. Trágica e dramática. Sem perceber, estou sorrindo. Claro que estou, sou um animal, uma besta que se alimenta do fracasso e sofrimento alheio.

– Essa seria uma matéria verdadeira, que poderia inclusive ser colocada na primeira página. Mas vou ser obrigado a desapontá-la e mais uma vez ficar te devendo o seu minuto de fama as minhas custas. Apenas amantes podem ocupar cargos selecionados em minha empresa, o que não é e nunca foi o seu caso.

– Acredite, você irá se arrepender amargamente, Domenico!

– Aguardando ansiosamente por esse dia, porém, até que ele aconteça, mantenha-se distante, e quando falo distante, incluo a mim, minhas empresas e todos que fazem parte dela.

Estreito os olhos ao me levantar e apoiar as mãos no tampo da mesa. O corpo feminino treme diante da cena e não contendo uma risadinha. Sim, esse é o efeito Domenico Fox nas pessoas, principalmente nas fracas. Susanna puxa o ar com dificuldade e se vira, em direção a porta, sumindo pelo corredor em passos largos e atrapalhados.

– Quer que eu a acompanhe? – Leonard sai do seu estado de inércia e resolve interagir.

– Não precisa, ela sabe o caminho. – Volto a me sentar e encaro meu amigo.

– Posso saber o que Susanna queria?

– Nada demais.

– Nada demais? Qual é Domenico, vai ficar de segredinhos comigo? – Leonard se senta e cruza as pernas displicentemente.

Meu grande e melhor amigo. O único. Devo muito a esse cara, que sempre esteve disposto a me ajudar e principalmente, a limpar todas as minhas merdas. Fiel e sempre presente, Leonard é aquele alicerce que suporta minha existência fétida e podre. Se consegui chegar onde estou, devo muito a sua discrição e principalmente a sua constante devoção.

– Sexo intenso e sem compromisso. – Respondo displicente, tentando desviar a atenção de meu amigo. Se Leonard souber que Susanna esteve aqui para falar o que sabe, ele simplesmente iria surtar e tiraria meu sossego, principalmente porque apenas eu sou o motivo de ter sido seguido.

– E você dispensou? – Leo arregala os olhos e é impossível conter uma gargalhada.

– O perfume... – Balbucio.

– O que tem o perfume?

– Enjoativo, assim como ela.

– Você é um bom de um filho da puta, irmão!

– Nunca neguei esse meu lado tão charmoso. – Sorrimos por algum tempo, o que foi bom para que aliviasse a tensão da visita inesperada de Susanna e principalmente, a angustia que invade meu coração de pedra com a ausência da doce Ethel.

– E aí, o que achou da coletiva? – Leonard muda o assunto, parecendo ler meus pensamentos.

– Perfeita.

– Gostou da performance de Ethel?

– Ela é perfeita! – Falo baixo, como se admitisse isso a mim mesmo.

– Sim, ela é! – Leonard concorda, sorrindo vagamente enquanto se levanta e caminha até a porta.

– Vamos tomar uma bebida? – pergunto, nada disposto a ir para casa e suportar minha solidão sombria.

– Estou solteiro meu irmão. Qualquer convite é sempre muito bem-vindo. Preciso terminar algumas coisas em minha sala, te encontro em vinte minutos na garagem, pode ser?

– Certo. Vinte minutos.

Leonard acena e fico observando meu amigo caminhar como um adolescente que acabou de entrar na faculdade. Depois do seu divórcio, ele parece ter redescoberto a vida. O cara sempre contido e regrado de antes, deu lugar a um verdadeiro aventureiro, sem jeito ainda, preciso admitir, mas que, pelo andar da carruagem, revela um futuro promissor no bloco dos solteiros.

Cinco minutos se passaram e estou sentado em minha cadeira, pensando nas palavras de Susanna. Claro que tudo que não preciso agora é de um escândalo, por mais que fictício, espalhado pela imprensa internacional. Seria um cabo de guerra constante entre assumir e negar e realmente não estou disposto a isso, como também não estou disposto a colocar em foco quem estou tentando proteger.

– Scott?

– Sim, Sr. Fox. – Meu motorista e chefe da segurança atende no primeiro toque o telefone.

– Preciso de um favor, venha até a minha sala.

CAPÍTULO CATORZE



Pela primeira vez em todos esses meses que trabalho na “Geo Fox”, o andar se encontra inteiramente vazio. O corre, corre de sempre, a agitação organizadamente desorganizada...Tudo simplesmente desapareceu, o único som que consigo observar, bem ao longe, é do aspirador de pó, muito provavelmente sendo utilizado pela equipe de limpeza em alguma sala afastada.

Depois da coletiva, todos parecem ter evaporado por um passe de mágica. Menos mal, assim não preciso enfrentar a fúria mortal de Samantha, que permanece fazendo toda a questão do mundo de evidenciar o quanto está contrariada com a decisão de Leonard em ter me colocado à frente do caso “Síria”.

Meus saltos ressoam pelo asséptico piso de mármore, e não evito o calafrio que percorre minha espinha. Sim, esse lugar vazio é assustador. Um dos seguranças brota do nada, me fazendo dar um pulo de susto e levar a mão ao peito, a fim de tentar conter meus descoordenados batimentos cardíacos.

– Perdoe-me Srta. Willians, não foi minha intenção assustá-la. – O pobre homem se justifica, como se tivesse culpa da confusão mental que se instalou na minha mente desde o momento em que coloquei os pés para fora da cama hoje. Certamente foi emoção demais para um único dia.

– Não se preocupe George, eu que estava distraída. – Com um aceno discreto de cabeça, ele se afasta e volto a me sentir perdida em meio a penumbra silenciosa e aterrorizante do escritório.

Verifico minha bolsa enquanto aguardo o elevador. Celular, chaves de casa, chaves do carro...Sim, parece estar tudo em ordem. A verdade é que já repeti esse procedimento umas vinte vezes desde que subi da coletiva, primeiro por puro nervosismo, segundo para evitar a ânsia de entrar em meu Facebook e averiguar se o misterioso “Dom Aron Damon” deixou alguma mensagem e em terceiro, pela dor de cotovelo e o ciúme doentio que me invadiu ao me deparar com Susanna indo ao encontro de Domenico.

Dessa vez, faço o mesmo, de maneira automática, a fim de gastar o tempo e diminuir a apreensão crescente e a tortura esmagadora pela espera do

elevador, que por sua vez, parece conspirar debochadamente junto a minha impaciência, me fazendo beirar a histeria no ambiente sombrio e solitário que me cerca.

Respiro fundo e tento me manter calma. Claro que já fazia ideia do quanto ser responsável por uma coletiva poderia ser difícil, porém, jamais passou por minha cabeça que pudesse causar tamanha tensão física e principalmente, emocional. A realidade é que estou bem irritada comigo mesma por ter sido tão enfática ao defender Domenico. Será que sou apaixonado demais? Será que dei alguma bola fora?

Um bipe e me armo do cartão magnético que me dará acesso direto a garagem. As portas metálicas se abrem e por milésimos de segundos perco a respiração, e muito provavelmente, alguns compassos cardíacos também. Parada feito uma idiota, me questiono se morri e estou beirando os portões do inferno ou tendo mesmo uma deliciosa alucinação pelo excesso de estresse do dia.

Lúcifer, corrigindo, Domenico Aron Fox em pessoa, embebido em todo o seu charme irritante, se encontra recostado nas aparas metálicas que ornaram as imensas paredes espelhadas do elevador. Pernas e braços cruzados, gostoso e apetitoso para caramba, como só ele consegue o ser. Fala sério, passar por esse tipo de prova duas vezes no mesmo dia deve ser coisa do Diabo!

A fisionomia, antes preocupada, fechada e eu diria até glacial, se modifica assim que os poços azulados recaem sobre mim. Sua expressão amolece, beirando o terno e complacente, e um sorriso torto e receptivo, aquele que me deixa louca, desenha seus volumosos e atrativos lábios.

– Srta. Willians... – A voz rouca faz o calafrio de antes se multiplicar e se espalhar por todo o meu corpo, tornando a já sempre tão difícil tarefa de me controlar diante da sua presença, quase impossível.

– Sr. Fox, boa noite. – Respondo, tentando a todo custo não encará-lo, buscando por algo imaginário em minha bolsa mais uma vez. Tudo bem, admito, fuga ridícula, mas foi a única em que consegui pensar ao caminhar, tentando parecer segura, em direção ao interior do elevador.

– Fazendo hora extra? – A pergunta casual me pega desprevenida e me deixa meio atordoada. Domenico ter puxado assunto me pega desprevenida e atordoada!

Pensando bem, nem sei o porque de ter me surpreendido tanto, uma vez que a algum tempo tem sido assim: diálogos curtos, casuais e com pouquíssimo conteúdo ou propósito. Acontece que esses episódios se dão sempre na presença de alguém, nunca de maneira tão informal e íntima, sem nenhuma alma viva para testemunhar. Hoje mesmo, mais cedo nesse mesmo elevador, mal trocamos duas palavras.

– Não me dei conta do horário. – Tento aparentar indiferença diante da poesia em movimento que é o corpo de Domenico Fox em seu belíssimo terno negro de três peças que o envolve como uma segunda pele, desenhando seus músculos com uma perfeição artística. Mais uma vez a comparação entre ele e o “tudão” do mundo dos chicotes é inevitável.

– isso que posso chamar de uma funcionaria exemplar. Acho que devo conversar com Leonard a respeito de um aumento salarial. – Ele sorri, e eu, bom, eu aperto as coxas, tentando conter o dilúvio melado que teima em encharcar minha calcinha.

– Isso não será necessário, Sr. Fox. Já ganho o suficiente. – Minha voz é ridiculamente baixa. Quando vou aprender a me impor diante desse homem?

– Sempre abnegada! De qualquer maneira, vou providenciar que seja remunerada de acordo à sua dedicação.

– Tanto faz, você quem sabe, afinal, é o patrão! – irritada, dou de ombros e volto minha atenção a bolsa mais uma vez.

O fato de Domenico não demonstrar qualquer tipo de sentimento em relação a mim depois de tudo que vivemos me mortifica, mumifica meu coração, é como se a imensa ferida aberta deixada por sua ausência em minha vida necrosasse, dando a certeza de que o que vivemos, realmente não passou de algo temporário e comum para ele.

Se já é extremamente complicado conviver com toda essa dor sozinha e ainda sim esbarrando esporadicamente com ele, imagina o esforço desmedido que preciso fazer fechada em seis metros quadrados cercados de espelhos, onde a imagem e o cheiro amadeirado se espalham e entranham em minha mente e narinas, trazendo à tona todas as lembranças do que esse homem é capaz de fazer em meu corpo e, principalmente, em minha alma.

– Perdeu alguma coisa? – o impacto da voz profunda e levemente sarcástica arrepia os cabelos da minha nuca. Merda!

– O que? – O encaro, acho que piscando excessivamente os olhos.

– A bolsa... Perdeu alguma coisa dentro dela? – Agora o seu sorriso é aberto, e não sei se morro de vontade de socar sua belíssima cara pelo deboche ou de pular em seu pescoço e beijá-lo desesperadamente, pedindo que abuse de mim o tempo que desejar.

– Não... – Minha voz não é mais que um sopro. Pigarreio antes de continuar.

– Só estava verificando se tudo está por aqui. – Tudo bem, eu bem que tentei, mas o gaguejar me entregou e o sorriso de Domenico se alarga ainda mais diante do meu perceptível desconforto.

– Dizem que bolsas de mulheres são um mistério indecifrável. – A

ternura em sua voz junto ao tom brincalhão me arrancam um sorriso tímido.

– Pois é...A minha está mais para um verdadeiro buraco negro. – Ele volta a sorrir e me olha, como se quisesse arrancar um pedaço da minha alma.

– Então quer dizer que sou um homem de caráter irrefutável, personalidade íntegra e inquestionável e que preza demais por seus funcionários?

– Como? – Não sei ao certo se foi a pergunta que me deixou confusa ou os olhos azuis da cor do oceano fixados sobre mim com tamanha intensidade que me fizeram uma total apalermada.

– A coletiva... – O sorriso safado em seu rosto faz meus hormônios entrarem em ebulição. Controlar meus instintos primários diante do charme enervante de Domenico é simplesmente impraticável!

– Ah, claro... – Falo depois de limpar a garganta, disfarçando minha cara de idiota.

– E então? – Sério mesmo que ele vai insistir em me deixar sem graça? Claro que vai, afinal, o que Domenico Fox mais aprecia na vida é uma boa massagem em seu super e já bem inflado ego.

– E não é? Acho que não falei nada que já não saibam. – Empino o nariz e estreito meu olhar, vendo um sorriso delicioso salientar as covinhas levemente escondidas pela barba dourada que começa a crescer em seu rosto.

– Se você está dizendo, tenho que acreditar, afinal, você é minha relações públicas, deve saber mais de mim do que eu mesmo. – Rapidamente, seus braços se apoiam nas paredes do elevador, cercando meu rosto com seus poderosos e irresistíveis músculos.

– Domenico, por favor... – Um ronronar escapa pelos meus lábios.

– Por favor o que, doce Ethel? – Sua boca se aproxima perigosamente, fecho os olhos e me derreto ao sentir o contato leve e carinhoso esquentando a pele rubra da minha bochecha.

Um gemido impertinente se esquia do fundo da minha garganta, demonstrando claramente o quanto sua proximidade ainda é capaz de mexer comigo. Domenico solta um sexy e sensual rosnado, como se apreciasse, e muito, minha reação ao seu contato.

Nesse instante, um forte solavanco sacode o cubículo espelhado. Assustada, agarro o paletó de Domenico, que por puro instinto de proteção, me enlaça pela cintura, evitando assim que eu caia com tudo de joelhos por sobre o mármore reluzente do assoalho.

– O que foi isso? – Pergunto, olhando o painel digital acima de nossas cabeças que pisca a palavra “*Erro*” em letras vermelhas.

– Parece que o elevador deu algum tipo de problema. Não se preocupe, os seguranças já devem estar resolvendo a situação. – Um nervoso incomum

ocupa as sílabas pronunciadas de maneira rápida demais para um homem sempre tão comedido como Domenico.

– Não estou preocupada. – Me solto de seus braços e me encosto na parede, voltando a mexer na bolsa, sei lá porque dessa vez.

Um pacotinho de bala salvador surge entre a infinidade de coisas desnecessárias que carrego. Com dedos trêmulos, retiro uma e coloco rapidamente na boca, oferecendo silenciosamente a Domenico, que se mostrando ainda mais nervoso, recusa, secando algumas gotas de suor que se precipitam em sua testa.

– Ei, você está bem? – Sua agitação realmente começa a me deixar bastante preocupada.

– Sim, estou. – Sua voz, sempre tão potente, soa fraca, eu arriscaria dizer apática e indefesa.

– Pois não é o que parece. – Insisto.

– Não gosto de lugares fechados. – A frase sai em meio a um rosnado, dessa vez nada sexy, mas sim bastante estressado e arisco. Domenico Fox admitindo uma fraqueza? Sério, o mundo deve estar em seus momentos finais, talvez por isso o elevador tenha parado! Um meteoro deve ter caído em pleno centro de Boston!

– Você sofre de claustrofobia? – O encaro abismada.

– Não! Apenas não gosto de ficar trancado em espaços pequenos.

– O nome disso é claustrofobia, Domenico.

– Não, não é!

– Claro que é!

– Ethel... – Tudo bem, mesmo achando imensa graça, preciso reconhecer seu esforço.

Domenico realmente tentou ser ameaçador, mas o desespero que brotou em seu tom sempre tão austero e seguro, me arrancou um sorrisinho. Por mais que esteja preocupada com seu estado, é impossível não sentir um certo prazer ao observar que o todo poderoso sádico e dominador nada mais é que um homem normal, com medos normais, com problemas normais!

– Qual o problema em admitir que sofre de uma patologia tão comum?

– Admitiria se sofresse, o que definitivamente não é o caso.

– Deveria conversar sobre isso com seu psiquiatra, se é que ainda o vê.

– Falo, tentando reprimir ao máximo a satisfação que me invade em conhecer uma das debilidades de Domenico.

– Prometo anotar em minha agenda sua colocação e trazer à tona o assunto em minha próxima sessão.

– Não seja mal criado, só estou tentando ajudar. Vem aqui. – Sem

pensar direito no que estou fazendo, volto a mexer na bolsa e retiro um lenço umedecido do seu interior, puxando o corpo imenso de Domenico pela manga de seu paletó.

Sem demonstrar qualquer intenção de resistir, ele se permite aproximar e quando passo o lenço em sua testa, seus olhos se fecham e um leve tremor sacode seu corpo. Sim, Domenico Aron Fox está inteiramente apavorado. Meu coração, que achava estar mumificado, se aperta e minha vontade é de pegar esse homem enorme no colo e embalá-lo, passando a confiança de que tudo ficará bem.

– Fique calmo, não vai acontecer nada, estamos seguros. – Falo com a voz suave, observando o leve tremor de seu maxilar.

– Como você mesmo falou, os seguranças já devem estar resolvendo o problema. Tente pensar em coisas boas, mentalize algum momento que te traga boas lembranças. – Mal termino meu discurso e seu olhos se abrem. Do mais puro pavor ao mais latente dos desejos. Foi a minha vez de estremecer.

– Mudei de ideia, acho que vou aceitar a bala. – A voz rouca e baixa me obriga a apertar as coxas mais uma vez.

Incapaz de conter a umidade condensada, que agora escorre de maneira descarada pela renda fina da minha calcinha, baixo minha cabeça e começo a explorar minha bolsa, a procura do pacote de balas. Nervosa com a proximidade de Domenico, a tarefa se torna praticamente impossível.

– Ethel... – Não ousei olhar para cima, porém, dedos longos e quentes erguem meu queixo, obrigando-me a fixar meus olhos nos poços azuis delirantes.

– Domenico... – Apenas lamentei em um breve sopro.

– Quero essa bala... – Ele fala. E já não sou mais a dona das minhas vontades.

Domenico joga seu corpo imenso de encontro ao meu, enquanto sua língua invade minha boca, buscando por tudo, menos pela bala. O beijo começou violento, necessitado, urgente, e aos poucos foi se tornando suave, carinhoso, quase saudoso. Dedos fortes seguram minha nuca, não com a violência que acabei me acostumando, mas com uma reverência jamais sentida antes.

Minha cintura é enlaçada por seu braço e me rendo por completo, colando ainda mais meu corpo ao dele, enroscando seu pescoço e buscando por seu cabelo, tendo coragem de puxá-lo pela primeira vez de maneira espontânea, ampliando nosso contato, me doando por inteira aos caprichos avassaladores da enxurrada hormonal que se despeja pelos meus poros.

– Ethel... – Um ronronar sexy escapa dos lábios de Domenico, ainda grudados aos meus.

– O que? – Nem sei ao certo se minha voz soou audível.

– Acho que vou trocar minhas sessões de terapia por algumas horas do dia trancado com você em um elevador. – Ele sorri, e o semblante antes carregado pelo medo, parece divertido e mais leve. Sua testa se encosta na minha e seus olhos se fecham por alguns segundos, ainda demonstrando sua fragilidade temporária.

– Aí sim, serei obrigada a cobrar hora extra. Lidar com as neuroses de meu chefe não está em nenhuma cláusula do meu contrato de trabalho, se bem me lembro. – Entro na brincadeira, me deliciando ao sentir sua imensa ereção pulsar de encontro ao meu corpo depois de tanto tempo de abstinência.

– Esse é o seu trabalho, gerenciar crises.

– Não as suas crises, Domenico.

– Prometo te remunerar muito bem pelo trabalho extra. – O que antes era ternura em sua voz, virou puro tesão.

Meu alerta vermelho piscou em letras de neon gigantescas, confundindo todos os neurônios ainda ativos do meu cérebro. Engolindo em seco e saindo do meu torpor, tento afastar seu corpo, mas meu esforço só o fez se colar ainda mais em mim. É inútil tentar competir com a força descomunal desse homem.

– Domenico, por favor... – Gemo baixinho, sabendo que estarei muito ferrada se deixar isso seguir adiante.

– Por favor? Você não queria me distrair da minha suposta claustrofobia? Parece que obteve êxito em sua tentativa. – O rosto muito próximo ao meu me permite sentir o agradável e quase entorpecente hálito mentolado de Domenico.

– Não é suposta. Você é claustrofóbico, só que, além disso, você também é um grande depravado! Apesar de bem comuns, são duas patologias bastante preocupantes quando em um único paciente. Deveria tratar de ambas, Sr. Fox!

Mal terminei de falar e uma sonora e bem gostosa gargalhada inundou o pequeno e sufocante ambiente do elevador. Sim, esse Domenico consegue ser ainda mais atraente, fascinante e encantador do que o feroz dominador, e constatar isso, me deixa bastante perturbada, uma vez que a mistura de ambos me agrada muito.

– Você me faz rir, doce Ethel.

– Agora realmente sou obrigada a concordar, não quero só um aumento salarial, quero um bônus por isso. Fazer o chefe rir, não é uma tarefa fácil e muito menos para qualquer um.

– Garanto que você não é qualquer um e creio que podemos conversar

sobre o assunto. Quem sabe até abrir uma negociação. – Ele volta a aproximar sua boca da minha, não é um beijo, apenas um roçar leve de lábios.

Um estalo me desperta e a imagem da insuportável Susanna pegando o mesmo elevador em que estamos hoje mais cedo e indo de encontro a Domenico, me faz enrijecer o corpo. Ciúmes... O mais clássico dos sentimentos de recalque feminino alimenta meu subconsciente, meu rosto esquenta de raiva enquanto uma dor dilacerante toma meu cotovelo. Como sou ridícula!

– Quem sabe, mas prefiro fazer isso quando esse perfume insuportavelmente doce sair do seu corpo. Honestamente? Está me causando náuseas. Deveria pedir que suas visitantes tivessem um pouquinho mais de bom senso ao escolherem suas fragrâncias. – Fecho a cara e o clima descontraído se esvai, como areia escorregando por entre os dedos.

Tomada pela tal “*Dor de cotovelo*”, espalmo ambas as mãos e empurro o tonificado e desmesurado corpo de Domenico para longe de mim, me deparando com uma manifestação apática e derrotada por parte dele. Claro que não existe uma gota sequer do cheiro de Susanna em Domenico, mas a Santa protetora das mulheres histéricas e ciumentas certamente vai me perdoar por jogar esse verde a fim de colher maduro!

– Sei o que deve estar pensando... – Ergo minha mão e o interrompo, irritada e chocada ao mesmo tempo com o fato do todo poderoso e supremo Fox tentar dar qualquer tipo de explicação, por menor que ela o seja.

– Não, você não sabe. De qualquer maneira, o que estou pensando é irrelevante Domenico, uma vez que sua vida não me diz respeito.

– Mal criada agora, Ethel Lisa? – Suas sobrancelhas se juntam e tenho vontade de morder a covinha que se forma entre elas. Concentre-se Ethel, concentre-se!

– Verdadeira seria a aplicação mais correta para o meu comportamento.

– Verdadeira?

– Não foi você que sempre pregou tanto por verdades ditas? Pois bem, dentre as muitas coisas, algumas bem absurdas inclusive que me falou, essa foi uma que fiz questão absoluta de assimilar.

– Me sinto lisonjeado, isso significa que sou um bom professor.

– Discordo. Na verdade eu sou uma boa observadora e, por consequência, ótima para delegar a mim mesma aquilo que me convém. – Uma bufada e fica nítido que Domenico começa a perder sua já tão escassa paciência e, incrivelmente, tende a ignorar o fato de ainda estarmos trancados em um elevador parado.

– Será que você poderia baixar a guarda, Ethel?

– Para que? Para ser chicoteada e castigada como você costumava fazer? – Arrebato o nariz e fixo meus olhos nos cristais azulados que tem uma mistura louca de raiva e venera plena.

– Não me recordo de tê-la ouvido reclamar. Quantas vezes vou precisar repetir essa frase? – Uma de suas sobranceiras se ergue, daquele jeito sexy só dele e admito silenciosamente que ele está certo.

Jamais mandei que parasse, bom, apenas uma única vez, a qual não fui atendida, mas bem lá no fundo, sei que ficaria decepcionada se ele tivesse me parado. Muito honestamente, jamais ousaria interromper aquilo que sustentava minha existência e me embestia no mais alto teor de prazer.

– Assim como não deve se recordar de ter me perguntado se era realmente aquilo que eu desejava, não é mesmo? Quanto a frase, repita quantas vezes quiser, isso é um problema seu, não meu! – Fecho a cara e desvio meu olhar, sabendo a capacidade única de Domenico em ler meus olhos e extrair até o mais profundo dos meus pensamentos.

– Ethel... – Aquele tom de aviso explícito me excita em níveis alarmantes. Engulo em seco e busco ao máximo conter minhas doentias vontades.

– Intimidação ensaiada não se encaixa mais em nosso contexto, Domenico. Além disso, acredito, assim como você também o deva fazer, que já passamos e superamos essa fase. – Resisto bravamente, demonstrando um pouco caso em minhas palavras que está bem longe de existir.

– Deveria estar orgulhoso? Vejo que criei um monstro! – Sua voz é carregada de deboche e sua expressão mostra o quanto não está nada satisfeito.

– Quem sabe, não é mesmo? Talvez essa seja sua maior função diante da humanidade.

– Minha maior função? Seja mais objetiva, Srta. Williams. – De irritado a puto da vida! Esse é o Domenico com quem me acostumei.

– Quem sabe você não nasceu para pegar doces e inocentes meninas do interior e transformar em verdadeiros monstros, assim como você. Deus tem seus propósitos ao criar as peças de seu tabuleiro. Vai saber... – O observo atentamente e consigo perceber aquele leve tremor em seu maxilar, característico de quando está prestes a perder as estribeiras.

– Sabe qual é a maior merda nisso tudo Ethel Lisa?

– Não faço a mínima questão de saber, mas, se faz questão de falar, serei toda ouvidos. – Toda a minha valentia se dissipa ao me deparar com o olhar mortalmente frio e agressivo de Domenico. Me calo instantaneamente.

– Sim, eu faço questão de falar e você vai ficar calada e me ouvir, fui claro? – Um passo em minha direção e precisei me segurar nas aparas do

elevador para conter a tontura delirante que o gesto me causou.

– Sim...

– Sim o que, Ethel?

– Sim, senhor? – Falo confusa.

– Como você mesma disse, acho que já passamos dessa fase. Um simples sim, irei ouvir, já bastaria.

– Desculpe... Sim, eu irei ouvir.

– A maior merda disso tudo é que desde aquele maldito telefonema eu já sabia o quanto estava fodido!

Os dedos elegantes e compridos deslizam pelos seus desalinhados cabelos, provocando em mim uma vontade louca de repetir o gesto, só que com minhas próprias mãos. Vamos Ethel Lisa, se controle, esse não é o momento de fraquejar. Caindo na real, me dou conta de suas palavras. O que diabos Domenico quis dizer?

– Telefonema? Que telefonema?

– Sério que você nunca se deu ao trabalho de saber como eu tinha o número do seu celular?

A pergunta me faz lembrar que já me fiz essa indagação anteriormente, nunca dando muita importância ao fato, uma vez que com o poder que detém, Domenico poderia facilmente ser capaz de conseguir desde o celular do Papa, até mesmo o do presidente da república.

– Talvez o tenha feito algumas vezes, admito, porém, diante de tudo que estávamos vivendo, essa curiosidade se tornou secundária...Por que?

Antes que Domenico pudesse responder, o elevador estremeceu e com um leve sacolejar, voltou a se mover. O homem a minha frente se transforma. De extremamente propenso a falar a assustadoramente calado. O corpo escultural e ainda mais bonito vestido no terno caríssimo de uma marca famosa do que sem roupa alguma, se afastou, e o resto da viagem até a garagem foi feita no mais profundo silêncio.

Assim que as portas se abriram me adiantei e caminhei apressada em direção a vaga onde estacionei meu carro hoje cedo, já desanimada diante da imensa distância que nos separa. Domenico, por sua vez, foi lentamente em direção a Scott, que já o aguardava recostado em sua ostensiva BMW.

Acontece que mesmo tentando muito, não consegui me conter. Virando a cabeça por sobre o meu ombro, vi o belíssimo homem, um verdadeiro deus grego, parado, estudando atentamente meus movimentos. Respiro fundo e lentamente me viro em sua direção, encarando-o, sem alcançar discernir sua expressão. Ler Domenico Fox é uma tarefa impossível.

– Que telefonema, Domenico? – Bem lá no fundo, já tenho a leve ideia

de qual será sua resposta. Sempre, por mais que isso parecesse estranho, tive a sensação de intimidade em relação a voz de Domenico.

– Será que poderíamos sair para jantar? – Me surpreendo com a pergunta, mas não posso negar o excitamento que me invadiu diante do convite inesperado.

– Domenico, eu fiz uma simples pergunta, não me ofereci para um encontro. – Me imponho. Ceder as insanas emoções que ele me causa justamente agora, seria minha completa ruína.

– Eu entendi isso perfeitamente, Ethel. Apenas gostaria de um tempo para que pudéssemos conversar.

– Se entendeu, qual a dificuldade em responder?

– Apenas um jantar, Ethel. Um jantar e conversaremos sobre o assunto, pode ser?

– Sinto muito, mas já tenho compromisso. – Falo baixinho, louca para jogar tudo para o alto e aceitar seu inesperado convite.

A decepção no belíssimo rosto de Domenico me deixou ainda mais propensa a esquecer a noitada com Clarisse. Meu lado irracional grita para que eu largue absolutamente tudo e corra em direção aos seus braços e aceite sua proposta. Já aquele lado inconveniente, que toma conta de todas as minhas irresponsabilidades e me impede de fazer ainda mais merdas do que já fiz, me faz estancar na mesma hora.

– Deixa para lá. Tenha uma excelente noite, Srta. Willians. Espero que se divirta. – Contrariado, Domenico faz menção de entrar em seu carro.

– Ei? – O chamo e interrompo sua ação.

– O que foi agora, Ethel? – Chega a ser engraçado ver o todo poderoso Domenico Fox agindo como uma criança mimada, a qual um pedido foi negado.

– Só para que você saiba, eu realmente já tenho um compromisso marcado, caso contrário, seria um enorme prazer sair para jantar com você. – Posso estar enganada, mas é quase certo ter visto um leve sorriso desenhar os incríveis lábios do todo poderoso dominador.

– Sendo assim, marcamos outro dia. Boa noite, doce Ethel.

Sem mais, Domenico entra em seu carro e parte, me deixando ali parada, sem um pinga de certeza se negar seu pedido foi certo ou errado. Meu coração grita histericamente que foi errado, já a minha razão, bom, essa eu nem preciso questionar para saber que fiz o certo. Afinal de contas, que merda toda foi essa?

CAPÍTULO QUINZE



C heguei em casa e me surpreendi com o carro de Clarice estacionado na garagem, pelo que entendi, ela se arrumaria na casa de Vick e nos encontraríamos na porta da “10ak”. Enfim, Clarisse sendo Clarisse, e como sempre, mudando seus sempre tão elaborados planos, o que de fato pode ser um bom ou um péssimo sinal, principalmente depois da nossa conversa no telefone a respeito da coletiva.

Subo correndo, ciente do quanto já estou atrasada. Ainda quero dar uma olhada em meu Facebook e ver se o misterioso “*Dom Aron Damon*” deixou alguma mensagem. Sorrio com minha pretensão! Um homem importante em seu mundo como ele, jamais me mandaria uma mensagem aleatória, mesmo porque, essa hora deve estar muito ocupado, provavelmente torturando alguma de suas muitas submissas. Até nisso ele e Domenico se parecem.

Assim que abri a porta, uma contrariada Clarisse, que mais se assemelha a uma estátua de sal plantada no meio da sala de braços cruzados, me aguardava, junto a uma fisionomia nada amistosa. Puta merda, que dia estressante é esse? Honestamente, não devo ter jogado pedra na cruz, mas sim merda, muita merda mesmo!

– Então quer dizer que agora você é paga para defender o babaca sádico em rede nacional? Fui ver no Youtube aquela merda de coletiva e minha vontade foi de quebrar o laptop na sua cara Ethel! – A agressividade na voz de Clarisse me deixa em alerta máximo. Sei que estamos prestes a entrar em outra discussão acalorada sobre Domenico.

– Apenas fiz o meu trabalho Clarisse e por favor, agora não!

– O seu trabalho? Quer dizer então que você é paga, corrigindo, muito bem paga, para contar mentiras as pessoas?

– Eu não menti, Clarisse. Domenico realmente é um homem integro, que se preocupa demais com seus funcionários.

– Qual é Ethel? Deixa de ser ridícula! O que Domenico Fox tem de integridade, eu tenho de inocência.

– Clarisse, eu só fiz aquilo que me mandaram, sou paga para isso, e

como você mesma disse, muito bem paga.

– Claro que sim, antes ele te manipulava na cama, brincando com seus sentimentos e te fazendo acreditar ser aquilo que não era e agora, ele a manipula no trabalho, te fazendo sua mentirosa oficial! Será que não cansa de viver em função desse homem? O que de fato será necessário para que perceba o quanto Domenico Fox te faz mal e te anula?

– E o que a inteligência em pessoa sugere? Quer que eu peça demissão e volte a servir bebidas em bares de origem duvidosa como o Millo's?

– Eu não falei isso, Ethel!

– Então o que ao certo falou, Clarisse? Seja mais clara.

– Só falei que não deveria ser babaca ao ponto de fazer absolutamente tudo que Domenico manda. – Inspiro pesadamente. Difícil demais enfiar na cabeça de Clarisse qualquer coisa, principalmente quando essa coisa diz respeito a Domenico.

– Entenda uma coisa, Clarisse: Domenico não me pediu para falar absolutamente nada. Fui designada para esse trabalho por Leonard, contrariando tanto a vontade de Samantha, quanto a de Domenico, que foram veementes ao discordarem da decisão de meu chefe.

– E seu chefe mandou você mentir? – Empinando seu nariz, Clarisse me afronta de maneira proposital. Sim, as vezes minha amiga me irrita, e me irrita muito!

– Clarisse, entenda que: Quando me expressei em relação a Domenico, o fiz por conhecer e admirar o grande profissional que é. Goste você ou não, sua competência é inquestionável!

– Sério mesmo? Não sei se você realmente é burra ou se faz plena questão de se passar por uma pessoa burra.

– Clarisse...

– Clarisse uma ova, Ethel! O que preciso fazer para que compreenda que essa decisão não foi tomada por Leonard?

– E você tem tanta certeza disso porque é esperta demais não é mesmo, Clarisse? E além de esperta, deve ter uma inteligência fora do normal, uma vez que consegue ler a mente de Domenico até mesmo a distância! – Debocho.

– Não minha querida, isso não é questão de inteligência, esperteza ou telepatia, mas sim de bom senso. Você seria a única pessoa capaz de mentir por Domenico de forma que todos acreditassem. Ele sabia que diante do seu sentimento, você daria o máximo e não abriria precedente para nenhum tipo de questionamento por parte da imprensa. – Tudo bem, ouvi essas mesmas palavras de Leonard, mas não de Domenico, então, não considero o que estou contando para minha amiga uma mentira. Uma pequena omissão, talvez.

– Fala sério! Agora você está tendo a cara de pau de questionar minha competência e capacidade profissional, Clarisse? Na sua concepção não sou capaz de fazer um serviço digno a não ser que esteja apaixonada pelo meu chefe? – Ofendida com as palavras rudes de minha amiga, joga minha bolsa por sobre a bancada da cozinha e abro ruidosamente a geladeira, me servindo de um copo de água, extremamente aborrecida.

– Não minha querida, estou questionando sua capacidade emocional. Já ficou mais do que óbvio o quanto você é vulnerável quando o assunto é Domenico.

– Você me trata como se eu fosse uma completa imbecil, Clarisse!

– Não tenho culpa se você age como uma completa imbecil, Ethel!

– Tudo bem, agora já chega! Estou de saco cheio desse assunto. Já se passaram meses e você continua fazendo questão de pegar no meu pé. Não tenho mais nada com Domenico!

– O que não significa que se ele estalar os dedos você não vai correndo como uma patinha.

– É sério Clarisse, eu disse que já chega!

– Já notou o quanto você continua incapaz de lidar com suas emoções, Ethel?

– E você já notou que se tornou um verdadeiro tiro no cu com suas colocações escrotas? – Desistindo de manter qualquer tipo de diálogo com minha amiga, caminho em direção ao meu quarto, claro que sendo seguida por ela, que não vai deixar passar barato.

– Consegue perceber que tudo que falo é para o seu bem? Não existe no mundo quem te queira melhor do que eu, Ethel!

– Eu sei disso Clarisse, e acredite, me sinto muito honrada por ser tão bem cuidada. O problema é que as vezes você ultrapassa todo e qualquer limite aceitável.

– Então ser aceitável na sua concepção é o mesmo que compactuar com todas as suas insanidades?

– Não estou pedindo que concorde ou compactue com nada, Clarisse, muito pelo contrário. Caso você não tenha notado, a única pessoa que ainda toca no nome de Domenico dentro dessa casa é você!

– Pelo menos eu tenho coragem para tocar, diferente de você, que se perde em seus pensamentos, afogando suas mágoas em lembranças e na sua vontade de voltar a ser castigada cruelmente por esse homem doente!

– Vai a merda, Clarisse! – Perco a paciência!

– Me ensina o caminho, com certeza o conhece muito bem, uma vez que é lá que se encontra desde o dia que conheceu Domenico Fox!

– O que foi que disse? – Arregalo os olhos, chocada.

– Isso mesmo que ouviu! Porque é na mais profunda, pegajosa, deplorável e fétida merda que você tem vivido!

– Pela última vez, chega! – Grito e incrivelmente, minha amiga se cala e sua cabeça se abaixa.

– Sinceramente, não consigo acreditar que estamos tendo uma discussão desse porte por causa de uma simples frase que falei em uma coletiva, que preciso lembrá-la, é o meu trabalho.

Resolvo por um ponto final em nosso bate boca. Não quero e não vou ficar mal com minha melhor amiga por causa de uma história, que para mim, já é passado...Infelizmente! Clarisse revira os olhos e franze o nariz, daquele jeitinho que a torna simplesmente irresistível.

– Tudo bem, desculpa... – Um lamento escapa pelos lábios de minha amiga.

– Não precisa se desculpar. Sei que não faz por mal, e principalmente, sei que só quer o meu bem.

– Nunca duvide disso, Ethel!

– Eu não duvido minha amiga, só não quero que você duvide da minha capacidade de cuidar da minha vida. Pode parecer que não, mas cresci muito nos últimos meses. Sei o que é certo ou não para mim.

– E você ainda acha que nasceu para ser uma submissa? Ainda acha que isso é o certo para você?

– Coloque uma coisa na sua cabeça: O fato de não concordamos com a forma que conduzimos nossas vidas, não significa que precisamos entrar em uma guerra toda vez que falarmos sobre elas!

– Trégua? – Sorrindo, aquele delicioso entortar de lábios e elevar de olhos que faz de minha amiga a pessoa mais foda de todo o universo, Clarisse estende sua mão para mim, disposta a encerrar de vez, melhor, pelo menos por enquanto, o assunto.

– Paz! Paz total, amiga! – Ignoro sua mão e a aperto em um longo abraço.

– Tudo bem, demonstração excessiva de afeto! Assim você vai estragar todo o meu modelito. – Ela me afasta pelos ombros e só agora me dou conta do quanto Clarisse está magnífica em um tubinho de paetês cinza escuro, com um avantajado decote, exibindo as curvas belíssimas de seus seios e boa parte de suas bem torneadas pernas.

– Você está um arraso amiga! – Exclamo, realmente boquiaberta com a capacidade de Clarisse em ficar perfeita seja qual for o traje que esteja usando.

– E você também irá ficar. Bora, trate de se arrumar. Quero te ver

brilhando hoje, literalmente sendo o centro das atenções!

– Sinceramente? Deixo essa parte para você.

– Entenda uma coisa, Ethel: Ser o centro das atenções constantemente cansa demais. Vou te quebrar o galho e deixar por sua conta essa noite.

– Nossa, quanta bondade da sua parte amiga!

– Viu só? Também sei ser abnegada, quando me disponho a tal, é claro! Agora vai, some da minha frente gata borralheira, deixe brotar a Cinderela que existe em você. Tem uma surpresa em cima da sua cama, e antes que fale alguma coisa, não é um presente, foi você quem pagou, com o cartão de crédito que deixa comigo para as despesas.

– Clarisse, você definitivamente é uma criatura insuportável!

– Eu sei, esse é o meu charme! Ah, e só para saber, custou pouco mais de cinco mil dólares. – Olho abismada para minha amiga.

– Cinco mil dólares? Clarisse!

– É um Valentino, amiga. Faz parte do processo de soberba absoluta ter ao menos um dos seus modelos exclusivos no closet. – Rebolativa, minha amiga me dá as costas, me fazendo sorrir verdadeiramente pela primeira vez desde o momento em que coloquei os pés em casa. Do nada, ela volta a se virar em minha direção, como se tivesse lembrado de algo muito importante.

– E o tal “*Dom Aron Damon*”? Conseguiu enfim falar com o homem?

– Consegui...

– Reticente demais para quem estava ansiosa demais. Explique-se! – Ela revira os olhos. Como não sorrir?

– É uma longa conversa, se começar agora, não vamos conseguir sair, mas posso adiantar que o cara é de cair o queixo!

– Você o viu? Como assim? – A curiosidade de Clarisse atinge o nível hard.

– Ele me adicionou em seu perfil do Facebook.

– E um dominador coloca fotos em um perfil de Facebook? – Clarisse franze a testa, fazendo aquela cara desconfiada, a qual tanto me acostumei.

– Não existem fotos do seu rosto, em compensação, as do seu corpo falam por si só! – Me abano, atizando ainda mais a curiosidade de minha amiga.

– O cara tem fotos sem roupa no Facebook?

– Deixe de ser vulgar, Clarisse! Claro que ele não tem fotos sem roupa. Mas, algumas são bem excitantes.

– Pelo amor de Deus, Ethel! Eu preciso ver isso!

– Vai ver, mas não agora. Já estamos atrasadas e eu ainda preciso me arrumar. Te encontro em meia hora na sala, agora me deixe em paz! Preciso no mínimo chegar a seus pés para tentar ser o centro das atenções essa noite. –

Fecho a porta do quarto sorrindo e corro em direção ao banheiro, desistindo do meu plano inicial de verificar meu Facebook e iniciando minha produção expressa, o que não será nada difícil, diante do vestido subliminar que Clarisse comprou para mim.

Um banho rápido e uma lavagem relâmpago dos cabelos, sim, esse é o único tempo que tenho, e saio do chuveiro, parando de frente ao espelho enquanto me seco. Inegável que meus pensamentos não abandonam o toque atordoante de Domenico um minuto sequer desde o nosso encontro no elevador.

Por mais que eu tente a todo custo não me apegar ao ocorrido, aquele meu lado estúpido, loucamente apaixonado por ele, me permite fantasiar coisas bem loucas em minha ainda mais louca cabeça. E eu achando que o tempo seria bom o suficiente comigo e diminuiria as sensações que apenas aquele homem foi capaz de causar em meu corpo.

Pelo contrário! Tolinha que fui em pensar assim. A abstinência de seu toque só piorou ainda mais as coisas! Ainda sinto seu cheiro amadeirado, seu gosto mentolado, a intensidade dos olhos azuis gelo e principalmente, o calor de suas mãos e lábios sobre mim.

Sacodindo a cabeça com força, tento, inutilmente é claro, me livrar do prazer ensandecido que percorre cada micro vaso do meu corpo carente e necessitado que deixa meu sangue em completa ebulição, focando na tarefa de me fazer apresentável para um lugar como a “10ak”.

Depois de tanto tempo morando com Clarisse, me obriguei a aprender mais do que o básico de uma boa maquiagem. Olhos bem marcados, pele bem feita e um batom vermelho, um pouco chamativo demais para o meu gosto, me deixam com aquela cara de fêmea fatal!

Com um sorriso no rosto de auto aprovação, caminho satisfeita até o quarto, me enfiando delicadamente no vestido, que tenho certeza, vai ficar bem mais curto do que usualmente eu escolheria. O vestido azul claro, quase da mesma cor dos belíssimos olhos de Domenico, caí como uma luva, rodeando meu corpo com uma suavidade impressionante.

Mangas longas se abrem nos punhos, um decote em formato de “V” quase imoral se abre em toda extensão das minhas costas, e como já imaginava, mais da metade de minhas coxas ficam completamente expostas. Sorrindo diante da ousadia de Clarisse, enfio meus altíssimos Louboutin pretos, encaixo nas orelhas os brincos que uso desde a noite em que conheci Domenico e pego minha bolsa de mão, na mesma cor dos sapatos.

De frente ao espelho, bagunço meus cabelos ainda úmidos com as pontas dos dedos, deixando um desarranjo organizado. Sim, não tenho como negar, mais uma vez minha amiga acertou em cheio. Requintada, sofisticada e

muito, muito sensual, sem beirar o vulgar. Mesmo ainda achando o vestido muito curto, o visual me agradou... E muito!

CAPÍTULO DEZESSEIS



Chegamos a “10ak” já passava, e muito, das dez da noite. Mais uma vez preciso me curvar e agradecer Clarisse, caso contrário, estaria me sentindo uma camponesa deslocada diante de tanta gente bonita e bem vestida. Me pergunto se estou mesmo na entrada de uma boate ou prestes a ver um desfile da Fashion Week.

O elevador que dá acesso a cobertura onde fica localizada a exclusivíssima boate, é guardado por mais seguranças do que realmente se faz necessário, mas, para um lugar tão exclusivo e principalmente, frequentado por pessoas tão influentes, não poderia esperar por menos.

Segura de si, Clarisse rompe a multidão, liderando nosso grupo com imensa destreza. Victoria, como de costume, está belíssima em um vestido amarelo colado ao corpo, que contrasta absurdamente com seu tom de pele moreno, tornando a mistura incrível e ao mesmo tempo exótica.

Drew, por sua vez, não deixa nada a desejar. Parece um verdadeiro astro de cinema, daqueles que fazem os papéis de galã. A mistura da calça jeans descolada, blusa social vermelha, blazer de lã cinza e sapatos de couro marrom, torna o visual sexy e altamente sofisticado. Um verdadeiro colírio para os olhos femininos, que antes mesmo de entrarmos, já não desgrudam de sua figura tentadora.

Amanda, que eu achava estar em sua cola, dessa vez não deu o ar da sua graça. Menos mal, digamos que o clima com ela por perto não fica lá dos mais amistosos, principalmente no que diz respeito a minha pessoa. Aquela mulher consegue mesmo me intimidar com seu olhar!

– Nomes, por favor. – um dos seguranças monstruosos se dirige a Clarisse, comendo-a com os olhos, o que faz minha amiga se apertar ainda mais, sorrindo com uma sensualidade exagerada para o troglodita de terno e gravata.

– Clarisse... Clarisse Thompson. – A voz forçosamente melada de minha amiga me faz sorrir. Impossível conter esse jeito de Clarisse. Sua intensidade é sua marca registrada, e é exatamente isso que a faz tão querida e

especial.

Em uma sequência quase interminável, todos demos nossos nomes e apresentamos documentos de identidade. Assim que todo o processo chegou ao fim, nosso acesso ao elevador foi finalmente liberado. Algumas pessoas nos acompanham na viagem rápida até a cobertura, todos em uma animação quase dramática, a qual, acabo de perceber, não sou capaz de compartilhar.

O encontro com Domenico me balançou muito mais do que deveria e mais uma vez me pego imaginando aquilo que nem deveria ousar imaginar! Graças a Deus as portas do elevador se abrem, me permitindo escapar do olhar especulativo de Clarisse, que me conhecendo bem, já se tocou que alguma coisa está rolando.

Fingindo um sorriso, que muito provavelmente não convenceu a ninguém, uma vez que nem a mim mesma o fez, caminho apressada para fora do elevador, quase tropeçando nas próprias pernas, mas é claro que sou alcançada por minha amiga, que emparelha comigo, segurando delicadamente meu braço.

– Está rolando alguma coisa que eu não saiba?

– Alguma coisa? – Me faço de desentendida.

– Sim, alguma coisa, Ethel! Estou achando você muito estranha. Ainda está chateada por causa da nossa discussão de mais cedo ou tem algo que esqueceu de me contar?

– Você está ficando paranoica, Clarisse. Não tem absolutamente nada acontecendo, não esqueci de contar nada e não, não estou estranha e muito menos chateada.

– Acontece que já vi esse brilho em seus olhos antes, amiguinha. Não pense que consegue me enganar.

– Que brilho?

– O mesmo que você ostentava toda vez que voltava de um encontro com Fox.

– Não tem brilho nenhum, Clarisse! – Tento encerrar a conversa, voltando a caminhar, dessa vez mais apressada.

– Tem sim! Você está com aquela cara abobalhada de apaixonada.

– Não estou abobalhada e muito menos apaixonada. Sua mente anda muito fértil,

– Tomara mesmo que seja apenas minha mente fértil trabalhando. O problema é que te conheço bem demais para acreditar que são minhas divagações emocionais que estão me obrigando a enxergar esse brilho que a todo custo você tenta disfarçar.

– Vou precisar repetir quantas vezes que não existe brilho nenhum?

– As vezes necessárias para me convencer, coisa que preciso admitir,

não está conseguindo.

– Vai ver exagerei na sombra e no iluminador, devo estar brilhando mais do que o necessário! Glitter demais, minha amiga! – Debocho, dando uma careta para Clarisse.

– Engraçadinha... – Ela retruca.

– Clarisse, para de pegar no meu pé, não íamos sair para nos divertir?
– Olho para ela, que dá aquele sorriso delicioso de canto de boca erguendo levemente os olhos.

– Estou me divertindo, adoro implicar com você!

– Descarada! – Dou um tapinha em seu braço e enfim, a atenção é desviada.

Parecendo ter esquecido completamente o tal brilho em meu olhar, Clarisse se aproxima do jovem bem vestido que se encontra diante de imensas portas negras de vidro, sussurrando alguma coisa muito próximo ao seu ouvido. Sua mão desliza pelo seu braço e fica óbvio o quanto o rapaz se estimula com sua atitude. Louca!

Ainda sem chão diante da investida descarada de minha amiga, o rapaz pega um Ipad e passa alguns segundos observando a tela e deslizando seu dedo. Com simpatia e também pesar, afinal Clarisse vai sair de perto dele, ele sorri, acionando um pequeno controle em sua mão, fazendo com que as portas deslizem suavemente, em um convite quase bucólico para que todos entrem no recinto.

Divino seria simplório demais para descrever tamanha imponência. Toda a decoração remete aos anos trinta, o que muito me instiga, uma vez que coisas antigas me atraem demais. Cortinas de veludo vermelho pesadas, decoram as paredes de vidro que dão acesso ao que acredito ser uma área externa.

Candelabros de cristais dourados se perfilam, pendurados simetricamente no teto, reluzindo conforme as luzes cálidas e estrategicamente colocadas os tocam. Um magnífico bar em mogno maciço com detalhes em dourado, se estende por toda a lateral esquerda, mas o que realmente impressiona, são os bancos.

Altos, revestidos também em veludo vermelho pesado, tendo os pés em ferro fundido, foleados a ouro como todo o resto da decoração, ricamente trabalhado, como se cada curva que ostenta tivesse sido produzida manualmente por um artesão de mão cheia.

– Incrível, não? – Clarisse quebra o silêncio, tão embasbacada quanto eu com tamanho luxo.

– Incrível é pouco, amiga! Os amigos de Vick que são amigos de uns caras que conhecem outros caras que assessoram Leonardo Di Caprio, acertaram

em cheio dessa vez! – Nem eu mesma consegui entender a confusão de minhas palavras, mas também, como lembrar do emaranhado louco explicado por Clarisse hoje pela manhã a respeito de quem havia conseguido nossas entradas na “10ak”?

Drew alarga um sorriso, alheio a nossa conversa e envolve minha cintura com um dos seus braços. No mesmo instante todo o meu corpo se retesa. Respiro profundamente e tento relaxar. Faz meses que não tenho contato com nenhum outro homem e logo hoje, que poderia enfim conhecer melhor e quem sabe até me dar uma chance de curtir um lance legal com Drew, Domenico resolve dar o ar da sua graça dominadora, arrancando meu sossego e me deixando mais uma vez completamente fechada para tentar.

Sorrio ao perceber o olhar de Clarisse mais uma vez sobre mim. Merda, por que diabos preciso ser sempre tão transparente? Claro que ela sabe que alguma coisa está acontecendo, e pior, sabe que essa coisa envolve Domenico, mas não irá tocar no assunto, ao menos não até estarmos sozinhas.

– Onde fica a pista de dança? – Vick desvia a atenção de minha amiga, que volta a estudar atentamente o lugar. Com os olhos, imito seu gesto, ainda sem acreditar em tamanha ostentação.

– Ali, logo depois do bar. – Clarisse aponta e mais uma vez lidera nosso grupo.

Começamos a caminhar pelo ambiente, cruzando com alguns rostos conhecidos. Atores, jornalistas, atrizes, empresários famosos internacionalmente, cantores, autores, escritores... Todos intimamente misturados em meio a corpos deslumbrantes e rostos fabulosos.

Depois de cruzarmos portas acústicas o lugar pula do lúbrico ao tóxico. Paredes negras, corpos suados, música alta... Um imenso alçapão se abre aos nossos olhos. Tudo, e quando digo tudo, é sem nenhum exagero, é preto. Não existe uma única outra cor no local, até mesmo as faixas aveludadas que separam aquilo que desconfio ser a área VIP, também são pretas.

Um corredor ao final da pista me chama atenção. Dois seguranças ocupam as paredes opostas, demonstrando claramente que não é qualquer um que pode ultrapassar aquele limite. Mas onde diabos aquele corredor vai dar? Outro ambiente talvez? Esse lugar é simplesmente monstruoso de tão grande.

– Vamos, hoje somos VIPs em absolutamente tudo! – Animada, Clarisse segue saltitando a nossa frente, até alcançar a área, que agora tenho certeza ser exclusiva apenas para os mais “mais” da parada.

Mais uma vez nossos nomes são colhidos, um a um, repetindo pela terceira vez em uma única noite o mesmo ritual. Depois de pulseiras colocadas em nossos pulsos, somos liberados ao tablado em tabua corrida, claro que

também preta, com cerca de dez mesas redondas, cercadas por sofás aveludados.

– Vida difícil essa, hein? – Clarisse fala depois de acomodados em nossa mesa, acenando teatralmente para o garçom com seus dedos.

– Para ser franca, nem eu acreditei que você conseguiria, Clarisse. – Falo sorrindo, diante da empáfia que minha amiga coloca em sua voz.

– Eu sempre consigo, meu bem!

– Nunca mais vou duvidar disso. – Levo a mão ao peito, como em uma promessa silenciosa.

– Me tire uma curiosidade...A “10ak” não faz parte do conglomerado da “AC Interprise”? – Drew vira seus olhos acinzentados para mim, em uma mistura óbvia de curiosidade e desejo.

– Sim... Ela é apenas uma das muitas casas noturnas, restaurantes, postos de gasolina, bares de propriedade e uma série de outros estabelecimentos sob o comando da “AC Interprise”. – Respondo, evitando olhá-lo.

Não quero dar esperanças como fiz na última vez, quando seguindo um plano bem audacioso de Clarisse, usei-o para colocar ciúmes em Domenico e me vingar por ter sido esnobada por ele. Antes não tivesse feito porra nenhuma. Aquela noite foi onde todo o meu tormento carnal teve início.

– Acredito então que trabalhando no conglomerado, seja fácil para você entrar aqui.

– Drew, nem o Papa conseguiria entrar aqui. Essas coisas impossíveis, deixo por conta de Clarisse, que não sei bem como, sempre consegue executá-las.

– Tenho certeza que se pedisse para seu chefe gostoso, ele daria um jeitinho de nos enfiar aqui pelo menos uma vez por semana. – Clarisse sopra e depois esfrega as unhas no vestido, disfarçando o fato de nunca ter deixado de falar no quanto Leonard é um cara bonito e principalmente, o quanto ela se interessa por ele.

– Não é tão simples assim, Clarisse.

– Claro que é!

– Não é não senhora! Eu trabalho para “Geo Fox”, que apesar de fazer parte do conglomerado “AC Interprise”,

não tem absolutamente nada a ver com essa área de entretenimento. – Falo, fazendo um gesto abrangente com as mãos.

– De qualquer maneira, você é aquela que fala pelo big boss, o dono da porra toda, deveria ao menos ter alguns direitos adquiridos.

– Do tipo estar em uma área VIP, tomando bebidas caríssimas em uma boate para lá de exclusiva pelo menos uma noite na semana? – Ergo uma sobrancelha e encaro minha amiga.

– Nada mais justo! Se ele vai te fazer mentir em rede nacional para livrar seu cu gostoso da pressão da mídia, deveria ao menos conceder benefícios a altura. – Fuzilo Clarisse com os olhos.

– Achei que havíamos encerrado esse assunto.

– Desculpe, foi mais forte que eu, não consegui evitar.

– Então peço que se controle, a não ser que esteja a fim que me levante e vá embora. Como você mesma disse, essa é uma noite de diversão e não de estresse.

– Ei, meninas! Calma lá. O que está acontecendo aqui? – Drew intervém, enchendo nossos copos com o champanhe Cristal que o garçom acabou de deixar em belíssimos baldes dourados por sobre a nossa mesa.

– Nada! Ethel que anda muito estressada... Deve ser o excesso de trabalho. – Clarisse me dá uma piscadela e entendo o sinal de trégua que ela silenciosamente me passa, mas não consigo evitar uma última alfinetada.

– Eu estressada e você implicante. Acreditem ou não, agora ela resolveu desenterrar mortos, posso com isso?

– Desenterrar mortos? Como assim? – Vick sorri, achando imensa graça de toda a situação.

– Pelo que sei o gostosão está bem vivo, de morto aquilo ali não tem nada. E não estou implicante, apenas me preocupo com você!

– Que se preocupe com meu bem estar, isso eu até compreendo e agradeço, agora ultimamente você anda preocupada demais com quem me come, ou não, no caso mais específico.

– Epa! Acho que esse é um assunto íntimo demais para se discutir na frente dos amigos, vocês não concordam? – Vick, que antes sorria, se mete, notando a tensão que se instala entre eu e minha amiga.

– O que tem naquele corredor? – Aproveito o ensejo e aponto para o longo corredor que vem prendendo minha atenção desde o momento em que sentamos, onde dois seguranças garantem que apenas algumas poucas pessoas passem, na verdade, até agora só consegui perceber alguns poucos casais.

– Essas boates tem esse tipo de ambiente, gatinha. – É Drew quem responde e não consigo conter um sorriso com o “*gatinha*”.

– Esse tipo de ambiente? – Claro que estou ainda mais curiosa. Quem não ficaria?

– Sim. Digamos que é um lugar onde se encontra maior privacidade.

– Tipo outra boate dentro da própria boate? – Pergunto, sem realmente conseguir compreender, e o sorriso de Drew se alarga. Falei alguma besteira?

– Deixa que eu explico, Drew. – Clarisse se mete, também sorrindo.

– Aquele corredor contém quartos, Ethel. – Ela continua e não sei

porque, algo me diz que lá vem bomba.

– Quartos? Em uma boate? – Meus olhos se arregalam e me recordo das palavras do atencioso taxista indiano quando ia ao segundo encontro com Domenico. *“Tudo nessa cidade é um antro de coisas ilícitas”*.

– Digamos que se as coisas esquentarem e você ficar em ponto de bala, não precisa fazer nada que possa chocar os outros frequentadores em plena mesa. – As palavras de Clarisse me arrebatam. Como não lembrar de Domenico me fazendo gozar duas vezes em uma mesa de boate?

– Entendi... – Desvio o olhar, ciente que minha amiga está analisando minhas reações as lembranças que me assolam. Assolam ao ponto de eu sentir a presença física de Domenico. Um arrepio percorre minha espinha e me encolho no abraço de Drew, a fim de tentar conter o frio que se espalha por meu corpo.

– Vamos dançar? – Vick se levanta, alisando o vestido e chamando a atenção de alguns executivos na mesa a nossa frente.

– Eu topo! – Clarisse também se levanta, evitando me olhar. Ela sabe o quanto estou puta da vida com sua explicação a respeito dos quartos.

– Vou ficar por aqui, daqui a pouco encontro vocês. – Digo, empurrando um indeciso Drew em direção as meninas, que muito a contragosto as acompanha.

A verdade é que aquela sensação de desconforto que mistura quente e frio ao mesmo tempo ainda consome meu corpo. A última coisa que quero é estar em meio a um amontoado hormonal de gente suada, em um apelo explícito ao sexo. Isso faria com que me afogasse ainda mais nas lembranças obscenas que apenas Domenico Fox é competente o suficiente para desencadear em mim.

– O sucesso realmente nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo, agora acredito ainda mais nisso! – Uma voz familiar soa por trás de mim e antes mesmo que virasse meu rosto, um sorriso se desenhou em meu rosto.

– Gabriel? – Como uma criança, viro meu corpo rapidamente e me ajoelho no sofá, ficando de frente para meu anjo salvador, que não vejo ou falo a meses. Sorrindo, ele se encontra apoiado no balaústre que separa a pista de dança da área VIP!

– E não é que a tímida menina de Delaware realmente conseguiu chegar onde queria?

– Não acredito que é você! Me deixe abraçá-lo! – Estico meus braços e enlaço seu pescoço, verdadeira feliz por ver o cara que me tirou do maior sufoco da minha vida depois de tanto tempo.

– Eu poderia beliscá-la, mas, já que você prefere um abraço, quem sou eu para me privar desse quase torturante prazer? – Ele fala em meio a um

sorriso, com o rosto escondido em meus cabelos.

– Acho que depois de tanto tempo sem te dar notícias, eu realmente merecia um belo de um beliscão.

– Não pense que escapou disso, mocinha. Ainda temos a noite toda para que eu me vingue de tamanha ausência.

– Vou aí para fora... – Falo, já fazendo menção de me levantar. Sei que a área que estamos é exclusiva e por mais que tente colocá-lo aqui para dentro, não sou dotada do charme de Clarisse. Jamais conseguiria tal façanha.

– Relaxe, eu vou até aí. – Com sua calma angelical, Gabriel se afasta, trocando algumas palavras com o segurança e caminhando charmoso em minha direção.

A última vez que nos vimos, estava tão apavorada que mal pude reparar no quanto é bonito. Os cabelos loiros encaracolados estão mais curtos do que me recordo, penteados para trás, o que dá uma aparência mais adulta a ele. O corpo parece ter ganho uma quantidade considerável de massa muscular, mas o que realmente encanta, são seus olhos. Puros, cativos, honestos... Gabriel é um homem e tanto!

– Ainda não consigo acreditar que você está aqui. – Falo, assim que ele se acomoda ao meu lado no imenso sofá.

– Estou a alguns dias na cidade. Admito que tentei entrar em contato, mas, parece que alguém mudou o número e esqueceu de avisar. – Ele faz um biquinho, o que deixa sua expressão ainda mais encantadora.

– Me perdoe por isso! Consegui um novo trabalho e uso o telefone corporativo. Acabei desativando aquela linha.

– Um ótimo trabalho pelo que pude perceber.

– Por eu estar aqui? Não se iluda, isso é mérito da amiga mais influente que alguém pode ter, não meu.

– Não se desmereça, Ethel Lisa. Mas a verdade é que não estou falando do fato de estar aqui. Zapeando a televisão do hotel hoje a tarde, vi a acanhada moça do interior dando um verdadeiro show em uma coletiva, falando em nome da maior firma de engenharia dos Estados Unidos.

– Esse é o meu novo emprego... – Sorrio, acanhada pelo elogio.

– E o que aconteceu com a tal entrevista no “*New Boston Post*”? Não chegou a tempo? – Dando um gole no uísque que o garçom acabou de servir, Gabriel me encara com curiosidade.

– Então, eu consegui sim chegar a tempo. Consegui o emprego e me dei conta que minha chefe era uma vaca do mal!

– Uma vaca do mal? – Gabriel joga a cabeça para trás, gargalhando com a expressão bizarra que acabei de usar para descrever Susanna.

– Vamos lá, recapitulando. Você fez a entrevista, conseguiu o emprego e pediu demissão porque sua chefe era uma vaca do mal, é isso?

– Na verdade eu fui demitida.

– Pela vaca do mal?

– A própria... – Faço um olhar de vítima e Gabriel alisa meus cabelos, como se consolasse uma criança, entrando na brincadeira.

– Realmente, uma vaca do mal! – Sorrio e sem entender o porque, volto a abraçá-lo, dessa vez bem apertado. Gabriel me faz lembrar do meu lugar, de onde vim, quem eu sou... Isso me traz um fôlego novo e ao mesmo tempo, me mergulha em todos os meus medos e incertezas, dos quais tento fugir por toda a minha existência.

– Me conte, como anda a vida? – Recuperado do meu ímpeto afetuoso, Gabriel volta a se recostar, uma das mãos por trás dos meus ombros, descansando suavemente no encosto do sofá, a outra permanece em seu copo, onde ele brinca com o indicador com um cubo de gelo.

– Tenho um bom emprego, uma amiga zelosa que me enche o saco as vezes, de tanto que cuida da minha vida... Enfim, acho que está tudo em ordem. – Dou de ombros.

– Simples assim?

– Simples assim... – Concordo, sabendo que minha explicação não é nem um pouco abrangente.

– E os namorados? – Ele sorri, sei que não está me cantando, desde o primeiro momento que nos vimos, percebi que nele teria um amigo fiel e confiável, pelo resto da vida.

– Nesse caso posso falar que existiram algumas turbulências...

– Sério? Me conte essa história. – Gabriel se acomoda melhor no sofá, colocando uma perna por baixo do seu corpo a fim de ficar frente a frente comigo.

– Tem tempo? Já vou avisando que a historia é longa.

– Todo tempo do mundo para você, Ethel Lisa.

– Pois bem, quando fiz a entrevista para o “NBP”, minha chefe, que ainda nem era minha chefe...

– A vaca do mal? – Sorrio e concordo com a cabeça antes de prosseguir.

– Continuando, a vaca do mal me designou uma tarefa impossível, caso conseguisse, estava empregada, caso não, estava no olho da rua sem nem ao menos ter um emprego de verdade.

– E qual era a tarefa impossível?

– Uma exclusiva com um figurão, um cara totalmente avesso a

imprensa. Um homem frio, implacável, cínico, que respira negócios.

– E esse cara faz sexo ao menos? – Gabriel ri e meu corpo estremece involuntariamente. Aquela mistura de quente e frio volta com tudo e já não sei mais o que é percepção ou imaginação. Tudo se confunde na minha cabeça. Dou um sorriso amarelo de volta e continuo minha narrativa, tentando não demonstrar meu desconforto.

– O típico solteirão convicto, daqueles que não se permitem viver relacionamentos sérios. Acredito que só crie espaço em sua vida para sexo casual, dado a quantidade de vezes que troca de parceiras.

– Pelo que estou entendendo, você sabe bastante a respeito da vida desse tal figurão. Conseguiu a tal exclusiva?

– Não...

– Não? Tem certeza? – Olhos vividos tentam arrancar a verdade de mim.

– Bom, a verdade é que me envolvi com o cara. Mas em minha defesa, fique sabendo que não sabia quem ele era.

– Deixa eu tentar entender. Você precisava de uma exclusiva com o tal figurão, se envolveu com o cara e mesmo assim perdeu o emprego?

– É bem mais complexo que isso meu amigo. Quando o conheci, não sabia que ele era ele, entende?

– Não, não entendo.

– Ele não me falou o nome dele!

– Para tudo! Onde está a menina que apertou os dedos durante todo o trajeto até o aeroporto em New Castle? Você ficou com um cara sem nem ao menos saber o nome dele? – Apenas concordo com a cabeça, bem lá no fundo envergonhada por minha atitude promíscua.

– Uau! Isso que eu posso chamar de evolução!

– Não ferra, Gabriel. Não foi assim também! – Me defendo.

– Deixa eu adivinhar. O cara acabou descobrindo que você precisava de uma exclusiva e vocês terminaram?

– Nós nem começamos, não tivemos a oportunidade de terminar.

– É mágoa que percebo em seu tom de voz?

– Talvez...

– Você se apaixonou pelo cara.

– Como eu disse, é bem complexo.

– O amor é complexo, Ethel Lisa.

– Falou o próprio apaixonado.

– Ainda não cheguei a esse nível, mas assisto filmes românticos constantemente, e em todos, sem exceção, existe essa fala.

– E o que você está fazendo na cidade? – Pergunto, mudando o foco do assunto.

– Negócios.

– Não sabia que tinha negócios em Boston.

– E como você acha que consigo manter o esportivo que te legou até o aeroporto?

– Plantando tomates?

– Confesso que cheguei a pensar nessa alternativa, mas não deixaria meu pai muito feliz, então...

– Fala sério, plantar tomates é uma ótima ocupação, e em New Castle, extremamente bem remunerada.

– Fiquei imaginando minha mãe vestindo um avental e vendendo nossa colheita na beira da estrada agora.

– Bizarro? – Cutuco sua barriga ao ver a cara apavorada que Gabriel força.

– Mais para chocante mesmo!

– Estou realmente muito feliz em revê-lo, Gabriel.

– Eu também, minha querida! Muito mesmo.

Conversamos por mais de meia hora. Gabriel é leve, descontraído e consegue me arrancar do poço se fundo onde me enfiei por vontade própria. Ainda que a sensação estranha que toma meu corpo desde a hora que cheguei continue a me perseguir, consigo desviar toda a minha atenção para meu amigo, que me faz rir com suas piadas infames, de tão sem graça que são.

– Já ia esquecendo... – Em determinado ponto da conversa, Gabriel enfia a mão no bolso interno de seu paletó e retira um pedaço amassado de papel.

– Um cartão corporativo seria muito mais refinado, Gabriel! – Implico.

– Acha mesmo que vou correr o risco de deixar meu número em um papelzinho ou cartão com você? Nem pensar, Ethel Lisa, trate de colocar na agenda de seu celular e me ligar, para que eu possa gravar o seu.

– E o que seria o papelzinho? Um vale de um ano para consumir tomates frescos na beira da estrada?

– Você realmente gosta de tomates, não é mesmo? – Ele brinca.

– Na verdade eu os detesto! – Gargalhamos juntos e enfim, o tal papelzinho foi colocado em minha mão.

– Alejandro Gomes? – Franzo a testa ao encará-lo, sem entender absolutamente nada.

– Esse cara vem a meses te procurando em New Castle. Pelo que pude entender, ele está reivindicando uma parte de sua herança.

– Minha herança? – Pisco os olhos confusa. A única coisa que herdei foi a casa velha e cheia de mofo na qual fui criada por minha avó após o seu falecimento.

– Também não entendi direito. Quando o questionei quanto ao grau de parentesco, ele desconversou. Só peço que tome cuidado se realmente pensar em entrar em contato com ele. O cara não me pareceu lá boa coisa.

– Como assim não pareceu boa coisa?

– Sei lá, só sei que tive uma péssima impressão a seu respeito.

– Acho melhor esquecer isso! – Minha boca fala aquilo que minha cabeça não pensa. Quem seria esse tal de Alejandro Gomes, e o que de fato esse homem quer comigo?

– Você era a única herdeira de sua avó. A única pessoa que poderia contestar uma parte da grana seria sua mãe, que jamais apareceu, mesmo tendo sido procurada pelos advogados responsáveis pelo espólio, acredito que não deva levar muito em consideração, o cara realmente parecia meio doido.

– E você acha que devo me preocupar? – Me remexo nervosa no sofá.

– Honestamente? Eu ficaria atento, mas não me preocuparia com o fato em si.

– Se você está dizendo, como posso ir contra, afinal, você é o meu anjo da guarda, não é mesmo? – Sorrimos e o assunto se deu por encerrado.

CAPÍTULO DEZESSETE



Uma hora depois, com imenso pesar, me despedi de Gabriel, que precisou ir embora, pois tinha uma reunião logo cedo no dia seguinte. Depois de trocarmos telefones, prometemos nunca mais perder contato, e marcamos um jantar para a próxima sexta feira, um dia antes dele voltar para Delaware.

Sozinha na mesa, volto minha atenção para o papel amassado com uma caligrafia péssima que fiz questão de tentar ignorar. Uma preocupação estranha toma conta de todas as células do meu corpo, assim como aquela infernal sensação eletrizante de frio e calor ao mesmo tempo que não me deixa. Merda!

Ao longe, vejo meu grupo se aproximar e não evito um suspiro de alívio. Ficar sozinha é realmente a última coisa que desejo nesse momento. Sorrindo e tagarelando sem parar, Clarisse é a primeira a se aproximar, sentando-se muito próxima a mim, virando de uma só vez uma taça de champanhe.

– Quem era o bonitão que te segurou por tanto tempo na mesa? – Questiona minha amiga, como sempre, sem rodeio.

– Lembra da carona que ganhei até o aeroporto no dia em que vim para Boston?

– Minha nossa! Aquele era o anjo Gabriel? – Seus olhos se arregalam, talvez tão surpresa quanto eu pela coincidência do encontro.

– Em pessoa, só que com as asas fechadas. – Brinco.

– Você quis dizer sem o luxuoso esportivo, não é mesmo? – Clarisse pisca um dos olhos, borrados pela quantidade excessiva de suor em seu rosto e nos perdemos em uma conversa sem fim sobre os exemplares masculino de altíssima qualidade existentes no local.

Vick e Clarisse discordam de algumas características essenciais para que um homem seja atrativo, enquanto Drew, parece mais interessado na ruiva com quem esteve dançando por todo esse tempo. Me vejo obrigada a sorrir, fingindo prestar atenção nas atrocidades ditas por minhas amigas, mas a verdade é que aquele desconforto de antes só aumenta, e aumenta em doses nada homeopáticas.

– Preciso ir ao banheiro. – Falo, tentando me fazer ser entendida em meio a batida eletrônica que agora ensurdece todo o ambiente.

Me levanto e atravesso a imensa pista de dança. Caminho meio sem rumo, uma vez que não faço a mínima ideia de onde fique o banheiro. Me esquivando do amontado suado que parecem pipocas estourando em uma panela, tento me localizar, em vão. Esse lugar é um verdadeiro labirinto.

– Ora, ora, ora... Se não é a doce Srta. Willians! – A voz bem colocada e com o tom autocrata característico da família Fox me interpela e estanco imediatamente.

– Elise... – Gaguejo e ela sorri.

– Como vai, querida?

– Tudo bem... Bom vê-la novamente. – Respondo, nervosa e um pouco sem graça ao me lembrar de como fui vista por Elise no dia em que nos conhecemos.

– Bom vê-la também. Esse é Michael, meu marido. Michael, essa é Ethel Lisa Willians, uma ex de Domenico. – Com pouquíssima simpatia, o homem apenas cena com a cabeça.

– Não sou uma ex de Domenico, Elise. – Não sei porque exatamente, mas me senti na obrigação de esclarecer.

– Vocês voltaram? – A pergunta capciosa me irrita.

– Nós nunca estivemos juntos.

– Sei...Apenas uma noite de sexo ardente e selvagem. Isso é a cara do meu irmãozinho. Por falar nele, o viu por aí?

– Ele está aqui? – Acredito que minha voz tenha soado alguns decibéis mais alta do que a música que toca.

– Pelo menos estava. – Isso explica a sensação desconfortável em meu corpo todo esse tempo. Não era minha imaginação revivendo os momentos de hoje a tarde, Domenico realmente estava aqui.

– Eu não o vi... – Respondo, abaixando minha cabeça e me deparando com a barriga bem saliente de Elise.

– Sim, meu bem, está quase para nascer. – Ela se adianta, vendo que o foco da minha atenção é sua gravidez.

– Parabéns ao casal! – Nem sei porque falei isso. Michael, o marido de Elise, mal se dá ao trabalho de olhar na minha cara desde quando fomos apresentados.

– Obrigada. Estamos muito felizes. Será um menino.

– Que legal... – Finjo uma empolgação que está longe de existir.

– O chá de bebe será no próximo sábado, na casa de verão de meus pais, você conhece bem o caminho. Faço questão da sua presença.

– Vou ver a agenda de trabalho e se estiver livre, ficarei feliz em comparecer. – Claro que estarei livre. Dificilmente Leonard pede minha presença física aos finais de semana. No máximo que eu monitore as fofocas que surgem na internet a respeito de Domenico e tome as providências cabíveis, de casa mesmo.

– Você estará, meu bem. Vou falar com Domenico, você é dedicada demais, precisa de um dia de folga. Me passe seu número, vou mandar o convite por mensagem. – Elise pega seu celular de dentro da pequena bolsa de mão que carrega e me observa, esperando por minha reação. Sem qualquer outra opção, passo meu número e a vejo digitar alguma coisa. Imediatamente meu celular vibra dentro de minha bolsa.

– Grave meu número querida. Vamos nos falando.

– Claro. – Apenas concordo.

– Nos vemos no sábado então. – Se esticando, Elise dá um beijo em uma das minhas bochechas e se afasta junto ao marido, que não emitiu um único som durante todo o nosso diálogo. Cara estranho!

Atordoada, volto a caminhar, dessa vez com os olhos embaçados e com um pouco de falta de ar. O ambiente escuro me sufoca e a notícia de que Domenico estava aqui me deixa em ebulição. E se ele me viu com Gabriel? O que será que vai pensar? Que é um namorado? E por que diabos estou me preocupando com isso?

Correndo os olhos, visualizo imensas portas de vidro, as mesmas que cercavam o ambiente do bar, e realmente me parece ser uma área externa. Apressada, caminho entre as pessoas, esbarrando vez ou outra em alguém, sem me dar ao trabalho de pedir desculpas.

Assim que atravessei as portas o ar frio faz minha espinha tremer. A sacada é imensa e algumas pessoas se aglomeram em alguns dos seus cantos. Um grupo sorridente, outro mais calado e ainda um outro onde a quantidade excessiva de fumaça denuncia ser de fumantes.

Por algum tempo fico ali parada de olhos fechados, apenas desfrutando do ar fresco que penetra em minhas narinas. Nesse instante meu coração descompassa. Abro meus olhos lentamente e como um imã gigantesco, sou atraída para o parapeito de vidro. Domenico, acompanhado de uma morena de cair o queixo está ali, recostado com displicência, sorrindo cinicamente de alguma coisa que a mulher acabou de cochichar em seu ouvido.

Alguns instantes se seguiram até que conseguisse mexer minhas pernas. Claro que minha intenção é dar meia volta, mas não consigo. Olhos azuis glaciais se viram em minha direção e meu coração dispara. Como pude ser idiota ao ponto de fantasiar que um homem como Domenico Fox ficaria mexido com

nosso encontro no elevador da mesma maneira que eu fiquei?

Vê-lo com outra mulher depois de um encontro nosso não é novidade para mim, já aconteceu antes, mas agora, não faço a mínima ideia de como lidar com minha frustração e magoa. Se fosse mais corajosa, me aproximaria e o cumprimentaria, mas não, continuo sendo a mesma covarde de sempre e, sem o respaldo inteligente de Clarisse, minha vontade é de arrancar os sapatos e correr o mais rápido possível para longe desse lugar.

Ele continua a falar alguma coisa com a mulher, mas seus olhos não desgrudam um segundo dos meus. Quais as minhas opções viáveis? Fugir? Ficar? Cumprimentar? De qualquer forma, enquanto seus olhos me engolem de maneira nada discreta, nenhuma das alternativas que imagino parece se encaixar a situação.

Pensando bem, eu trabalho para Domenico Fox, deletando o fato de nossos passados estarem interligados por uma relação conturbada e bastante sombria, o mais correto da minha parte seria me aproximar e cumprimentar meu chefe, um boa noite educado talvez, ou apenas um leve acenar de cabeça.

Lentamente, começo a caminhar em sua direção. Os poucos metros que nos separam parecem quilômetros. Minhas pernas pesam e o esforço que faço é desmedido. Controle-se Ethel, controle-se! Um sorriso sacana brota de seus lábios e com a respiração alterada, o vejo enlaçar a cintura da morena e puxá-la de encontro ao seu corpo, roçando o nariz na pele do pescoço da mulher, que parece se derreter mediante o contato.

Ele continua a me encarar. Parece estar jogando comigo, como sempre fez. Seus olhos azuis gelo escurecem e não acho que isso tenha alguma coisa a ver com o ondular sensual da morena colada ao seu corpo. Quanto mais me aproximo, mais emoções desconhecidas despontam dos belíssimos cristais azulados.

Quando estou próxima o suficiente para cumprimentá-lo, Domenico simplesmente vira as costas para mim, interrompendo tanto nosso contato visual, quanto a dança de acasalamento que estava protagonizando junto a morena, que parece ainda mais frustrada do que eu.

Sem conseguir me mexer observo-o de costas. Sim, Domenico Fox é o mais belo exemplar masculino existente em todo o universo. Seu terno se adapta as suas costas enquanto se inclina e apoia os braços no anteparo da sacada. Eu poderia facilmente passar a noite toda aqui, plantada como uma estátua, apenas observando-o, mas, em uma coragem que não sei ao certo de onde tiro, decido que está na hora de tomar uma atitude e deixar de ser sempre tão idiota.

A fumaça branca originária do grupo de homens bem próximos a nós, flutua e é arrastada pelo vento, deixando algumas nuvens ao meu redor, e é nesse

instante que tenho uma ideia brilhante. Chega de me acovardar diante dos jogos impostos por Domenico. Essa é a minha vez de dar as cartas.

Mudando o corpo de direção, dou alguns passos, meus saltos tilintam ao tocar a madeira de lei tratada abaixo dos meus pés. Minha respiração está entrecortada, minhas pernas tremem e meu coração, esse parece querer fugir a galope do meu peito. Vamos Ethel, você pode fazer isso, você é sim capaz!

Não cheguei a me aproximar e o grupo de homens trajando belos ternos se vira de maneira simultânea. Agora eu entendo o que Clarisse quer dizer quando fala sobre ser o centro das atenções. Olhares famintos me engolem e muito provavelmente estou da cor de uma lagosta gigante.

– Com licença... – Digo baixinho e de canto de olho, vejo Domenico de aprumar e de repente, os olhos azuis glaciais estão colados em mim novamente.

– No que podemos ajudar a bela senhorita? – Um dos homens fala e seu tom galanteador me causa certo nojo.

– Esqueci meu cigarro lá dentro, será que um de vocês poderia fazer a gentileza de me dar um? – Forço um tom de voz melado. Melado demais até para o meu gosto.

Que merda! Nunca coloquei um cigarro na boca. Quero foder o juízo de Domenico, provocá-lo, irritá-lo, mas ao mesmo tempo, não quero passar por uma completa idiota que não sabe sequer como dar uma tragada. Essa realmente seria a hora certa para tentar algo tão agressivo? Minha coragem, antes gigantesca, começa a se esvaír.

– É claro, seria um imenso prazer. – Outro homem responde e seu olhar me deixa enervada. Ele parece simplesmente querer me engolir, despindo meu corpo mentalmente, sem um pinga de pudor.

O homem tira um pacote de cigarro do bolso interno do seu terno, o abre e expande o braço em minha direção, me oferecendo o produto nocivo com a maior das gentilezas. Com dedos trêmulos e tentando ser o mais delicada possível, como se repetisse esse gesto várias vezes ao dia, estendi a mão e peguei um cigarro, rezando para ao menos parecer convincente.

Sinto os olhos de Domenico queimarem minha pele e abro o maior e melhor dos meus sorrisos em agradecimento. Quase posso ouvir seu rosnado de onde estou e mesmo nervosa, me regozijo internamente. Sim, estou mexendo com os brios sempre tão controlados do todo poderoso Fox.

Tudo bem, mas e agora? O que eu faço? O normal seria acender o cigarro. Observo o homem guardar o maço em seu bolso e sacar de um belíssimo isqueiro em platina, me dando um sorriso perverso, como se depois do cigarro fosse degustar do meu corpo. Que nojo!

Um clique e observo a chama latejante dançar a minha frente. Puta merda, vou pagar o maior mico da minha vida! Lentamente, coloco o cigarro entre os lábios e me inclino em direção a chama que o isqueiro produz. Tudo parece acontecer em câmera lenta, como se o tempo tivesse estancado.

De repente, como se um furacão tivesse atingido o local, a enorme mão de Domenico afasta de maneira rude o isqueiro, fazendo-o cair ainda aceso no chão, ressoando sobre o piso. Com a outra mão, ele arranca o cigarro dos meus lábios. Meu queixo despenca diante de sua fúria.

– Ei, cara! Qual é o seu problema? – Um dos homens reclama, dando um passo em direção a Domenico, que de maneira ameaçadora, inclina seu corpo, se tornando ainda mais intimidador do que já é.

– Ela não fuma! – A voz grossa, rouca e pouquíssimo amistosa ecoa por toda a sacada.

– É claro que eu fumo! – Praticamente grito, vendo meu plano desmoronar diante dos meus olhos.

– E você costuma sempre fumar o cigarro do lado contrário? – Aquele sorriso de esfinge desenha seu rosto e brinca com seus lábios. Merda, ele sabe que tentei provocá-lo e pior, ele sabe que ganhou essa etapa do jogo, como sempre!

Um calor líquido escorre pelo meu rosto. Baixo meu olhar instintivamente, sei bem do que Domenico é capaz quando está furioso. Meu medo se espalha por todas as minhas células e mais uma vez uma vontade louca de sair correndo me domina. Respiro profundamente e volto a encará-lo.

– Foi apenas uma distração. E mesmo que eu não fume, nunca é tarde para tentar coisas novas. – Digo, incentivada pelo fato de Domenico ter se importado o suficiente ao ponto de largar a bela morena e vir se intrometer no que estava fazendo. Isso seria um bom sinal?

– Você pode até tentar, mas certamente não será essa noite. – Me puxando pelo braço, Domenico olha com extremo pouco caso para o grupo de homens que observa a cena completamente chocados.

– Você é um idiota, Domenico. – Emburro a cara enquanto sou praticamente arrastada até o outro lado da sacada.

– Eu sou um idiota? Você vai até um grupo de desconhecidos, pede um cigarro sem nunca ter fumado na vida e o idiota sou eu?

– E se eu estiver fumando? O que você tem com isso? – Esbravejo, puxando meu braço com força, quebrando nosso contato.

– Nada. Não tenho absolutamente nada com isso, só te acho linda demais para fumar. – Eu realmente ouvi isso? Domenico me chamou de linda? Que homem é esse a minha frente? Ele jamais tinha agido de maneira tão

delicada comigo. Um elogio? Estou chocada demais para acreditar.

– Domenico...

– Volte para dentro, Ethel. Seu namoradinho deve estar procurando por você. – Um sorriso curto e seco desenha seus lábios.

– Não estou com namoradinho nenhum, Domenico. Eu não tenho namorado! – Não acredito que falei isso! Aperto os olhos e me flagelo mentalmente por escancarar minha intimidade para Domenico. Ótimo, Ethel, agora ele já sabe que enquanto anda por aí acompanhado de lindas mulheres, você está encalhada, assistindo filmes e séries todos os finais de semana. O gato eu já tenho, só me falta ficar velha! A velha dos gatos!

– Devo concluir então que o rapaz que passou mais de uma hora agarrado a você no sofá é um primo distante? – Domenico zomba de mim.

– Em primeiro lugar, ele não estava agarrado a mim, e em segundo, quem ele é não é da sua conta, assim como a morena com quem você estava se esfregando também não me diz respeito. – Tudo bem, talvez o excesso de champanhe esteja deixando minha língua afiada demais.

– Realmente, ela não te diz respeito. – Domenico me corta, bastante agressivo.

– Não, não me diz... Respeito algum... – Por mais que eu tente, fica impossível não demonstrar minha mágoa.

– Ethel...

– Deixa para lá Domenico. Só para que saiba, eu vim até a sacada apenas para pegar um ar, eu não fazia ideia alguma que você estava aqui, muito menos acompanhado. Não foi minha intenção estragar sua noite.

– Mas foi sua intenção me provocar se aproximando daquele grupo de homens loucos por uma boceta? – Arregalo os olhos, aterrorizada com a insinuação de Domenico.

– Se passa por sua cabeça que fui até aqueles homens para me oferecer... – Sua bela mão se ergue e me calo instantaneamente.

– Conheço você melhor do que pensa, doce Ethel. Sei que jamais se ofereceria para alguém.

– Ao menos que esse alguém seja você, não é mesmo? – Resmungo entredentes, com ódio de mim mesma por ser tão transparente.

– O que? – Franzindo a testa, Domenico tenta entender o que acabei de dizer e agradeço silenciosamente por não ter ouvido.

– Nada... Peço desculpas pelo incomodo. – Me afasto e dou meia volta, caminhando apressada para a outra extremidade da varanda. Entrar não é uma opção. Meus sentidos bagunçados não aguentariam o barulho e muito menos a injeção hormonal que é aquele lugar.

– Ethel... – Me viro ao ouvir meu nome deslizar por seus lábios.
– O que foi?
– Onde você vai? – Sério mesmo que agora vou precisar passar meu itinerário para ele?
– Vou para o outro lado da sacada, Domenico. Não se preocupe, não vou atrapalhar o seu lance outra vez.

Sem me dar ao trabalho de esperar por uma resposta, volto a me virar e dessa vez não caminho, entro em um trote elevado, daqueles utilizados no hipismo. Quero ficar o mais longe possível de Domenico. A mistura do álcool junto a abstinência não pode gerar um bom resultado. Pelo menos não para mim.

Me recosto na beirada da sacada. Sim, a vista daqui de cima é simplesmente incrível. Pena que meu cérebro bagunçado não consegue desfrutar com a devida e merecida atenção algo tão aprazível. Ele me chamou de linda. Foi o primeiro elogio carinho que recebi de Domenico.

Confusa, sinto que ao mesmo tempo que me repele, ele faz questão de continuar a me atrair em sua direção. Minha provocação não o irritou, muito pelo contrário, parece tê-lo divertido. E eu que achava ter ficado mais sábia, mais inteligente, mais esperta. Ficou muito óbvio que ainda estou longe de alcançar as profundezas obscuras de Domenico Fox.

Perdida em minhas abstrações, não me dei conta do tempo que fiquei ali, recostada, olhando para absolutamente nada. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Logo eu, que sempre fui incapaz de chorar. Depois que conheci Domenico, isso vem se tornando uma constante em minha vida. Fraca! Me tornei ainda mais fraca do que sempre fui!

CAPÍTULO DEZOITO



Para você... – Domenico aparece ao meu lado e estende seu braço em minha direção, me oferecendo uma taça de champanhe.

– Obrigada. – Balbucio a resposta, tentando disfarçar com o indicador as marcas úmidas em meu rosto.

– Podemos ter um minuto normal de paz, Ethel?

– Um minuto de paz?

– Sim, paz! Conversar como duas pessoas civilizadas, contar piadas, rir um com o outro.

– Sério mesmo que você está me pedindo isso? – Olho seu rosto e não consigo ver nem um pingaço do sempre tão presente sarcasmo. Ele está falando sério!

– Sim, eu estou. Na verdade, eu gostaria muito de ter um momento normal com você.

– Como podemos ter um momento normal, Domenico? Nada do que vivemos foi normal.

– E não somos capazes de recomeçar? De tentarmos ao menos nos dar bem?

– Você quer se dar bem comigo? Domenico, você me agarra dentro de um elevador a tarde e a noite está se esfregando em outra mulher! Essa é a sua versão distorcida de se dar bem com alguém? – O encaro e o calor que emana de seus olhos azuis, sempre tão gelados, me causam um imenso arrepios.

– Você deve estar congelando. – Rapidamente, ele retira seu paletó, colocando-o por sobre meus ombros. Estou petrificada. Não reconheço o feroz dominador nesse homem galanteador e gentil a minha frente.

– Obrigada, mais uma vez. – Falo baixinho, com medo de quebrar esse vínculo normal, de pessoas normais que estamos tentando criar.

– Pare de me agradecer, Ethel.

– Estou sendo educada.

– E eu gentil, portanto, não temos necessidade desse tipo de formalidade.

– Eu acho que gosto desse cara aí... – Me permito um leve sorriso.

– Que cara? – Ele apoia os braços no anteparo, seu cotovelo encostado no meu. É tentação demais!

– Esse aí... Gentil e informal. – Um sorriso delicioso inunda o rosto iluminado por uma trepidante vela colocada sobre uma mesa de canto, que dança conforme o vento a atinge. Sim, Domenico é lindo demais!

– Você me lembra muito alguém, Ethel. – Sua voz soa fraca, pesarosa, saudosa.

– Você já me disse isso uma vez...

– Pois é, eu disse.

– Quer falar sobre isso? – Repito a pergunta que fiz a meses atrás, quando estávamos sentados no banco de trás do carro.

– Não, mas isso não quer dizer que não deveria. – Sorrindo, ele também se lembra daquele momento e repete a mesma resposta da época.

– Quando quiser falar... – Paro minha frase ao vê-lo estudar meu rosto. Meu coração acelera tanto com a intensidade do seu olhar que chego a sentir uma forte dor no peito.

– Prometo que será a primeira pessoa a quem irei procurar. – Ele sorri, enquanto a arrogância costumeira dança em seus lindos olhos.

– Vou me sentir lisonjeada! – Sorrio de volta, sentindo o clima leve que começa a surgir entre a gente.

– Me diga, Ethel... O que você realmente espera da vida? – Focando no horizonte, sua expressão se perde, como se algo muito ruim assombrasse seus pensamentos.

– Ser feliz talvez. Seria muita pretensão? – Observo seu belíssimo perfil e vejo seu maxilar de contrair.

– A felicidade é utópica, doce Ethel.

– Não creio que o seja. Acontece que procuramos demais por ela, quando esquecemos que felicidade não se encontra, ela simplesmente nos acha.

– E você acha que vai ser encontrada por ela? – A pergunta faz meu coração pular de encontro a minha garganta. Minha felicidade está bem ao meu lado e mal se dá conta disso. Minha cabeça lateja e tento a todo custo não ser lida por Domenico.

– Quem sabe...Mas não tenho muita esperança, preciso admitir. E você?

– Eu? – Ele volta seus olhos em minha direção e todo meu corpo sacode.

– Sim, você acha que um dia vai ser encontrado pela tão sonhada felicidade?

– Não sonho com isso, doce Ethel. – Sua voz é rouca e sua expressão se torna mais dura.

– Pois deveria. Sonhar nunca é demais e faz parte da essência humana. Minutos intermináveis de silêncio de seguem e fico me perguntando se falei alguma merda. Domenico continua a olhar o horizonte, como se ali, em meio ao emaranhado de luzes e prédios, pudesse encontrar as respostas que tanto necessita. Sim, ele é um homem extremamente confuso.

– Eu já fui feliz... – Um sopro, apenas um sopro de voz invade meus ouvidos.

– Quer falar sobre isso? – Seus olhos se viram para mim.

– Talvez eu queira. – Ele admite, voltando a olhar para frente, brincando com seus próprios dedos, parecendo incomodado com o rumo da conversa.

– E o que o impede? – Pergunto, tentando arrancar alguma coisa desse novo homem que acabo de conhecer.

– Você é uma pessoa honesta, Ethel, é essa é uma das suas qualidades que mais gosto. – Tudo bem, ele acabou de desconversar. Mas pressioná-lo só faria com que se fechasse ainda mais em seu mundo sombrio, então, decido por melhor segurar minha ânsia frenética de arrancar cada vez mais um pedacinho da alma de Domenico.

– Fico feliz que tenha alguma qualidade minha que lhe agrade.

– Você tem várias delas.

– Posso solicitar uma lista? – Brinco, e ele sorri.

– Não, não pode. Perderia a graça.

– Acho que sim...

– Usando de toda sua honestidade, você não acha coerente uma boa garota se afastar de mim?

– Quer mesmo que eu seja honesta?

– Gostaria muito.

– Sim, deveria. Você não é o tipo de cara que os pais rezam para encontrar como genro.

– Escuro e perigoso... Esse sou eu. – Seu olhar percorre meu corpo, faminto e necessitado.

– Esse não é você. Esse foi quem você se tornou.

– E como você sabe que me tornei? Posso ter sido sempre assim.

– Fácil, você me falou que já foi feliz. Você já viveu bem longe dessa escuridão Domenico, você conhece o que é estar na luz.

– Isso foi a muito tempo.

– Tempo nenhum é o suficiente para mudar de vez uma pessoa. Existe

luz aí dentro, basta se permitir liberá-la.

– E você acha que dá conta disso? – Ele me desafia, erguendo uma de suas sobrelanceiras daquele jeito que o deixa irresistivelmente sexy.

– De liberar sua luz? – Pergunto confusa.

– De lidar com o genro que nenhum sogro deseja.

– Como não tenho pais, isso necessariamente não seria um problema.

Nem toda mulher procura por um cara exemplar, Domenico.

– E você é uma dessas mulheres?

– Estou aqui com você, não estou?

– Ethel... – Meu coração fica louco com a promessa contida na forma ameaçadora e sombria com que pronuncia meu nome.

– Você me pediu para ser honesta, estou sendo. – Arrebita meu nariz e me viro de frente para ele.

Domenico faz o mesmo e passa lentamente a mão pelas minhas costas nuas, agarrando minha cintura, me puxando de encontro ao seu corpo, com seu olhar preso ao meu. Que merda estou fazendo? Meu coração acelera em um ritmo louco e já não consigo mais raciocinar com clareza.

O efeito do álcool libera toda a libido que guardei durante meses. Meus seios duros estão pressionados contra seu tórax bem definido e a resposta do meu corpo a esse contato é imediata. A umidade que começava a se acumular entre as minhas pernas periga escorrer por entre as minhas coxas.

Ficamos assim por algum tempo, seus olhos fixados nos meus, iluminados por uma perversidade deliciosa. Sua boca tem aquele sorriso cínico, debochado, um leve entortar que fala mais que mil palavras. O cheiro amadeirado me envolve e sem cerimônia alguma, Domenico reivindica meus lábios.

Não é um beijo suave, meigo ou carinhoso. É um beijo bruto, forte, beirando o violento. O gosto etílico se mistura ao metálico do sangue que escapole de algum lugar ferido pelos seus dentes. Incrivelmente, isso me inflama, acendendo de vez minha vontade por ele. Eu quero, preciso desse homem em minha vida. Minha cabeça levita e já não sei mais se é efeito da quantidade excessiva de champanhe ou da fúria desmedida de Domenico que me intoxica.

– Vamos sair daqui... – A voz rouca de desejo e vontade escapa por entre nossos lábios, ainda colados.

– Agora? – Pergunto confusa.

– Quer esperar mais por isso? – Domenico pega minha mão e leva até sua imensa ereção que parece querer rasgar o tecido caro e fino do seu elegante terno.

Merda! A verdade é que não estou pronta para isso. Pensando bem, meu corpo recebe diferentes informações que meu cérebro. Um está sempre pronto, disponível, livre, aguardando ansioso pelo seu toque brutal, já o outro, esse se encolhe, se assusta e se fecha em uma bolha de sofrimento, sabendo que tudo isso não passará de apenas mais uma noite de louco tesão e tortura, da qual talvez, não consiga me recuperar tão cedo.

– Desculpe-me Domenico, mas não acho que a gente deva fazer isso...

– Onde está aquela mulher que a pouco tempo atrás disse gostar dos não convencionais?

– Encolhida em algum canto, muito provavelmente. – Reviro os olhos e vejo a expressão de impaciência em seu rosto.

– Ethel, me escute. Sei que tivemos um começo difícil. Mas sei também o quanto você quer isso, o quanto esse mundo faz parte de você.

– E se não fizer? E se for apenas uma curiosidade?

– Se assim o fosse você não estaria buscando informações sobre o assunto na internet todo esse tempo. – Sua resposta me surpreende e dou um passo para trás, cambaleando sobre minhas pernas.

– Você anda espionando meu laptop? – O acuso, nem um pouco satisfeita por imaginar que Domenico tem acesso as minhas entradas na rede.

– Não, Doce Ethel. Jamais invadiria a privacidade de um funcionário. Esqueceu que sou um homem integro e que muito se preocupa com o bem estar dos contratados pela empresa? – O sorriso sarcástico volta a iluminar seu rosto e um milhão de perguntas passam por minha cabeça.

– Então como você sabe que ando pesquisando?

– Você tem pesquisado? – Sua resposta é uma pergunta, e isso me irrita. Sério que Domenico Fox jogou mais uma vez comigo?

– Responda a minha pergunta, Domenico.

– Se você vier comigo, eu posso respondê-la.

– Ir com você aonde? – Nervosa, agarro as abas do paletó sobre meus ombros e me aperto em seu interior.

– Você confia em mim, Ethel? – Ele não demonstra qualquer surpresa com minha atitude. Esse é o dominador feroz, o sádico sem limites que conheci. O homem gentil se foi, deixando o lado obscuro e animal de Domenico gritar em suas veias.

– Domenico, eu...

– Confia? – Insiste.

– Como posso confiar em alguém que simplesmente me usou e depois me abandonou, como se eu fosse absolutamente nada?

– Como falei, começamos errado. Acho que peguei pesado demais

com você. Admito que deveria ter ido com mais cautela.

– Honestamente, eu não sei...

– Sim, você sabe. Você sabe quem é, o que é e principalmente o que quer e precisa. Apenas venha, doce Ethel. – Ao terminar de falar, Domenico me estende a mão, em um convite irrecusável. Calada, deposito meus dedos trêmulos junto aos seus e um sorriso satisfeito brota de seus lábios.

– Dessa vez será diferente, Ethel. Eu prometo.

Me puxando em sua direção, ele roça sua boca na minha, em um acalanto delicado e espontâneo, se afastando em seguida e me conduzindo ao interior da boate, de mãos dadas, dedos entrelaçados, como um casal de namorados normal o faria. Alguns rostos borrados cruzam a nossa frente, mas já não enxergo mais nada, apenas me concentro nas possibilidades infinitas que esse homem possui de me elevar a alturas desconhecidas.

Rezando silenciosamente para não encontrar com Clarisse durante o percurso, me encolho, esperando ser conduzida para a saída da boate. Para minha surpresa, Domenico me leva a entrada do tão falado corredor. Algumas palavras trocadas com um dos seguranças e nossa entrada é liberada.

Andamos silenciosamente pela extensão fina, cheia de portas, até que ele para diante de uma delas. Enxergando minha tensão, ele sorri e abre a porta, dando um passo de lado e gesticulando com a mão, para que eu entrasse primeiro. Hesitei por alguns segundos, logo sendo impelida pelo desejo e curiosidade, que me jogam para o interior do ambiente.

O quarto estava praticamente as escuras, uma pequena solitária luminária em um dos cantos era a única fonte de claridade fornecida. Como todo o resto, tudo cheira a luxo e ostentação. Uma cama imensa se localiza ao centro, forrada em colchas e uma quantidade absurda de travesseiros, tudo na mais pura e fina seda.

Mas o que realmente me chamou atenção foram as duas correntes grossas com algemas em suas extremidades que pendiam do teto. Nervosa, girei o corpo e o encarei, boquiaberta. Domenico estava recostado na porta, agora já fechada e trazia junto a si uma satisfação latente.

– O que é isso, Domenico? – A pergunta escapole em um sussurro quase mudo pelos meus lábios.

– Você confia em mim, Ethel?

– O que vai acontecer aqui? – Assustada, recuo alguns passos, até encostar a parte traseira de minhas pernas na imensa cama.

– Vamos iniciar o processo de maneira gradativa e correta. – arrancando a gravata, ele caminha a minha volta, abrindo uma das algemas.

– E você chama algemas e correntes de gradativo o correto?

– Esse é um mundo diferente, doce Ethel. Um mundo onde acordos são feitos. Pulei essa etapa com você, fui insensato, quero que entenda a referência do que estaremos vivendo em um todo e principalmente, que tenha a exata consciência de onde está se metendo dessa vez.

– Sim, eu sei que esse é um mundo diferente, mas pensei que correntes e algemas viriam mais tarde, assim como a palmatoria, as surras e os castigos.

– Como já disse, começamos errado. Eu quero tentar outra vez. É o que você quer? – A pergunta badala em meus ouvidos como sinos de uma catedral. É o que eu quero? Recomeçar? Claro que é, Domenico é tudo que eu sempre quis desde a noite em que nos conhecemos.

– Ethel, se quisermos progredir nesse tipo de relação, você precisa confiar em mim. – Charmoso, ele volta sua atenção a uma das algemas, abrindo-a com um leve clique, que parece estourar meus tímpanos.

– Vem aqui. – Ele estende sua mão e eu hesito.

– Ou, tem toda a liberdade para sair desse quarto e prometo, nunca mais tentar absolutamente nada com você.

Ele diz e meu coração se comprime apenas ao ouvir a possibilidade de nunca mais ser tocada por Domenico. Incerta do que devo ou não fazer, caminhei até ele, de olhos baixos e mãos apertadas a frente do corpo. Como um homem pode mexer com tamanha intensidade em minhas estruturas?

Parei na sua frente e seus dedos deslizaram suavemente sobre meu rosto, me obrigando a fechar os olhos, incapaz de conter um gemido baixo que escapa por minha garganta. A trilha ardente continua pelo meu pescoço, rodeando o decote canoa do vestido, até alcançar seu paletó e sem qualquer cuidado, jogá-lo ao chão.

– Boa menina. Agora tire a roupa.

Arregalo os olhos e o encaro. Talvez essa iniciação calma e tranquila seja muito pior do que tudo que já vivemos antes, pelo menos eu tinha alguma ideia do que iria acontecer, mas isso, isso é loucura, uma loucura deleitável, que me faz querer cada vez mais e consome cada pedaço ainda consciente de mim.

Seguindo seu comando, deslizo os dedos pela seda azul do vestido, encontrando o pequeno fecho lateral. Abro lentamente, não porque queira causar algum tipo de suspense, mas porque a visão de venera nos olhos azuis glaciais diante da cena me encanta e quero prolongar ao máximo essa sensação.

Mexendo levemente o corpo, permito que a seda deslize de uma só vez, caindo aos meus pés, formando um arco perfeito ao meu redor. Não estou usando sutiã, e fico apenas com a minúscula calcinha de renda branca e os saltos altíssimos parada e desprotegida a sua frente. Um rosnado selvagem escapa da garganta de Domenico, que percorre avidamente meu corpo com seus belos e

sedentos olhos.

Ele se aproximou e tocou meu braços, causando um formigamento instantâneo. Nenhum barulho se ouve, a não ser o de nossas respirações. Ofegantes, descompassadas, mas no mesmo ritmo frenético uma da outra. O carinho leve se estende até a lateral do meu corpo e com os polegares, Domenico desliza a calcinha pelas minhas coxas.

Agachado a minha frente, ele me olha, em uma mistura deliciosa de apelo e desejo. Apoio minhas mãos em seus ombros largos e retiro os pés, um de cada vez, do tecido fino e encharcado. Domenico sorri e leva o pano até o nariz, cheirando meu anseio por ele. Antes de voltar a se levantar, ele deposita um beijo delicado em meu sexo, me fazendo revirar os olhos e jogar a cabeça para trás diante do contato terno e inesperado.

Já de pé, seus dedos seguem o caminho mágico da insanidade em minha pele. Ele quase não me toca, é sutil, atilado, agudo. Meu corpo reage de formas estranhas, se ondulando, como se pedisse por mais do que ainda nem sei estar por vir. Ele para de frente para mim e penetra minha alma com seus olhos azuis vivos.

Com extrema delicadeza, pega um dos meus braços e o ergue, até o alto da minha cabeça, acorrentando-o. Mais uma vez o clique da algema me faz estremecer. Ele repete o processo com o outro braço e antes de se afastar para me observar, beija minha testa, meus olhos, meu nariz e roça os lábios em minha boca.

Perplexa com tamanho cuidado e carinho, gemo baixinho, tendo o cuidado de manter minhas pernas firmes no chão, a fim de não machucar meus punhos com as algemas. Para meu completo deleite, ele inicia a retirada de sua blusa. Domenico é lindo sem roupa, mas quando ele começa a tirá-la, causa reações bastante inesperadas em mim.

Assim que ele abre todos os botões e retira as mangas, meu queixo despenca! Não consigo acreditar no que estou vendo. Lágrimas brotam em meus olhos e não sei mais ao certo o que pensar e muito menos o que falar. A tatuagem! A tatuagem que ali antes não existia e que agora grita em uma visão esplêndida.

– Domenico... – Falo baixinho seu nome, em busca de uma confirmação.

– Quietinha, doce Ethel. – Domenico apenas sorri, como se entendesse perfeitamente minha confusão.

Ele não retira a calça, mas a verdade é que isso pouco me importa nesse momento. Meus olhos continuam grudados a imensa tatuagem em seu braço. O vejo se afastar na penumbra do quarto e as engrenagens do meu cérebro

fervem. Como pude não ter notado? Até observei alguma semelhança, mas a tatuagem me fez descartar a hipótese maluca que minha fértil mente criava.

– Não se assuste, eu não vou te machucar. – Domenico caminha lentamente em minha direção, acho que com sua gravata nas mãos, o que logo confirmo, pois ele a ergue, me mostrando o tecido fino, de excelente qualidade.

– Domenico, eu acho... – Tento falar, mas minha língua petrifica diante do olhar apaixonante que ele me lança. Como resistir a essa mistura maluca?

– Vamos deixar isso para depois, pode ser? – O tom complacente esquenta minha pele.

– Tudo bem... – Murmuro.

– Preste atenção, vou te vender, como já o fiz antes, lembra-se?

– Como eu poderia esquecer? – Reviro os olhos e o vejo sorrir.

– Pois bem, isso apenas irá intensificar ainda mais seus outros sentidos.

Dando a volta em meu corpo, Domenico põe a gravata por sobre meus olhos, apertando firme o nó, mas sendo o mais delicado e gentil o possível ao fazê-lo. O quarto ficou completamente escuro. Consigo ouvir seus passos, mas foi por pouco tempo. Logo depois, um silêncio cortante apitou em meus tímpanos.

Sem luz, sem som, sem nada! Apenas as batidas descompassadas do meu coração e minha respiração sôfrega são perceptíveis. Em dado momento, algo agitou meu cabelo, leve, fresco e aprazível, me fazendo dar um salto a frente, muito mais de excitação do que de susto.

– Tudo bem? – sua voz soa muito próximo ao meu ouvido e me delicia diante dos acordes graves e harmônicos.

– Tudo... – Respondo baixinho.

– Me diz, doce Ethel... O que exatamente você está sentindo agora? – Hesito diante a pergunta.

– Vamos, seja honesta. – Domenico me instiga.

– Agitação, excitação e não posso negar, um pouco de medo. – Respondo, me recordando que essa mesma pergunta já me foi feita anteriormente e acabei sendo surrada por uma palmatória. Meu corpo estremece diante a lembrança.

– Admito a agitação e a excitação, já o medo, apesar de compreensivo diante de tudo que já vivemos, hoje é inteiramente desnecessário.

Concordei com um leve movimento de cabeça e mais uma vez apenas meus batimentos cardíacos e respiração alterada se fazem presentes. Algo leve e delicado acariciou meu mamilo e a inquietação pulsou com força em meu sexo necessitado, me condenando a liberar um gemido languido do fundo da garganta.

– E agora, doce Ethel. Consegue discernir o que está sentindo? – Ele perguntou, com a voz rouca e baixa. Sexy para caralho!

– Tesão? – Falo sem pensar muito. Como esconder o mar melado que escorre por entre as minhas coxas?

Domenico sorri, um sorriso gostoso, inundado no mais puro desejo. O som grave reverberou por todo o meu corpo, provocando espasmos incontroláveis, que me fazem tremer dos pés a cabeça. Meu outro mamilo foi gentilmente acariciado. A verdade é que o tal objeto, mal toca a minha pele, não passa de uma provocação, o que me deixa ainda mais ansiosa.

– Faz ideia do que tenho nas mãos, doce Ethel?

– Não... – Admito.

– Essa é a graça desse tipo de jogo.

– Eu não saber o que tem nas mãos? – Pergunto, ao mesmo tempo que jogo meu corpo para frente, na esperança de um novo e sutil toque.

– Você achar que tenho alguma coisa em minhas mãos.

De súbito, Domenico agarra um dos meus seios, apertando o monte macio, em uma mistura delirante de dor e prazer. Seus dedos amassam minha carne e iniciam uma massagem intensa, alucinada, provocante, que me deixa deteriorada, sem conseguir mais raciocinar.

Grito, gemo, ronrono e lamento diante de tamanha exaltação. Por trás do meu corpo, Domenico agarra meu outro seio, repetindo a massagem erótica, explorando cada centímetro da pele delicada e sensível, já edemaciada pelo toque brutalmente excessivo.

– Percebe como começamos errado e como a perspectiva do meu mundo pode ser diferente? É dessa forma que te quero, livre, desprendida de qualquer medo ou receio. Te quero vazando de tanto tesão, Ethel. Quero que grite pelo meu nome, que precise de mim e que tenha em mim o seu local mais seguro.

Ele larga um dos meus seios e escuto o som de seus dedos riscarem o ar. Um tapa seco atinge meu dolorido mamilo, jogando brevemente meu corpo para trás, de encontro ao dele. Domenico rosna, como se minha reação alimentasse seu lado mais obscuro, e isso, ao invés de me causar qualquer temor, me lubrifica ainda mais de vontade.

– Doeu? – Apesar de segura, sua voz tem uma pontinha de dúvida, como se estivesse receoso, com medo de fazer algum tipo de merda que mude de uma vez o clima e nos leve ao ciclo vicioso que vivemos a meses atrás.

– Um pouco...

– O quanto pouco, doce Ethel?

– Um pouco gostoso... – Sorrio, piscando os olhos por dentro da

venda, como se pudesse enxergar o sorriso safado que deve estampar seu belíssimo rosto nesse exato momento.

– Isso é um pouco gostoso?

E ele repete o gesto. Dessa vez um pouco mais forte e agudo. Meu corpo ondula e minha respiração falha. Gemo alto, palavras que na verdade nem sei se existem. Escuto a respiração de Domenico próximo ao meu ouvido e um arrepio se espalha em minha pele, me fazendo esquecer por completo o lampejo de dor.

– Não, não é... – Respondo fazendo biquinho.

– Foi forte demais? – Sério que é preocupação que enxergo no tom de sua voz?

– Não é um pouco gostoso porque é muito gostoso, Domenico. – Ele geme e surpreendentemente, sinto o roçar de seus lábios nos meus.

– Eu prometo que não vou te machucar mais, doce Ethel. – As palavras saem de encontro a minha boca e não posso evitar uma pontinha de decepção.

– Nem se eu pedir? – Sussurro, esticando a língua e alcançando sua boca.

– Ethel... – O aviso velado e ameaçador me faz sorrir.

Com um dos pés, Domenico afasta minhas pernas, me desequilibrando. Suas mãos cuidadosas me sustentam pela cintura e o toque descende, atingindo meus quadris. É um carinho suave, mas ao mesmo tempo intransigente, dominador. Um tapa em minha coxa e joga minha cabeça para trás, me permitindo pender apenas pelas algemas, que não faço ideia alguma se estão ferindo meus punhos.

Por mais que não esteja enxergando nada, me sinto altamente exposta nessa posição. Meu coração triplica o ritmo, minha respiração é tão pesada que quase me sufoca e o mundo escuro por trás da venda se acende, como em uma explosão pirotécnica, jamais antes conhecida por mim.

Seus dedos passeiam pelas minhas coxas, alcançando um dos meus joelhos. A trilha é incandescente. Tudo em mim se acende com o toque preciso e experiente de Domenico, que nesse exato minuto, faz o caminho inverso, encaixando sua mão em concha justamente onde eu mais precisava!

– Tão molhada. Sempre pronta para mim, doce Ethel.

Um de seus dedos me penetra, bem devagar, explorando minha profundidade lentamente, com suavidade, esfregando as paredes, buscando por aquele meu ponto que apenas ele conhece. Um segundo dedo se junta e não evito um grito. Um vai e vem gradual, ritmado, cadenciado se inicia. Aperto os lábios e silenciosamente imploro para que não pare.

– Não goze, Ethel. – A voz dura ecoa a ordem. Mordo o lábio inferior, tentando me conter e obedecer a esse novo dominador a quem estou sendo apresentada.

– Domenico... – Imploro.

– Ainda não, meu anjo...Ainda não.

Um tapa rápido e ardido acerta em cheio meu sexo e meu clitóris lateja diante do contato áspero. Prendo a respiração, notando o quanto isso é bom e o quanto a forma com que Domenico faz isso é boa. Outro tapa se segue, e mais um. Sem descanso, ele ataca meu sexo, já não suporto mais! Me jogando para trás, grito seu nome e sinto o estremecer em meu ventre, anunciando minha liberação.

Uma de suas mãos agarra meus cabelos e ele os puxa. Não é nada insuportável, mas forte o bastante para que me renda completamente aos seus caprichos. Domenico respira ofegante na pele do meu pescoço e a cada novo tapa que recebo em meu sexo, me sinto mais próxima do meu ápice hormonal.

– Me diz, doce Ethel...você quer mais? – Os tapas cessam e seu polegar circula lentamente meu clitóris, no mesmo ritmo que sua língua desliza pelo meu pescoço.

– Sim... – Lamento.

– Não ouvi direito. – Seu dedo exerce uma força descomunal no meu ponto em ebulição e minhas pernas se fecham involuntariamente.

– Abra as pernas, Ethel. – Ele diz rouco, mordendo aquela junção infame entre ombro e pescoço. Eu abro!

– Agora responda: Você quer mais? – Ele bate rapidamente duas vezes dois dos seus dedos em meu clitóris e me reviro em prazer.

– Quero... – Imploro, engasgando em minha própria saliva.

– Quer? – Outro impacto e já não respondo por mim.

– Quero, eu preciso de mais Domenico, por favor! – Gritei, desordenada.

Domenico me golpeou repetidas vezes, no mesmo lugar, provocando uma dor regada a um prazer delicado. Cada novo contato me arrancava um grito e isso o estimulava, o ritmo se tornou frenético e a dormência começou a dominar meu sexo, inflando minhas paredes, que parecem querer explodir em um orgasmo épico.

– Isso minha gostosa, grite. Quero ouvir seus lamentos.

– Domenico!

– Grite, Ethel! – Um tapa descomunalmente forte atinge todo o meu sexo e puxo as correntes, tentando a todo custo um contato com seu corpo.

Eu grito, grito o mais alto que posso, não porque ele mandou, mas de

puro e insano prazer. Domenico me eleva a alturas desconsideráveis. É como se estivesse em um abismo e apenas ele pudesse me empurrar e ao mesmo tempo, me resgatar da queda.

– Você é uma puta gostosa, Ethel lisa.

– Sim, eu sou... – Admito, surpresa com o quanto admitir isso me deixa satisfeita.

– A minha puta safada, só minha!

Foi tudo muito rápido. Domenico agilmente me libertou das algemas, me pegando no colo e me depositando com suavidade sobre aquilo que acho ser a cama. Meus punhos doloridos são carinhosamente massageados e beijos distribuídos onde certamente devem existir marcas avermelhadas.

Por baixo da venda, uma lágrima solitária escorre e Domenico se apressa em arrancar a gravata com imensa gentileza de meus olhos. Pisco a fim de me adaptar a iluminação, que, por menor que seja, fere meus olhos comprimidos pelo tecido por tanto tempo.

– O que foi, meu anjo? – Segurando meu rosto, Domenico me encara, a expressão preocupada só me arranca ainda mais lágrimas.

– Nada... – É só o que consigo responder. Talvez seja o excesso de hormônio acumulado por não ter conseguido gozar, sei lá!

– Ninguém chora por nada, Ethel.

– Você me surpreendeu... Eu não sei o que falar Domenico.

– Te garanto, minha doce menina, ainda vou te surpreender... Muito.

CAPÍTULO BÔNUS



A bro a garrafa e sirvo duas taças de champanhe. Relutei em sair de perto do corpo frágil e delicado de Ethel, que ainda tem espasmos de puro desejo por sobre a cama, ansiosa por uma boa gozada. Linda, um perfeito anjo. Como pude ser tão imprudente? Como pude ficar tanto tempo sem o seu contato? Como pude ser tão filho da puta?

Meus olhos se perdem em suas curvas. Sobrepujei a mim mesmo acreditando que conseguiria ficar longe de tamanha inocência. Quando ela surgiu, fazendo pesquisas e procurando por “*Dom Aron Damon*” em sites que anonimamente faço parte, minhas esperanças se reacenderam. Minha menina queria saber mais sobre o meu mundo, ela queria entender, ela queria me entender.

Me senti enganando-a. Queria logo na primeira conversar admitir que era comigo com quem ela estava falando, mas não consegui. Fiz muitas merdas em minha vida, a pior delas, me persegue até hoje, não queria estragar a possibilidade de me redimir perante a única mulher que acho ser capaz de me arrancar do mundo sombrio onde vivo.

Volto meus olhos mais uma vez para a quase menina entregue, sentada timidamente por sobre os lençóis de seda vermelha. Meus lábios sobem nos cantos e levanto uma sobrancelha arrogante. Meus olhos esfomeados percorrendo mais uma vez cada centímetro dela.

Seus olhos azuis esverdeados estão baixos, talvez analisando as leves marcas deixadas pelas algemas, os seios cheios, empinados e convidativos, a boceta lisa, sedenta por mais um toque meu. Minha boca saliva e não contenho um rosnado selvagem ao vê-la deslizar sensualmente a língua pelos lábios, como que implorando pelos meus beijos.

Caralho! Solto um grunhido e tento me conter. Preciso fazer as coisas da maneira correta se quiser ter outra chance com Ethel. Incrivelmente, ela me maravilha e se levanta da cama, caminhando com os olhos colados aos meus em minha direção. Linda, perfeita, deliciosa demais.

Em um convite silencioso para que continue a desfrutar do seu corpo, ela para a minha frente. Engulo em seco ao sentir a dor em meu pau, que lateja

por dentro das calças. Sorrio e entrego sua taça. Um gole, apenas um e sou incapaz de manter minhas mãos longe desse mulher.

Enrolo possessivamente o braço ao redor de sua cintura nua, não conseguindo mais me conter, colando o corpo gostoso e quente no meu. Não conseguimos ouvir o som que vem da boate, mas seu corpo ondula de encontro ao meu, como se estivéssemos dançando, movimentos eróticos que atijam ainda mais a minha vontade.

Parecendo tomar coragem, ela rasga a minha nuca com seus dedos delicados, raspando as unhas de leve. Abaixo a cabeça e esfrego minha boca na sua, sugando com vontade os lábios carnudos e convidativos, desferindo uma mordida e logo após, lambendo.

– Domenico... – Ethel geme, me lambendo também, descendo sua boca pelo meu queixo, esfregando o rosto em minha barba por fazer, o que parece deliciá-la, mordendo e dando pequenos e tímidos chupões em meu pescoço.

Não quero a submissa, não quero ser o dominador. Quero ser o homem por quem essa mulher clama. Cubro sua succulenta bunda com minha mão e esmago a carne com vontade. Seus lábios angelicais escorregam, distribuindo beijos em meu tórax e não contendo um rugido rouco quando inesperadamente morde meu mamilo, puxando-o docemente entre os dentes.

Tentando não fazer nenhuma merda, me desdobro e consigo enfim arrancar a taça de sua mão e jogar no chão junto a minha, pouco me fodendo para o líquido borbulhante que encharca o carpete. Chega de ser bonzinho, é hora do massacre! Agarro seu cabelo pela nuca e puxo com força, obrigando-a a curvar as costas.

Sorrio selvagem ao sentir os peitos duros roçarem em minha pele. Seus olhos azuis esverdeados ficam enevoados e minha anja de asas negras lambe a porra dos deliciosos lábios, quase que obscenamente, incinerando meu corpo. Rosno entredentes, subjugando-a, apertando ainda mais meus dedos em seus cabelos.

Desço minha outra mão pela sua barriga reta, arrancando tremores do seu corpo e cavo os dedos entre suas coxas. Minha doce Ethel geme, vibrando com meu toque. Deliciado com suas reações, massajeio seu sexo pulsante e encharcado, estocando meus dedos com vontade, esfregando a ponta do meu polegar em seu clitóris inchado de prazer.

– Minha puta gostosa. – Rosno em seu ouvido.

– Sim, sua...Só sua! – Ela amolece ao pronunciar as palavras e meu coração se dilata.

Dou um sorriso filho da puta, tentando disfarçar o quanto essa nova

emoção me desconcerta, quebra minhas pernas e me leva literalmente a lona. Ethel me tem nas mãos e mal consegue se dar conta disso. Ela ofega pesado, enfiando as unhas em meus ombros, respirando com dificuldade de encontro ao meu rosto.

– Sim, minha doce e deliciosa menina. Minha, só minha! – Eu rio e cravo profundamente meus dois dedos em sua profundidade. Ethel choraminga e escancara descaradamente as pernas, a fim de me permitir melhor acesso a sua zona de prazer.

O toque dos meus dedos com as paredes inchadas de sua boceta é extasiante. A como com os dedos, bem devagar, esfregando cada canto que encontro, arrancando seu suco, melando minha mão com sua viscosidade doce e apetitosa. O cheiro do seu sexo me excita e desperta o meu lado mais animal.

Com um sorriso cruel, enfio tão fundo meus dedos que chego a levantá-la. Ela grita e fecha os olhos. A visão é subliminar. Trilho um caminho por seu pescoço, até alcançar seus peitos duros, apontados para mim. Um convite irrecusável! Lambo seu mamilo e ela geme, como uma gata selvagem, se agarrando com ainda mais força aos meus ombros.

Minha doce Ethel solta um languido lamento. O som puro e lindamente harmônico, transparece uma necessidade ambiciosa. Estimulado com sua entrega plena, passo a sugar seu peito esquerdo, forte, duro, exigente, mordendo o mamilo intumescido, raspando os dentes em sua carne macia.

– Ah, Domenico... – A voz cheia de tesão me enlouquece.

Brinco com meus dedos em seu interior e de um breve murmúrio, meu nome ecoa em gritos ardentes e incontroláveis pelo quarto. Sim minha menina, é isso que quero, é isso que espero de você. Sedento pelo seu gosto, dou atenção a seu outro seio, mamando com força, engolindo-o por inteiro. Ethel estremece de prazer e enfia seus dedos em meus cabelos, empurrando meu rosto de encontro a sua carne, pedindo por mais.

– Deliciosa. – Falo, segurando seu mamilo entre os dentes.

Ela revira os olhos, mia como uma gatinha manhosa e esfrega sem um pingo de vergonha o quadril em meu pau, deslizando a mão pelo meu peito até encontrá-lo, duro para caralho e dolorido pela espera em ser saciado. Ethel o agarra entre os dedos e o alisa por sobre o tecido da calça.

Desesperado para sentir seus dedos macios e quentes em mim, solto seu cabelo e com uma só mão, abro desajeitado o cinto e minha calça, dando acesso a minha ninfomaníaca recém descoberta ao parque de diversões que ela tanto cobiça. Ethel não espera, rapidamente insere a mão por dentro da minha boxer, empunhando quase com desespero minha carne dura, tesa e dilatada.

Ranjo os dentes, procurando um auto controle inexistente e busco por

seu outro mamilo, mordendo-o, enquanto fodo sua boceta incansavelmente, me deleitando com a carne flexível e quente que se aperta ao redor dos meus dedos, me puxando cada vez mais para o seu interior.

Sinto sua carne estremecer, o aperto em meus dedos se multiplica, rosnados selvagens escapolem de seus lábios enquanto ela joga a cabeça para trás, se contorcendo, beirando a insanidade. Seus dedos antes carinhosos, puxam meus cabelos com força e dou uma última e forte estocada, antes de abandonar sua boceta encharcada.

– Ainda não minha delícia.

– Domenico... – Ethel choraminga e eu sorrio sacana, sabendo que ela está em seu limite. Mas não, ainda não é a hora.

Elevo minha mão, completamente melada com sua vontade e esfrego em seus lábios. Magnificamente, ela agarra meu pulso e os enfia em sua boca, sugando avidamente seu próprio suco. Seus olhos se agarram aos meus e vejo um lampejo desconhecido nas esferas esverdeadas.

Assustado com a proporção dos meus sentimentos, puxo os dedos de sua boca e completo o serviço, limpando até a última gota do seu mel, sentindo seu gosto adocicado, o cheiro de baunilha que me enlouqueceu desde o nosso primeiro encontro, deslizando a língua por entre os dedos, aproveitando tudo que posso dessa mulher que tanto me desorganiza.

Dou um tapa em seu rosto e ela sorri. Um sorriso que me convida a repetir o gesto, outro tapa e seu rosto vira, sendo encoberto pelos cabelos dourados. Ethel geme e inicia movimentos de baixo para cima em meu pau. Outro tapa e ela grita, apertando minha ereção, como se quisesse arrancá-la para seu único e exclusivo uso e prazer.

Agarro seus cabelos e a obrigo a me encarar. O rosto pegando fogo em uma mistura deliciosa de minhas marcas e do tesão que ela não faz questão alguma de esconder que sente. Ethel arfa ruidosamente, os peitos pesados sobem e descem com o movimento errático de seu tórax.

Os peitos da minha doce menina são simplesmente divinos, um convite indecente a luxúria. Encho a mão em ambos, sovando com força sua carne, apertando, beliscando seus mamilos. Ethel fecha os olhos e suspira languidamente, empurrando o corpo em direção as minhas mãos, abandonando minha ereção e se apoiando em meus ombros.

A porra do meu pau baba de tesão por ela. Abdico seus seios e deslizo a mão pela sua cintura fina e bem delineada, com a outra junto um belo punhado do seu cabelo e puxo com violência. Ela grita entregue, sabe o quanto quero estar dentro dela e não esconde o quanto me deseja lá dentro.

Minha doce menina resfolega, apertando as coxas. Nos encaramos por

alguns segundos, talvez tentando descobrir nossos segredos mais profundos. Meus olhos escorrem pelo seu rosto, admirando cada saliência, cada sarda, cada uma de suas ainda poucas marcas de expressão. Sua beleza é fascinante e me deixa louco e completamente excitado.

Aproximo meus lábios e ela entreabre os seus. Sorrio e propositalmente, beijo seu queixo, dando atenção em seguida para seus olhos, seu nariz sua bochecha e testa. O corpo indefeso estremece e aproximo minha boca de sua orelha, mordendo com delicadeza o lóbulo, chupando-o e beijando-o em seguida.

Ethel geme alto, de maneira miserável, exposta a todas as sujeiras que sou capaz de impor a ela. Um sorriso atrevido e maldoso se forma em meu rosto. Sei o quanto Ethel gosta de jogos, já jogamos antes. Ela se sente estimulada, excitada e isso a faz ainda mais desejável.

– Domenico, eu quero você! – A voz suave, repleta de lasciva reflete em meu pau, que dobra de tamanho.

– Quer? – Debocho, dando um tapa em sua bunda e mordendo seu pescoço.

– Sim, eu quero...Muito!

– Então vem minha puta gostosa, vem foder seu homem!

A ergo pela bunda e suas pernas bem torneadas envolvem meu quadril, meus dedos deslizam em sua pele macia e se encaixam na abertura pecaminosa que é seu cu intacto e apertadinho. Mordo sua boca ao sentir a tensão se espalhar pelo seu corpo com o contato inesperado e com o indicador, massajeio sua fenda, amaciando a carne que certamente ainda vou usar.

– Você está protegida? – Pergunto. A última coisa que quero e preciso agora é de uma mulher grávida.

– Sim... – Ethel mais geme do que fala.

– Tem certeza? – Forço mais o dedo em seu buraco, sentindo o anel se contrair.

– Sim, tenho!

– Ótimo, porque quero gozar você inteira, minha puta! – Minha voz é um grunhido rouco e violento e ela ronrona, arqueando as costas, me oferecendo lindamente seus seios duros e já castigados pelo contato constante de meus dentes.

Inclino minha cabeça e alcanço seu seio, mordendo brutalmente o mamilo. Ethel grita e ao sentir minha língua deslizar por sobre a área castigada, ronrona, se apertando ainda mais contra mim. Repito o processo em seu outro seio, mamando-o delicadamente em seguida.

O corpo esbelto de Ethel ondula ao meu. Seu sexo busca por um

contato maior e sem timidez alguma, ela se esfrega em meu pau, frenética em busca de sua libertação, até então, denegada por mim. Dou um sorriso ao ver a mulher que tenho em minhas mãos. Doce, submissa, arrebatadora e dominadora. Uma mistura perigosamente explosiva.

Caminho com ela no colo até a cama, onde a deposito delicadamente no centro. Ethel se joga, protagonizando a cena mais bela que já presenciei em toda a minha vida. Os cabelos loiros espalhados sobre o cetim vermelho, a pele rosa e a forma esguia fazem meu corpo transbordar na mais pura luxúria, inteiramente alucinado por essa menina mulher.

A imagem é magnífica. Sem me segurar mais, me desfaço de minhas calças de forma grosseira e subo na cama, ficando de joelhos. Incrivelmente, essa é a primeira vez que me vejo de joelhos diante de uma mulher e o pensamento me mortifica. Quem é esse homem?

Não consigo me prender muito em meus devaneios dominadores, Ethel parecendo notar minha hesitação, abre lentamente as pernas, se escancarando para mim, se oferecendo, gritando para ser consumida até a última gota. Sem acreditar no que estou vendo, seguro meu pau e com um sorriso arrogante nos lábios me masturbo, vendo minha puta se contorcer na cama, invejando minha própria mão.

– Domenico... – Ela lamenta baixinho.

– O que foi, doce Ethel? – Rosno ao me masturbar perversamente.

– Eu quero você. – A voz é rouca e muito dengosa.

– Quer meu pau dentro de você? – Pergunto, aumentando a potência da minha punheta, fazendo barulho ao tocar minhas bolas. A putinha lambe os lábios e sorri, como uma perfeita vagabunda, amando o que está presenciando.

– Quero... – Ela se remexe nos lençóis, mordendo o lábio inferior.

– E como você quer? – Reviro os olhos, tentando conter a gozada explosiva que estou prestes a liberar.

– Quero você inteiro. Seu corpo e também sua alma. – Minha mão estanca imediatamente. Quem é essa criatura sobre a cama? Que parte eu perdi do seu desenvolvimento?

Encantado e sem dizer uma única palavra, me arrasto entre suas pernas, tocando a pele macia de suas coxas, que estão quentes para caralho. Com as mãos, escancaro o máximo que posso suas pernas e não contendo um ruído ameaçador ao ver sua boceta melada, escorrendo um visco transparente, que segue uma trilha tentadora até o seu cu.

Enfio minha cabeça entre suas pernas e ela grita, agarrando meu cabelo. Esfrego todo seu líquido em meu rosto, me lambuzando com seu gosto. Beijo sua boceta antes de morder seu clitóris. Ethel estremece e tenta fechar as

pernas, mas a contenho, forçando minha língua por sua brecha até alcançar seu cu intacto e apertado.

Ergo meu olhos e vejo os seus fechados, os lábios entreabertos, respirando com imensa dificuldade. Chupo sua boceta, lambo, mordo, beijo. Abuso daquilo que a partir de agora considero ser só meu! Ela pronuncia lamúrias desconexas e se agarra em meus cabelos com ainda mais força. Quando sinto seu estremecer, beijo suavemente a carne macia de seu sexo e estanco minhas investidas.

Ethel se descontrola e tenta me puxar mais uma vez pelos cabelos, movimento os quadris, a fim de voltar a se encaixar em minha boca. Sorrio diante de tamanho arrebatamento sexual e beijo sua barriga, resvalando minha língua até atingir seus seios, onde revezo os mamilos, com mordidas e chupões. Quero minha mulher marcada. Quero que amanhã ela se olhe no espelho e veja o que apenas eu sou capaz de causar em seu corpo.

Sem conseguir mais me controlar, me deito entre suas pernas, engolindo seu delicado e pequeno corpo com minha imensa estrutura física. Meus olhos se predem aos de Ethel enquanto esfrego meu pau em suas aberturas, liberando meu líquido pré ejaculatório junto ao seu melado.

Segurando meu pau, bato minha carne tesa duramente contra seu clitóris. Ethel arfa, grita, geme, lamenta, praticamente chora diante da minha tortura. Seus olhos imploram para ser penetrada, seu corpo grita para ser possuído, sua alma clama para ser domada.

– Domenico...

– O que foi minha doce menina? – Pergunto suavemente, enquanto agarro seus braços e os suspendo por sobre sua cabeça, entrelaçando nossos dedos.

– Faz amor comigo... – Suas palavras me arrebatam.

Fazer amor? Será que algum dia eu soube o que é fazer amor? Meus olhos marejam e dessa vez, não consigo disfarçar. Ethel ergue sua cabeça e beija suavemente meus lábios, se alinhando perfeitamente e se encaixando nas minhas curvas, pronta para me receber.

Estamos suados, sem fôlego, arrebatados e minha vontade não é de fazer amor, mas sim me enfiar com tanta força que poderia facilmente rasgar sua boceta de tanto tesão que estou sentindo. Ofegante, eu a encaro. Ela sorri de forma angelical e é como se um imenso holofote fosse acesso em minha vida.

– Vem, “*Dom Aron Damon*”, me fode com força! – Pasma, percebo uma energia percorrer meu corpo, uma energia alimentada por essa criatura surpreendente que tenho por baixo de mim.

– Vou minha puta. Vou te foder com força.

E eu fui. Me enfiei de uma só vez em sua boceta apertada, batendo com minhas bolas em sua bunda, me afundando em um golpe firme e poderoso, atingindo o fundo da sua profundidade. Sinto sua carne se fechar ao meu redor e todos os seus músculos se contraírem. Sim doce Ethel, vou te foder com força, muita força!

– Domenico... – Ela grita meu nome, sua carne estremece e lateja ao meu redor.

– Ethel, minha doce e encantadora, Ethel! – Ronrono baixinho, apertando ainda mais nossos dedos entrelaçados, tomando sua boca, que aceita a posse com ânsia e sofreguidão

Sua língua desliza macia contra a minha, me chupando, me lambendo, reclamando para si o que é de seu direito. Suas pernas entrelaçam meus quadris e o angulo se torna ainda mais perfeito. Meu suor escorre pela teste, pingando na pele alva, corada em meio ao nosso frisson sexual.

Puxo meu pau para fora e volto em uma estocada profunda, perversa, dura, rosnando descontroladamente, mordendo seus lábios com força, até sentir o gosto alcalino do seu delicioso sangue. Sim, estou devorando minha menina. O tempo que precisei manter minhas mãos afastadas do corpo perfeito só fez aumentar meu desejo.

Ethel de contorce por baixo de mim, agarrando meus dedos entrelaçados nos seus com entusiasmo, pranteando meu nome, apertando suas paredes famintas, inchadas e quentes, puxando-me cada vez mais profundamente. Nosso beijo se intensifica, ela me aceita alucinada, apaixonada e ofegante.

Seu quadril acompanha meus movimentos, forçando minha entrada, expondo a parede mais sensível do seu sexo. Reviro a porra dos olhos ao sentir o contato profundo e denso. Seu ritmo se intensifica e ela rebola embaixo de mim, tomando todo o meu eixo grosso e avolumado, devoradora e voraz.

– Isso, doce Ethel, engole meu pau. Quero arrombar essa sua boceta apertada e melada.

– Domenico... – Minha menina gulosa rosna meu nome, tomando minha ereção até o talo.

– Como pude ficar tanto tempo longe disso... – Reclamo asperamente comigo mesmo, completamente enfiado em sua carne pulsante e macia. Ethel rebola ainda mais sensualmente, me fazendo reter os músculos, controlando a porra que teima em querer jorrar.

– Rebola, minha puta. Rebola essa boceta apertada e gostosa.

– Assim? – Ela pisca os olhos e movimenta lenta e gradativamente a porra da sua pelve. Caralho, essa mulher quer me enlouquecer!

– Porra, Ethel...Que delicia! – Retiro meu pau quase todo e volto a me enfiar violentamente. Ela grita, em uma mistura de dor e prazer que me extasia.

Solto uma de suas mãos e passo por baixo de seu corpo, aumentando nosso contato. É como se fôssemos um só, uma única carne, uma única alma. Com vontade, bato meu quadril contra o dela, comendo-a ferozmente. Ethel grita e agarra a mão livre ao meu cabelo. Puta merda, como gosto quando ela faz isso!

Seus lábios carnudos se entreabrem e seus olhos faíscam. Impossível resistir ao convite velado. Aproximo minha boca a sua e a beijo, de olhos abertos, observando cada reação que sou capaz de arrancar dela. Ethel retribui o beijo, também com os olhos abertos.

Meus impulsos se tornam mais longos e firmes e fodo sua boceta abrasadora e apertada sem trégua. Ethel puxa meus cabelos, abrindo o máximo que pode as pernas, me permitindo meter profundamente, do jeito que quero, pelo tempo que quero, da maneira que quero.

Nosso beijo se intensifica. Chupo e mordo sua língua, arrancando gritinhos quase infantis de sua garganta. Enfiado até o talo, interrompo nosso beijo e apenas a observo, sentindo o latejar de suas paredes que me apertam e predem. Como diabos ela faz isso tão bem? Será que tem ideia do quanto isso enlouquece uma merda de um homem filho da puta como eu?

Admiro bem de perto o rosto rosado pelo esforço. As lindas sardas, os olhos azuis esverdeados, os lábios inchados diante da volúpia de nossos beijos que ofegam junto aos meus. Sem piedade, soco fundo meu pau, me deleitando com a expressão que mistura dor e deleite.

– A partir de hoje você é minha, Ethel Lisa, só minha...É a mim que pertence!

balbucio de encontro a seus lábios e todo o seu corpo estremece, a carne quente que me envolve se aperta, os olhos reviram, a respiração entrecorta e um gemido languido ecoa pelo quarto. Fascinado, vejo minha menina que agora mais do que nunca tenho certeza me pertencer, se entregar a lasciva de uma deliciosa gozada.

Toda a discrição de antes vai embora e sua boca libera gritos bestiais, enquanto suas unhas se cravam na pele do meu pescoço, me puxando o máximo que consegue para dentro dela, que extraordinariamente, se abre ainda mais, recebendo minhas violentas, intensas e profundas estocadas.

– Sim... A partir de hoje sou sua. Só sua! – A voz tremula pelo prazer sai sufocada entre os espasmos que ainda acometem seu pequeno e saciado corpo.

– Ethel... – Rosno seu nome, extasiado com sua entrega.

– Goza dentro de mim, Domenico. Por favor...Preciso sentir você me

transbordando.

Putá merda! Vou mais uma vez a lona com suas palavras. É a porra do meu fim. Me estoco em sua cavidade cáustica do jeito mais violento que consigo, buscando pela minha liberação, até então, contida. Ethel destrança nossos dedos que ainda estavam agarrados em uma única mão e agarra minhas costas.

Agarro seu cabelo na altura de sua nuca e me encaixo, como um animal no cio, ofegante, com o coração a galope. Um rugido rouco escapole quando sinto minhas bolas incharem ao baterem em sua bunda. Um sentimento devastador me domina e eu gozo. Jogo toda a porra contida em sua profundidade, inundando sua boceta apertada com todo o meu prazer.

Momentaneamente exaurido, deixo meu corpo cair por sobre o dela, afogando meu rosto em seus cabelos, que tem aquele cheiro característico de baunilha, o qual me seduziu desde o nosso primeiro e conturbado encontro. Mordo sua pele, chupando cada pedaço ao alcance da minha boca, ainda descontrolado de tesão.

Ondulo meu quadril, aproveitando até a última centelha de ter meu pau jorrando em sua intimidade. Surpreendentemente, Ethel chora, liberando fracos e débeis soluços, ao mesmo tempo em que arqueia seu corpo, buscando maior contato com a minha pele.

Sem saber porque, eu a agarro, talvez em uma forma de consolá-la. Um desespero sôfrego me toma e abraço seu corpo, como se nunca mais quisesse soltá-lo. Sim, definitivamente esse é um novo começo para nós, a partir de agora, ela é minha oficialmente, e farei o que for necessário para cuidar e proteger minha menina.

– Você é minha! – Gemo rouco antes de beijá-la.

– Sim, Domenico, sou sua. Desde o dia em que nos conhecemos! – A voz manhosa me arrepiava a nuca e me agarro ainda mais em seu corpo.

Aos poucos os tremores foram diminuindo. Nossas bocas coladas, em murmúros incompreensíveis são as únicas testemunhas de nossos corpos suados, grudados e encharcados no mais puro encanto sexual. Continuamos agarrados, não me importo com mais nada, quero apenas sentir a respiração pesada de Ethel de encontro a minha boca. Sim, isso foi muito mais que um encontro físico. Foi um totalizado encontro de almas!

CAPÍTULO DEZENOVE



Meus olhos se perdem na imensa tatuagem que orna o braço de Domenico enquanto a acaricio de leve com as pontas dos dedos. Ainda estou extasiada demais para fazer qualquer tipo de pergunta ou pensar sobre o assunto. A única coisa que sei é que hoje Domenico me mostrou o que é ser feliz e completa com um homem de verdade.

– Eu fiz a pouco tempo. – Como parecendo ler meus pensamentos, ele fala, beijando meus cabelos, ainda agarrado em meu corpo.

– É linda. O que quer dizer?

– É uma homenagem... – Ele é reticente, mas resolvo insistir assim mesmo.

– A quem?

– A alguém muito importante. – Uma pontinha de ciúme toma meu peito. Quem seria tão importante na vida de Domenico ao ponto de marcar sua pele?

– Entendo...

– Alguém importante que não está mais na minha vida, doce Ethel. – Virando meu corpo, ele me deita de lado, fazendo o mesmo, nos posicionando frente a frente.

– Quer falar sobre isso? – Ele sorri com a pergunta.

Domenico beija meu nariz, alisa meu braço e se levanta. Fico sem entender bem, me questionando se falei alguma coisa errada. Ele caminha pelo quarto, se perdendo em uma porta, que acredito ser o banheiro e ao retornar, tem uma toalha entre as mãos. Ver seu corpo nu é literalmente de arrepiar. Domenico é uma escultura primorosa.

– Abra as pernas. – O tom é carinhoso, mas ainda sim, se faz parecer uma ordem, uma deliciosa ordem. Ele já fez isso antes, e reviro os olhos só de lembrar o quanto foi prazeroso tê-lo me limpando e cuidando de mim.

Sem hesitar, obedeci. Domenico iniciou um primoroso trabalho, limpando meu sexo com delicadeza, retirando cada partícula que ainda sobrava do seu prazer. Deixo escapar um desprezioso gemido, fecho os olhos e crispo

os lábios, tentando conter a vontade por ele, que volta a se acentuar diante do toque íntimo e quase infame.

– Eu fui casado... A algum tempo atrás. – Domenico me surpreende quando começa a falar, ainda passando a toalha úmida em meu sexo. Não ousou abrir os olhos, na verdade, sequer ousou me mexer.

– Ela era uma das mulheres mais incríveis do mundo. Linda, bem humorada, generosa, dona de um coração maior que ela mesma... – Sinto-o abandonar a toalha e delicadamente fechar minhas pernas. Quando abro os olhos, o vejo sentado, aos meus pés, de costas para mim.

– Nos conhecemos quando estávamos na faculdade. Ela também fazia engenharia, e era sem sombra de dúvida, a mais inteligente da classe... – Não vejo seu rosto, mas sei que está sorrindo de forma saudosa.

– Na época eu já curtia o mundo blue, ela não fazia ideia da existência, mas mesmo assim, começamos a sair juntos. Depois de alguns meses, estávamos frequentando boates BDSM, e ela, cada vez mais se aprimorando nas técnicas que mais lhe interessavam. – Uma longa pausa se seguiu. Consigo ouvir sua respiração alterada, mas, por medo de silenciá-lo, não me mecho e nada falo.

– Cumprimos o protocolo designado pela sociedade. Noivamos, casamos e vivemos felizes por algum tempo.

– Por algum tempo? – Me sento na cama e puxo o lençol de seda vermelho por sobre o meu corpo, tomando coragem para entrar no assunto.

– Sim, apenas por algum tempo. Digamos que minha esposa descobriu que muito lhe agradava ser punida, e fazia de tudo para que eu o fizesse.

– Você batia nela? – Meus olhos se arregalam diante do horror de suas palavras e dou graças a Deus por ele estar de costa e não conseguir ver minha expressão atordoada.

– Minha doce Ethel, eu não batia nela, eu a castigava. Homens não batem em mulheres no mundo BDSM. Tudo é acordado previamente, agradando ambos os lados, é válido. Regras não são quebradas e todo o prazer, mesmo que esse venha pela dor, é consensual.

– Então ela gostava de sentir dor... – Falo baixinho.

– Era casada com um sádico, precisava gostar, caso contrário, viveria uma vida baunilha e sem graça.

– Já que ela gostava tanto de tudo, assim como você, por que então se separaram?

Domenico vira lentamente seu corpo em minha direção, sentando-se de frente para mim, uma perna por baixo do corpo, apoiando ambas as mãos sobre a cama, o que faz as veias de seus braços musculosos saltarem. Meu coração acelera diante de seu corpo nu e descansado. A intimidade do momento

me transborda os poros em uma mistura louca de medo e felicidade.

– Nós não nos separamos Ethel.

– Não? – Estremeço só de pensar que Domenico ainda é casado e suas palavras, justificam a raiva de Richard na noite do aniversário da matriarca da família Fox. Ele simplesmente expõe seus casos descadaramente, sem esconder de ninguém?

– Não...

Um pesar enorme toma conta de sua voz e sua cabeça se abaixa, quebrando nosso contato visual. Domenico volta a me dar as costas, sentado na beirada da cama, como se pensasse em algo muito distante, ao qual não conseguirá mais viver. Seria amor? Ele foi abandonado por ela por causa de suas traições? Seria atrás desse furo que Susanna estava quando me contratou para trabalhar no “*NBP*”?

– Então você ainda é casado?

– Não Ethel, sou viúvo. – Meu coração se desfragmenta em mil pedaços diante do sofrimento liberado em seus acordes roucos e me penitencio silenciosamente pelos meus pensamentos levianos a seu respeito.

– Meu Deus, Domenico! Eu sinto muito! – Me movo, na intenção de abraçá-lo, mas sou impedida pelo olhar feroz que ele me lança por cima de seu ombro.

– Não sinta. Não sou digno da piedade de ninguém!

– Não estou com pena de você, Domenico, apenas sendo solidária.

– Também não sou digno disso!

Ele se levanta e busca por sua boxer, vestindo-a rapidamente, fazendo o mesmo com a calça logo em seguida. Murcho como uma rosa não regada. Lá se foi nosso momento de intimidade ao qual já estava me acostumando, e pior, gostando, gostando muito.

– Domenico...

– Agora não, Ethel. Prometo que um dia conto toda a história, por hora, peço que se levante e se vista. Já é tarde, seus amigos devem estar preocupados com sua ausência.

– É claro... – Baixo meu olhos, sentindo que rolei a imensa escadaria que tinha acabado de subir em direção a Domenico.

– Ei... Venha aqui. – Ele senta na cama e me estende a mão, que aceito prontamente e sou puxada, sendo encaixada em seu colo, como uma criança ao ser embalada em um momento de sofrimento extremo.

– Não estou dizendo que não vou falar sobre o assunto, apenas não será agora. Ainda temos coisas importantes a debater caso realmente tenha a intenção de ficar com o cara que não é o padrão desejado por sogro algum. – Um

sorriso delicioso se forma em seus lábios e me derreto por completo.

– E você quer ficar comigo? – A surpresa em minha voz faz seu sorriso se alargar ainda mais.

– Alguma dúvida a esse respeito, Srta. Willians? – Ele ergue uma sobrancelha, daquela forma irresistível.

– Algumas... – Respondo com honestidade.

– Tirarei todas.

– Inclusive o fato de ser “*Dom Aron Damon*” e não ter me contado quando entrei em contato?

– Admito que deveria ter feito, e mesmo sabendo que vai duvidar, me senti imensamente culpado por conversar com você sem me identificar. Porém, foi você quem veio atrás de mim, doce Ethel! De qualquer maneira, dei indícios claros. Te adicionei em meu perfil, deixei a mostra minhas fotos e o principal, o nome...

– O nome? – Questiono, sem entender o que Domenico quer dizer.

– Não precisaria mais do que uma boa olhada em minhas fotos e juntar isso ao nome “Aron”.

– Claro! Domenico Aron Fox! – Arregalo os olhos. Como pude ser tão burra?

– Viu só, não me culpe por sua falta de atenção. – Ele beija o topo da minha cabeça enquanto sorri.

– E minha falta de atenção justifica você mentir, não é mesmo, Sr. Fox? – O provoco.

– Não foi uma mentira, apenas uma pequena omissão. Mas, confesso que fiquei decepcionado quando não me reconheceu pelas fotos do perfil e não associou o nome.

– Eu até reparei as semelhanças, me questionei se era ou não você, mas a tatuagem... – Entorto os lábios e reviro os olhos.

– Fiz a alguns meses. Você não teria como saber, estava apenas brincando.

– Mas, em minha defesa, fique sabendo que comparei seu corpo com cada uma das fotos.

– Assim espero. Ficaria bastante zangado caso soubesse que andou babando pelas fotos de outro homem. – O tom rude forçado me arranca uma gargalhada e os olhos azuis glaciais de Domenico cintilam, fixados no meu rosto.

– Se você continuar me segurando assim, não vou ser capaz de sair daqui tão cedo. – Pigarreio, mudando o assunto.

– Certamente que não é da minha vontade soltá-la, mas, preciso

lembrar que estamos em uma boate. Da próxima vez, não terá tanta sorte assim, Srta. Willians. – Ele beija a ponta do meu nariz e me coloca sobre a cama novamente.

– Assim espero! – Pisco um olho para ele e me concentro na tarefa de me fazer ao menos apresentável para voltar a encarar meus amigos, principalmente, Clarisse, que deve estar furiosa com meu desaparecimento.

– Que merda, Ethel! Onde diabos você estava? – A voz histérica de Clarisse ultrapassa os acordes da música eletrônica que toca.

– Depois conversamos sobre isso, Clarisse. – Tento desconversar.

– Uma ova! Acha que não sei que Domenico está aqui?

– E como você sabe disso?

– Encontrei com o gostoso do seu chefe.

– Sério que você interrogou Leonard?

– Não foi preciso, ele falou espontaneamente. Mas, se fosse necessário, iria até mesmo torturá-lo para saber seu paradeiro.

– E ele falou que eu estava com Domenico? – De soslaio, observo minha amiga. Conheço bem a relação entre Domenico e Leonard, ele jamais daria qualquer informação a respeito do amigo.

– Não, não falou.

– Então posso arrematar que você chegou a essa conclusão sozinha? – Sorrio ao ver o rosto perfeito de Clarisse ficar vermelho como um tomate maduro.

– Digamos que sim. Vamos, Ethel! Desembucha logo, onde e com quem você estava?

– Com Domenico. – Sorrio displicente e tomo a taça de champanhe de sua mão, dando um longo gole.

– O que? – Ela engasga e franze os olhos.

– Exatamente o que acabou de ouvir. Eu estava com Domenico.

– E posso saber onde? – Não me dou ao trabalho de responder. Esticando o braço, aponto para o corredor, que hoje mais cedo, ela mesma fez questão de me explicar para o que servia.

– Eu não estou acreditando nisso! – Clarisse leva ambas as mãos ao rosto, esfregando as têmporas, como se uma dor de cabeça súbita a tivesse tomado.

– Deixe de ser dramática, Clarisse!

– Dramática? Eu estou sendo dramática? O cara mais louco do mundo, de quem você deveria estar bem afastada, te levou para um quarto em uma boate

e eu estou sendo dramática?

– Seja honesta... Se Leonard te convidasse para conhecer um daqueles quartos, você não iria? – Dou uma piscadela.

– São situações completamente diferentes, Ethel Lisa. Não tente bancar a espertinha comigo!

– Não estou bancando a espertinha, apenas levantando uma hipótese. Iria ou não iria? – Insisto.

– Claro que iria!

– E se ele gostasse das mesmas coisas que Domenico gosta? O que você faria? Sairia correndo pelada como uma louca?

– Muito provavelmente eu correria, mas me vestiria antes.

– Não seja hipócrita, Clarisse. Você ficaria lá, e aproveitaria ao máximo a situação.

– Ethel, realmente não estou entendendo onde você quer chegar! – Irritada, minha amiga coloca ambas as mãos nos quadris, se sacodindo, prestes a ter um surto.

– Não quero chegar a lugar algum, apenas mostrar a você que é impossível conhecer um homem apenas conversando. Leonard é um gato, um puta bom partido, mas e se ele gostar de tapas e chicotadas como Domenico? Você vai deixar de sentir tesão por ele?

– Jamais viveria esse tipo de relação abusiva! – Ela grita, chamando atenção de algumas pessoas que estão ao nosso redor.

– Nunca dica dessa água não beberei, minha amiga. As vezes o cérebro pede uma coisa, mas o corpo, esse necessita de outra.

– Meu corpo não necessita apanhar para ter prazer!

– Ah não? Então aquela história de sexo animal, passional e violento era pura balela de uma solteirona encalhada que lê muitos livros eróticos?

– Ethel Lisa, onde você esteve todo esse tempo, mocinha? – Drew aparece e estanca a resposta de Clarisse, que bem provavelmente, já estava na ponta da língua.

– Estava conhecendo o lugar, Drew.

– Por mais de duas horas?

– Sou detalhista meu amigo! – Sorrio e nesse instante Drew passa seu braço por sobre meu ombro. Meu corpo enrijece!

– Estou interrompendo alguma coisa? – A voz grave, rouca, arrogante, intimidadora e sexy para caralho ecoa como uma sinfonia para meus ouvidos.

– Domenico... – Gaguejo, desconfortável ao ver seu olhar preso ao braço de Drew, que alheio a tudo devido a quantidade de álcool ingerida, não se dá conta do perigo que está correndo.

Domenico alonga o braço e me oferece sua bem cuidada mão, tudo sobre o olhar atento de Clarisse, que parece em estado de choque diante da cena. Relutante, estico meu braço e encaixo meus dedos na pele quente, que imediatamente se aperta a minha, me puxando em sua direção.

– Desculpe a demora, estava me despedindo de Leonard. – Ele fala, ao pé do meu ouvido, provocando espasmos incontroláveis entre as minhas coxas.

– Tudo bem, sem problema. – Sorrio amarelo, sabendo que Clarisse está ao ponto de voar no pescoço de Domenico.

– Podemos ir? – Propositalmente, ele fala olhando fixamente para Clarisse.

– Ir aonde. Posso saber? – Se sentindo afrontada, ela toma a frente e se dirige exclusivamente a Domenico, ignorando minha presença.

– Está tarde, Srta. Thompson. Tanto eu quanto minha namorada, trabalhamos amanhã cedo.

– Namorada? Que porra de piada é essa? – Me assusto com a raiva que Clarisse demonstra. Domenico abre aquele sorriso arrogante, de esfinge, como se fosse o rei do mundo. Fica óbvio que ambos estão medindo forças.

– Precisa que eu solete a palavra para maior compreensão? – Ele debocha e as bochechas de Clarisse parecem arder em chamas.

– Por acaso está me chamando de burra?

– Jamais cometeria tamanha indelicadeza, Srta. Thompson.

– Será que vocês dois podem parar com isso? – Me livrando do abraço possessivo de Domenico, me coloco entre os dois, a fim de encerrar de vez a discussão infantil e bem inapropriada para o local.

Drew, percebendo que está sobrando, é o primeiro a se retirar. Já Clarisse e Domenico, continuam a se desafiar descaradamente, dessa vez de maneira silenciosa, olhos nos olhos, como dois animais selvagens prestes a travar uma luta mortal pela conquista do seu território.

– Srta. Thompson. Estava procurando-a. – Leonard aparece, duas taças de champanhe nas mãos e olha ressabiado, notando o quanto o clima está pesado.

– Vejo que nossa ausência estreitou alguns laços, doce Ethel. – Domenico sorri para o amigo, que franze a testa e se posta ao lado de Clarisse, que nega a bebida oferecida com um aceno de sua mão.

– Laços, nós ou amarras? – Clarisse provoca.

– Devo admitir que todos muito me agradam, Srta. Thompson. – Agora Domenico sorri escancaradamente.

– Vamos Ethel, chega dessa palhaçada. – Clarisse se adianta e segura meu braço, na altura do cotovelo.

– Clarisse... – Falo baixinho, encarando minha amiga.

– Não vou admitir em hipótese alguma que saia daqui junto a esse homem! – Ela vira seus olhos furiosos para Domenico.

– Não quero e não vou criar indisposição entre vocês. – Assumindo um tom educado e cortes, Domenico me olha, olhos azuis amenos, lotados de carinho, transbordando uma emoção desconhecida.

– Isso não acontecerá, Domenico. – Me antecipo, olhando quase que com desespero para Clarisse.

– Mas não mesmo! – Clarisse rebate, estufando o peito como um galo, pronto para uma rinha.

– Nos falamos depois, doce Ethel. Apenas peço que vá em segurança para casa. – Domenico deposita um beijo terno em minha testa e minha vontade é de socar a cara de Clarisse.

– Ela estará segura, Sr. Fox. Estará comigo e não com um abusador de mulheres como você!

Sim, o copo transbordou. Virando lentamente o corpo, Domenico dá um passo largo, diminuindo de uma só vez a distância de seu corpo imenso com o de Clarisse, que posso estar enganada, estremece diante de tamanha intimidação. O maxilar contraído e os olhos estreitos, demonstram o quão contrariado ele está e me sinto impotente, sem saber o que fazer para acalmar os ânimos de ambos.

– Não fale sobre aquilo que desconhece, Srta. Thompson. – A voz preocupantemente baixa de Domenico se faz ouvir, grave e rouca na mesma proporção em que é ameaçadora.

– Não pense que desconheço suas taras, Sr. Fox. Acha que não vi as marcas que deixou no corpo de minha amiga?

– Clarisse, já chega! Para tudo existe um limite e você está ultrapassando todos! – Me meto, soltando meu braço de sua mão, atolada em meio a vergonha e o desconforto de ver minha vida íntima sendo exposta de maneira tão vulgar no meio da pista de dança de uma boate super lotada.

– Acredito que os ânimos estejam muito alterados, que tal sentarmos e debatermos o assunto como adultos? – Leonard toma o rumo da conversa, segurando delicadamente o antebraço de Clarisse, que não desvia seu olhar feroz de Domenico.

– Não temos assuntos a debater, Leonard. – Domenico quebra seu estranho silêncio.

– Claro que não, afinal você não debate, você bate! – Clarisse cospe com raiva.

– Acredite, Srta. Thompson, se eu realmente fosse capaz de bater em mulheres, você seria a primeira a apanhar, talvez assim aprendesse a ter bons

modos e um pouco de educação.

– O que foi que você falou? – Clarisse dá um passo em direção a Domenico e não me contenho. Solto uma gargalhada alta, realmente achando a situação ridiculamente engraçada.

Leonard me acompanha e descartando as taças que ainda tinha em uma das mãos por sobre o parapeito que separa a pista de dança da área VIP, cruza os braços na altura do peito e se posta ao meu lado, como se estivesse assistindo a um show de comédia. Sua atitude nada protocolar me fez rir ainda mais!

– Qual a merda do problema de vocês dois?

– Nenhum, minha querida. Estamos apenas apreciando a via-crúcis se transformar em um verdadeiro circo! – Leonard fala, a voz ainda embargada pelo farto sorriso que carrega em seu bonito rosto.

– Sério que você compactua com as coisas que ele faz? – Clarisse questiona, apontando o dedo em direção a Domenico, que sacode a cabeça em desalento, buscando paciência sei lá de onde para aturar o surto psicopático de minha amiga.

– Que tal eu te levar para casa e no caminho conversamos sobre o assunto?

– Não vou para casa sem a Ethel!

– Domenico vai se encarregar de deixá-la sã e salva. Te garanto que ele não tem chicotes ou algemas no carro, mesmo porque, Scott, como um ex agente da CIA, acharia no mínimo estranho.

– Leonard, eu... – Clarisse começa a falar, mas estremece diante do sorriso melado que meu chefe conduz a ela.

– Apenas me dê a chance de conversarmos, Clarisse. Sei que seu ponto de vista faz sentido, mas você precisa entender o outro lado de tudo isso.

– Existe outro lado em um homem abusar fisicamente de uma mulher?

– Chega! – A voz áspera de Domenico cala a todos.

– Não vou mais admitir que abra sua boca e desfira esse monte de asneiras a meu respeito. Sim, sou uma filho da puta bastardo, que tem gostos bizarros e atípicos, que dificilmente são entendidos por pessoas normais como você, porém, jamais abusaria fisicamente de uma mulher.

– Dom... – Leonard segura o braço de Domenico, tentando acalmá-lo.

– Não me venha com essa porra, Leonard! Nunca abusei de Ethel, tudo que fizemos foi consensual. Não vou tolerar que uma qualquer fale um monte de merdas a meu respeito. Mais uma palavra que saia da sua boca infame, Srta. Thompson, e precisará acertar contas com meu departamento jurídico, fui claro?

– Os olhos azuis gelo faíscam em direção a minha amiga, me vejo na obrigação de intervir.

– Isso não será necessário, Domenico.

– Realmente eu espero que não seja!

Colocando um ponto final no assunto, Domenico nos dá as costas, caminhando decidido e apressado pelo meio do amontoado de gente que ainda se acaba de dançar na pista. Leonard me olha e acena com a cabeça, indicando silenciosamente que é para que eu o siga. Olho para Clarisse, que revira os olhos e solta uma lufada de ar, como quem concorda. E é exatamente o que faço!

CAPÍTULO VINTE



O cheiro sedutor de bacon e café recém passado me despertou. A luz suave que entra pelas frestas das cortinas me faz piscar os olhos e me ambientar. Em um lampejo, pulo da cama e olho meu celular sobre a cabeceira da cama. Puta merda, nove e meia da manhã! Mais atrasada, impossível!

Passo por um ritual matinal apressado, deixando a cama por arrumar e me concentrando em correr para o banho. No espelho, vejo a imagem horrenda de uma noite mal dormida. Olheiras imensas circundam meus olhos, rímel borrado, cabelo desgrenhado, mas o brilho nos olhos não engana o quanto estou satisfeita em estar de volta à vida de Domenico.

Durante o banho expresso, me recordo da nossa volta para casa. Não falamos muito, na verdade não falamos nada. Sua mão quente e macia se manteve colada a minha durante todo o trajeto. Não ousei tocar no assunto Clarisse, mesmo porque, nada do que falasse poderia mudar a impressão que ela fez questão de passar.

Assim que Scott estacionou na porta do prédio, Domenico saltou, deu a volta e abriu minha porta. Galanteador, ofereceu sua mão e sua ajuda para que saísse do carro. Caminhamos abraçados até a portaria, onde ele fixou seus lindos olhos em meu rosto e sorriu. Beijando a ponta do meu nariz, ele me deu um leve tapinha na bunda, um boa noite com sua voz quente e sexy, e foi assim que nos despedimos.

Sorrindo com minhas lembranças, escovei os dentes, preendi o cabelo em um rabo de cavalo baixo e me apressei em me enfiar um uma saia lápis vermelha, uma blusa de seda nude e um sobretudo preto, que combina com meus saltos e bolsa. Armada de meu celular, saio as pressas do quarto, praticamente correndo corredor à fora.

Clarisse está sentada na bancada que separa a cozinha da sala, ainda trajando o vestido cinza de paetês da noite passada. Os sapatos e bolsa estão sobre o sofá e a fisionomia cansada, demonstra que a noite foi longa, bem longa. Ela me olha e abre um terno sorriso.

– Bom dia, Ethel. – A empolgação em sua voz e olhos é muito mais do

que aparente.

– Bom dia... – Respondo, puxando a banqueta ao seu lado e enchendo uma xícara com café.

– Dormiu bem? – Ela enfia uma tira de bacon na boca e me observa.

A verdade é que dormi muito mal. Tive apenas duas horas de sono, um conturbado sono. As lembranças do que vivi junto a Domenico na noite passada inundavam minha mente e, além disso, ainda teve toda aquela discussão entre ele e Clarisse, que conseguiu deixar meus nervos a flor da pele.

– Honestamente? Não. – Imitando minha amiga, mordo uma tira de bacon e apoio a mão na lateral da cabeça.

– Imaginei...

– Imaginou errado, Clarisse. Domenico não passou a noite aqui, para ser ainda mais precisa, ele sequer subiu!

– Não falei nada sobre isso, Ethel. – A verdade em suas palavras me convence.

– Desculpe. Estou atrasada e estressada.

Paro e olho para a bancada. Clarisse fez comida o suficiente para alimentar todo um exército. Bacon, chá, café, ovos, torradas, bolinhos, panquecas, queijos frescos, frutas, sucos... Ergui uma sobrançelha em sua direção e ela sorri, aquele sorriso gostoso, só dela, que tanto acalma meu coração.

– Tudo bem, não pergunte nada, apenas coma.

– Sim Senhora! – Implico, cutucando de leve seu braço com meu cotovelo.

– Ethel...

Assenti com a cabeça diante do seu olhar forçadamente ameaçador, como se isso fizesse perfeito sentindo diante da infinidade de perguntas que tenho a fazer e me atiro a comida. Comi duas fatias de bacon, torradas, ovos, queijo e complementei a xícara de café um belíssimo copo de suco de laranja.

– Eu tive uma noite incrível, Ethel. – A encarei, tentando não pensar demais no que de fato pode significar esse “*incrível*”. Discutimos a noite inteira, e ainda teve o atrito entre ela e Domenico. Será que é uma piada e não estou conseguindo captar?

– Sério? – Enfio um pedaço de bolo na boca e me viro em sua direção.

– Muito sério... – Seus olhos brilham e meu coração se enche de uma alegria infinita. Desde a época de faculdade, jamais havia visto Clarisse tão transparente ao demonstrar suas emoções.

– Você e Leonard... – Deixo minha curiosidade subentendida, sem precisar terminar minha frase.

– Pois é... – Clarisse revira os olhos e sorri, como uma criança

travessa.

– Ele dormiu aqui? – Pergunto, chocada por não ter percebido movimento algum durante as poucas horas que fiquei em meu quarto.

– Não! Nós fomos para o apartamento dele.

– E esse café da manhã de hotel? Por acaso você trouxe de lá? – Implico.

– A verdade é que paramos na padaria da esquina e compramos tudo antes de Leonard me trazer para casa.

– Então ele tomou café da manhã aqui?

Só agora reparo na xicara usada junto a um prato de sobremesa e talheres por sobre a pia. Me sinto estranha por saber que enquanto dormia, meu chefe estava aqui, tomando café da manhã com minha melhor amiga depois de tê-la comido a noite toda.

– Precisava repor as energias. – Ela fala entre um sorrisinho.

– Clarisse!

– O que foi?

– Você acabou com o cara! – Rio alto.

– Para ser mais realista, ele acabou comigo!

– Falou a tarada por sexo aposentada!

– Estou falando sério. Nunca vi um homem como aquele. Leonard parece ter uma bateria instalada em algum canto desconhecido do seu delicioso corpo, não cansa nunca! É uma verdadeira máquina de sexo!

– Detalhes desnecessários a respeito da vida íntima de meu chefe, amiga! Vou estar com ele daqui a algum tempo e a última coisa que quero é ficar bisbilhotando seu corpo em busca dessa tal bateria! – Clarisse se acaba de rir, um sorriso que aos poucos vai murchando, fazendo sua expressão, antes bem animada, se tornar pesada e carrancuda.

– Conversamos sobre Domenico. – O tom de voz é arredo e distante.

– Amiga, estou realmente muito atrasada, Acho que podemos deixar esse assunto para depois.

– Não existe assunto, Ethel.

– Não?

– Não. Leonard me explicou em detalhes como funciona a vida de Domenico.

– Em detalhes?

– Tudo bem, não foram tantos detalhes assim, mesmo porque, não tivemos tempo, apenas o suficiente para que a partir de agora eu fique na minha e deixe vocês em paz. Você já é bem grandinha, amiga, sabe o que é certo ou não para sua vida, mesmo que eu continue a não concordar.

– Eu não sei se minha vida está interligada a de Domenico, Clarisse. –
lamento, pesarosa.

– Só você então que não sabe! Ontem a noite ficou bem claro que ele quer sim alguma coisa com você. Coisas do tipo dele, mas mesmo assim, ele quer.

– De qualquer forma, esse é um assunto que vamos realmente precisar deixar para mais tarde. Estou mais de uma hora atrasada. – Bebo o resto do meu café e me levanto.

– O big boss te comeu ontem e jura que você está preocupada com seu atraso?

– Para que fique claro, meu chefe é Leonard, e pelo que pude entender, ele comeu você ontem a noite!

– Vai estar de bom humor, fique tranquila, outro que nem deve perceber seu atraso.

– Uau! Falou a devoradora de homens!

– Conheço meu potencial destrutivo! Agora vaza, Ethel. Estou cansada e preciso urgentemente dormir.

– Pediu para me chamar?

Coloco a cabeça pela pequena fresta que abri na porta de meu chefe e o vejo sentado a sua mesa, com uma infinidade de papeis a sua frente. A cara séria indica que o assunto também é sério e um tremor descontrolado invade meu corpo. Outra coletiva? Alguma coisa errada que eu possa ter feito.

– Srta. Willians, por favor, entre e sente-se. – O tom costumeiramente formal de Leonard não faz lembrar em nada o cara que na noite passada dava descaradamente em cima de minha amiga.

– Em que posso ajudar? – Falo, já sentada, observando-o mexer na infinidade de papeis, colocando-os em ordem.

– Vou direto ao assunto, Ethel. Domenico tem a intenção concreta de seguir adiante em uma relação estável com você.

– Oi? – Meu queixo se abre e não consigo acreditar que até para pedir uma mulher em namoro, Domenico precise de seu braço direito para executar o serviço.

– Exatamente o que ouviu.

– Eu sei o que ouvi. Só não compreendi o porque ter ouvido isso de você, e não dele.

– Vai ouvir. Aqui trataremos apenas dos tramites legais de toda a situação.

– Tramites legais?
– Como você sabe, Domenico faz parte de um mundo não muito convencional. Qualquer mulher com quem se relaciona, precisa estar ciente disso.

– Eu estou ciente do mundo de Domenico, Leonard!
– Mas não as consequências que ele pode acarretar, e é exatamente sobre isso que estaremos tratando.

– Sinceramente, não me sinto nem um pouco confortável para falar sobre minhas relações íntimas, seja lá com quem for, com meu chefe.

– Esqueça que sou seu chefe, Ethel. Nesse momento, sou o representante legal de Domenico Aron Fox.

– Leonard...

– Me escute, Ethel, você não tem referencia alguma sobre o BDSM, a não ser sua curiosidade, pesquisas em internet e fetiches comuns em mulheres da sua idade.

– Esqueceu de colocar na lista minha experiência com Domenico. – Inspiro, altamente constrangida com toda essa conversa.

– Minha jovem, o que você vivenciou não é nem 1% do mundo de Domenico. Apenas me ouça, caso não aceite os termos, pode se levantar, voltar a sua sala e trabalhar normalmente, como se nada tivesse acontecido.

– Vai me fazer assinar um contrato? – Debocho.

– Alguns, o primeiro deles é esse. – Leonard estica um dos papéis em minha direção e fico chocada com a informação de que para ter uma relação com Domenico, preciso assinar contratos.

– O que é isso? – Seguro a folha e encaro meu chefe.

– Um contrato de confidencialidade.

– Isso significa que não vou poder falar para ninguém que estou saindo com Domenico?

– Não minha querida. Fox fez questão de mudar várias cláusulas do contrato normal. Na verdade diz apenas que não poderá, em hipótese alguma, comentar a respeito de suas preferencias, seja durante a relação de vocês ou mesmo depois do seu término.

Com dedos trêmulos, pego a caneta que Leonard me oferece e passo os olhos pelo papel. Em um todo, me parece bastante favorável, uma vez que eu jamaisalaria qualquer coisa sobre o estilo de vida de Domenico com ninguém. Tive essa oportunidade na época em que trabalhava no “NBP” e nem assim, o fiz.

– Assine na segunda linha, a primeira será assinada por Domenico. – Fiz o que Leonard pediu e devolvi a folha.

– Mais alguma coisa?

– Sim, algumas. – Leonard sorri e volta a mexer nos papéis, pegando um bom punhado e arrastando sobre a mesa em minha direção.

– Esse é um formulário padrão, que precisa ser preenchido.

– Formulário padrão?

– Sim, Ethel. Esse tipo de relação exige alguns protocolos.

– Então você está falando que Domenico tem vários desses preenchidos? – Franzo meus olhos, meu corpo se corroendo de ciúmes.

– Ethel, você precisa entender que Domenico teve uma vida antes de você.

– Não foi isso que perguntei, Leonard. – Insisto.

– Sim, minha querida, existem vários desses preenchidos.

– E guardados em um arquivo por ordem alfabética? – Afrontada, me levanto e caminho pela sala.

– Não é bem assim que a coisa funciona.

– Então como é? O dia que a letra A não estiver disponível ele vai ligar para a letra B? – A revolta me invade. Domenico não quer uma relação normal. Ontem a noite foi apenas um jeito de se reaproximar, de tentar me trazer para perto, assim como no elevador.

– Ethel, Domenico é monogâmico. Ele jamais buscaria por outra submissa estando satisfeito com a que tem.

– Então esses papéis que está me dando para assinar supostamente me transforma em uma propriedade particular de Domenico Aron Fox?

– Eu não disse isso.

– Não precisa dizer, Leonard!

– Me escute, é apenas um questionário, Ethel.

– Um questionário? – Pegos os papéis e começo a ler os primeiros tópicos.

– Exames de sangue periódicos, confirmação do uso de anticoncepcionais, tipo sanguíneo, ciclo menstrual, quantos parceiros teve anteriormente, número que veste, cor preferida, doenças venéreas que ocasionalmente possa ter tido...Isso não é um questionário, Leonard! É uma completa invasão de privacidade!

– Você terá as mesmas informações por parte dele.

– Que se fodam suas informações! Achei que teríamos uma merda de uma relação normal.

– E terão, Ethel. Mas não posso abrir mão da segurança de Domenico!

– Sério mesmo que passa por sua cabeça e também pela dele que seria capaz de fazer alguma coisa contra ele? – Me sinto ofendida, ofendida demais.

– Não estou falando isso...

– Claro que está, não só está falando como quer que eu assine um documento que me cale, me faça uma marionete nas mãos do cara que supostamente achava que queria ser meu namorado.

Terminei de falar exaltada, andando como uma louca de um lado para o outro na sala de Leonard. Minha revolta atinge limites que nunca imaginei que algum diria chegaria. Ficamos em silêncio por vários longos minutos. De cabeça baixa, continuo a analisar os papéis e a cada nova linha, mais impressionada com o que leio fico.

– Você está na parte dos limites. – A voz de Leonard me arranca do meu transe furioso.

– Limites?

– Sim, tudo aquilo que você concorda ou não fazer.

– Como posso saber com o que concordar se você mesmo disse que não conheço nem 1% de toda essa merda?

– Peço que se acalme, Srta. Willians. – Sim, acabei de ser repreendida por meu chefe.

– Me desculpe, Sr. Robson. – Baixo minha cabeça e caminho com imenso desânimo de volta a cadeira em que inicialmente estava sentada.

– Não se desculpe. Eu compreendo sua confusão mental. E por favor, me chame de Leonard. Acho que passamos as etapas formais de nos tratarmos pelos nossos sobrenomes.

– Sinceramente, não sei o que pensar.

– Domenico irá conversar com você, Ethel. Quem vai decidir o rumo da relação de vocês serão os dois, juntos, em um consenso. Não cabe a mim essa função. Estou apenas cuidando da parte burocrática.

– E desde quando uma relação de verdade, que envolve sentimentos, tem uma parte burocrática, Leonard?

– Desculpe-me, minha querida, mas essa é uma margem abrangente demais para que me intrometa.

– Você se intromete em tudo, por que diabos não se intrometeria nisso?

Depois que falo me dou conta que acabei de ser extremamente grosseira com meu chefe. Jesus sagrado, olha o maremoto que Domenico mais uma vez está causando em minha vida. Um sorriso simpático desenha o rosto de Leonard, o que me deixa bastante confusa.

– Domenico me avisou que seria difícil eu convencê-la a assinar os documentos, só não fazia ideia de que era tão brava assim.

– Ah, ele avisou? Que ótimo! Fui o assunto em pauta na reunião matinal?

– Saia da defensiva, Ethel. Domenico em momento algum pediu que assinasse os documentos, a não ser o contrato de confidencialidade, do qual ele não abre mão. Eu, como seu representante legal, acho por justo, que saiba o terreno em que está pisando e tenha certa segurança diante das coisas que irá vivenciar.

– Posso ler com mais calma?

– Tem todo o tempo do mundo, minha querida. Mas, devo avisá-la que: Uma vez assinado o contrato de confidencialidade, a partir desse momento, nada do que aconteça na intimidade de vocês deverá ser divulgado.

– Trabalhava em um jornal que vive as custas de fofocas sobre a vida dos outros enquanto era surrada por palmatórias, Leonard! Acredito que se tivesse que abrir a porra da boca, já o teria feito, concorda comigo?

– Sim, Ethel, não só concordo como confio em você. – Leonard sorri e se levanta, caminhando calmamente em minha direção.

– Você confia, mas pelo visto, Domenico não. – Fecho a cara e baixo a cabeça, prestes a romper uma avalanche de lágrimas.

– Ele confia, tanto confia que me fez prometer que não iria insistir no preenchimento do questionário com você.

– Sério? – Olho meu chefe, contendo uma fungada.

– Muito sério. Por ele, nada disso seria preciso. Mas, como disse antes, preciso cuidar dos direitos legais de meu cliente. Não interprete como uma afronta, apenas como uma cláusula contratual normal, não é pessoal Ethel. Domenico realmente a trata de maneira diferenciada, minha querida.

– Tão diferenciada que estarei no arquivo, junto com todas as outras letras E.

– Se te consola, você é a única letra E.

– Vou considerar que você é meu chefe e me conter para não mandá-lo ir a merda, Leonard! – Uma sonora e gostosa gargalhada se espalha no ambiente e sou obrigada a acompanhá-lo.

– Não fique com raiva de Domenico, Ethel. Ele não é responsável pelos contratos.

– Pelos contratos. Olha só a forma como você fala! Tratam mulheres como mercadorias, utilizáveis e depois, descartáveis.

– Mulheres que se prestam a ser tratadas dessa forma.

– Então se eu assinar também vou estar me prestando a ser tratada assim?

– Como falei, você é diferente, Ethel. Domenico tem um apreço por você que nunca o vi tendo antes por ninguém!

– Nossa, outro grande consolo!

– E deveria ser. Meu amigo nunca foi o tipo de cara que se apega a alguém, Ethel. Deveria levar isso em consideração.

– Vou levar, assim como vou levar também as letras no arquivo pessoal de submissas do todo poderoso Dom Damon!

– Então ele te contou? – Ele fala, a voz é carinhosa e ao mesmo tempo brincalhona.

Sorrindo, Leonard cruza os braços na altura do seu peito largo, bem delineado pelo belo terno riscado que usa e me vem na mesma hora a história dele possuir uma bateria em alguma parte do corpo. Contenho o sorriso e excomungo Clarisse mentalmente por me fazer correr os olhos por meu chefe de maneira descarada!

– Não precisou. A tatuagem entregou...

Travei meus lábios ao me dar conta que expus minha intimidade com Domenico para meu chefe, que acabou de me fazer assinar um contrato de confidencialidade, no qual, a principal cláusula é não falar absolutamente nada sobre nossos momentos pessoais.

– Ótimo, primeira quebra de contrato! – Falo, revirando os olhos.

– Relaxe, Ethel. Não funciona assim. Domenico poderá te explicar melhor os termos da relação. Não precisa ficar com medo de falar absolutamente nada.

– Como não ter medo, Leonard? A cláusula sobre responder um belíssimo de um processo por calúnia e difamação está em caps lock e negrito!

– Isso não vai acontecer, Ethel. É apenas uma precaução.

– Eu chamaria de intimidação.

– Preciso concordar. Domenico já se envolveu com mulheres que fariam qualquer coisa para ter uma gorda mesada por conta de chantagem a respeito do seu estilo de vida, Ethel. Precisava ser resguardado de alguma maneira.

– Tudo bem Leonard. Eu já assinei essa droga de papel. Quanto ao questionário, entrevista, pesquisa ou sei lá como vocês chamam, preciso de um tempo para avaliar e levantar os tais limites com os quais devo ou não concordar.

– Acho de bom tamanho, mas isso não será mais discutido comigo. A partir de agora, você e Domenico serão responsáveis por se entenderem. Minha parte, eu já fiz.

– Foi sempre assim? – Pergunto, perdida em pensamentos conflitantes.

– Assim como? – Uma expressão de interrogação se forma no bonito rosto de meu chefe.

– Domenico se interessava por uma mulher e você quem corria atrás dela para fazer as propostas sujas e indecentes em seu lugar?

– Como eu disse, cuido apenas da privacidade de meu cliente. Qualquer proposta, seja ela considerada indecente ou suja, não me diz respeito, Ethel.

– Não, claro que não...

Encerrando o assunto, me levanto, questionando pela milésima vez em que merda estou me metendo. Estava livre do poder intimidante de Domenico e agora, me vejo mais presa do que nunca na teia grossa que permitir ser tecida ao meu entorno. Leonard apenas me observa, como se fizesse ideia da confusão mental que me assola.

Quero estar com Domenico, sou apaixonada por ele, na verdade o amo como jamais vou ser capaz de amar outro alguém em minha vida, mas não quero ser uma submissa que tem seu nome em um arquivo, usada quando bem entender a hora que for conveniente a ele.

Perdida, corro de volta a minha sala, olhando o céu cinza de Boston, que, como no dia em que cheguei na cidade a meses atrás, parece debochar dos sentimentos contraditórios que estou vivendo. Respiro profundamente e me pergunto: Seria eu capaz de segurar a onda de uma relação nesse nível com um homem que tanto amo?

CAPÍTULO VINTE E UM



No final da tarde, toda a equipe foi chamada para uma reunião. Sei que quando isso acontece, Domenico geralmente está presente e a mais pura verdade é que não faço ideia de como me portar perante ele e tantas pessoas juntas no mesmo lugar. Como vou chamá-lo? Sr. Fox? Domenico?

Lá fora, o sol modesto que fez intenção de aparecer por entre as nuvens, já se põe e respiro repetidas vezes tomando coragem de atravessar o corredor que separa minha sala da imensa e bem aparelhada sala de reuniões. O burburinho lá fora já dá indícios que todos chegaram, só falta uma pessoa... Eu!

Aliso minha saia e busco por um espelhinho em minha bolsa, retocando o batom nude que uso. Ajeito o rabo de cavalo e enfio os ósculos no rosto, como se as lentes transparentes fossem capazes de me proteger do olhar glacial e profundo de Domenico. Erguendo a cabeça e contendo o tremor dos meus músculos, caminho pelo corredor, tendo a certeza da presença de Domenico, uma vez que meu corpo já é percorrido por aquela corrente elétrica provocada única e exclusivamente por ele.

Abro a porta da sala de reuniões e lá está ele, sentado na cabeceira da imensa mesa em mogno, digitando algo apressadamente em seu laptop. Seus olhos não abandonam a tela e muito menos reduziu o toque quase brutal nos teclados. Precisei me segurar para não sair correndo da sala como um rato o faria ao ser caçado por um gato.

— Srta. Willians, estávamos aguardando-a. — Leonard me recebe e dessa vez o barulho do teclado se estingue e lentamente ele ergue sua cabeça.

Um sorriso encantador desenha seu rosto e posso estar enganada, mas acredito ter ouvido suspiros pelos cantos da sala vindo das outras funcionárias. Sorrio timidamente de volta e me surpreendo ao vê-lo se levantar e caminhar decidido em minha direção.

Fico parada, verdadeiramente mumificada, sem saber exatamente o que fazer. Corada pelo contato visual constante de Domenico, baixo os olhos, observando meus sapatos que afundam no fofo carpete. As mãos tremulas agarradas as laterais do meu corpo, a respiração alterada e o coração... Bom, esse

deve ter escapado já a algum tempo boca a fora.

– Ethel...

Ele diz meu nome. A voz suave, rouca e sexy para caralho me desfragmentou em vários pedaços. Tentando me acalmar, conto os movimentos do meu tórax, cadenciando minha respiração e finalmente conseguindo reduzir a velocidade de foguete que meu coração batia.

– Domenico. – Falei baixinho. Minha garganta está seca e tenho certeza absoluta de que ele facilmente consegue ouvir minha pulsação.

Posicionando a mão naquele vale pecaminoso entre minha bunda e coluna, Domenico me conduz a cadeira ao seu lado, puxando-a com firmeza e oferecendo-a para que me sente. Sem questionar, fiz o que silenciosamente ele pediu, vendo-o fazer o mesmo e imediatamente depositar sua mão por sobre minha coxa.

Meus poros gritam alucinados! O toque me enlouquece, fazendo meu cérebro girar como a turbina de uma hidroelétrica trabalhando em ritmo acelerado. Notando meu torturo, seus dedos abraçam suavemente minha pele. Viro meus olhos em sua direção, e aquele sorriso filho da puta de tão delicioso está lá, debochando de mim e de todos na sala que não fazem ideia alguma do que sua mão está fazendo com meu juízo nesse exato instante.

– Todos na sala? – A voz de Leonard faz meu pescoço girar a sua procura. Sentado na outra extremidade da mesa, ele abre uma pasta e procura algo em seu Ipad.

– Vamos começar... – Dessa vez é Domenico quem fala.

– Ontem a tarde recebi a visita inconveniente de Susanna Wesley, que de alguma maneira, ficou sabendo sobre o incidente ocorrido a alguns dias, quando meu carro foi perseguido. – Pisco os olhos e me dou conta que meu ciúme foi descabido. Susanna veio chantagear Domenico, que provavelmente, colocou-a em seu devido lugar.

– E como ela ficou sabendo disso? – Pergunto, assumindo meu lado profissional e tentando ignorar a mão de Domenico, que permanece por sobre a minha coxa.

– Essa era a pergunta que eu ia fazer exatamente agora, Ethel. O incidente foi abafado pela nossa equipe, a não ser que a própria Susanna tenha me seguido, acredito que a informação tenha vazado diretamente da fonte.

– A partir desse momento, todos nessa sala, sem exceção alguma, estarão sob investigação administrativa. – O tom de Leonard excede o limite do sério. Jamais havia visto meu chefe tão transtornado.

– Está louco, Leonard? Acha mesmo que alguém da nossa equipe seria capaz de fazer algo desse porte? – Samantha Nielsen se manifesta, a voz não

parece nem um pouco satisfeita.

– Samantha, quando Leonard disse todos, isso incluiu você também, portanto, não utilize a expressão “*nossa equipe*” como se não fosse tão responsável como qualquer outro o é! – A voz rouca e autoritária de Domenico se faz ouvir por toda sala, mesmo que baixa e discreta.

– Eu também estarei sob investigação administrativa? – Samantha leva a mão ao peito, se demonstrando ofendida.

– O que acha? – Domenico usa de um tom debochado.

– Acho um absurdo!

– Tem liberdade para se demitir caso esteja se sentindo humilhada. Do contrário, como todos os outros funcionários, passará pela mesma investigação, sem privilégio algum.

– E o que exatamente farão? Vão vasculhar nossas contas bancárias, rastrear nossos telefones, monitorar cartões de crédito?

– O que faremos não é da sua conta. O que é da sua conta e de todos os outros presentes na sala é: Vamos descobrir quem foi e, quando o fizermos, esse alguém estará muito, muito fodido em minhas mãos!

– Domenico... – Vendo o quanto ele está alterado e assustada com a postura agressiva que assumiu diante de Samantha, seguro seu braço em um movimento involuntário e impensado. Os olhos da mulher acompanham meus dedos e um sorriso cínico se forma em seus lábios.

– A Srta. Willians também estará sob investigação? – A pergunta maldosa ecoa em meus ouvidos. Claro que também vou estar, sou uma funcionária como outra qualquer, por que diabos essa vaca está questionando isso?

– Seria no mínimo ridículo colocar a mulher com quem divido minha cama sob investigação. Acho que todos aqui devem concordar com meu ponto de vista.

A verdade é que não sei se meus olhos estão mais arregalados do que os da grande maioria dos presentes na sala de reuniões. Domenico, por sua vez, se recosta na cadeira, portando aquele sorriso de esfinge, cruzando as pernas e retirando a mão de minha coxa, o que me causa um imenso vazio, mas momentâneo, uma vez que quase imediatamente, sua mão cobre a minha, que descansa tremula e suada por sobre o tampo em mogno.

Tudo bem, eu até queria que ele assumisse alguma coisa comigo, não queria ser apenas mais uma no arquivo de submissas, mas não dessa maneira. Temos muito ainda que conversar, sem contar que o termo “*dividir a cama*”, não é necessariamente o sinal de qualquer compromisso, muito pelo contrário, basta analisar o histórico de Domenico para concluir que dividir a cama com ele não é

lá uma coisa difícil, dado o número de mulheres que provavelmente o fizeram nos últimos meses.

– Samantha, gostaria de deixar claro que ninguém aqui desconfia da sua conduta. É de praxe que quando algo nesse nível acontece, uma investigação minuciosa se dê início. – Leonard toma parte voluntariamente da conversa, tentando acalmar os ânimos exaltados da mulher que só falta pular a mesa em direção ao meu pescoço.

– A quanto tempo trabalhamos juntos, Leonard? Nossa equipe sempre foi escolhida a dedo, jamais tivemos qualquer tipo de problema. Discrição sempre foi o nosso lema, sem contar no contrato quase abusivo que assinamos ao aceitar a confidencialidade de tudo que nos envolve.

– Entendo seu descontento, Samantha...

– Não, meu querido, você não entende mesmo! Minha idoneidade está sendo colocada em questão quando temos uma nova funcionaria, que por motivos óbvios, tem privilégios diante de todos os outros, e sequer é levantada como suspeita! – Samantha o interrompe, aos gritos.

– Samantha, vou ser obrigado a pedir que se recorde de onde está e qual a função que ocupa. – O tom de voz rude de Leonard é uma surpresa. Sempre calmo e tranquilo, jamais achei que fosse capaz de ser tão grosseiro.

– Pelo visto minha função não vale de nada, uma vez que uma fedelha mal saída das fraldas tem a palavra muito mais sustentável que a minha!

– Já chega! – Um furioso Domenico se levanta e dá um estrondoso tapa na mesa, que ressoa por todo o lugar, calando e assustando a todos.

Samantha mantém seu olhar enraivecido, parecendo nem um pouco intimidada com a reação agressiva de Domenico, como se já estivesse acostumada com seus rompantes temperamentais. Uma luz se acende e uma desconfiança me invade. E se ela estiver no arquivo, junto com todas que começam com a letra S?

– Se não estiver satisfeita, me encarrego de abrir a porta e direcioná-la ao setor de RH, onde poderá pedir suas contas. – Domenico fala entredentes.

– Está me mandando embora, Sr. Fox? – O sobrenome desliza com cinismo pela língua de Samantha.

– Ainda não, Samantha. Mas se essa for a sua vontade, creia que nada farei para impedi-la. – Ambos se afrontam em silêncio, e o que antes era apenas uma desconfiança, vira certeza para mim.

– Com licença. – Interrompo e todos os olhos agora se voltam para mim, até mesmo os de Domenico, que parecem agora meio confusos.

– Acho justa a reivindicação de Samantha. Sou a mais nova da equipe, sendo assim, devo ser investigada como todos os outros o serão.

– Isso não é uma decisão sua, Ethel. – Domenico me corta de maneira rude.

– Como a mulher que divide a sua cama, acho que tenho certas regalias, Sr. Fox. Uma delas, a qual reivindico, é exigir ser tratada como uma funcionária qualquer!

– Acho justo. – Samantha desfere, com um sorriso escroto na boca vermelha demais para o meu gosto.

– Samantha... – O aviso velado surge um efeito surpreendente. Samantha baixa os olhos, como assumindo uma posição submissa e se cala, ocupando seu lugar na cadeira, sem voltar a encarar Domenico, que mantém seus olhos azuis glaciais vidrados nela.

– Samantha está coberta de razão, Domenico. Se todos serão investigados, eu me incluo nesse todo.

– Conversaremos a respeito disso depois, Ethel. – Ele me olha e arrebita meu nariz, afrontando-o propositalmente.

– Acredito que já estamos conversados. Se era esse o motivo da reunião, creio que não sou mais necessária. Tenho assuntos importantes para resolver. Com licença.

Sem olhar para ninguém, arrasto a cadeira ruidosamente e me levanto, caminhando decidida até a porta da sala. Ainda consigo ouvir a voz grave de Domenico, mas descobrir que Samantha faz parte de seu alfabeto sexual, me faz perder completamente a concentração e por mais que tente, não consigo assimilar absolutamente mais nada.

Parei de frente a porta do escritório de Domenico cerca de vinte minutos depois de sua secretaria ter me ligado e solicitado minha presença. Minha vontade foi de mandá-la a merda, assim como a ele também, mas controlei meu temperamento, que ultimamente tem andado bastante explosivo e assenti, garantindo que estaria lá em cima o mais rápido possível.

Aquele arrepio característico que se espalha em meu corpo quando estou próxima a presença de Domenico se multiplica. Do outro lado da porta está minha fantasia mais louca e sombria. O motivo do meu sossego e ao mesmo tempo de todo o meu desespero, meu vício, meu veneno, mas também, meu antídoto.

– Mandou me chamar? – Entro, sem bater na porta, orgulhosa por minhas mãos suadas não tremerem ao ponto de demonstrar o quanto estou descontrolada.

Domenico nada fala, apenas me observa, estudando cada centímetro do meu corpo, o que me faz corar de forma aguda e instantaneamente, esquentando cada partícula celular que possuo, principalmente aquelas muito

próximas as coxas, que preciso apertar, debelando a violência do desejo que sinto.

– Sim, mandei. – Ele diz, sem desviar os olhos azuis de mim.

– E em que posso ajudá-lo? – Baixei a cabeça, disfarçando meu desconforto.

Consigo ouvi-lo mexer em alguns papeis, o que considero ridículo, uma vez que tem um computador de última geração por sobre sua mesa. Ele empurrou a cadeira para trás, e as rodas giraram sobre o piso de mármore polido. Nesse instante, é o único som na silenciosa sala, tirando minha respiração, que já está completamente descompassada.

Caminhando como um gato, passo a passo, elegante, apurado e requintado como só ele o sabe ser, veio a mim, movimentos estudados, como se estivesse cauteloso, porém, ainda assim calmo, calmo até demais. Dando a volta em meu corpo, o senti em minhas costas.

Seu corpo não me toca, mas a pequena distancia faz a corrente elétrica que existe entre a gente se multiplicar. Fecho os olhos e entreabro os lábios, puxando o ar com força, buscando alívio para meus saturados pulmões. Uma de suas mãos afasta meu rabo de cavalo, deixando minha nuca livre e me derreto diante do toque.

– Precisamos conversar. – O hálito quente faz cócegas na minha orelha e preciso me concentrar para manter as pernas firmes.

– Sim, precisamos... – Respondo e ele aperta com um pouco mais de força meus cabelos, o que fez meu coração bater ainda mais rápido.

– Estou sentindo você um pouco tensa, doce Ethel.

– Não estou tensa, Domenico.

– Não? Nem um pouquinho? – Seus dentes roçam a pele da minha nuca e um gemido escapa da minha garganta.

– Leonard me chamou a sala dele hoje.

– E? – Ele agora desliza a língua. Puta merda! É tentação demais para que eu consiga resistir.

– Não assinei os papeis.

– Eu sei... – Ele me morde e dessa vez minhas pernas falharam. Sua mão abraça minha cintura e seu musculoso braço me mantém de pé.

– Claro que você sabe. Você sempre sabe de tudo! – Reclamo baixinho, sentindo o poder de sua barba roçando meu ombro por cima da blusa.

– Me responda, doce Ethel. Tem certeza que é isso que você quer? – Ele enrola meu cabelo em seu punho e dá um leve, porém firme puxão.

– Ser a mulher que divide sua cama? – Respondo, forçando meu pescoço, tentando não ceder a Domenico, que sorri e me solta, retornando a sua

mesa.

– Foi apenas uma forma de falar, Ethel.

– Uma forma de falar a verdade, não é mesmo Domenico? – Desvio os olhos, a última coisa que preciso são dos olhos glaciais corroendo minha alma.

– Olhe para mim, Ethel.

Foi o que fiz. Mais uma vez aquele arrebatamento me consome. Domenico é o homem mais bonito de toda a existência humana. Mordo os lábios, observando a barba rala, que já dá indícios de que precisa ser feita, o cabelo loiro acobreado, onde eu adoraria estar com os dedos enfiados, sua boca perfeita, que agora, ao notar minha análise, desenha aquele sorriso torto, de canto, sacana como só ele consegue ser.

– Não faço questão alguma que assine nada, Ethel. Podemos facilmente combinar como será nossa relação sem precisar desse trâmite burocrático.

– Tramite burocrático? É assim que nomeia suas relações?

– Escute, Ethel. Não estou acostumado a treinar submissas. Todas que tive até hoje eram experientes e sabiam perfeitamente como as coisas funcionavam.

– Patrícia não era! – Deixo escapar, com raiva de mim mesma por ter acreditado, mesmo que por tão pouco tempo, que teria uma relação normal com Domenico.

– Por favor, não toque no nome de Patrícia. – O tom descontente soa baixo, quase rude.

Seus dedos batem ritmadamente na mesa e ele apenas me olha. A sonoridade de seu gesto me faz concentrar exatamente nos dedos, longos, fortes, bem cuidados. Meus joelhos enfraquecem ao lembrar o que esses mesmos dedos foram capazes de fazer comigo na noite passada.

– Desculpe, eu... – Tentei começar a me explicar, mais a minha frente, Domenico abriu um fraco sorriso e me obriguei a ficar quieta.

– Como sabe o nome dela? – Ele volta a falar.

– Na festa de sua mãe... Richard me falou sobre a irmã. – Os olhos de Domenico se estreitam e o corpo imenso se debruçou sobre a mesa.

– Falou exatamente o que?

– Apenas que vocês haviam sido casados... Ele não se alongou no assunto, se essa é a sua preocupação. – Respondo, assustada com o tom sobrecarregado de tensão de Domenico.

– Não estou preocupado. – Ele fala, tentando aparentar tranquilidade em seu tom de voz.

– Mas, parece que está. – Retruco.

– Apenas não gosto que falem da minha privada. – Domenico dá de ombros.

– Nem para a mulher que divide sua cama? – Questiono e vejo aquele sorriso cínico de formar em seus lábios.

– O que não acontecia na época. – Ele contrapõe.

– Claro que não, na época você me tratava como uma puta. – Contesto, irritadíssima e doida para socar a linda cara de Domenico.

– E você não se queixava. – Tudo bem, agora ele abusou da minha paciência!

– Vá a merda, Domenico! – Dou as costas e caminho irritada até a porta, batendo os pés no chão como uma criança birrenta.

– Ethel? – Não paro de caminhar, que se dane Domenico e todo o seu “mimimi”!

– Ethel Lisa Willians. – Sua voz se encorpa e estanco na mesma hora. Sem perceber, estou agindo exatamente da mesma maneira que Samantha o fez na sala de reuniões. Obedecendo!

– O que você quer? – Pergunto sem me virar.

– Só para que saiba, eu realmente gosto muito de você, doce Ethel e como já deve ter notado, a trato de maneira diferenciada, mas não me recordo de ter dito nada sobre autorizar suas pirraças.

– Autorizar minhas pirraças? – Giro nos calcanhares e o encaro. O pior é que ele não está brincando. A feição bestial mostra o quanto está falando sério sobre esse lance de me autorizar a fazer alguma coisa.

– Tenho algumas expectativas no que diz respeito a submissão, Ethel.

– Expectativas? Que tipo de expectativas?

– Expectativas são expectativas, não importa o tipo. Acho que seria adequado fazermos um teste esse final de semana.

– Tenho compromisso no sábado. – Cuspo a resposta rapidamente, usando como argumento o chá de bebê de Elise, para o qual realmente fui convidada.

– Isso pode ser resolvido facilmente, basta desmarcar seu compromisso.

– É o chá de bebê da sua irmã, Domenico. E mesmo que não fosse, não iria desmarcar absolutamente nada. Quer um teste? O faça sozinho!

Gritei e ao mesmo tempo rezei silenciosamente para que minha impetuosidade não tenha estragado tudo. Mas tudo o que? Não temos absolutamente nada além de um contrato de confidencialidade assinado. Domenico afrouxa a gravata e caminha em minha direção, aquele brilho selvagem reinando nas esferas glaciais. Todo o meu corpo se arrepiava.

– Ethel, se queremos ter uma relação, precisamos nos conhecer. Perdoe-me se usei a palavra teste, talvez tenha me expressado mal. Se você concordar e realmente não abrir mão de ir ao chá de bebê de Elise, posso pedir para Scott pegá-la depois, sairemos para jantar e teremos a noite toda para conversar. O que acha? – Domenico retira a gravata e a joga por sobre o sofá de couro a sua direita, abrindo o primeiro botão da camisa. Merda! Por que ele precisa ser tão assim... Tão tudo de bom?

– Quando usou a palavra teste erroneamente, o que quis dizer de verdade? – Olho diretamente em seus olhos e vejo um sorriso brincar no tom gélido que tanto admiro.

– Tem alguma preocupação relacionada ao que pode acontecer caso passe a noite em minha casa?

– Vamos para sua casa?

– Sim, para onde achou que eu a levaria?

– “*Back Page*”, talvez. – Debocho, fazendo menção a boate de origem duvidosa em que me fez gozar duas vezes sentada a mesa na segunda noite em que nos encontramos

– Se for do seu agrado... – Ele cruza os braços, na altura do peito, esperando por mais uma pirraça da minha parte. Tá bom que vou te dar esse gostinho, todo poderoso Fox!

– Melhor não sairmos do assunto em questão, não acha? – Enfrento seus olhos.

– E qual seria o assunto em questão? – Franzindo as sobrancelhas, ele cria aquele vinco delicioso que me apetece imensamente. Preciso me segurar para não correr em sua direção e mordê-lo.

– A palavra teste mal empregada. – Relembro o que falou a poucos minutos atrás, certa de que não precisa fazer isso, uma vez que Domenico é inteligente e perspicaz demais para deixar qualquer coisa passar.

– Apenas pensei me passarmos um tempo juntos, Ethel. Te ensinar um pouco mais sobre o meu mundo, esclarecer pontos que serão cruciais para que nossa relação dê certo.

– E só por curiosidade: Que tipo de relação nós temos?

– Por enquanto? Nenhuma! Mas espero que meu mundo seja o suficiente para satisfazer seus anseios de liberdade.

– Meus anseios de liberdade?

– Sim, meu anjo. Sua alma grita para ser liberta, seu corpo pode esconder suas intenções, mas seus olhos, esses nunca. São transparentes demais!

– Pare de ser obtuso, Domenico! Apenas responda a minha pergunta! – Insisto, preciso saber o que realmente me espera.

– Já disse uma vez que não sou o tipo de cara que namora. – Ele se afasta e se vira de costas, observando a imensa janela de vidro a sua frente, que mostra a agitação constante da cidade que já vive mais uma de suas noites intensas.

– Claro que não. Você é o tipo de cara que divide sua cama e o faz em ordem alfabética!

– O que? – Ele volta seus olhos para mim, verdadeiramente confuso com minha colocação.

– Deixa para lá...

– Não vou deixar para lá, Ethel. O que exatamente quis dizer com isso?

– Não quis dizer nada, Domenico.

– Entende que tenho expectativas a respeito de nós dois?

– E acha que eu não tenho, Domenico?

– Então acredito que deva pensar como eu: Honestidade!

– Está me chamando de desonesta?

– Jamais o faria. Apenas não quero nada dito entrelinhas.

– Não disse nada entrelinhas, talvez tenha me expressado errado, assim como você mesmo o fez a minutos atrás. – Entorto o pescoço e faço a cara mais ingênua que consigo, vendo um sorriso se formar em seus lábios.

– Touchè, Ethel Lisa. Fez o feitiço virar contra o feiticeiro.

– Não era minha intenção. Acredite, foi apenas um modesto e bucólico comentário!

– E então? – Domenico diminui nossa distancia com apenas dois passos e sinto seus dedos longos deslizarem pela pele sensível da minha bochecha, fazendo todo o meu corpo pegar fogo.

– Tudo bem. Você me pega depois do chá de bebê de Elise.

– Estarei ansioso, acredite. – Ele beija meu rosto e se afasta.

– Não mais do que eu...

CAPÍTULO VINTE E DOIS



A bri a porta de casa, ainda segurando os tais documentos nas mãos e vejo Clarisse refastelada no sofá, com aquela típica cara de quem sonha acordada. Conheço bem, afinal, é só que faço depois de algum tempo junto a Domenico. Com um enorme soprar no coração, me dou conta do quanto a amo.

Clarisse Thompson é como a irmã que nunca tive, e mesmo que tivesse, acho que nem assim amaria tanto. Meus laços com Clarisse vão muito além dos sanguíneos. Óbvio que ela tem seus defeitos, e o principal, que mais me irrita, é o quanto pode ser arrogante, mandona e autoritária.

– E aí? Passou o dia todo no sofá? – Implico.

– Dolorida demais para levantar. – Seus olhos reviram e ela franze a testa, forçando uma engraçada expressão de dor.

– Clarisse Thompson, francamente! – Coloco as mãos nos quadris e a encaro, fingindo estar absurdamente chocada.

– Estou sendo franca, bem franca! – Me limitei a sorrir ao ouvi-la gemer tentando mudar sua posição.

– Que monte de papel é esse? Acabou a era da informática e esqueceram de me avisar? – Clarisse pergunta assim que me acomodo ao seu lado no sofá, puxando suas pernas para meu colo.

– São só papeis. – Dou de ombros, não indicando interesse.

– Desembucha, Ethel Lisa! – Clarisse suspira ruidosamente.

– Assinei um termo de confidencialidade hoje. – Suas sobrancelhas se erguem, formando um vinco em sua testa.

– Isso não me surpreende.

– Leonard comentou algo sobre o assunto?

– Como disse, tivemos pouco tempo para conversar, estávamos ocupados demais. Por falar em Leonard, não estarei em casa esse final de semana. Consegue se virar sem mim? – Como se a dor no corpo sumisse por passe de mágica, Clarisse se senta no sofá e examina as unhas.

– Tudo bem, eu também não estarei. – Olhos de águia de viram em minha direção.

– Explique-se.
– Não ficarei em casa, uai! Qual a necessidade de explicar isso?
– Dependendo de onde e com quem estará, toda a necessidade do mundo.

– Domenico me chamou para ficar na casa dele.
– Ficar na casa dele?
– Estou falando mandarim, Clarisse?
– Você vai mesmo levar isso adiante, Ethel?
– Não tenho o que levar adiante, Clarisse, não temos nenhuma relação. Pelo menos não ainda.

– O foda é que depois da noite passada eu sabia que isso ia rolar! Você é teimosa, e quando enfia uma merda de ideia nessa sua cabeça, não se dá conta das consequências, e mete a cara!

– Ele falou no meio de uma reunião que sou a mulher que divide a cama com ele. – Falo baixinho, encarando a parede branca e insípida a minha frente.

– Nossa, e você, idiota como é, deve ter achado muito romântico da parte dele expor sua intimidade dessa forma grosseira na frente de todos os funcionários em uma sala de reuniões, não é mesmo?

– Para sua informação, eu achei bem escroto! – Fecho a cara e cruzo os braços, ciente que não foi bem isso que achei escroto, mas sim descobrir que Samantha faz parte do abecedário das submissas de Domenico.

– E ainda assim, achando escroto, aceitou passar o final de semana na casa dele?

– Não será todo final de semana. Amanhã trabalho até o meio dia e depois disso, vou ao chá de bebê de Elise.

– Outra coisa que não entendo! Aquela mulher é uma verdadeira víbora, Ethel! Acha mesmo que ela te convidou porque está a fim de ter sua amizade?

– Não, Clarisse, não acho. Mas usei o convite como argumento para não aceitar o convite de Domenico.

– E, é claro que ele te dissuadiu com uma solução vinda das galáxias, não é mesmo? – De supetão, ela puxa os papeis da minha mão, o que me deixa imediatamente alarmada.

– Me dê isso, Clarisse! – Reclamo, tentando alcançar os documentos, que ela esconde atrás de seu corpo.

– Sinceramente. Se quer tanto ser dominada e tem a convicção que nasceu para ser uma submissa, conheço vários amigos que até pagariam para te dar uma surra ao menos uma vez por semana.

– Não estou interessada em ser dominada por seus amigos pervertidos, Clarisse!

– Não quer meus amigos pervertidos mas vai se enfiar na casa de Domenico por um final de semana inteiro e deixar que ele faça só Deus sabe o que com você dessa vez... Sim, bem razoável!

– Não é bem assim. Você sabe que temos uma história. – Retruco.

– Uma história bizarra, Ethel. Me diz, como vai ser? É isso que tem nesses papéis? Seria um manual da submissão?

– Deixe de ser idiota, Clarisse!

– Realista, meu bem! Agora me fale, já que você é tão inteligente, como será?

– Eu não sei! Pode parar de me pressionar?

– Eu? Te pressionando? Você está prestes a se tornar amante de um ricaço com gostos não só duvidosos como bem violentos e eu que estou te pressionando?

– Não vou ser amante de Domenico! – Me aprumo, relutando contra as palavras de minha amiga, que fazem todo sentido.

– Ah, é verdade, me perdoe o engano. Será sua submissa! Fique exatamente aqui, Ethel, não vá a lugar algum, quero te mostrar algo que curiosamente achei na internet.

– Clarisse, eu já achei tudo que deveria ter achado sobre esse assunto.

– Vamos ver...

Seu tom tem um “Q” de suspense e ao mesmo tempo de certeza. Clarisse levanta do sofá em um único pulo, caminhando decidida até o corredor que leva aos quartos. Aproveito o tempo sozinha, e volto a pegar os papéis, que distraidamente, ela esqueceu por sobre as almofadas nas quais se recostava.

Sem uma única palavra, ela retornou, já com seu laptop aberto, posicionando-o a minha frente, por sobre a mesa de centro. Na mesma hora meus olhos se arregalaram. A imagem de uma mulher acorrentada, completamente despida. Sua bunda está repleta de alfinetes, daqueles marcadores, cravados em sua pele e vários filetes de sangue escorrem, alcançando suas coxas.

Meu queixo despenca e Clarisse, aproveitando meu momento de fragilidade, corre a tela. Dessa vez são anzóis! Correntes grossas pendem do teto, o corpo da mulher, envergado, está a vários palmos do chão e os anzóis a prendem. Prendem seus mamilos, a pele das costas, as pernas... Dessa vez o sangue flui em abundância e preciso fechar os olhos diante do asco e repúdio que a cena me causa.

– Abra os olhos, Ethel. – A voz mansa de Clarisse mistura o pedido

com uma ordem bem objetiva.

Obedeço minha amiga e mais uma vez a tela corre. Cordas e mais cordas rompem a pele delicada de uma oriental. Em sua boca, que saliva ao ponto de espumar, uma bola, que parece ser de látex, correias de couro grossas predem a tal bola, afivelada em seu pescoço, na altura da nuca.

Dois homens aparecem na foto, Um com o membro para fora e uma imensa palmatória na mão. O outro, enfia um tipo de objeto pontiagudo em seu anus, enquanto sua outra mão puxa violentamente seus cabelos. As marcas que as cordas deixam são chocantes. Mais uma vez fecho os olhos, incapaz de continuar tamanha tortura.

– Chega Clarisse! – Me levanto e fecho o laptop, caminhando agitada até a cozinha, onde me sirvo de um copo de água.

– Isso é BDSM, Ethel! Por que tamanho espanto? Você me parecia bastante convicta de que era isso que queria para sua vida a poucos minutos atrás.

– Você está me mostrando o lado esdrúxulo de um todo, Clarisse!

– Não, Ethel. Estou te mostrando a realidade. Submissão não é apenas levar uns tapas e se ajoelhar. É sobre a entrega plena, tudo é válido. Tudo que você conhece é fantasia!

– Nesse mundo quem manda é a parte submissa, Clarisse. É ela que detém todo o poder do relacionamento.

– E Domenico sabe disso? Leva essa regra ao pé da letra? – Minha amiga me fita com seus olhos penetrantes.

– Acredito que sim, uma vez que ele é um dos dominadores mais conceituados e respeitados do seu meio.

– E você concluiu isso depois de levar surras dele?

– Não, Clarisse! Conclui depois que descobri que Domenico e Dom Damon são a mesma pessoa!

Um silêncio estranho se instalou entre nós duas. Uma bolha de tensão tornou o ar da sala rarefeito, insuportável de respirar. Clarisse me observa, sem desviar os olhos, como se esperasse uma decisão minha. Mas que tipo de decisão? Talvez minha amiga espere que eu desista antes mesmo de começar. Mas começar o que?

– Hoje mais cedo, quando nos falamos, prometi que não me intrometeria mais nessa historia, mas lembre-se... – Ela faz uma pausa e volta a abrir o laptop, dessa vez colocando o nome de Domenico em um site de buscas.

– Esse cara, que você pensa amar, será a sua ruína! Ele vai foder sua vida e vai te transformar. Se na sua concepção é junto a ele que encontrará sua liberdade, está enganada! Domenico Fox só vai te algemar ainda mais nas suas

dores, mágoas, consternações e angustias!

Clarisse se levanta e deixa a sala, sem mais uma palavra. Olho a tela do laptop. A imagem de Domenico é clara. Antes era tão difícil achar qualquer coisa a seu respeito e agora, parece que basta digitar seu nome e pluft... Lá está o belo e estonteante rosto, com os olhos glaciais parecendo perfurar minha alma.

Ao seu lado, uma linda e estonteante loira. Seu braço está ao redor da sua cintura e meu lado idiota do cérebro se contorce de ciúmes. “*Meu*”! Afirmando mentalmente, fazendo grande esforço para acreditar no meu devaneio. Voltando a me concentrar na mulher, penso quem será ela.

Talvez uma antecessora, mais uma no abecedário do dominador. Sacudo a cabeça tentando voltar a realidade, Como posso ser idiota ao ponto de considerar a hipótese de que ele realmente vai querer a mim depois de ter isso? Virei o rosto, achando desnecessário continuar a ser torturada pela imagem da loira, que convenhamos, jamais chegarei aos pés!

Peguei os papeis que Leonard me entregou e caminhei desanimada até meu quarto, me enroscando na cama junto a Charlotte, por baixo do edredom. Foleei as primeiras páginas, tentando a todo custo me concentrar, mas as imagens fortes que Clarisse me mostrou, vagam silenciosas, atormentando minha mente.

A luz tímida do sol entra pela janela, atingindo diretamente meus olhos. Merda! Precisava ter me afogado em minha baixa auto estima e ter esquecido as cortinas abertas! Se tem uma coisa que não suporto, é acordar com claridade em meu rosto. Junto as sobrancelhas e levo ambas as mãos ao rosto, em uma tentativa frustrada de me proteger da luminosidade que me cega!

Ainda protegendo os olhos, covo a mão por baixo do travesseiro, buscando por meu celular. Tenho trabalho para fazer hoje na “*Geo Fox*”, além disso, ainda tenho que decidir se vou ou não no chá de bebê de Elise, sem contar o que me espera depois, se realmente concordar em encontrar Domenico e passar o resto do final de semana em sua casa.

Irritada, não acho o celular e deslizo a mão sobre a cama, até onde meu braço alcança. Ótimo, não está em lugar algum! Mais uma vez o mundo conspira contra mim. Charlotte ronrona em algum ponto que não decifro da cama e, derrotada, abro as pálpebras, apertando com força os olhos, me ajustando lentamente a claridade.

Enfim encontro o celular em cima da mesinha de cabeceira. O puxo com a ponta dos dedos e meus olhos abrem de vez! Puta merda! Dez da manhã! Tenho uma tonelada de trabalho para fazer e estou até essa hora refastelada na

cama, como a legítima amante que divide a cama do todo poderoso big boss.

Rezando para que Leonard não tenha ido a empresa hoje, sento na cama em um pulo, ainda com as imagens mostradas por Clarisse azucrinando minhas ideias. Esfrego meu rosto, não tenho tempo para isso, ao menos não agora. Preciso me arrumar o mais rápido possível!

Como não tenho tempo para um banho completo, me jogo no chuveiro prendendo os cabelos em um coque alto. Aproveito e já escovo os dentes ali mesmo, economizando o precioso tempo que perderei ao me observar no espelho, me lamentando pela noite mal dormida e principalmente, pelas olheiras.

Depois de me secar, corro como um raio para o quarto, me enfiando em um conjunto de lingerie rendado vermelho, tudo bem, sexy demais para trabalhar, mas foi o primeiro que achei, um vestido de mangas longas preto, sobretudo cinza e botas de cano alto e salto agulha.

Uma leve olhada no espelho e a luz que entra pela janela faz a superfície refletir em meu rosto. Pensando nas palavras de Clarisse, volto ao passado, lembrando quantas não foram as vezes que acendi uma lanterna dentro do meu minúsculo guarda roupas e permitia que a luz refletida no espelho iluminasse as histórias que eu mesma precisava ler para mim, uma vez que minha avó jamais se deu a esse tipo de afeto.

Saindo do meu transe, pego minha nécessaire de maquiagem, o celular e bolsa, correndo como uma louca para a sala, onde encontro Clarisse, já arrumada e de malas prontas para seu fim de semana de amor e sexo junto a meu chefe. Respiro pesadamente, pior que chegar atrasada quando seu chefe já está trabalhando é ser pega saindo de casa atrasada quando seu chefe não está trabalhando e está comendo sua melhor amiga! Estou muito fodida!

– Oi e tchau! – Falo rapidamente, passando por Clarisse, que fica apalermada, sem entender nada.

– Oi e tchau para você também, amiga.

– Viu as chaves do meu carro? – Corro os olhos por toda a sala, já entrando em desespero.

– Penduradas, onde sempre ficam inclusive.

– Sem tempo para seu sarcasmo, Clarisse.

– Isso tudo é pressa para encontrar Domenico?

– Não meu bem, nem todo mundo tem sua boa vida de não trabalhar aos sábados.

– Você tem regalias, esqueceu que divide a cama com o big boss?

– Honestamente? Te mandar a merda vai ocupar preciosos segundos, os quais, não tenho, mas se sinta lá, ok? – Agarro minhas chaves e corro para a porta.

– Ethel? – Não acredito que Clarisse realmente vai infernizar minha vida exatamente nesse instante!

– O que é, Clarisse?

– Um tal de Alejandro Gomes ligou hoje cedo te procurando. – Parei o que estava fazendo e tentei me recordar de onde conhecia esse nome.

– Alejandro Gomes?

– Pelo que pude entender, ele quer conversar alguma coisa a respeito de sua herança. – Um clique e minha memória volta. Gabriel me deu um papel quando nos encontramos com o número desse tal Alejandro Gomes!

– Se ele ligar novamente, diz que não moro mais aqui.

– Como assim?

– Esse cara andou me procurando em Delaware. Pelo que Gabriel falou, não parece ser lá essas coisas. Um aproveitador, que nem deve conhecer minha avó.

– E por que ele estaria atrás de você?

– Também me fiz essa pergunta, mas não faço mesmo a menor ideia. Prefiro não ter contato e me manter afastada.

– Vou bloquear o numero na lista de chamadas, acho mais seguro. – Clarisse fala, buscando imediatamente o telefone e iniciando a tarefa.

– Obrigada amiga! Agora preciso ir, estou mesmo atrasada e nem um pouco a fim de dar de cara com Leonard. Dê notícias!

– Se eu tiver tempo... – Um sorriso sacana desenha seus lábios.

– Arrume tempo entre uma gozada e outra. – Pisco um olho e abro a porta.

– E você entre uma palmada e outra... – Encaro Clarisse e resolvo ficar calada. Entrar em sua pilha agora não é uma opção!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Passei a manhã negociando com sites sensacionalistas a respeito de todas as “Fake News” que eles não cansam de inventar e pior, publicar. Fiquei pasma ao ver meu nome em meio as fofocas, sempre tão comuns na vida de Domenico. Segundo o pequeno artigo do tabloide eletrônico, o todo poderoso CEO da “Geo Fox” havia sido visto na noite anterior com sua nova conquista, nesse caso, eu.

Essa eu fiz questão absoluta de não desmentir. Se questionada por meu chefe, direi que passou despercebida a matéria e depois disso, vou rezar para a santa protetora das mulheres apaixonadas, para que ele acredite e não me dê uma bela comida de rabo por minha infantilidade.

O que mais me deu trabalho, foi uma reportagem do “NBP”. A matéria, assinada por Susanna, contava em detalhes a perseguição que Domenico sofreu, dando um ênfase fora do normal à parte em que afirma ter sido obra de extremistas islâmicos, nada satisfeitos com a construção de uma base militar norte-americana em território tão perigoso e adverso.

Mandei um e-mail, educado e cortês, solicitando que o artigo fosse retificado na próxima edição. A resposta demorou pouco mais de meia hora, mas quando chegou, me deixou boquiaberta! Susanna Wesley em pessoa se deu ao trabalho de redigir um texto curto e pouquíssimo educado, se negando a desmentir e pior, ameaçando expor ainda mais coisas sobre a vida de Domenico. Repassei todos os e-mails para o departamento jurídico, e é nesse momento que o caso deixa de ser da minha conta.

Passava do meio dia quando me dei conta que precisava comer alguma coisa, saí de casa tão apressada, que acabei não tomando café da manhã. Uma tontura denuncia minha queda de glicose e pressão. Arrumo alguns documentos sobre minha mesa e pego minha bolsa, saindo apressada da sala, ainda pouquíssimo decidida se vou ou não ao chá de bebê de Elise.

O sol fraco de outono é um acalento para o meu rosto. Fecho os olhos e aproveito o contato prazeroso com o vento e o leve calor. Depois que me mudei de Delaware, cidade sempre tão ensolarada, me dei conta do quanto um delicioso dia quente de sol pode fazer falta em nossas vidas.

Caminho sem pressa até a lanchonete da esquina, como hoje é sábado, o movimento na rua é tranquilo e posso me dar ao luxo de não esbarrar em ninguém durante o pequeno trajeto. Um croissant e um refrigerante diet serão o suficiente para aplacar meu estomago, que teima em se contorcer dentro de mim, provocando sons bastante assustadores.

– Ethel? – Uma voz masculina chama meu nome. Corro meus olhos e não encontro ninguém conhecido.

– Ethel Lisa? – Estanco e vejo um homem moreno, alto, na casa dos cinquenta anos e com uma fisionomia não muito amistosa caminhar de forma desgrenhada em minha direção.

Ele para a minha frente, próximo o suficiente para que eu consiga perceber seu cheiro, nada agradável. Uma mistura de tabaco, álcool e suor. De forma defensiva, dou um passo para trás, olhando em torno, em busca de alguém que possa me socorrer caso seja necessário.

– Em que posso ajudá-lo? – Pergunto em um sopro de voz.

– Não reconhece seu próprio pai, garota?

Um imenso buraco se abre por baixo de meus pés, e o que antes era apenas uma leve tontura, se transformou em uma vertigem incontrolável. Meu corpo treme e muito provavelmente não existe uma gota sequer de sangue em meu rosto. O que diabos esse homem está falando?

Desde pequena minha avó sempre contou a mesma história. Meu pai era um cafetão drogado, que arrastou minha mãe para prostituição e vícios e que muito provavelmente estava enterrado em alguma vala de New Castle. Nunca cheguei a conhecê-lo, seu nome sequer consta em minha certidão de nascimento. Assim que nasci, fui entregue a minha avó, jamais tendo um verdadeiro alicerce familiar.

– Qual o seu problema? O gato comeu sua língua? – A voz grosseira e rouca, provavelmente pelo fumo excessivo, me desperta.

– Desculpe senhor, mas deve estar me confundindo com outra pessoa.

– Falo, apertando minha bolsa de encontro ao corpo, permitindo que toda a insegurança que achei ter enterrado desde o dia que vim para Boston tentar ser alguém na vida, volte com tudo.

– Não confundiria meu próprio DNA.

– Meu pai faleceu a anos, senhor.

– Sério que foi isso que a vadia da sua mãe lhe disse? – O homem entorta a boca em um sorriso amarelo e desprovido de alguns dentes.

– Pouco convivi com minha mãe, o que de fato mostra que não temos nenhum tipo de parentesco. Fui criada por minha avó. Sinto muito, está mesmo muito enganado.

– Aquela puta velha! – Arregalo os olhos e um asco me domina quando sinto seus dedos rodearem meu braço com uma força exagerada.

– Ethel Lisa... Fui contra essa bosta de nome, parece nome de égua! Mas, sua mãe insistiu e como estava muito louco, acabei achando de bom grado, afinal, você é mesmo uma égua, assim como ela.

– Solte meu braço, o senhor está me machucando. – Tento puxar o braço, mas a força de seus dedos se multiplica e a dor agora é dilacerante.

– Eu liguei, liguei várias vezes, tentei resolver da melhor maneira, mas você não me deixou opção.

– Você é Alejandro Gomes? – Pergunto incrédula.

– Saber meu nome significa que recebeu meus recados. Que coisa feia, não responder ao seu próprio pai.

– Já falei que não tenho pai! – Um grito histérico escapa pelos meus lábios e vejo os olhos castanhos opacos escurecem e seu rosto se aproximar perigosamente do meu. Prendo a respiração para conter o vômito que se anuncia diante do cheiro insuportável que ele exala.

– Grite mais uma vez e vai levar a surra que sempre tive vontade de te dar! – Chocada, arregalo os olhos e encolho meu corpo. Não consigo mais reagir. Todos os músculos do meu corpo paralisaram.

– O que você quer? – Falo baixo, enquanto sou impelida por sua mão grosseira para o beco ao final da rua.

– Vou direto ao assunto, garota. Já é do meu conhecimento que você está muito bem de vida. Além de ter um ótimo emprego, namora com o cara mais rico dos estados unidos. – Me torturo por não ter contestado a notícia mais cedo. Eu mesma me joguei nessa armadilha mortal.

– Não namoro ninguém, e o que ganho é apenas o suficiente para me manter viva!

– Vai mentir para o papai? – Dedos sujos deslizam pelo meu braço, chegando muito próximo ao meu seio. Dou um passo para trás, mas sou encurralada pela parede, que bloqueia minha tentativa de fugir do seu contato repugnante.

– Não ouse tocar em mim. – Rosno, empurrando seu corpo com ambas as mãos espalmadas.

– Bravinha igual a mãe. Nada que alguns tapas não resolvam. – E foi o que ele fez.

A mão nojenta atinge com violência meu rosto, me desequilibrando. Caí de joelhos, lágrimas escorrendo pela minha face, junto ao gosto salgado do sangue em meus lábios. Não ouse olhar para cima. Fecho os olhos e peço a Deus que essa tortura acabe logo.

Meus cabelos são agarrados e é dessa forma que ele me ergue, obrigando-me a encará-lo em meio as lágrimas que já não consigo mais controlar. Seus olhos faíscam e o que vejo faz meu estomago revirar. Raiva, revolta, cólera, tudo isso misturado a uma dose de desejo abominável.

– Me escute, garota. Sua mãe se meteu em uma merda fodida. Estou sendo cobrado e ameaçado por causa daquela vadia drogada.

– O que você quer? – Lamento, sentindo a pressão de sua mão, que antes estava em meus cabelos, descer para meu pescoço.

– Quero grana, bonitinha. Não cago dinheiro como o seu namoradinho rico.

– De quanto você precisa. – Começo a perder o ar diante da força com que ele segura meu pescoço. Levo minha mão por sobre a dele tentando contê-lo e um sorriso malévolo me arpeia inteira. Meu Deus, ele vai me matar!

– Alguns milhares de dólares e depois, podemos negociar uma boa mesada. Seria uma imensa ingratidão deixar seus pais passando necessidade enquanto você leva uma vida tão cheia de luxos e regalias.

– Eu não tenho milhares de dólares. – Respondo e levo outro bofetão. Dessa vez cambaleio e caio sentada no chão, batendo com a cabeça na beirada de uma imensa caçamba de lixo.

– Já falei para não mentir para o papai. Isso é feio, Ethel Lisa...Muito feio!

Ele arranca minha bolsa que estava pendurada em meu ombro e começa a remexer em seu interior, achando minha carteira. Olho para cima e o vejo retirar os poucos dólares que carrego, enfiando as notas apressadamente no bolso do jeans sujo e surrado. Sua atenção se volta mais uma vez para a bolsa e achando estar segura, me rastejo, tentando ficar de pé e correr de volta para o prédio da “*Geo Fox*”.

Minha intenção foi descoberta antes mesmo que eu tivesse a oportunidade de me colocar de pé. Sinto o forte impacto de sua bota atingir a boca do meu estomago e nesse instante, sei que estou rendida e que nada mais posso fazer. Estou nas mãos de um homem completamente desconhecido, a mercê das suas vontades e sem qualquer possibilidade de escapar.

– Para quem tem tantos cartões de credito, você anda com bem pouco dinheiro na bolsa, garota.

– Eu posso sacar, mas não tenho muito. – Tento falar o mais alto que consigo, mas a dor me consome e a única coisa que consigo é um sussurrar.

– Amanhã.

– O que?

– É surda ou é burra como sua mãe? Falei que amanhã. Quero o

dinheiro na minha mão amanhã, no final do dia.

– Como posso te dar o dinheiro se nem sei a quantia? – Choramingo.

– Trezentos e cinquenta mil dólares, bonitinha.

Sua bota se enfia por baixo do meu vestido. Aperto as coxas tentando evitar o contato com meu sexo, mas a força que ele impõe vence minha tentativa. O bico podre e sujo roça minha calcinha e solto um lamento apavorado, empurrando desesperadamente sua perna com minhas mãos.

– Não tenho esse dinheiro. Tenho cerca de trinta mil dólares de economia. É o máximo que consigo. – Um chute certo atinge meu sexo e jogo meu corpo para frente, sem suportar a dor que me atinge.

– Essa é a vantagem de dar essa bocetinha gostosa para um cara tão rico, garota! – Ele roça meu clitóris com a bota. Mesmo tentando com toda força afastar sua perna, só consigo um sorriso pervertido como resposta.

– Eu não tenho como arrumar esse dinheiro todo, aceite os trinta mil...

– Não consegui terminar minha frase.

O homem, muito mais alto e forte que eu, volta a agarrar meus cabelos e me erguer, dessa vez, meus pés mal tocam o chão diante de sua fúria corrompida e imoral. Sua mão livre se enfia por baixo do meu vestido, tento segurá-lo, mas a pressão que ele impõe ao puxar meus cabelos, me enverga o corpo, me proporcionando faltar o ar.

Os dedos nojentos deslizam pela minha lingerie e ele lambe meu rosto. Tento gritar, mas minha garganta se encontra travada diante do pânico que me consome. Fecho os olhos e espero pelo pior. Ele enfia um dedo em mim, depois outro e depois mais um. A sensação precede a dor! É como se estivesse sendo rasgada por inteiro.

– Está sentindo isso, garota? – Ele empurra mais um dedo dentro de mim. Agora minha angustia se materializa com quatro dedos imensos enfiados em meu sexo, estocando profundamente, me causando a maior e pior dor de toda a minha vida.

– Garanto a você que se amanhã, até o final do dia, eu não estiver com a grana na mão, sentirá bem mais, muito mais que isso.

Ele retira os dedos com brutalidade, me empurrando contra a lixeira, me fazendo despencar mais uma vez de encontro ao chão úmido e sujo. Machucada, dolorida e sem opções, me mantenho calada, a espera do próximo passo do homem. Alguns segundos se passaram e ouço apenas sua respiração ofegante.

– Sei onde mora, Ethel Lisa e já vi o quanto sua amiguinha é gostosa. Vou foder você e ela. As duas juntas!

– Eu vou arrumar o dinheiro. – Falo em desespero.

– Acho bom, garota. Não vai gostar de ver o papai irritado. Eu ligo, marcando o local.

Ele cospe em mim. Baixo meu rosto ao sentir a saliva fedida e gosmenta escorrendo pela minha bochecha. Um soluço me escapa e não sou mais capaz de conter a tremedeira em meu corpo. Me entrego ao pranto, sem me importar com o homem que parece se deliciar diante a minha reação.

– Fraca! Você é igualzinha a sua mãe. Um bosta de mulher fraca! Só serve mesmo para foder!

Um último chute e escuto seus passos se afastando. Deito meu corpo sobre o asfalto gelado, gemendo de desespero, despejando uma enxurrada de lágrimas que me sufocam e me levam de volta a uma etapa da minha vida que achei ter esquecido. Ali permaneço, perdida no tempo, largada em meio as minhas lembranças, sem conseguir pensar em mais nada.

Já estava escuro quando despertei. Atordoadas, corro os olhos ao redor tentando me encontrar e tremo de frio. Sinto minha roupa molhada e o corpo todo dolorido. Piscando, consigo perceber onde estou e tudo que achei ser um grande pesadelo, se materializa diante do estado que me encontro.

Estico meu braço e tento alcançar minha bolsa. Minha primeira tentativa foi fracassada, é muita dor, simplesmente não consigo! Respirando fundo, estico mais uma vez, impulsionando meu corpo e enfim, alcançando a alça. Uso de toda energia que me resta para puxá-la em minha direção, e quando enfim consigo, me jogo sobre o couro molhado, desfalecendo mais uma vez de dor e cansaço.

Alguns bips me despertam. Com dificuldade, abro meus olhos e não consigo evitar franzir a testa, diante da dor em uma das minhas têmporas e na lateral do corpo. Involuntariamente, levo uma das mãos ao local, me deparando com alguns tubos presos em meu braço. Piscando os olhos, vejo uma figura feminina, vestida toda de azul me observando atentamente.

– Bem-vinda de volta, Ethel. – A voz doce e conhecida me desperta de vez.

– Vick! – Falo baixinho, agora com a certeza de estar em um hospital.

– Olá, que bom que me reconhece, já posso descartar, sem a necessidade de uma tomografia, o traumatismo craniano. – Ela sorri divinamente e eu, bom, eu não sei ao certo o que falar e nem ao menos se consigo fazê-lo.

– Como vim parar aqui? – Consigo formular a pergunta, já me sentindo mais desperta.

– Uma senhora a viu caída em um beco, bem próximo ao prédio onde

trabalha. Pelo que pude perceber, parece que você foi vítima de um assalto, dado que nem seu celular encontramos em sua bolsa.

– Um assalto? – Tento forçar a memória, com pequenos fragmentos do ocorrido começando a se juntar em minha mente, como um tenebroso quebra cabeças.

– Sim, querida. Um assalto. Além das escoriações leves, o que me faz acreditar que a senhorita reagiu, apenas um corte no supercílio esquerdo, que precisou de três pontos, e uma costela quebrada. Fora isso, você está bem. Mas, preciso te fazer uma pergunta.

– Que pergunta? – Foco em seu rosto, que agora está bem sério.

– Ouve algum tipo de abuso sexual? Você foi encontrada totalmente vestida, portanto, não havia indícios suficiente para que fizesse o exame sem sua prévia autorização, de qualquer maneira, não custa perguntar para ter a certeza. Caso tenha acontecido, não se sinta envergonhada, Ethel. Chamarei um ginecologista que poderá atestar o fato.

– Não! Não aconteceu nada. – Desvio os olhos para não entregar minha mentira.

– E Clarisse? – Pergunto apavorada, tentando mudar o foco da conversa.

– Tentei entrar em contato com ela, mas seu número só dá desligado. Sabe por acaso onde ela está?

– Ela foi passar o final de semana fora, com Leonard. Talvez não tenha sinal onde estejam. – Tento me sentar e fica impossível conter um gemido de dor. Vick oferece sua mão, me ajudando com os travesseiros.

– Que horas são? – perdida no tempo, não faço a mínima ideia de quanto tempo levei para ser encontrada e trazida para o hospital.

– Onze e meia. – Vick responde depois de olhar seu relógio de pulso.

– Merda! – Falo agitada.

– Merda foi o que você passou. Agora está sã e salva aqui, bem guardadinha e cuidada! Por falar nisso, esperei que acordasse para perguntar: Quer que chame a polícia para fazer um boletim de ocorrência a respeito dos objetos furtados?

– Não! – Pigarreio diante da ênfase que dei a palavra antes de continuar.

– Não vejo necessidade. Foi apenas um celular e vinte dólares que tinha na carteira. Seria em vão. Jamais vão achar o cara. – Completo, revirando os olhos, tentando parecer o mais natural e conformada possível.

– Isso é verdade! De qualquer forma, vou pedir uma dieta bem leve para você, e depois disso, vamos ver como vai se sentir. Caso fique tudo bem, te

dou alta ainda hoje. Quer que eu chame alguém? Talvez o bonitão do Fox? – Ela me dá uma piscadela e forço um sorriso amarelo. A última pessoa que quero por perto é Domenico.

– Realmente não é necessário, Vick. Estou bem. Tirando essa dorzinha chata que sinto ao respirar, não sinto mais nada.

– Seu corpo ficará dolorido por alguns dias, Ethel. Vou te passar uns analgésicos e dar um atestado, afastando-a do trabalho por sete dias. Caso nesse tempo não melhore, volte a me procurar que estendo o prazo, tudo bem?

– Obrigada, Vick!

– Não tem o que agradecer! Apenas seja mais cuidadosa e não fique andando sozinha por aí, Boston não é como New Castle, Ethel, existem pessoas bem ruins por aqui.

– Pode deixar, prometo tomar mais cuidado.

– Repouse mocinha, tente curtir esses dias com uma boa leitura ou assistindo séries. Nada de rua! Você precisa descansar para se recuperar. – Se abaixando, Vick deposita um beijo em minha testa e me comovo com o carinho. Um lampejo passa por minha cabeça e seguro seu braço quando já estava se virando para se retirar.

– Vick, poderia me fazer um favor?

– Claro querida, basta me pedir.

– Não comente com ninguém o que aconteceu, principalmente com Clarisse, ao menos até segunda feira. Não me perdoaria se estragasse seu final de semana romântico com Leonard.

– Depois de tanto tempo encalhada, isso seria até uma afronta. Pode deixar, vou ficar de bico calado. Se ela retornar minhas ligações, invento uma desculpa qualquer.

– Obrigada, você é um anjo!

Vick pisca um dos olhos e ajeita seu estetoscópio no pescoço, sorrindo docemente para mim antes de se virar e sumir entre a infinidade de outras pessoas com roupas iguais as suas. Tento voltar no tempo e acabo me dando conta que estou mesmo muito fodida. Como vou conseguir trezentos e cinquenta mil dólares em menos de vinte e quatro horas?

CAPÍTULO BÔNUS



Onde diabos ela está? – Volto a caminhar de um lado para outro, me servindo de mais uma dose de uísque.

Não tenho notícias de Ethel desde aproximadamente o meio dia, quando fiquei sabendo que ela deixou as dependências da “Geo Fox” sozinha. Depois disso, não foi mais vista. Liguei para Elise, fazendo um esforço sobre humano para dobrar meu orgulho, e fiquei sabendo que ela também não esteve por lá.

Quando já passava das oito, decidi por enviar Scott até sua residência. Ela também não se encontrava em casa. Segundo o porteiro, havia saído por volta das dez da manhã e ainda não tinha retornado. A verdade é que não sei se fico preocupado ou muito puto da vida.

Tentei o telefone de Leonard, uma vez que está passando o final de semana com a tal Clarisse, que por sua vez, conhece todos os passos de Ethel. Sem sucesso. O número está desligado. Passo as mãos pelos cabelos odiando meu melhor amigo nesse instante por não conseguir um contato que me dê ao menos alguma informação sobre Ethel.

Meu telefone vibra sobre o sofá e corro para atendê-lo. Olho o visor e reconheço o número na mesma hora. O que esse homem quer agora? Sem um pinga de paciência, resolvo que está na hora de colocar um ponto final em toda essa merda. Deslizando o dedo sobre a tela, atendo a porra da ligação.

Desço do carro com destino ao fétido bar indicado pelo pilantra que vem me desgastando a dias. Meus passos são largos e irritados quando atravesso a rua, Scott está ao meu lado e por precaução, trouxe mais dois seguranças, que se mantém um pouco mais para trás.

Assim que alcancei a porta do estabelecimento, Scott a abre prontamente, liberando meu acesso ao recinto, me seguindo de perto, com os olhos de águia percorrendo todo o local em busca de qualquer coisa que possa me colocar em perigo. Sempre zeloso e extremamente profissional, Scott se tornou essencial em minha vida.

O babaca que me aguarda não faz a menor ideia, mas já estou a par de todas as suas falcaturas a algum tempo. Desde que fui seguido, fiz questão de

revirar sua vida ao avesso, reconhecendo o inimigo e me antecipando aos seus atos. Não é uma surpresa ter recebido sua ligação. Surpresa ele terá, ao ser confrontado.

Gosto de agir no calor do momento, e esse é o momento mais quente. A ausência de Ethel e a insistência desse homem, me desviaram da sempre tão fria conduta a qual me acostumei. Estou irritado e espero que o pobre coitado perceba o risco que está correndo. Não terei misericórdia!

– Está mesmo certo que deseja encontrar esse homem, chefe? – Scott me pergunta com voz tensa. Por ser um ex agente da CIA, claro que nem sempre aprova meus métodos, mas, dotado de um imenso bom senso, sabe que não é pago para discutir comigo, mas sim para me ajudar, seja dentro ou fora da lei.

– Não sou um homem de voltar atrás, Scott. – Respondo impaciente.

– Tente ser coerente, chefe. Esse cara está atrás de confusão. – Sua voz é baixa, enquanto seus olhos castanhos me fitam com preocupação.

– Se era atrás de confusão que estava, acabou de encontrar. – Rosno, caçando o infeliz pelas poucas mesas ainda ocupadas. Já passa da meia noite e boa parte da clientela já foi embora.

– Ei, bonitões, sinto muito, mas já fechamos. – Uma jovem vestindo short jeans e camiseta branca, uniforme bastante apropriado para a espelunca, nos interpela.

– Você tem exatamente meio minuto para sumir da minha frente. – Digo, olhando-a de forma intimidadora e adentrando o espaço, ouvindo a moça engolir em seco.

– Senhor, desculpe-me, mas não pode... – Viro meus olhos para ela, que imediatamente se cala.

– Eu posso tudo! – Meu tom arrogante a faz estremecer visivelmente.

– Chefe... – Scott geme com reprovação, mas não ousa me contestar. Já a garota, sai tropeçando nas próprias pernas, sumindo em direção ao bar.

– Claro que você pode tudo. Domenico Aron Fox em pessoa. É um prazer conhecê-lo. Não gostaria de se sentar? – O homem maltrapilho sentado a mesa a nossa direita se manifesta. O encaro e estreito os olhos.

– Esse não é um encontro entre amigos, Sr. Gomes. Me poupe de sua falsa formalidade. – Digo friamente, dando dois passos largos, segurando o encosto da cadeira. Olhos castanhos que antes me olhavam com certa altivez, se tornam opacos e seu semblante muda diante a minha postura hostil.

– Não acha melhor baixar a guarda? Temos muita coisa para discutir, Sr. Fox.

– Não tenho porra nenhuma para discutir com um verme como você. – Mantenho minha voz controlada e baixa, embora minha vontade seja enrolar

minha mão em seu pescoço e apertá-lo, até extirpar todo o ar de seus pulmões.

– Vamos apenas tratar de negócios, Sr. Fox. – O homem fala, desviando os olhos para Scott, que mantém a mão propositalmente por dentro de seu paletó, deixando claro que está armado e não está para brincadeiras.

– Acredito que seus negócios não agreguem em nada os meus, Sr. Gomes. – Rosno e o homem a minha frente suspira alto, dando uma longa golada na bebida de péssima qualidade que consome.

Puxo a cadeira e me sento, chamando a garçonete e pedindo o melhor uísque da casa. A postura agressiva de Alejandro Gomes muda. Talvez o provérbio esteja certo... A culpa condena antes mesmo da sentença. Estreito meus olhos sobre o homem, segurando o copo que a garçonete acaba de deixar sobre a mesa.

Lentamente, levo a bebida a boca, sorvendo um pequeno gole. Como já imaginava, péssima qualidade! Mas, sendo o que tem, preciso me contentar com a quentura amarga que escorrega por minha garganta. Mantenho meus olhos treinados em meu oponente. Alejandro Gomes agora aparenta estar tenso, como se meu silêncio o incomodasse.

– Direto ao ponto, Sr. Gomes. – Digo sem desviar meu olhar do verme sujo e maltrapilho a minha frente.

– Melhor pedir que seu leão de chácara relaxe, Sr. Fox.

– Acredite em mim, ele está relaxado. Você não gostaria nem um pouco de vê-lo tenso. – Ranjo os dentes e viro de uma só vez o líquido restante do copo, que queima garganta à baixo.

– Tenho uma proposta para fazer. – O homem abre um sorriso amarelo, mostrando a falta de alguns dentes.

– Que proposta? – Mais rosno do que falo diante de sua ousadia. Quem esse merda pensa que é para me fazer qualquer tipo de proposta?

– Conversei com minha filha hoje mais cedo. – Franzo a testa, sem entender o que o homem está falando.

– Conversou com Ethel?

– Nos falamos sempre, Sr. Fox. Talvez ela tenha escondido isso, por motivos óbvios.

– Não consigo pensar em motivos óbvios para se esconder a família. – Estalo o pescoço, tentando aliviar a tensão que começa a me fazer perder o pouco controle que ainda me resta.

– Acontece o seguinte. Minha filha iria te arrancar até o último centavo sem que nem percebesse. Aquela carinha de anjo esconde uma cadela vadia, assim como a mãe. – Meu corpo se retesa e giro meus olhos, na direção de Scott, que parece tão surpreso quanto eu com as palavras do homem.

– Ela te falou isso? – Vocifero, fazendo o homem se jogar contra o encosto da cadeira, recuando o máximo que consegue, talvez buscando estar fora do meu alcance.

– Ela armou tudo isso. Ficou meses bolando esse plano, Sr. Fox. Se fez de fácil quando foi conveniente e de difícil quando necessário. Minha menina tem talento e sabe ser bem paciente quando foca em uma missão.

– E você perseguiu meu carro e vem me ligando insistentemente apenas para me avisar sobre as más intenções de sua filha? – Bufo em desdém, desconfiado que a historia não é bem como ele conta, mas resolvo dar asas e ver até onde ele vai chegar.

– Só não achei justo. Você me parece ser um cara legal. Além do mais, acho que merecia uma bela recompensa por ter sido fiel aos meus princípios.

– Eu não sou um cara legal, Sr. Gomes. Lembre-se disso! Quanto aos seus princípios, acho-os bastante questionáveis, mas creio não ser o assunto me pauta no momento. – Rosno e deposito com força o copo sobre a mesa, ajeitando meu terno, deixando o homem angustiado com minha indiferença ao assunto.

– Vou me lembrar, Sr. Fox. – Patético!

– Vamos recapitular. Ethel, sua filha, armou um plano para se aproximar de mim e arrancar o máximo de dinheiro que pudesse, certo?

– Sim, foi o que disse. – Ele assente com a cabeça enquanto fala.

– Sabe que pela lei, apropriação indevida de dinheiro, com confissão, o que é o caso, gera uma pena de até quinze anos de detenção, não sabe, Sr. Gomes? – O homem nada fala, apenas me observa e uma ideia absurda surge. Sem pensar muito, monto meu plano e começo a colocá-lo em prática.

– Mas, como sou um cara legal, existe uma coisa que pode fazer, e assim, se livrar de parar atrás das grades junto a sua tão estimada filha.

Seu rosto mostra imensa confusão de início, logo se iluminando, talvez acreditando que vá se livrar facilmente da tentativa de extorsão. Acontece que ninguém engana Domenico Fox e sai impune. A fera que vive em mim volta a reinar e tudo que quero é me vingar, tanto de Alejandro Gomes, quanto de Ethel Lisa Willians. Quem com ferro fere, com ferro será ferido, já dizia minha avó.

– Não tem esse poder, Sr. Fox. Não fiz nada de errado, vim na melhor das intenções avisá-lo sobre o quanto Ethel pode ser perigosa. – O desdentado fedorento tenta me afrontar com sua falsa inocência.

– Será? – Apenas sorrio, sabendo que verdadeiramente não detenho tamanho poder. Nada que foi falado aqui realmente pode gerar um processo jurídico, mas, ser superiormente inteligente, tem lá suas vantagens.

– Sr. Fox... – O interrompo apenas com um olhar. Aquele que antes tentava me afrontar, agora treme diante a mim, como um cordeiro o faria prestes

a ser caçado por um lobo.

– Acredite quando digo que tenho, Sr. Gomes. Uma coisa que esqueci de mencionar: Meu leão de chácara é um ex agente da CIA, e tem contatos bem fortes dentro da instituição, sendo assim, seria como tirar doce de criança trancafiá-lo pelo tempo que eu desejasse, não só por esse crime. Digamos que sua ficha é bem extensa. – Seus olhos se esbugalham e seu maxilar se comprime. Reação que particularmente, muito me agrada. Objetivo atingido.

– Mas, como disse, tem uma coisa que pode fazer para não ir parar na cadeia.

– Me diga e eu o farei, Sr. Fox. – O homem solta o ar que estava prendendo de forma ruidosa e ridícula. Seu rosto de enche de alívio. Rio internamente, ansiando meu próximo passo, onde irei destroçá-lo.

Me levanto e enfio as mãos nos bolsos, caminhando ao redor da mesa, criando uma maior expectativa. Depois de duas voltas completas, paro a sua frente, encarando-o de maneira implacável por tempo o suficiente para fazê-lo se sentir desconfortável. Sorrio com deboche. De caçador o babaca virou minha caça.

– Quero Ethel. – Suas sobrancelhas se juntam, em uma confusão hilariante.

– Não consegui entender...

– Claro que não, é ignorante demais para isso. – Rio cinicamente, observando o verme estremecer quando apoio ambas as mãos sobre a mesa e aproximo meu tronco do seu rosto.

– Estou ficando velho, e na verdade, por mais sem vergonha que sua filha o seja, ela me atrai muito fisicamente. Vou me casar com Ethel! – Seu rosto se contorce, finalmente compreendendo o que quero.

– Ela jamais irá aceitar isso! – O escroto pragueja.

– Claro que não, e pelo que posso perceber, você não é lá muito confiável para dissuadi-la. Façamos o seguinte, nossa conversa de hoje nunca existiu. Vou deixar Ethel pensar que nada sei sobre seu plano, deixar ela pensar que está obtendo sucesso, oferecê-la ótimos benefícios, quem sabe até engravidá-la e depois tirar-lhe o filho. – Debocho, vendo seus olhos arregalarem.

– Acha mesmo que ela seria idiota de engravidar de você? Ethel jamais te entregaria seu bebê. Foi abandonada pela mãe, se tem uma coisa que ela preza, é por isso.

– A ambição vence qualquer vínculo sanguíneo, Sr. Gomes. Se é dinheiro que ela quer, ela o terá, contanto que, caso isso aconteça, me entregue o bebê e suma de uma vez da minha vida! Ethel pagará sua dívida comigo com seu mais profundo e intenso trauma.

– E como fará isso? Acha que ela não irá desconfiar? Ethel não é burra, vai te enrolar por anos, jamais te dando um filho.

– É exatamente aí que você entra. Meu advogado irá procurá-lo amanhã logo cedo. Um contrato será redigido, nele existirão cláusulas, a principal é que depois de receber determinada quantia em dinheiro, não voltará a me importunar e jamais entrará em contato com Ethel. Ela não pode saber que estou ciente de seu plano, qualquer indício disso, interpretarei como quebra de contrato e, além de precisar devolver meu dinheiro, ainda acabará passando o resto da sua existência atrás das grades.

– Isso não a fará te entregar o bebê. Posso até assinar o tal contrato, dependendo é claro, do valor estabelecido.

– Eu dou as cartas, Sr. Gomes. Garanto que o valor será satisfatório. Quanto ao bebê, isso fica por minha conta. Entenda, é isso ou a cadeia. Escolha agora! – Volto a enfiar as mãos nos bolsos e encará-lo com frieza.

– Fechado. – O babaca estica sua mão em minha direção, simulando um acordo entre cavalheiros. Nunca vi nada mais patético em toda minha vida.

– Não aperto a mão de fracassados, Sr. Gomes. A partir de hoje, espero nunca mais precisar ouvir o seu nome! Tenha uma excelente e proveitosa noite.

Scott se encarrega de anotar seu endereço, não aguento ficar mais um segundo sequer nessa espelunca asquerosa. Aperto os olhos e me dou conta do que acabei de fazer. Falei mesmo sobre ter um bebê com Ethel? Sim, falei! Se quero feri-la, que seja então da forma mais indecente possível.

Existe castigo maior para uma mulher do que gerar um filho e depois precisar entregá-lo a alguém sem a possibilidade de manter qualquer tipo de contato? Não fazia ideia do abandono sofrido por Ethel em sua infância, mas preciso admitir, caiu como uma luva.

Abro a porta com impaciência, apertando os dedos contra as têmporas, que fisgam violentamente. Tudo que preciso é me reajustar a realidade, sair da presença desse rato nojento e colocar meu plano em prática. Você não faz ideia do que te espera, Ethel Lisa! Se era o monstro que queria, será o monstro que terá!

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Saio do elevador e caminho com imensa dificuldade até a porta. Ando pela sala, meio sem rumo. Mesmo distante daquele homem nojento, ainda me vejo em um clima estranho, bem pesado, que parece não querer me abandonar. Estremeço ao relembrar os abusos que sofri, e como se não sentisse mais dor alguma, corro como uma louca para o quarto, me enfiando no chuveiro, esfregando minha pele o mais forte que consigo, a fim de eliminar qualquer vestígio do contato asqueroso.

Felizmente, Vick não se preocupou em fazer um exame ginecológico. Seria humilhação demais, mesmo porque, precisaria do meu consentimento para isso, coisa que desacordada, seria impossível que eu o fizesse. Dou graças a deus pela ética médica precisar ser respeitada.

Me sinto uma merda ao me lembrar que menti para ela, mas na atual circunstância, qualquer coisa que eu faça contra Alejandro Gomes, pode agravar ainda mais minha situação. Com a testa encostada no ladrilho gelado, permito que a torrente de lágrimas flua, em uma tentativa frustrada de acalmar meu coração.

Como vou conseguir essa merda de dinheiro? Sumir seria a opção mais viável, mas, em hipótese alguma colocaria a vida de Clarisse ou até mesmo a de Domenico em risco. Meu recém descoberto pai, não pensaria duas vezes antes de fazer algum tipo de mal a eles.

Me enfio em meu roupão sem me dar ao trabalho de me secar e meto alguns comprimidos na boca, pouco me importando com a dosagem recomendada por Vick. Minha mente embaralhada não acha uma saída viável para a situação que me encontro. Poderia pedir um adiantamento na “Geo Fox”, mas acredito que nenhuma explicação que desse justificaria uma quantia tão exorbitante.

Me jogo na cama e Charlotte se aconchega ao meu lado, quieta, sem emitir um único som, como se soubesse a enrascada em que sua dona está metida. Clarisse talvez possa me ajudar, quem sabe um empréstimo com seus pais... Mas são trezentos e cinquenta mil dólares! Vou levar a vida inteira

trabalhando e fazendo muita hora extra para conseguir quitar a dívida.

Fecho os olhos e me deixo ser absorvida pela dor. Dor mais na alma do que física. Olhos azuis glaciais ocupam meus pensamentos e não consigo conter um arquejo saindo da minha boca. Sinto um baque forte por dentro ao imaginar a remota possibilidade de ter que me afastar de Clarisse, minha melhor, única e leal amiga e do homem que amo, por mais maluco e obsceno que ele o seja.

A quase um ano atrás, saí de New Castle com destino a Boston em busca da minha liberdade. Esqueci quem eu fui, esqueci tudo que passei, esqueci as humilhações constantes sofridas, os maus tratos de minha avó, toda a falta de amor em minha conturbada infância.

Vim em busca da felicidade que nunca tive. Execrei o que minha mãe havia se tornado, deletei seu abandono e a todo custo, tentei justificá-lo culpando o bastardo que a havia levado para o mundo da prostituição e drogas. Hoje percebo que as coisas não foram bem assim. Ela está junto a ele, se permitindo ser abusada e pior, sendo conivente com a chantagem que ele está me submetendo.

Fecho os olhos pesados devido a quantidade excessiva de analgésicos que ingeri e adormeço entre soluços. Uma nuvem negra ocupa meus sonhos, a dor, o cansaço e principalmente o medo me faz ter pesadelos terríveis e, em todos eles, alguma coisa muito ruim acontecia com Domenico.

Meus olhos piscam com a claridade que entra pelas janelas. Cortinas abertas! Como eu odeio quando esqueço de fechá-las. Tento me virar e a dor na costela quebrada me atinge em cheio. Arfando, busco por ar e permaneço alguns minutos imóvel, tentando me acostumar com a sensação desconfortante.

– Tudo bem, Ethel... Você consegue. – Falo comigo mesma, tentando me encorajar.

Com extremo cuidado, me sento na cama. Meus movimentos ainda estão letárgicos, preciso lembrar de pegar mais leve na quantidade de analgésicos. Lentamente coloco os pés no chão, respirando profundamente antes de pegar impulso e enfim, conseguir me levantar.

Com a visão turva, tato as paredes, até encontrar a porta. Com muito sacrifício saio do quarto, com as mãos espalmadas cada uma em uma das paredes do corredor, caminho vagarosamente, rindo da minha própria desgraça de forma conspiratória. Quando estou virando o que acho ser a junção do corredor com a sala, colido em cheio com um corpo grande e absorvente. Muito absorvente!

Um perfume amadeirado bastante sutil provoca meus instintos ao

flutuar em minhas narinas. Mão grandes e ao mesmo tempo delicadas se agarram em minha cintura com firmeza. Pisco desesperadamente, tentando entender o que está acontecendo, mas só consigo arfar e estremecer quando sinto meu corpo colado, alinhado perfeitamente ao desse alguém enorme.

Confusa, espalmo seu peitoral amplo e sólido, não conseguindo entender nada do que está acontecendo. Será que ainda estou sonhando? Os pesadelos enfim se extinguiram e deram lugar a essa deliciosa viagem ao paraíso? A única coisa que tenho certeza é: Se for um sonho, não quero nunca mais acordar. Meu corpo, mesmo bastante dolorido, enlouqueceu diante do contato forte e inesperado.

Tentando focar em alguma coisa, observo um queixo forte, quadrado, bem másculo e por barbear, na verdade vejo dois, dado o quanto os remédios ainda afetam minha visão. A penugem arruivada não esconde as deliciosas covinhas e muito menos a tentadora boca, que tento a todo custo enxergar com maior nitidez. Impossível. É remédio demais contra minha libido!

Levanto minha cabeça e acho que nossos olhares se encontram. Um arquejo escapole por minha boca diante da intimidade que sinto ao contato. Um choque de energia se espalha por minha coluna quando finalmente consigo identificar olhos azuis gelados, que me parecem vagamente familiar.

Ele também parece me conhecer, me encarando fixamente e não consigo esconder meu fascínio. Esse homem é sem dúvida alguma o mais lindo que já vi em toda a minha vida, e sei disso mesmo não conseguindo enxergar quase absolutamente nada! Um flash fugaz de calor cruza o seu olhar e ele me puxa para mais perto. Engasgo ao sentir a dor me consumir e nesse momento, percebo que não estou sonhando.

– Ethel? – Sussurra em uma voz rouca e profunda que faz meus mamilos se arrepiarem. Arquejo mais uma vez, totalmente sem controle do meu corpo, que já não se sustenta mais de pé.

– Quem é você? – Franzo o cenho, despencando de vez nos braços fortes, que agora suportam meu peso, me acolhendo em seu colo e me carregando com certa aflição para o que acredito ser o sofá.

– Ethel! – A voz estridente e estranhamente aguda de Clarisse me arranca do torpor medicamentoso.

– Domenico... – Pisco os olhos e reconheço meu salvador. Suas feições estão estranhas. Uma mistura de preocupação e ao mesmo tempo total indiferença. Talvez sejam meus olhos, que ainda teimam em se fechar e enevoar tudo a minha volta.

– Você está bem? – Olhos azuis glaciais estão sobre mim e não precisa mais do que isso para meu coração saltar pela boca. Meu corpo esquenta e sorrio

de leve, me deparando com um olhar duro, quase cínico.

– Vou repetir a pergunta, Ethel. Você está bem? – A voz áspera me pega desprevenida. Por que diabos Domenico está puto comigo?

– Estou com dor... – Lamento bem baixinho.

– Que merda, Ethel! Me afasto apenas um final de semana e olha só o que acontece com você! – Dessa vez é Clarisse quem fala, pisco os olhos tentando me fixar em sua direção.

– Acho melhor chamar um médico. Ela não me parece bem. – A voz de Domenico volta a soar, me causando aquele arrepio característico de sempre.

– Vou ligar para Drew! – Clarisse se manifesta, acho que esquecendo que ela própria é uma médica.

– Falei um médico, não um playboy metido a Dom Juan. – Satiriza Domenico.

– Seja lá para quem forem ligar, o façam, e rápido! – Leonard?

– Gente...Por favor! – Gemo baixinho esfregando os olhos, enfim conseguindo enxergar com um pouco de mais clareza.

– Eu estou bem. Só um pouco dolorida. Vick provavelmente excedeu a quantidade necessária de analgésicos e por isso me encontro tão confusa. Já vai passar. – Me sento no sofá, segurando o lado em que a costela quebrada tanto me incomoda.

– O que aconteceu, Ethel? – É Domenico que me interpela.

– Fui assaltada. – Seu semblante se fecha, a boca forma uma linha reta em claro desagrado. O que foi que eu disse para deixá-lo tão irritado?

– E quando isso aconteceu? – Mais uma vez é ele que se manifesta.

– Ontem, assim que deixei a “Geo Fox”. – meu corpo congela ao lembrar o ocorrido. Só agora me dou conta da realidade e volto a ter consciência da merda em que estou atolada.

– Ontem foi domingo, Ethel. Você não esteve na empresa. – Domenico senta ao meu lado e seu tom de voz se faz mais complacente.

– Você está apagada desde sábado? – Clarisse grita histérica e vejo Leonard tentar contê-la, acariciando de leve seu braço, coisa que Domenico deveria estar fazendo comigo, principalmente depois de saber pelo que passei.

– Saí do hospital já era madrugada, Clarisse. Não me recordo de muita coisa, tomei muitos remédios para dor.

– Posso saber por que não me ligou? – Domenico cola seus olhos aos meus, parecendo querer arrancar alguma coisa de mim. Sim, ele está mais estranho do que costumeiramente o é.

– Roubaram meu celular...

– E você não sabe o telefone de Clarisse? – Ele indaga franzindo a

testa daquele jeito deliciosamente sexy só dele.

– Não, eu não sei... Está tudo na minha agenda. – Falo me justificando e envergonhada pela mentira deslavada. Depois do perrengue que passei com meu carro quebrado no dia em que embarquei para Boston, tratei de decorar o número de Clarisse e fiz questão de anotar todos os números importantes na agenda do telefone. Vick ligou para Clarisse e me questionou se queria que ligasse para Domenico.

– Isso explica muita coisa. – Domenico se levanta e caminha nervoso pela sala, que parece minúscula diante a sua presença.

– Explica exatamente o que? – tento acompanhar seus movimentos, mas minha cabeça ainda gira e uma náusea gigantesca me toma, me forçando a puxar o ar ruidosamente.

– Vamos deixar isso para depois, Ethel. Agora precisamos levar você a um hospital decente e fazer uma série de exames.

– Por acaso está insinuando que o hospital em que trabalho não é sério, Sr. Fox? – Clarisse, aprumada como um galo de rinha, se senta ao meu lado.

– Não, apenas quero levá-la a um médico de minha confiança. – Domenico rebate.

– Caso não se recorde, eu sou médica e acredite, mais de confiança do que eu impossível, principalmente quando o assunto é minha melhor amiga! – O tom áspero de Clarisse parece convencer Domenico, que alisa os cabelos, demonstrando bastante nervosismo.

– Já falei que estou bem! – Tento me mexer, mas a dor dessa vez é perfurante. Minha cara provavelmente está uma merda, porque todos os olhos da sala de fixam em mim, apavorados com minha reação.

– Quem é essa tal Vick? – Mais uma vez é Domenico quem fala.

– Uma amiga, também plantonista do PS. – Clarisse responde bastante contrariada.

– Que tal ligar para ela e tentar compreender melhor o que de fato aconteceu?

– Eu já fiz isso, Fox! Acha que sou idiota?

– Talvez um pouco lenta... – Consigo identificar aquela ironia deliciosa na voz de Domenico e solto uma risadinha, que me obriga a envergar o corpo de dor.

– Merda, será que vocês dois podem deixar de infantilidade e se concentrarem naquilo que realmente importa? – Dessa vez é Leonard que fala, e não se mostra nem um pouco satisfeito com mais um circo armado por Clarisse e Domenico.

– Tudo bem. Pelo que Vick me explicou, Ethel foi assaltada logo na

saída do prédio da “Geo Fox”. O tal marginal a levou para um beco próximo e nossa amiguinha aqui tentou reagir, levando uma boa surra. Três pontos no supercílio, uma costela quebrada e algumas escoriações. Foi encontrada desacordada por volta das sete da noite por uma senhora, que chamou uma ambulância, encaminhando-a ao PS central. – Clarisse explica o que aconteceu e não me sinto tão mal por não estar eu mesma contando a mentira.

– Leonard, solicite as imagens das câmeras de segurança do prédio. Em algum lugar esse homem precisa aparecer. – Domenico se aproxima e se agacha a minha frente, colocando as mãos em minhas coxas, próximas aos joelhos, causando um frisson hormonal em mim.

– Consegue descrever o homem, Ethel?

– Foi muito rápido... Ele era alto, moreno... É só o que me lembro. – Minha voz soa fraca e gaguejo ao descrever aquele que preciso a todo custo manter longe das pessoas que mais amo na vida.

– Latino? – A pergunta de Domenico me faz engasgar e para disfarçar, me curvo, agarrando a costela e simulando imensa dor.

– Não se esforce querida. Vamos chamar a polícia, e eles se encarregarão de cuidar desse babaca. – Clarisse acaricia meu cabelo, se mostrando solidária. Para tudo! Chamar a polícia?

– Não precisa. – Minha voz cresce alguns tons com meu real desespero em envolver a polícia no caso.

– Como não precisa, Ethel. Você foi roubada, espancada e sabe-se lá o que mais esse homem não teria feito se alguém não tivesse chegado para socorrê-la. Claro que chamaremos a polícia! – Domenico se ergue, fazendo um breve movimento com a cabeça para Leonard, que prontamente entende e cata seu celular no bolso interno do paletó.

– Não...Foi apenas um celular e vinte dólares. – Gemo de dor e desespero, não mais contendo as lágrimas que invadem meu rosto e me fazem sacudir no sofá, em imensos espasmos provocados pelos soluços.

– Ethel, tem alguma coisa que deseja nos falar? – Domenico volta a se agachar a minha frente e me perco ainda mais em lágrimas. Suas mãos protetoras seguram meu rosto, me obrigando encará-lo.

– Ela está sob o efeito de fortes analgésicos, Fox. Pelo que andei vendo, a dose recomendada por Vick não foi respeitada. Ela provavelmente tomou mais da metade do frasco em menos de vinte e quatro horas. Essa deve ser a causa de tamanha confusão mental. – Vejo Clarisse de pé, segurando os frascos amarelos que provavelmente contém meus analgésicos.

– A polícia já está a caminho. – A frase de Leonard me apavora e perco de uma vez o controle.

– Não! – Grito histericamente, afastando as mãos de Domenico do meu rosto.

– Se acalme, Ethel! – Clarisse, assustada com minha reação volta a se aproximar do sofá.

– Não podem chamar a polícia! Não podem! – Brando ao mesmo tempo em que sufoco entre soluços.

– E por que exatamente não podemos chamar a polícia, Ethel? – Domenico me observa, acho que incrédulo com minha resistência.

– Porque ele vai acabar comigo! Ele vai machucar você Domenico, ele vai machucar Clarisse! Por favor... – Não consigo mais falar nada, os olhos de água de Domenico recaem sobre mim, com uma devoção que jamais havia observado antes, me fragilizando mais ainda.

– Filho da puta! – Domenico agarra meu corpo, me abraçando com delicadeza e me permito chorar tudo que posso com o rosto escondido em seu paletó, aproveitando o cheiro amadeirado que tanto me consola.

– O que está acontecendo? – A voz de Clarisse soa confusa.

– Leonard, preciso que entre em contato com Scott. Peça que suba imediatamente. Dê um jeito da polícia não aparecer aqui. Precisamos conversar antes de tomar qualquer atitude.

Sem esperar por resposta, Domenico me pega no colo, seus lábios roçando o topo da minha cabeça e algumas palavras que não atinjo compreender são sussurradas. “*Me perdoe*” foi a única frase que consegui pegar, pelo menos eu acho. Mas, perdoá-lo pelo que?

CAPÍTULO BÔNUS



Depois de um domingo de merda, maquinando a porra da minha vingança, resolvi que era hora de começar a colocá-la em prática. Liguei diversas vezes para Ethel, não obtendo sucesso em nenhuma das minhas tentativas. Da mesma forma que fiz no sábado, encaminhei Scott até sua residência.

Descobri que Ethel voltou na madrugada para casa. Segundo o porteiro, depois de receber um mimo generoso de Scott, Ethel chegou de taxi, e parecia embriagada. O homem também relatou um curativo em sua testa, mas mediante sua dificuldade de caminhar e o olhar perdido, decidi por melhor não puxar assunto, apenas cumprimentá-la educadamente, como sempre costumava fazer.

Um dos meus homens ficou de prontidão em frente ao seu prédio todo o domingo. Relatórios me foram passados a cada duas horas. Nenhum movimento, nenhum sinal de vida dentro do apartamento. Cortinas abertas davam uma ampla visão do interior, ficaria fácil perceber qualquer movimento, por menor que o fosse.

Quando anoiteceu, nenhuma luz foi acesa, o que causou certa estranheza, mas me poupei de sentir qualquer preocupação por aquela mulher. Minha raiva está no nível máximo e nesse ponto, não respondo por minhas atitudes, que podem ser bastante descabidas, além de facilmente agressivas.

Willian Fore, meu advogado, encontrou com o repugnante Alejandro Gomes, fazendo-o assinar o contrato e deixando-o bastante satisfeito com a quantia de meio milhão de dólares que ofereci para comprar o seu silêncio. Claro que não confio naquele homem, por isso mesmo, deixei ordens para que todos os seus passos, a partir daquele momento, fossem acompanhados.

Fiz questão que ele soubesse que estaria sendo vigiado, o que parece não tê-lo agradado muito. Foda-se! Qualquer contato com Ethel, e meu plano rolará escadaria abaixo. Não posso e não vou correr esse risco. Aquela menina irá comer o pão que o Diabo amassou em minhas mãos.

Sem suportar mais a falta de notícias de Ethel, contrariando minha raiva, liguei para Leonard quando já passava das dez da noite de domingo. Seu celular ainda estava desligado. Raiva, fúria, cólera. Uma mistura maligna de

sentimentos toma meu já escurecido coração, trazendo à tona o monstro que me tornei depois de toda a merda que aconteceu em minha vida.

Como pude me enganar tanto com uma mulher? Logo eu, sempre tão precavido, blindado para qualquer tipo de emoção. Aquela vadia fingiu inocência para conseguir o que queria e bem lá no fundo, conseguiu. Mexeu com meus brios, desestruturou minha tão esquematizada vida e me fez crer que ainda existia um flash de luz em mim.

Depois de uma longa noite, regada a uísque e autoflagelo, me senti na necessidade de fazer alguma coisa. Não esperei o dia clarear. Enfiado embaixo do chuveiro gelado, deixo a água bater em minhas costas, como alfinetes que cortam minha carne. Não quero só me vingar da doce Ethel, quero fazê-la sofrer, sofrer muito em minhas brutais e violentas mãos!

Sim doce Ethel, seu martírio terá início hoje, e posso afirmar, que eu serei o maior, mais nefasto, aterrorizante e violento pesadelo de toda a sua existência! Aquela garota irá se arrepender profundamente de ter brincado com Domenico Aron Fox!

– “Dom”? – Seco minhas mãos e coloco o telefone no viva voz, Leonard aparenta imensa tensão, provavelmente com o cu na mão depois de ver tantas chamadas minhas em seu celular recém ligado.

– E não é que quem é vivo sempre aparece? – Debocho e escuto seu bufar pesado do outro lado da linha.

– “*Guarde sua hostilidade meu amigo, acredito que irá precisar dela.*”

– Guardada e já direcionada. O que você quer, Leonard? – Deixo minha ameaça explícita nas entrelinhas e enrolo a toalha em minha cintura, pegando o celular e adentrando o closet, onde começo a me vestir.

– “*É sobre Ethel...*” – A voz de Leonard se torna baixa e ponderada demais para quem acabou de receber uma resposta como a minha.

– O que tem Ethel? – Parei de fechar os botões da camisa e preni a respiração. O que pode ter acontecido a Ethel? Sacudo a cabeça irritado comigo mesmo. Essa mulher estava tentando foder minha vida e ainda me preocupo com ela?

– “*Pode vir até o apartamento dela?*” – Escuto uma voz feminina através da linha, concluindo imediatamente ser Clarisse, a amiga insuportável, que, como Leonard, aparenta imenso nervosismo.

– E exatamente o que eu faria no apartamento de Ethel essa hora da manhã, Leonard? – Volto a tarefa de fechar minha camisa, encaixando as

abotoadoras, gravata e o colete.

– “*Domenico, o assunto é sério. Apenas venha, cara.*” – Sem uma despedida, Leonard desliga o telefone, me largando com cara de babaca, sem assimilar o que está acontecendo. Me sinto um merda quando perco o controle de uma situação, e nesse momento, foi exatamente o que aconteceu.

– Posso saber que merda está acontecendo? – Pergunto assim que uma lívida Clarisse abre a porta do apartamento.

Sem cumprimentá-la, caminho decidido em direção a Leonard, que descansa os braços por sobre a bancada que separa a cozinha da sala, bastante apreensivo. Corro rapidamente os olhos pelo ambiente reconhecendo o local, sem conseguir localizar Ethel. Onde ela estará? Um frio repentino invade minha alma, e se algo ruim tiver acontecido com ela?

– Alguma coisa aconteceu com Ethel, Domenico. – Ajeitando sua postura, Leonard encurta o caminho entre nós dois e coloca uma das mãos em meu ombro.

Que merda! Meu corpo inteiro treme. Deveria estar odiando essa mulher, mas nesse instante meu coração parece perder vários compassos. Leonard jamais faria uma tempestade dessas se fosse uma coisa simples ou corriqueira. Minha doce Ethel! O que aconteceu com ela?

– Onde ela está? – Sem esperar por sua resposta, caminho apressado em direção ao corredor que acredito dar acesso aos quartos.

Me assusto quando o corpo macio, cheirando a baunilha fresca colide contra o meu. Instintivamente, minhas mãos envolvem sua cintura, mantendo-a firme. Olhos embaçados me observam com certa curiosidade, como se tentasse compreender o que está acontecendo.

Suas delicadas mãos se espalmam em meu tórax e abaixo minha cabeça ao mesmo tempo em que ela ergue a sua. Nossos olhares se encontram e sou pego de surpresa diante tamanha fragilidade. Ethel parece uma criança indefesa, um anjo que acabou de ter as asas cortadas, e me sinto a criatura mais ofensiva do mundo ao me lembrar que até algumas poucas horas atrás, tudo que eu mais queria era foder sua vida de maneira irremediável.

Seus lábios pálidos entreabrem em um arquejo, enquanto os olhos azuis esverdeados parecem buscar algum foco, sem muito sucesso. Perdido no momento, a aperto ainda mais contra meu corpo e imediatamente meu pau dá sinal de vida, latejando por dentro das calças, pedindo para ser tocado e saciado. Que merda de pervertido fica de pau duro diante uma mulher nesse estado?

– Ethel? – Sussurro com a voz rouca, que se aprofunda ainda mais ao

sentir seus mamilos se arrepiarem de encontro ao meu corpo.

– Quem é você? – Ela franze o cenho em legítima confusão, o que a deixa ainda mais linda. Um gemido de dor e ela despenca.

Em um reflexo rápido, sustento seu peso, pegando-a nos braços e acolhendo o corpo tremulo junto ao meu. Nesse momento vejo alguns hematomas em seu rosto e um curativo em seu supercílio, que apresenta um inchaço considerável e preocupante. Lentamente e com extremo cuidado, a carrego até o sofá, onde a deposito em meio as almofadas. O que fizeram com minha doce Ethel?

Meu coração amolece de vez e, a fera dá lugar ao cuidador, aquele que apenas suporta o peso da vida medíocre que criou para si mesmo diante da felicidade desse pequeno anjo que repousa em seus braços. Incontestável, sendo culpada ou não de tudo que seu pai falou, Ethel é a única mulher capaz de fazer meu sangue esquentar e correr freneticamente por todo meu corpo dessa maneira única e gostosa.

– Ethel! – Clarisse mais grita do que fala, sua voz estridente é irritante, tanto quanto ela o é. Ethel pisca os olhos e me encara, parecendo procurar por algo inexistente.

– Domenico... – Sua voz não é mais que um sopro. Sim minha menina, sou eu!

– Você está bem? – Pergunto, sem desprender os olhos dela.

Um sorriso leve se forma em seus lábios sem cor alguma e preciso me controlar para não agarrá-la ali mesmo. Me concentro e busco por minha sanidade. Essa mulher a minha frente estava tentando me dar um golpe, não posso me dar ao luxo de ceder mais uma vez aos seus caprichos.

– Vou repetir a pergunta, Ethel. Você está bem? – Refaço a pergunta, dessa vez de maneira áspera, quase cínica, observando enorme conflito em seu olhar cabisbaixo.

– Estou com dor... – Ela lamenta. Desvio os olhos, tentando não aparentar minha angustia e preocupação.

A meu favor, Clarisse inicia um monólogo apressado demais até para que eu entenda, quanto mais para a criatura frágil deitada no sofá, que parece simplesmente alheia a tudo e todos, em completo e bem perceptível estado catatônico. Os belíssimos olhos se desviam de mim para a amiga por alguns segundos e é como se todo o calor que alimenta meu corpo se esvaísse.

– Acho melhor chamar um médico. Ela não me parece bem. – Me dirijo a Clarisse, sem muita simpatia.

– Vou ligar para Drew!

– Falei um médico, não um playboy metido a Dom Juan. – Interrompo

sua intenção. Não quero aquele imbecil tocando Ethel.

– Seja lá para quem forem ligar, o façam, e rápido! – Leonard se mete, aparentando grande desconforto e nervosismo. Ethel consegue mexer com os sentimentos de todos. Como pode uma criatura tão linda ser tão inescrupulosa?

– Gente...Por favor! – Ethel geme baixinho e volta mais uma vez minha atenção integralmente para ela. Como uma criança, ela esfrega ambos os olhos e consigo ver que existem hematomas também em seus braços. O que diabos aconteceu?

– Eu estou bem. Só um pouco dolorida. Vick provavelmente excedeu a quantidade necessária de analgésicos e por isso me encontro tão confusa. Já vai passar. – Com imenso esforço, vejo-a se contorcer ao bravamente se sentar no sofá. Uma de suas mãos segura o lado esquerdo do corpo, como se algo ali muito a incomodasse.

– O que aconteceu, Ethel? – Pergunto, tentando não mostrar alteração alguma em meu tom de voz.

– Fui assaltada.

Mais uma vez ela solta um gemido ao falar, pressionando a lateral do corpo com sua mão e juntando as sobrancelhas ao cerrar seus lindos olhos. Fecho a cara e crispo meus lábios diante minha impossibilidade de conter seu sofrimento. Uma probabilidade passa por minha cabeça, mas preciso antes tirar qualquer dúvida.

– E quando isso aconteceu?

– Ontem, assim que deixei a “*Geo Fox*”.

Ontem? Meus homens vigiaram o prédio o dia inteiro. Ethel não arredou o pé de casa, como pode ter sido assaltada ontem? Vejo seu corpo tremer e um lampejo de desespero brota em seus olhos. Algo muito sério aconteceu e pior, não está se encaixando cronologicamente.

– Ontem foi domingo, Ethel. Você não esteve na empresa. – Sento ao seu lado, usando um tom de voz mais empático, a fim de arrancar as informações que preciso para ter a certeza de que fui feito de idiota.

– Você está apagada desde sábado?

A pergunta de Clarisse abre ainda mais lacunas em meus pensamentos. Se o tal assalto aconteceu no sábado, minhas suspeitas praticamente se confirmam sem que eu precise me esforçar muito para juntar todas as peças. Nervoso, ranjo os dentes, tentando controlar ao máximo meu temperamento explosivo e não sair imediatamente para tomar as devidas providências.

Ethel fala algo sobre ter saído do hospital na madrugada, o que confirma a informação dada por seu porteiro. Seu único engano foi ter confundido excesso de medicação e dores profundas com uma bebedeira. Uma

raiva sem limites me domina e aperto os punhos tentando não fazer uma merda agora mesmo.

– Posso saber por que não me ligou? – Encaro Ethel, tentando a todo custo extrair a verdade de suas palavras. Uma verdade que eu já sei qual é. Como pude ser tão escroto e me deixar levar pela chantagem de um cafetão filho da puta?

– Roubaram meu celular...

– E você não sabe o telefone de Clarisse? – Franzo a testa. Claro que Ethel esconde algo, se tem uma coisa que não saber fazer, é mentir.

– Não, eu não sei... Está tudo na minha agenda.

Sorrio internamente. Nesse ponto ela tem razão. Nunca soube o número de ninguém. Foi exatamente assim que naquela manhã estressante a meses atrás recebi um telefonema seu por engano e sem saber ao certo porque, salvei seu número em minha agenda telefônica. *“A voz de anjo.”*

– Isso explica muita coisa.

Deixo escapar meu pensamento ao me levantar, tentando conter um sorriso e ao mesmo tempo aliviado por minha quase certeza, nervoso pelo estado em que Ethel se encontra e muito, muito puto da vida com Alejandro Gomes, que pagará caro, muito caro.

– Explica exatamente o que? – A voz fraca, me interpela, banhada em curiosidade.

Sim, essa é a minha doce Ethel, sempre em busca de informações. Olho por sobre os ombros e observo-a puxar o ar ruidosamente, como se tivesse sido atingida por uma forte e incontrolável dor. Ver Ethel tão fragilizada rasga a porra do meu coração.

Se não fosse tão imbecil ao ponto de achar que consigo resolver todos os problemas do mundo à minha maneira, isso talvez não tivesse acontecido. A dias esse babaca vem me importunando, quando descobri que ele foi o responsável por perseguir meu carro, deveria imediatamente ter comunicado a Leonard, que tomaria as providencias cabíveis, contatando a polícia e terminando de vez com toda essa merda.

– Vamos deixar isso para depois, Ethel. Agora precisamos levar você a um hospital decente e fazer uma série de exames.

– Por acaso está insinuando que o hospital em que trabalho não é sério, Sr. Fox?

Viro meu rosto para sua amiga insuportável, que se senta ao seu lado, segurando uma de suas mãos. Não deveria ser eu a fazer isso? Não deveria ser eu a consolá-la? Acontece que sou um filho da puta feito de pedra, que não faz a mínima ideia de como demonstrar carinho e afeição por uma pessoa.

– Não, apenas quero levá-la a um médico de minha confiança. –
Rebato Clarisse, tentando manter um tom de voz controlado.

Um discurso sobre ser médica se segue. Aperto os olhos e sorrio internamente. Engraçado ela ter se lembrado disso apenas agora. A poucos minutos atrás queria ligar para o galã de segunda linha para vir prestar atendimento a Ethel. Bufo pesadamente levando as mãos aos cabelos. Uma coisa preciso admitir: Se tem alguém que cuidaria bem de Ethel, esse alguém é Clarisse Thompson. A amizade que une as duas vai muito além daquilo que poderia ser chamado de amor.

– Já falei que estou bem!

Ethel eleva um pouco a voz chamando a atenção de todos. Seus rosto se contorce, formando uma mascarará pavorosa de dor. Sua mão comprime a lateral do corpo, enquanto a outra desliza por sobre o curativo, parecendo tentar acalmar algum tipo de desconforto.

– Quem é essa tal Vick?

Pergunto, direcionando os olhos para Clarisse, que revira os seus e empina o nariz, em uma afronta clara. Devo admitir, ela é páreo duro. Uma adversária a altura, que apesar de me irritar profundamente, me diverte com suas tentativas de demonstrar seu poder.

– Uma amiga, também plantonista do PS.

– Que tal ligar para ela e tentar compreender melhor o que de fato aconteceu?

– Eu já fiz isso, Fox! Acha que sou idiota?

– Talvez um pouco lenta...

Ergo as sobrancelhas e contorço os lábios em um risinho cínico. Nesse instante consigo ouvir uma risadinha breve escapar dos lindos e agora pálidos lábios de Ethel. No mesmo instante, seu corpo se enverga e um suspiro pesado escapole de sua garganta.

– Merda, será que vocês dois podem deixar de infantilidade e se concentrarem naquilo que realmente importa?

Leonard se intrometeu e a partir desse momento, me concentrei em prestar atenção nas palavras de Clarice, que tentou explicar com o máximo de detalhes o que havia ocorrido com Ethel. Meus olhos se estreitam a cada nova palavra. Ethel foi brutalmente agredida, sem a mínima condição de defesa.

Por mais que sua aparência demonstre a intensidade do que sofreu, ouvir os detalhes me causa repulsa e uma vontade imensa de matar com requinte de crueldade o responsável por tamanha barbárie, assola minhas ideias. Se minhas suspeitas forem confirmadas, Alejandro Gomes vai entender o verdadeiro significado da palavra dor.

– Leonard, solicite as imagens das câmeras de segurança do prédio. Em algum lugar esse homem precisa aparecer.

Ordeno em tom nada amistoso e caminho com cautela em direção a Ethel, que tem seus olhos perdidos. Me agacho a sua frente e deposito minhas mãos em suas coxas, tentando buscar por sua atenção. Seu corpo estremece e uma sensação de alívio me debela. Ela não está tão ausente assim.

– Consegue descrever o homem, Ethel? – Falo manso, buscando por seus olhos, que parecem fugir propositalmente dos meus.

– Foi muito rápido... Ele era alto, moreno... É só o que me lembro.

– Latino? – Pergunto, ligando o tal suspeito a Alejandro Gomes. Ethel engasga e se curva agarrada ao corpo, abatida por aquilo que desconfio ser uma enorme e desconfortante dor.

– Não se esforce querida. Vamos chamar a polícia, e eles se encarregarão de cuidar desse babaca.

As palavras de Clarisse fazem os olhos apáticos se arregalarem. O que antes era dor, se transforma em um nítido desespero. Ethel se mexe agitada no sofá, parecendo ser contra envolver a polícia no caso. O que esse homem fez com ela? O que ele foi capaz de falar para deixá-la apavorada dessa maneira?

– Não precisa. – Sua voz acrescida de alguns tons confirma minhas suspeitas.

– Como não precisa, Ethel. Você foi roubada, espancada e sabe-se lá o que mais esse homem não teria feito se alguém não tivesse chegado para socorrê-la. Claro que chamaremos a polícia!

Me levanto e apenas encaro Leonard, que entendendo prontamente meu recado, pega seu celular e atendente meu silencioso comando. Quero matar Alejandro Gomes com minhas próprias mãos, mas não seria o correto. Entregá-lo a justiça talvez seja a remissão de meus pecados passados, os quais me perseguem como verdadeiras assombrações. Talvez, só talvez, isso possa amenizar a dor que aprisiona minha alma como algemas cortantes.

– Não...Foi apenas um celular e vinte dólares.

Ethel lamenta e o desespero não é mais escondido em sua voz. Se entregando a um pranto profundo, seu corpo desprotegido sacode por sobre o sofá, soluços altos reverberam pelo ambiente e uma enxurrada de lágrimas umedece o pálido e apático rostinho de anjo.

Volto a me agachar a sua frente, segurando seu rostinho minudo entre minhas mãos, limpando as lágrimas com os polegares, e minha atitude parece deixá-la ainda mais descompensada. O choro se converte em pranto e seus olhos, fixos aos meus, tem um temor que jamais vi em toda a minha existência.

– Ethel, tem alguma coisa que deseja nos falar?

– Ela está sob o efeito de fortes analgésicos, Fox. Pelo que andei vendo, a dose recomendada por Vick não foi respeitada. Ela provavelmente tomou mais da metade do frasco em menos de vinte e quatro horas. Essa deve ser a causa de tamanha confusão mental.

Clarisse pega alguns frascos amarelos que estavam sobre a bancada da cozinha e os analisa atentamente, parecendo fazer uma contagem mental de quantos comprimidos deveriam estar em seu interior. Uma overdose de analgésicos explicaria o abatimento, mas não o desespero.

– A polícia já está a caminho.

Meu amigo fala e é como se uma bomba tivesse caído no meio da sala. Ethel solta um grito assustado e sofrido, engasgando em meio ao montante de lágrimas pesadas que ainda verte. Seu rostinho transtornado ganha alguma cor e seus olhos azuis esverdeados se fixam em mim.

A frase de Leonard foi o estopim para que Ethel se apavorasse de vez. Com mãos geladas e dedos trêmulos, ela retira bruscamente minhas mãos de seu rosto e faz menção de se levantar, o que é claro, não consegue devido a dor insistente que sente.

– Se acalme, Ethel!

Sua amiga corre em sua direção, sentando-se ao seu lado e tentando a todo custo acalmá-la, o que diante tamanho destempero emocional, é praticamente impossível. Ethel branda algumas vezes que não podemos chamar a polícia e me descontrolo. Por que, mesmo depois do que passou, ela ainda está tentando proteger esse homem?

– E por que exatamente não podemos chamar a polícia, Ethel? – A encaro, incrédulo com sua resistência. Que tipo de ameaça ele pode ter feito para tê-la dessa maneira em suas mãos?

– Porque ele vai acabar comigo! Ele vai machucar você Domenico, ele vai machucar Clarisse! Por favor...

Fecho os olhos por alguns segundos e tento controlar minha raiva. Ele não a ameaçou, ele ameaçou as pessoas que a cercam e como sempre, abnegada, ela está se permitindo sofrer para que nenhum mal nos aconteça. Ah, minha doce Ethel! Como pude acreditar nas palavras de um homem tão sem escrúpulos e duvidar de uma criatura tão doce quanto você?

Praguejando, corro em sua direção, afastando Clarisse com pouquíssima delicadeza e a abraçando com imenso cuidado. Ethel se entrega a um pranto compulsivo, com o rosto enfiado em meu corpo, agarrada as abas do meu paletó, como um naufrago o faria em uma boia salva vidas.

– Leonard, preciso que entre em contato com Scott. Peça que suba imediatamente. Dê um jeito da polícia não aparecer aqui. Precisamos conversar

antes de tomar qualquer atitude.

Sem esperar por sua resposta, pego Ethel nos braços, erguendo o corpo leve e franzino que estremece entre soluços. Beijo o topo de sua cabeça, aproveitando para absorver o delicioso cheiro de baunilha que exala de seus cabelos. Ah, doce Ethel, como pude ser tão insensível? Como puder colocar seu caráter em questão? Como pude ficar tão cego? Me perdoe minha doce menina, apenas seja capaz de me perdoar!

O homem sujo que me tornei acabou por cegar meus instintos. Quero protegê-la desde a primeira noite em que a vi, indefesa, com a alma perdida, com o coração sangrando diante o sofrimento que a vida lhe impôs, perdida no caos de seus próprios pensamentos.

Conheço meus pecados, melhor do que ninguém, sei que não posso fugir das minhas merdas e muito menos apagar aquilo que já está feito, mas rogo a Deus, se é que tenho esse direito, para que as coisas uma vez na vida não sejam tão complicadas para mim. Ethel Lisa Willians, é o início da minha redenção!

É nessa criatura angelical que me acho, apenas nela consigo me encontrar. Criamos um redoma intransponível e é em nossa redoma sagrada e profana, que temos nosso vocabulário próprio, onde palavras não tem preço, apenas as manifestações sublimes vindas exclusivamente da alma tem valor.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



O lá, terráquea! – A voz rouca ecoa em meus ouvidos assim que abro meus olhos. Uma de suas sobranceiras está erguida ligeiramente e um ínfimo lampejo de diversão cruza as pedras glaciais azuladas que enfeitam seu rosto.

– Domenico... – Balbucio seu nome e sinto minha cabeça latejar.

– Gosto da forma que diz meu nome. – Ele me surpreende com sua colocação, e sorrindo, apoia a cabeça em uma das mãos. Agora que me dou conta que estamos deitados em minha cama, com os corpos muito próximos um ao outro.

– Seu nome é bonito. – Falo, completando mentalmente o quanto combina perfeitamente com o dono. Forte, majestoso, viril!

– O seu também é, Ethel Lisa. – Aquele sorriso de esfinge desenha seu rosto e atinge em cheio seus olhos, quase me arrancando um suspiro.

– Deixa de ser mentiroso, Domenico. Ninguém acha o meu nome bonito! – Faço um biquinho e estremeço de dor ao tentar me virar. Seus olhos se estreitam imediatamente e sorrio, tranquilizando-o. Silenciosamente, ele me ajuda com sua mão livre, acariciando levemente o local escurecido pelo hematoma enorme que se forma em minha pele.

– Para sua informação, Ethel significa “Nobre”, “Honrosa”... Já Lisa, que é o diminutivo de Elisabeth, significa “Deus é abundância” ou, “Deus é juramento.” Se misturarmos isso, caímos facilmente na minha teoria de que você é um anjo, um anjo nobre e bastante honroso. – Seu sorriso de alarga e me contenho para não levar meus dedos aos seus lábios. Ainda me sinto desconfortável, sem saber ao certo como agir diante de Domenico.

– Você pesquisou a respeito do significado do meu nome? – Indago, franzindo a testa.

– Tive aula de Teologia por anos, o significado dos nomes se engloba na matéria.

– Entendi... E o seu? – Pergunto.

– O que tem o meu?

– Sabe o significado do seu nome?

– Originário da Itália, surgiu a partir do latim “*Dominicus*”, que significa “*Senhor*” ou “*Patrão*”. – Ele se gaba ao falar, esfregando seu conhecimento excessivamente exagerado em minha cara.

– Bem conveniente o significado. – Ironizo e seu semblante se fecha instantaneamente.

– Estava brincando, Domenico. – Me defendo, já a espera de uma represaria.

– Eu também estava, sua boba! – Ele beija a ponta do meu nariz e se senta na cama, observando atentamente meu corpo.

– O que foi? – Pergunto, já me sentindo inflamada diante do seu olhar intenso.

– Tire o roupão. – Sério isso? Estou toda arrebetada e Domenico realmente está pensando em sexo?

– Domenico, eu...

– Não pense besteiras, Ethel. Quero ver a extensão dos seus ferimentos, apenas isso.

Uma mistura de alívio e decepção me invade. Não aguentaria cinco segundos de qualquer tipo de atividade sexual com Domenico, mas mesmo assim, é frustrante ter esse homem mitologicamente perfeito tão próximo a mim, pedindo para me ver nua e não poder fazer nada.

Me sento com cuidado, sendo auxiliada por Domenico, que segura meus ombros e crispa os lábios a cada gemido que escapa dos meus. Desfaço o nó que prende a faixa do roupão e permito que o tecido felpudo deslize suavemente pelos meus ombros, me deixando completamente exposta aos olhos detalhistas.

– Ah, Ethel... – Sua voz é uma oitava mais baixa, rouca, pronunciando meu nome lenta e pesadamente.

Seus olhos se levantam e se encontram aos meus. Aquele cinismo característico desapareceu, dando espaço a um ternura inacreditável, potencializando o brilho intenso das esferas glaciais. Ofego diante a sensação perturbadora. Domenico tem poderes estranhos sobre mim e o pior disso, é que eu gosto, fico fascinada com esses poderes.

Para minha confusão, além de extremo pesar, enxergo também aquele interesse masculino delicioso, que acende minha libido instantaneamente. Eu amo os olhos de Domenico, sempre foram imãs para minha alma. Desde a primeira vez que os encontrei, ficou impossível desviar das sensações que me causavam.

Ostensivos, duros, esnobes, absorventes, intensos e em determinadas ocasiões, deliciosamente cruéis. Pisco os olhos sentindo o líquido grosso

encharcando minha parte mais quente e necessitada e aquele arremedo de sorriso descarado surge em seus lábios.

– Nada disso, doce Ethel. Você precisa descansar.

– Não falei nada. – Me defendo, envergonhada por demonstrar tão claramente meu tesão por ele.

– Seu corpo falou por você. Por mais tagarela que você seja, acredite, ainda sim ele consegue te superar. – Ele sorri e sobe lentamente as mangas do meu roupão, beijando levemente meu ombro antes de cobri-lo completamente.

– Domenico, eu queria te falar uma coisa. – Tomo coragem, sei que ficou muito claro na conversa que tivemos na sala que não sofri um assalto comum e, pela reação de Domenico, tive certeza que ele sabia o que estava acontecendo.

– Nós vamos conversar, Doce Ethel, mas não agora. Você está dormindo a doze horas, precisa se alimentar.

Domenico se levanta e meus olhos contemplam todo o seu esplendor. Apenas de boxer branca, ele caminha até a poltrona e pega sua calça, vestindo-a rápida e elegantemente. A blusa, ele veste também, mas não se dá ao trabalho de fechar. Sua intenção de vestir os sapatos é nula, uma vez que correndo os olhos pelo quarto, os enxergo na outra exterminada.

Sim, Domenico é uma escultura grega sem roupas, daquelas que nenhum turista deixaria de tirar uma foto ao lado, mas vestido, consegue ficar ainda mais sexy. Me chamem de louca, mas a visão do seu corpo revestido nos tecidos caríssimos e de bom gosto me deixam mais do que molhada, me deixam encharcada!

– Venha, eu te ajudo. – Ele estende o braço na minha direção e eu aceito seus longos dedos, encaixando os meus na macies plena de sua pele.

Cuidadosamente, Domenico me puxa, enquanto faço alavanca com minhas pernas. Uma físgada me faz parar. Ele me encara, repleto de paciência e aguarda eu me recompor. Percebendo que será inútil minha tentativa de ficar de pé sozinha, ele se ajoelha na cama a minha frente e escorrega seus braços ao meu redor.

– Passe as mãos em volta do meu pescoço, Ethel. – Eu obedeco, franzindo a testa com a dor que o gesto me causa. Cauteloso, ele desliza para fora da cama, com imensa habilidade e sem nenhum movimento brusco que pudesse me causar qualquer tipo de desconforto.

– Pronta para ficar de pé?

Ele pergunta, os lábios muito próximos ao meu rosto, me entorpecendo com seu hálito mentolado. Sem pensar muito, beijo seu queixo levemente e sinto um estremecer sacudir seu corpo. Domenico baixa os olhos, posicionando os

lábios exatamente a frente dos meus, em um consentimento silencioso, o qual, não tenho força alguma para resistir.

Deslizando os dedos pelos seus cabelos, vejo o entreabrir de sua boca em busca de ar, parecendo extasiado com meu carinho, sem me sentir acanhada ou intimidada, busco por seus lábios carnudos, que aceitam os meus, em uma entrega lenta, carinhosa, reconfortante.

Nossas línguas se entrelaçam quase em câmera lenta, Domenico não é feroz, selvagem ou necessitado como de costume. Ele é cuidadoso, como se estivesse segurando uma obra de arte que vale milhões de dólares em suas mãos, explorando-a como um arqueólogo o faria.

Me perdi no tempo em que ficamos trocando carícias com nossas línguas. Agora, estamos de testas coladas, hálito com hálito, envoltos em um silêncio reconfortante e ao mesmo tempo penetrante. Nos trancamos mais uma vez em nossa bolha, aquela criada em momentos especiais, só nossos, que ninguém jamais, por mais que tentasse, conseguiria compreender o significado.

– E aí, pronta para ficar de pé? – Ele volta a perguntar, mordendo a ponta do meu nariz.

– Acho que sim... – Falo baixinho.

– Qualquer dor que sinta, por menor que seja, me avise. – Seus olhos compenetrados me encaram.

– Eu aviso.

Aos poucos, Domenico foi baixando meu corpo, sem tirar suas mãos de mim. O primeiro contato com chão fez todos os músculos do meu corpo doerem. Parece que um trator passou por cima de mim. Respiro fundo e deixo meus braços caírem pelos ombros fortes e largos, espalmando ambas as mãos em seu tórax.

– Tudo bem? – Ele pergunta, as mãos atadas a minha cintura.

– Sim, tudo bem.

– Acha que consegue andar?

– Consigo, inclusive vou andar até o banheiro nesse exato momento. – Sorrio para ele que revira os olhos contrariados.

– Eu te ajudo.

– Vou fazer xixi, Domenico. Acho que você não tem como me ajudar nisso.

– Mas posso ajudar te levando até lá.

– Nada disso! Trate de ficar bem quietinho aqui. Eu já volto.

– Não tranque a porta. – Sim, foi uma gostosa ordem.

– Não vou trancar. E você, não ouse entrar!

– Se quiser se manter de pé e se recuperar o mais rápido possível, vai precisar comer mais do que isso, Ethel. – O tom de reprovação na voz de Domenico me arranca dos meus pensamentos.

Desde a hora que saí do banheiro e vim para a cozinha devidamente escoltada por ele, venho pensando em uma maneira fácil e tranquila de falar que preciso de trezentos e cinquenta mil dólares o mais rápido que puder. Claro que para um cara como ele, essa grana não é nada, mas, com a quantidade de vigarista que existe na praça, não tenho dúvida que irá me considerar mais uma, que se aproximou apenas por causa do seu dinheiro.

Mas, não tenho outra opção. Domenico só está aguardando o momento certo para abordar o assunto, momento esse, que estou tentando a todo custo postergar, comendo o mínimo e o mais devagar que consigo. Tomo um gole do suco de laranja e olho meu prato com uma bela salada preparada pelo próprio Domenico, praticamente intacto.

– Quanto ele te pediu? – A pergunta vem do nada e me pega desprevenida.

– O que? – Gaguejo, me engasgando com uma folha de alface que havia acabado de colocar na boca.

– Alejandro Gomes. Quanto ele te pediu? – Seu olhar, agora gelado, se cola ao meu.

– Trezentos e cinquenta mil dólares... – Falo bem baixinho, afogada na minha própria vergonha.

– Por que não falou comigo, Ethel?

– Porque não sou esse tipo de mulher Domenico! Não me aproximei de você por causa de seu dinheiro, na verdade, eu nem sabia que tinha, uma vez que você levou dois dias para me dizer quem era!

– O lugar em que nos conhecemos não é popular por receber pessoas de baixa renda, Ethel.

– Desconheço essa informação, uma vez que eu, a desempregada, estava lá. – Meus olhos faíscam em sua direção.

– Você estava sendo financiada pelo “NBP”, e caso precise lembrá-la, me caçando.

– Para uma exclusiva, Domenico, não para arrancar seu dinheiro. E, caso precise lembrá-lo, quem se aproximou de mim foi você! Por acaso está tentando insinuar alguma coisa?

Largo o garfo estrondosamente por sobre o prato e me levanto da banquetta em um único pulo, agarrando a carne que recobre minha costela

quebrada, tentando conter o grito de dor sufocado em minha garganta.

– Não estou insinuando nada, Ethel.

– Pois parece que está. Para sua informação, tomei uma surra e só não fui estuprada porque estava no meio da rua, e isso tudo aconteceu para proteger você e a merda do seu dinheiro! – Falo aos berros, deixando as lágrimas correrem pelo meu rosto ao lembrar a humilhação física que aquele homem me causou.

– Ele tocou em você? – Rangendo os dentes, Domenico fica de pé e me segura pelos ombros.

– Deixa isso para lá, Domenico.

– Responda a porra da minha pergunta. Aquele homem ousou tocar em você? – Ele rosna, sua fisionomia se transformando em algo demoníaco.

– Tocou, Domenico. Ele me alisou, ele chutou meu sexo repetidas vezes com uma botina fétida e nojenta, ele me agarrou pelos cabelos e enfiou quatro, eu não disse um, dois, ou três, mas sim quatro dedos em mim. Ele me feriu física e psicologicamente, tudo porque eu disse que não tinha o dinheiro para dar e que não iria pedir a você, a quem ele chamou de “*Meu namorado riquinho*”.

– Eu vou matar aquele filho da puta!

Um verdadeiro monstro cresce diante dos meus olhos. A figura já intimidante de Domenico se torna cruelmente aterrorizante e me encolho no meu próprio eixo, incapaz de conter o medo que me monopoliza diante de tamanho ímpeto de fúria selvagem. Do homem cuidadoso a besta indomável em uma mísera fração de segundo.

– De nada vai adiantar matá-lo, Domenico. Além de ser preso, não vai resolver meu problema. – Lamento, dando um passo para trás, não reconhecendo a fera a minha frente.

– Não vou ser preso. – Ele rebate, a voz arrogante.

– Sim, você vai! Todo o dinheiro e poder que tem não vão livrá-lo de um assassinato, Domenico! Mesmo porque, teria que matar minha mãe também!

– Sua mãe? – A expressão monstruosa diminuiu, dando espaço a curiosidade.

– Me escute, esse homem vem me procurando a meses. Quando estive na “10ak” e encontrei com Gabriel...

– O seu namoradinho? – Domenico me interrompe, sua voz é quase um rugido.

– Ele não é e nunca foi meu namoradinho, Domenico! Se atenha aos fatos e me escute, pode ser?

– Vá em frente.

– Como estava dizendo, Gabriel me entregou o número de telefone de Alejandro Gomes, dizendo que o cara vinha me caçando por New Castle. Não dei importância, nunca tinha escutado seu nome e o próprio Gabriel me aconselhou manter distância, uma vez que não tinha gostado muito da sua cara.

– Coisa que você não fez! – A voz grossa e rouca soa baixa e isso é um indício de que Domenico está bem próximo a mais uma explosão emocional.

– Eu fiz, Domenico. Mas ele me achou! Ele ligou aqui para casa e me pegou na saída da “Geo Fox”.

Não seguro mais as lágrimas. As lembranças de tudo que passei nas mãos do homem que deveria me proteger ao invés de me machucar, brotam com força, me fazendo sentir novamente as dores, os cheiros e os medos do momento. Domenico pisca, parecendo sair do seu transe hipnótico e vem em minha direção, me abraçando com cuidado.

– Ethel! Eu sinto muito pelo que passou. Não sei o que falar ou o que fazer para diminuir sua dor.

– Nada vai diminuir minha dor, Domenico. Minha mãe, que sempre achei ter sido manipulada por alguém que desconhecia e só queria seu mal, está junto a ele. Ela não me entregou a minha avó porque foi obrigada, ela o fez porque quis! Eu seria um imenso estorvo em meio a vida desregrada que levava.

– Eu realmente sinto muito, Ethel! – Domenico ameniza o tom de voz e acaricia meus cabelos, enquanto banho a parte exposta do seu peito pela blusa aberta com minhas lágrimas.

– Eles estão me extorquindo. Querem mesadas depois dos trezentos e cinquenta mil dólares. Na concepção de meu nobre pai, não é justo eu levar uma vida de regalias enquanto eles precisam batalhar para sustentar seus próprios vícios.

– Isso não acontecerá, eu posso te garantir. – Ele fala decidido.

– Não, você não pode! Ele virá atrás de Clarisse, virá atrás de você! – Me agarro ao seu corpo em desespero.

– É para isso que tenho uma equipe de segurança e ando com um ex agente da CIA. Mas posso te garantir que não preciso de nada disso para lidar com aquele fracassado de merda. Esmago aquele bosta com minhas próprias mãos.

– Ele é um homem asqueroso, Domenico! Não consigo acreditar que realmente possa ser meu pai! – Esquecendo minha dor, me aperto ainda mais, buscando por sua proteção.

– Ei, vá com calma. Não quero que se machuque.

Ele me segura pelos ombros, me afastando levemente do seu corpo e alguma coisa em seus olhos me diz que ele precisa me falar alguma coisa, mas,

não quer. O tilintar do telefone de Domenico ecoa pela sala. Aliviando brevemente nosso abraço, seus olhos procuram pelos meus.

– Vai ficar bem? Só vou pegar o telefone e corro para cá.

– Tudo bem. Eu estou bem.

Ele não me respondeu. Delicadamente me ajeitou sobre a banqueta em que estava sentada anteriormente e desapareceu no corredor que dá acesso aos quartos, largando um vazio enorme dentro de mim. Me distraio com as ervilhas em meu esquecido prato, formando figuras geométricas com elas, mas a voz alterada de Domenico me chama atenção e não me contenho.

Levantando com dificuldade, caminho escorada nas paredes até a porta do meu quarto. Pela fresta, observo Domenico caminhando nervoso, de um lado para o outro, uma mão mantém o celular em seu ouvido, a outra, alisa repetidas vezes seus cabelos loiro acobreados, em sinal claro de desagrado.

Como se sentisse minha presença, seus olhos se viram em minha direção. Preocupação e surpresa ocupam as pedras glaciais que tanto me encantam. Como se quisesse me poupar de alguma coisa, ele me dá as costas e sussurra alguma coisa, desligando logo em seguida.

– Precisamos conversar, Ethel. – O tom é sério e um arrepio se espalha em meu corpo.

Entro no quarto e sento na beirada da cama. Incrivelmente percebo que a dor, que antes era aguda, já se torna suportável e não limita tanto meus movimentos como o fazia assim que saí da cama. Domenico de senta ao meu lado, pernas abertas, os braços descansam sobre as coxas grossas desenhadas sobre o tecido da calça e as mãos estão entrelaçadas no espaço vazio entre elas.

Sua cabeça está baixa e posso nitidamente perceber o tremor constante do seu maxilar. Nervosismo puro! Aproveito o momento e observo seu perfil. Altivo seria pouco. Domenico parece ter sido desenhado primorosamente em uma tela, assim como “*Monalisa*”, que guarda seus mistérios. Os dela, em um sorriso torto e indecifrável, os dele, no olhar profundo, incapaz de ser lido.

– Estive com seu pai no sábado a noite. – Diz de forma enigmática, me causando uma enorme aflição.

– O que? – Pergunto sobressaltada.

– Tínhamos combinado de nos encontrar sábado depois do chá de bebê de Elise. Mandeí Scott até aqui, você não estava. Liguei para Elise, que me informou que você não tinha aparecido por lá... – Ele ergue sua cabeça e cola o olhar ao meu.

– Não te encontrando, decidi por ligar. Liguei várias vezes e não vou negar a raiva que me consumiu ao imaginar que havia corrido de mim, que propositalmente tinha me dado um bolo.

– Eu jamais faria isso, Domenico.

– Não diga isso, Ethel. Sabemos bem o quanto nossa relação é conturbada. Não vivemos um conto de fadas, não somos namorados. Estávamos iniciando uma negociação entre dominador e submissa. Você poderia facilmente ter repensado e desistido. – Mais sincero que isso impossível!

Meus sonhos infantis de iniciar uma relação amorosa com Domenico acabam de despencar morro abaixo, e mesmo diante tudo que estou vivendo, a dor física pelas agressões, meu suposto pai que abusou do meu corpo, da minha mãe omissa que compactua com isso e da extorsão a qual estou sendo submetida, o que mais me choca é perceber que sempre serei apenas mais uma no abecedário do sexo de Domenico Aron Fox.

– Eu e seu pai tivemos uma conversa não muito amistosa.

– Você esteve com ele? Como o achou? – Pisco os olhos confusa.

– Se recorda que meu carro foi perseguido a algum tempo?

– Sim, claro. Essa foi a causa de fingirmos não aceitar a obra na síria.

– Falo no modo automático.

– Quem perseguiu meu carro foi seu pai, Ethel. Scott e seus contatos descobriram isso um dia depois e puxaram sua extensa ficha criminal, que vai desde agressões físicas, tráfico de drogas, porte ilegal de armas e assassinato.

– Por que não me contou isso, Domenico? – Chocada, levo uma das mãos a boca, tentando conter o tom alterado de minha voz.

– Não sei. Honestamente, não sei. Questão de proteção talvez. Acontece que fiz uma escolha.

– Escolheu por esconder que um homem perigoso como esse já tinha chegado tão próximo a mim?

– Escolhi tentar resolver de forma que isso não te afetasse, Ethel. – Ele se defende, mas não me convence.

– Não me afetasse? Olha tudo que aconteceu! Se tivesse avisado a polícia quando descobriu quem o havia perseguido, ele teria sido preso. O carro em que estava era roubado!

– Tudo bem Ethel, eu cometi um erro. – A voz rouca parece agarrada a sua garganta.

– Um erro que custou minha integridade física Domenico. Até que ponto vai sua prepotência? Quando vai cair na real e se tocar que não é o dono do mundo e que não é capaz de resolver todos os problemas da humanidade com suas próprias mãos?

– Eu já falei que foi uma escolha errada.

– Isso não muda o fato, Domenico! – irritada, me levanto e segurando a costela machucada caminho como uma louca de um lado para o outro no

quarto.

– Será que você pode se acalmar? – Domenico não desvia seus olhos de mim, acompanhando cada passo meu, o que me irrita ainda mais.

– Não, eu não posso. Eu fui molestada sexualmente, levei uma surra, aquele homem asqueroso cuspiu no meu rosto, Domenico. Percebe que tudo isso só aconteceu devido a sua arrogância?

– Minha arrogância? Está louca Ethel?

– Sim, sua arrogância. Você se acha auto suficiente demais. Na sua merda de cabeça, seu dinheiro e posição te fazem um privilegiado. Nenhum inimigo, por mais perigoso que seja, é páreo para o todo poderoso Fox!

– Não fale besteiras, Ethel.

– A única pessoa nesse quarto que não só fala, mas também só faz um monte de besteiras é você, Domenico. Agora me diz, o que de fato você foi conversar com aquele homem? – Paro a sua frente, buscando seu olhar. Incrivelmente, Domenico sacode a cabeça volta a encarar o carpete.

– Seu pai me chamou para negociar comigo.

– Negociar o que?

– Se acalme, é a última vez que peço. – seus olhos crispavam em minha direção e meu instinto de preservação me fez calar imediatamente.

– Fui encontrá-lo em um bar no centro de Boston. Assim que cheguei ele me contou uma história, muito bem elaborada, na qual acreditei. – Vergonha? É isso mesmo que enxergo em seu tom de voz?

– Posso saber que história foi essa? – Falo baixo, voltando a me sentar na cama.

– Ele disse que você estava junto a ele em todo o processo. Na verdade, segundo ele, você havia arquitetado todo um sórdido plano para se aproximar de mim e conseguir arrancar até o último centavo que conseguisse. – O ar é arrancado de meus pulmões quando Domenico diz isso.

– E você acreditou nele? – Em um sopro fraco de voz, consigo fazer a pergunta.

– O que você queria, Ethel? Coincidentemente, ele me procurou no dia do seu desaparecimento. Tínhamos marcado de passar o final de semana juntos para negociarmos nossa relação.

– E isso foi o suficiente para que colocasse meu caráter em dúvida? – Meu fluxo de paixõite aguda é instantaneamente interrompido, e nesse momento, odeio Domenico Fox com toda a força que encontro em meu peito.

– Sim, foi. – Ele se resume em responder.

– Que tipo de homem cruel é você? – Grito e me deparo com a culpa estampada no lindo rosto de Domenico.

– Ethel, Apenas me deixe terminar.

– Sêrio? Ainda tem mais? – Ironizo e um sorriso cínico transforma a fisionomia antes culpada de Domenico em perigosamente intimidadora.

– Acontece que fizemos um acordo. No auge da raiva, propus que assinasse um contrato, que lhe renderia quinhentos mil dólares caso não contasse nada para você que eu já sabia do seu plano.

– Em troca de que? – Meu peito se aperta.

– Em troca de eu me casar com você, ter um filho e depois arrancá-lo, sem te dar a oportunidade sequer vê-lo após o nascimento.

Suas palavras ásperas me fazem engasgar e meu corpo amolece. Domenico me sustenta pelo cotovelo e uma repulsa me invade. Puxo meu braço com força, me deparando com seu rosto torcido, envergonhado, derrotado e não consigo me conter, meus olhos se enchem de lágrimas, minha decepção faz meu coração sangrar.

– Ethel...

– Como pode propor algo tão nojento?

Rosno, apertando os punhos para não cometer uma loucura e agredir Domenico. É ultrajante demais ter sido negociada como uma peça em uma vitrine, e pior, a frieza com que Domenico bolou sua vingança me faz sentir uma prostituta, tão barata e descartável quanto minha mãe.

– Eu estava com raiva, Ethel. Busque entender meu lado. Seu pai havia acabado de me contar que você era uma farsante, uma aproveitadora barata.

– E rapidamente você bolou sua revanche perversa, não é mesmo? Só por curiosidade, mesmo que fosse verdade e Alejandro aceitasse se calar diante a grana que ofereceu, como pretendia me fazer entregar meu filho a você? – Um arremedo de sorriso se forma em seus lábios e seus olhos se tornam frios. Não é deboche, não é arrogância. É desprezo, um imenso desprezo por si mesmo.

– Letras pequenas em um acordo pré nupcial que favoreceria apenas você. Seria iludida com tantas vantagens oferecidas que a parte mais importante passaria despercebida. – Suas palavras são como bofetadas em meu rosto. Como alguém pode ser tão cruelmente imoral?

– Eu sinto nojo de você, Domenico! – Ranjo os dentes, prestes a ser consumida por um ataque nervoso.

– Não a condeno por isso, Ethel. – Ele sorri fracamente e meu coração idiota acelera. Domenico é diabolicamente lindo, mesmo o odiando com toda força, isso ainda é inquestionável.

– Você pagou? – Seu olhar glacial se volta para mim e me prende, como se um imenso imã me mantivesse ancorada, sem a mínima possibilidade de me mover.

– No dia seguinte, bem cedo, meu advogado foi ao seu encontro. O dinheiro foi entregue e ele assinou toda a papelada.

– E como tinha certeza que ele se manteria distante ou não me contaria nada, uma vez que era meu cúmplice?

– Não tinha. Por isso mandei que meu pessoal o seguisse, vinte quatro horas por dia.

– E faria isso pelo resto da vida?

– Até que meu plano chegasse ao fim.

– Ou seja, até que você fodesse com a minha vida de maneira irremediável? – Um soluço escapa alto pela minha boca e não contengo mais as lágrimas.

– Ethel, por favor... – Ele ergue uma de suas belíssimas mãos e meu coração dá um pulso. Sou uma contradição ambulante. Odeio Domenico, mas não consigo impedir meu corpo imbecil de reagir a qualquer tentativa de contato por parte dele.

– Vá embora Domenico.

Me levanto desnorteada, sem saber o que esperar da vida a partir de agora. Claro que esse contrato não vale absolutamente nada. Não vou me casar com Domenico e muito menos ter um filho para depois entregá-lo de mão beijada. Mas, ainda tenho um pai e uma mãe perversos o suficiente para virem atrás de mim, mesmo depois de terem recebido a bolada paga por Domenico.

– Ethel, me escute.

– Não quero escutar mais nada.

Tampo os ouvidos com as mãos, como uma criança o faria, permitindo que lágrimas pesadas escorram pelas minhas bochechas. Sei que minha relação com Domenico não envolvia amor, pelo menos da parte dele, mas jamais passou pela minha cabeça que eu fosse tão facilmente negociável para ele.

– Scott acabou de me ligar. Meus homens perderam o rastro de seu pai, Ethel. – Ele cospe de uma só vez e volto meus olhos arregalados em sua direção.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que você corre perigo. Você e quem quer que esteja a sua volta.

Meu corpo amolece e minhas pernas falham. Habilmente e ágil como sempre, Domenico consegue me alcançar antes que caia com tudo no chão. Meus olhos turvos escurecem e já não escuto mais nada. Sons abafados longínquos ecoam, mas não sei diferenciar os acordes vocálicos.

– Como pode fazer isso comigo? – Pranteio quando sou colocada na cama por Domenico, que não se mantém por perto.

– Me perdoe Ethel, apenas me perdoe. Eu não tinha o direito de

desconfiar de você.

– Sai daqui.

– Ethel...Eu não sabia da sua história de vida quando propus o acordo, juro que apenas depois disso seu pai revelou sobre o seu abandono.

– E nem assim você foi capaz de ser misericordioso, não é mesmo?

– Por favor, Ethel...

– Você é um monstro, Domenico. Um monstro abominável, desprovido de sentimentos! Seu coração é uma pedra! Saia daqui, por favor!

– Ethel...

– Saia agora, Domenico! – Meu grito é tão alto que faz minhas cordas vocais reverberarem dolorosamente.

Parecendo compreender que a última coisa que quero e preciso nesse momento é da sua presença, Domenico deixa o quarto silenciosamente. Me jogo de bruços sobre os travesseiros. Misturo gritos histéricos com choro, chacoalhando meu corpo dolorido e desgastado pelos abusos sofridos. Acabo me entregando a um sono cheio de pesar, cheio de dor, repleto de mágoa. Como Domenico foi capaz de me considerar tão pouco?

CAPÍTULO BÔNUS



Me levanto da cama e começo a me vestir em completo silêncio. A alguns meses não tenho notícias de Ethel, melhor, não recebo notícias suas, uma vez que meus homens a escoltam desde a hora em que acorda até o momento em que se deita para dormir, me passando relatórios periódicos ao longo do dia.

Redobrei sua segurança a alguns dias, depois que alguns e-mails ameaçadores de Alejandro Gomes começaram a pipocar em minha caixa de entrada pessoal. O cara não é burro, sabia que seria uma questão de tempo para que eu descobrisse que toda sua história era uma farsa.

Olho por sobre o ombro de forma desdenhosa para Samantha, que ainda se encontra refastela por sobre a cama do hotel que venho frequentado ultimamente, em uma tentativa inútil de aliviar toda a tensão que ocupa meu corpo em sessões pesadas daquilo que mais gosto.

Tivemos uma relação a alguns anos atrás, Samantha foi uma das melhores e mais dedicadas submissas que já tive, mas seu jeito artificial de ser, foi o responsável por eu mesmo ter quebrado nosso contrato na época. Por enquanto, ela me basta, não quero uma relação 24/7, mas sim foder seu corpo, coisa que mesmo estando um trapo depois de todo o ocorrido, ainda faço bem.

Samantha joga algumas indiretas, mas ignoro suas investidas. Dou aquilo que ela quer, nesse quesito, não tem do que se queixar, e recebo aquilo que preciso. Gritos de dor e satisfação, que alimentam meu lado perverso e monstruoso, com o qual voltei a me acostumar a lidar.

Samantha Nielsen pode ser uma mulher insuportável quando lhe convém, mas na mesma medida é gostosa, safada e vive a anos no mundo blue, assim como eu, me permitindo jogar sem qualquer limite. Ela faz de tudo e gosta das mesmas sujeiras que eu, mas de uns tempos para cá, tem feito o impossível para me agradar.

Inspiro profundamente apertando as têmporas com força. Sei bem o que Samantha quer. Na verdade sei bem o que todas elas querem. Ultimamente tenho me divertido bastante quando o assunto está relacionado a cordas, amarras, chicotes e dor. Minhas submissas, todas, sem exceção alguma, almejam aquilo que apenas uma mulher poderia ter conseguido caso não tivesse me abandonado:

Se tornar a Sra. Domenico Aron Fox.

Franzo a testa quando olhos azuis esverdeados invadem meus pensamentos sem o meu consentimento. A inocência do rostinho angelical junto a fúria a qual fui submetido em nosso último encontro me fazem fraquejar. Um sorriso cínico se forma em meus lábios. Sou uma merda de um homem fragmentado.

Ethel Lisa Willians ferveu a porra do meu sangue desde o instante em que coloquei meus olhos sobre ela, talvez não, talvez o tenha sido quando os acordes doces e inseguros de sua voz invadiram desprevenidamente minha linha telefônica. O certo é que Ethel é uma menina, uma menina mulher, que infla meu corpo em puro tesão.

Me sinto um filho da puta devasso ao desejá-la da forma que desejo, mesmo depois de tudo que a fiz passar. Rosno diante minha revolta. Como pude ser tão indecente, tão desmoralizado e principalmente corrompido? O mais certo seria deixá-la em paz, mas o fato é que não consigo.

Eu não a amo, seria fácil seguir suas ordens e deixá-la viver sua vida sem minha interferência, mas como fazer isso depois do meu corpo ter sido desperto pela doce Ethel? Minha necessidade de protegê-la vai além da minha capacidade de abandoná-la.

Pode ser que esteja apenas encarando o fato como um desafio. Nunca mulher alguma me provocou como Ethel o fez. A verdade é que nunca dei oportunidade para que mulher alguma o fizesse. Ethel berrou comigo, me colocou para fora da sua casa e depois das minhas tentativas frustradas de entrar em contato, me enviou um e-mail, solicitando sua demissão e outro, meu completo afastamento.

“À “Geo Fox”

Prezado Senhor Domenico Aron Fox,

Por motivos pessoais, venho por meio deste e-mail apresentar meu pedido de demissão do cargo que ocupo nesta empresa.

Tendo interesse em desligar-me imediatamente, solicito a dispensa do cumprimento do aviso prévio. Deixo claro estar disposta a pagar pelas consequências cabíveis por minha quebra de contrato.

Sem mais,

Ethel Lisa Willians.”

Claro que ela poderia facilmente ter enviado o e-mail para Leonard,

uma vez que é seu chefe direto e o único responsável por sua contratação. O documento foi enviado a mim em mais uma de suas afrontas. Suspiro pesaroso, puxando minhas calças ao lembrar do e-mail que tilintou minha caixa de entrada logo em seguida.

“Domenico,

Antes de qualquer coisa, gostaria de me desculpar por não atendê-lo.

A verdade é que não necessito de palavras vazias em um telefonema qualquer para ter as minhas certezas, assim como você teve as suas ao me julgar e sentenciar, me penitenciando ao pior dos castigos.

Mas bem lá no fundo preciso te agradecer. Você, de maneira bem cruel, foi capaz de me fazer acreditar mais em mim.

Cheguei a conclusão que nosso maior inimigo somos nós mesmos. Se eu ganho, sou responsável, mas se perco, também o sou.

Durante toda a minha vida, responsabilizei terceiros pelos meus traumas e problemas.

Mas, isso nunca foi verdade!

Meus problemas eram causados única e exclusivamente por mim, ao ser fraca, permissiva e por acreditar que deixar alguém me dominar seria o suficiente para aliviar minha dor constante.

O primeiro grande passo para mudar precisa necessariamente ser meu. A mudança é minha, portanto, de minha posse.

Cometi erros e estou no momento em que preciso me reconciliar com eles, o mais rápido possível.

Reciclar o passado é uma missão impossível, assim como seguir adiante carregando uma mágoa também o é.

Não vou ficar lamentando aquilo que jamais daria certo.

NÃO SOU UMA SUBMISSA, assim como não sou um objeto para ser negociado em uma mesa de um bar qualquer.

Talvez me faltasse coragem para seguir em frente sem o respaldo de culpar os erros de meus pais por todas as vezes que me dava mal. Mas, descobri que não sou aquilo que falo ou penso, mas sim o que vivo, e escolhi viver longe de você, coisa que peço que aceite e principalmente, respeite.

De rio poluído, passei à águas claras de um límpido rio.

Sou eu que tenho que acreditar em mim e não trabalhar em cima da perspectiva absurda que a entrega da minha alma a um homem me faria mais forte e poderosa.

Espero que encontre aquilo que procura, mas bem lá no fundo, rogo a Deus para que volte a caminhar na luz e saia do mundo obscuro o qual vem se

*dedicando com tanto empenho para permanecer.
Adeus...Fique bem.*

Ethel Lisa Willians.”

Gemo e franzo a testa, na tentativa inútil de conter a dor de cabeça que já se anuncia, relembrando cada uma de suas palavras escritas. Desde então, nunca mais a procurei e tento conservar a proteção constante que mantenho sempre à distancia. Não quero que Ethel confunda preocupação com controle. Na verdade, não quero um atrito. Sei que pisei na bola e nada que eu fale ou faça, vai conseguir mudar minha merda de atitude.

O corpo macio de Samantha colado em minhas costas me puxa dos meus pensamentos. Uma mão abusada escorrega pelo meu abdômen e descansa sobre meu pau, alisando-o por sobre o tecido da calça. Escuto seu risinho satisfeito ao reparar minha ereção, certamente achando ser a causadora. Ledo engano. Só de pensar na doce Ethel, meu pau grita, ansiando pelo seu contato.

– Sempre querendo mais esse meu garotão... – Samantha sussurra em meu ouvido, enfiando sua língua em seguida.

Embora tenha acabado de passar por uma pesada e satisfatória sessão de “*Breathplay*”, também conhecida por asfixia erótica, onde o dominador restringe o oxigênio da parceira, sessões essas que Samantha sempre foi obcecada por saber o quão perigosa a prática é, confiando exclusivamente a mim para fazer aquilo que um amador facilmente poderia ocasionar sua morte, sua proximidade agora ao invés de me causar vontade, só me irrita.

Sem muita delicadeza, agarro seus pulsos e afasto suas mãos, impedindo-a de me tocar, dando alguns passos, me posicionando distante da cama. Um ronronado manhoso e forçado escapa dos lábios de Samantha, o qual ignoro, pegando minha camisa e colocando-a rapidamente.

– Sério que vai sair por aí de pau duro?

Sem desistir, Samantha se joga sobre a cama, arreganhando de forma vulgar as pernas, deixando seu sexo inchado e castigado por minhas fortes enterradas, completamente exposto. Arqueando as sobrancelhas, me encaixo em meu paletó e me viro de frente a cena quase bizarra de tão ridícula.

– Meu pau duro não é para você, Samantha. – Rosno em um tom agressivo.

– Como assim? – Seus olhos se arregalam e suas bochechas inflam, vermelhas de raiva.

– Te fodi, gozei, te fiz gozar. Agora cada um vai para o seu lado. Fim de papo. – Me viro de costas e caminho lentamente até a porta do quarto.

– É para ela não é mesmo? Estava pensando na cadelinha do interior enquanto jogava comigo! – Ela grunhe pouco antes que eu toque a maçaneta.

– Passou por sua cabeça que eu conseguiria mais de duas ereções com alguém como você? – Desdenho com ironia.

A decepção toma o semblante de Samantha. Posso estar enganado, mas ocasiono enxergar lágrimas se formarem em seus olhos. Tudo bem, essa é a hora de ir embora, não sou homem de dar explicações, quanto mais a uma mulher como Samantha Nielsen.

– Domenico... – Ela balbucia, sentando-se na cama.

– Samantha entenda uma coisa. Você é apenas mais uma. Não estou buscando por um relacionamento. Se estiver disposta a manter nossos encontros, não espere por mais e se conforme com o que gentilmente ofereço. – Digo com calma e escárnio, vendo seu rosto torcer de raiva.

– Você é um filho da puta, Domenico! – Sorrio ao ver seu descontrole.

– Nunca escondi isso de ninguém, Samantha. Mas, filho da puta ou não, sou eu que satisfaço seus fetiches, portanto, se quiser continuar sendo minha amante, será mediante as minhas regras. – Sim, Samantha Nielsen está pronta para me matar e isso me diverte ainda mais.

– Vai se foder, Domenico Fox! – Um objeto que não consigo reconhecer passa voando bem próximo ao meu rosto, batendo na porta e causando um enorme estrondo no interior do quarto.

– Bom, acredito que isso seja um não. Lamento muito, pois você é bem gostosa e topa qualquer tipo de parada. Uma pena, de verdade. Adeus, Samantha! – Digo sorrindo e saio do quarto, encerrando esse ciclo de uma vez.

– Que merda, Domenico! Onde diabos você estava?

Mal coloquei os pés em minha sala e um alterado Leonard adentra ruidosamente. Seu rosto está desfigurado e seu corpo todo vibra. Algo muito sério aconteceu. Sem fazer nenhum tipo de pergunta o encaro, e isso parece irritá-lo ainda mais. Com a mão tremula, ele me estica uma folha de papel.

– O que é isso? – Pergunto ao passar os olhos na caligrafia desconstruída que desenha o papel amassado e sujo.

– Leia e me diga você, Dom!

Leonard me dá as costas, caminhando nervoso em círculos, o que me deixa bastante estressado. Tentando ignorá-lo, me sento em minha cadeira e analiso o papel. Alguns minutos depois me encontro sem palavras e totalmente assombrado com o que acabei de ler.

– Que porra é essa? – Leonard apenas sacode a cabeça, em completo

desalento.

– Como esse filho da puta descobriu isso? – Arrasto a cadeira e busco pelos olhos de meu melhor amigo, tão assombrados quanto os meus.

– Honestamente? Não faço a mínima ideia Domenico. O fato é: Ele descobriu!

Jogo o papel por sobre a mesa e aliso os cabelos. Meus pensamentos em completa desarmonia. Meu segredo sempre foi a porra da jaula invisível que criei para viver no meu mundo sombrio, não me permitindo ser perdoado ou muito menos entendido por ninguém. Como esse merda conseguiu essas informações?

– Ethel está em perigo! – O pânico domina minha voz.

– Ethel está em perigo e você muito fodido. Se Alejandro Gomes cumprir o que ameaça nessa merda de carta, todo o mundo saberá o que aconteceu naquela noite, Domenico!

– Não me importo que o mundo saiba, já chega de me esconder por um crime que nem ao menos cometi!

– Não será a versão que Richard contará e muito menos na que a polícia acreditará. Todos os indícios levam a crer que foi você, Dom!

– Eu jamais teria feito aquilo, Leonard! – Falo baixo e rouco, tentando a todo custo não permitir que aquela noite volte a sobressaltar meus pensamentos.

– Eu sei disso, você sabe... Mas Richard jamais assumiria.

– Quero que Richard se foda! – Praguejo, enfiando as mãos nos bolsos e me virando para imensa janela, que mostra como sempre uma Boston cinza, assim como meu coração o é desde a fatídica noite que mudou minha vida da água para o vinho.

– Dom, peço que se acalme, precisamos pensar. – Leonard assume um tom de voz mais tranquilo, como se assim pudesse realmente arrancar de mim todo o estresse que me ocupa.

– Pensar em que? O filho da puta quer 51% das ações da “Geo Fox” e “AC Interprise”. Não tem o que pensar, Leonard! – Rosno, me voltando em direção a meu amigo.

– Não está realmente pensando em ceder a chantagem desse homem, está?

– E faço o que exatamente, Leonard? Deixo ele tocar em Ethel mais uma vez? Acha que dessa vez ele a deixará sair com vida?

– Ela está sob forte esquema de segurança, Domenico. Ele não tem como se aproximar dela. O mais preocupante aqui não é a integridade física de Ethel, que sabemos estar resguardada. – Leonard tenta me tranquilizar.

– O que pode ser mais preocupante do que manter Ethel segura? – Rosno ao estalar o pescoço.

– A merda será jogada no ventilador, Domenico. Richard dará sua versão dos fatos, a que sempre deu. Sua família irá se aproveitar disso para arrancá-lo do comando da “*Geo Fox*” e da “*AC Interprise*” e pior, você irá parar atrás das grades!

– Estou pouco me fodendo se for parar atrás das grades, Leonard. Já vivo em uma jaula abarrotada de mentiras a anos.

– E como irá proteger Ethel caso isso aconteça? – Leonard de aproxima e um flash desesperador paira em meus olhos. Preciso pensar, preciso achar uma saída.

– Como essa carta chegou as suas mãos? – Leonard me observa, sabendo que minha mente está funcionando como uma engrenagem em alta rotação.

– Foi deixada na recepção.

– Quando? – Insisto.

– Quando cheguei ligaram falando a respeito.

– Você a pegou lá embaixo?

– Claro que não, Dom. Subiu junto as correspondências. – Leonard tem uma expressão curiosa, sem conseguir acompanhar meu raciocínio.

– Ótimo, então quem a entregou ainda não faz ideia se atingiu ou não seu objetivo. – Mais penso do que falo.

– Provavelmente não. – Leonard concorda.

– Chame Fore aqui. Preciso de seu respaldo judicial para seguir adiante. – Me sento e busco meu telefone no bolso do meu paletó.

– Sério que vai falar no telefone nesse momento? – Um apalermado Leonard me encara.

– Vamos jogar, meu amigo. – Sorrio cinicamente, enquanto aguardo na linha para ser atendido.

– Domenico, o que diabos está armando? – Levanto a mão e aceno para que fique em silêncio.

– Susanna Wesley. Que prazer falar com você!

– *Uau! A que devo o prazer de uma ligação tão ilustre?* – A voz repulsiva e melosa demais do outro lado da linha me causa certo asco, mas, vamos seguir em frente.

– Achei que gostaria de ser a primeira a saber das notícias.

– “*Enfim resolveu aceitar a obra da Síria?*”

– Digamos que o furo dessa vez é pessoal, coisa que sei muito lhe agradar. – Debocho e consigo sentir sua agitação.

– “*Um furo pessoal?*” – A respiração alterada de Susanna entrega o tamanho de sua curiosidade.

– Sim, querida. Como somos amigos, darei prioridade para que seja a primeira a publicar.

– “*Agora somos amigos?*” – Susanna satiriza e não contendo uma risadinha.

– Digamos que é, apenas porque me convém.

– “*Desembucha Fox, qual é o furo?*”

– Eu e a Srta. Willians iremos nos casar.

– “*O que?*” – A pergunta vem junto a um engasgo e uma crise de tosse.

– Exatamente o que ouviu. Eu e Ethel Lisa Willians iremos nos casar nesse sábado.

– “*E por que acha que esse furo me interessa, Domenico?*” – Reconheço certo despeito em seu tom de voz e isso me diverte. No fundo ainda sou a mesma monstruosidade de sempre.

– Talvez porque eu sabia da situação financeira complicada que o “NBP” vem passando. Ah, esqueci de mencionar que casaremos em comunhão total de bens, sem um acordo pré nupcial, acho que essa é a parte mais interessante de toda a notícia.

– “*Você está louco?*” – O tom alterado estronda pelos quilômetros que separam nossos celulares.

– Só de amor, Susanna...Louco de amor. Inclusive, pode colocar isso em sua matéria, renderia bastante na primeira capa. Tenha um bom dia! – Desligo sem esperar por sua resposta.

Sei que Susanna jamais perderia a oportunidade de dar um furo dessa dimensão envolvendo meu nome, por mais que esteja corrompida em sua própria dor de cotovelo. Leonard está parado, boquiaberto a minha frente, branco, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

– Que merda você pensa que está fazendo?

– Me casando.

– Deixa de ser engraçadinho, Domenico!

– Meu caro, pense comigo. Alejandro Gomes quer 51% das ações de tudo que tenho não é mesmo?

– É o que está escrito na carta.

– Casando com Ethel em comunhão total de bens, ela será dona de 50% de tudo que tenho, sendo assim, não terei como passar 51% das ações para aquele filho da puta, no máximo 25% da parte que me pertence.

– E com isso você mantém o controle das empresas... – Leonard fala

baixinho, parecendo compreender meu plano.

– Exatamente. Meus 25% junto aos 50% de Ethel ainda me mantém como CEO das corporações e por mais que isso possa render uma boa grana para aquele filho da puta, ele não deterá os poderes plenos das empresas.

– E se ele não concordar?

– Por isso liguei para a melhor das piores. Susanna não vai esperar um segundo para espalhar a notícia. Alejandro não sabe se a carta já chegou as nossas mãos, portanto, ou ele aceita ou morre na praia, duro, fodido e bem arrebitado pela surra que Scott muito provavelmente irá providenciar.

– Tudo bem, Domenico. Vejo algum fundamento do seu plano. Mas tem uma parte que realmente ainda não consegui assimilar.

– Qual seria essa parte?

– Ethel não quer vê-lo nem pintado de ouro. Como vai convencê-la a se casar com você?

– É aí que entra Willian Fore, a quem eu pago muito bem por ser um dos melhores advogados dos EUA. Não será verdadeiramente um casamento. Digamos que será um contrato, que muito a favorecerá. E claro, vou precisar que ele burle apenas um pouquinho a lei, fazendo a data retroativa. Para todos os fins, estamos casados no civil a cerca de uma semana. Isso impedirá qualquer tipo de questionamento por parte do filho da puta pervertido do seu pai.

– Ethel não é o tipo de mulher que cresce os olhos com favorecimentos, Domenico.

– Preciso concordar com você. O fato é, estando casada comigo, ela resguarda minhas empresas e também sua integridade física. Alejandro não arriscaria nada contra ela.

– Ainda sim, sendo um casamento de verdade ou um acordo, como pretende fazer para que Ethel o aceite?

– Clarisse Thompson!

– O que tem Clarisse? – Leonard me encara com a testa franzida.

– Clarisse ama demais sua amiga, quando souber que minha única intenção com todo esse plano é não permitir que Alejandro lhe faça algum mal, vai ser minha maior aliada. Ela convencerá Ethel a fazer o certo. – Falo, passando uma certeza que nem mesmo eu tenho.

– E o que fazemos a respeito da carta?

– Ignore-a. Vamos aguardar o próximo passo de meu futuro sogro.

– Não acha que está arriscando demais, Domenico?

– Pobre do homem que nunca correu riscos, meu amigo. Talvez nunca tenha se decepcionado com uma escolha errada ou se desiludido. Não arriscar é o mesmo que se enterrar em uma cova por medo de perder antes mesmo de tentar

a vitória!

- Poético, mas viável?
- Isso apenas o tempo dirá.
- Tempo esse que não temos. Caso seu plano dê errado, você acabará atrás das grades, Ethel provavelmente nas mãos de um pai que só deus sabe o que é capaz de fazer e suas empresas falidas em pouco tempo.
- Dará certo! – Afirmo categoricamente.
- Assim espero meu amigo...Assim eu realmente espero!

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Dois meses. Dois longos meses sem qualquer notícia de Domenico, a não ser as fofocas que esporadicamente aparecem na televisão, mas trato logo de mudar o canal. Não leio propositalmente a parte de negócios e economia dos jornais e evito qualquer site na internet que possa ter alguma matéria a seu respeito. Dentro de casa, eu e Clarisse fizemos um trato silencioso. Nunca tocamos em seu nome.

Talvez esteja paranoica, mas algumas vezes, enquanto ia ou voltava de uma entrevista de emprego, o qual não arrumei até hoje, me senti sendo observada. Quando tal sensação me invadia, tratava de entrar no primeiro estabelecimento comercial, apavorada com a possibilidade de ser pega mais uma vez pelas mãos nojentas de Alejandro Gomes.

Desde nosso último encontro, que deixou muitas sequelas, até hoje sinto a merda da costela doer, nunca mais tive notícias suas. Talvez Domenico tenha resolvido as coisas a seu modo, ou quem sabe os quinhentos mil dólares ainda estejam rendendo frutos o suficiente para que ele não tenha voltado a incomodar. De qualquer maneira, me sinto refém, seja lá onde esteja ou o que esteja fazendo, estou sempre com medo.

Pedi demissão da “Geo Fox” logo após minha conversa com Domenico. Não existia mais clima para que dividíssemos o mesmo espaço. Não fiz questão de aparecer para assinar a quebra contratual. Clarisse arrumou um amigo advogado, que gentilmente resolveu todos os tramites legais por mim.

Não posso e não vou reclamar. Todos os meus direitos foram garantidos, ganhei inclusive um bônus por dedicação ao trabalho. Horas extras, bem mais extras do que realmente fiz, foram pagas e Domenico fez de tudo um pouco para que eu saísse da “Geo Fox” resguardada financeiramente, para que pelo menos pudesse me sustentar por algum tempo.

Enviei, junto ao meu pedido de demissão, um e-mail para Domenico. Admito ter ficado um pouco decepcionada por não ter recebido uma resposta sua, mesmo que fosse mal criada. Depois disso, achei por bem tentar refazer minha vida, me reerguer e tentar a todo custo esquecer a avalanche que soterrou

tudo aquilo que achava ser o correto para mim.

Tudo bem, talvez, só talvez eu possa estar sendo radical demais. Mas, Domenico mexeu na ferida que mais sangra dentro de mim. Se ele tivesse apenas proposto a indecência de um casamento como pagamento para meu pai, eu até compreenderia, me revoltaria, mas tentaria entender.

O problema foi que ele usou exatamente o ponto mais dolorido de toda a minha história. Fui abandonada por minha mãe assim que nasci. Nunca soube o que era o calor de um colo materno, um beijo de boa noite, uma historinha contada para dormir.

Propor me engravidar e retirar meu filho de mim sem dó nem piedade, acordou todos os receios e angustias que sempre me habitaram. Me assustei com a capacidade que Domenico tem em ser cruel e pior, vi em seus olhos que ele realmente o faria caso fosse necessário. Não foi uma proposta vã. Ele estava com ódio, queria se vingar por algo que eu nem sequer havia feito.

Gabriel, assim que soube do ocorrido, voltou para Boston, não contei os detalhes, falei apenas da surra e da extorsão. A única pessoa além de mim que conhece toda a história é Domenico. Me sinto envergonhada e levemente inoculada ao lembrar que aquele verme peçonhento colocou suas mãos fétidas em mim.

Posso dizer que meu anjo Gabriel foi o responsável por me tirar do imenso buraco que me enfiei, chegou a inclusive se oferecer para tentar um empréstimo no banco a fim de me ajudar, coisa que obviamente, neguei. Saímos algumas vezes para almoçar, outras apenas para longos passeios a tarde no parque e fomos ao cinema, coisa que não fazia a anos.

Conversamos sobre o tempo, sobre política, sobre esportes, mas nunca sobre minha vida pessoal. A única vez que o fizemos, Gabriel se mostrou contra minha atitude rígida em manter Domenico afastado e não dar ao menos a oportunidade para que ele se explicasse melhor. Homens! Sempre tão fieis uns aos outros!

Deletei e bloqueei “*Dom Aron Damon*” do meu Facebook. Sei que foi uma atitude infantil, uma vez que não posto nada desde o fato ocorrido, sendo assim, Domenico não teria qualquer informação minha por lá, mas bem lá no fundo, não conseguia mesmo era resistir a tentação de constantemente entrar em seu perfil em busca de alguma atualização, e quando isso acontecia, me via perdida em suas fotos, em seu corpo e em todas as lembranças que ele me trazia.

Charlotte ronrona e se esfrega em minhas pernas, buscando por um pouco de atenção e me abaixo sorrindo, acariciando a bichana que tem sido minha maior e melhor companheira. Nesse momento, uma afoita Clarisse abre a porta do quarto, me acertando em cheio. Cambaleio tentando me equilibrar, mas

acabo tropeçando em minha gata e me estatelando em cheio de bunda no chão!

– Ei! Está louca? – Reclamo, passando a mão na parte dolorida do meu traseiro.

– Devo estar, muito louca! – Agitada, ela se ajoelha a minha frente e me mostra a tela do seu celular.

– O que é isso? – Pergunto, tirando o celular de sua mão.

– Leia você mesma! – Sua voz parece a quinta sinfonia em dó menor, claro que bem desafinada, de “*Beethoven*”.

Meus olhos correm a pequena tela e meu queixo despenca. É como se todo o ar dos meus pulmões tivesse sido usurpado. Meu coração bate tão forte que posso ouvi-lo tilintar em meus tímpanos. De olhos arregalados, encaro minha amiga, talvez em busca de alguma explicação razoável para o que acabei de ler.

– Que porra é essa? – Pergunto incrédula.

– Se você não sabe, como eu posso saber? – Clarisse volta a pegar seu celular e parece reler a detalhada matéria.

Me levanto rapidamente, esquecendo a bunda dolorida e me sento na beirada da cama, sem acreditar. Clarisse, por sua vez, lê o artigo publicado na primeira página no “*NBP*” e assinado por Susanna Wesley em voz alta, como se assim pudesse fazer mais compreensível toda essa maluquice.

“O todo poderoso e cobiçado CEO do conglomerado “Geo Fox” e “AC Interprise”, Domenico Aron Fox enfim foi fisgado. Segundo sua própria assessoria pessoal, o mesmo se casará em uma cerimônia íntima para amigos e familiares no próximo sábado com a jornalista Ethel Lisa Willians.

O namoro entre os dois jamais havia sido confirmado, porém, fotos juntos já davam indícios do romance em andamento. Curiosamente, diferente dos casamentos tradicionais entre príncipes encantados e gatas borralheiras, esse acontecerá em comunhão total de bens, sem um contrato pré nupcial estabelecido.

E para quem diz que os fortes não amam, fica aqui o maior exemplo que além de amar, também são capazes de cometerem imensas loucuras!

Felicidades ao casal.”

– Ler em voz alta não vai me fazer entender que merda é essa Clarisse!

– Reclamo, enfiando o rosto entre as mãos. O que Domenico pretende com isso?

– Ah, meu bem, pode não te fazer entender, mas vai me fazer decorar cada palavra para pedir as devidas explicações ao cara de pau do Leonard! – Dito isso, Clarisse desliza o dedo pela tela e pela cara feia, fica bem óbvio que está ligando para seu agora, assumido namorado.

– Leonard Robson, posso saber que porra de matéria é essa? – Aos

gritos e com uma das mãos na cintura, Clarisse se sacode, tornando a cena hilária. Eu até tentei, mas não consegui conter uma gargalhada.

– Como assim já te explico? Você vai me explicar agora!

Exatamente ao final da frase, duas batidas leves na porta chamam nossa atenção. Eu e Clarisse nos olhamos e seu celular escorrega de seus dedos, indo parar no chão. Apressada, ela corre até a sala, sendo seguida por mim, que não contenho tamanho entusiasmo.

– Que porra é essa Leonard? – Clarisse grita assim que abre a porta e não preciso ver para sentir a presença de Domenico.

Meu corpo inteiro se arrepia e aquela corrente de energia que apenas ele é capaz de causar se espalha por minha coluna, sendo distribuída gradualmente a todos os meus músculos. Nervosa e sem saber como agir diante sua presença, me sento no sofá, sem desviar os olhos da porta.

A espera é um doloroso castigo. Sei que ele está aqui, mas não posso vê-lo. Claro que ainda penso em Domenico. Me envergonho profundamente em admitir isso a mim mesma, mas é simplesmente impossível conter a imagem do homem lindo, frio e calculista, que a cada cinco minutos dos meus dias, volta com tudo e com uma força inexplicável em minha mente.

As vezes me pego de olhos fechados, sentindo seu corpo colado ao meu, seu desejo sempre tão aparente e principalmente, sentindo nosso encaixe perfeito. É como se tivesse sido enfeitiçada, mesmo sabendo o que ele fez, meu corpo não se importa nem um pouco, muito pelo contrário, sofre uma ânsia constante em voltar a ser saciado.

De cabeça baixa e mãos entrelaçadas sobre o colo, sinto o cheiro amadeirado tão característico flutuar por minhas narinas. Meu coração dispara, indo parar na minha garganta e uma vontade louca de gritar me domina. Escuto os passos sempre seguros passarem por mim.

Erguendo a cabeça observo os ombros largos e imponentes do homem mais maravilhoso do mundo, parado próximo a janela e de costas para mim. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos e ele permanece olhando para o lado de fora, esperando calmamente que eu me manifeste.

Enfim me coloco de pé e buscando coragem sei lá de onde, procuro por seu semblante através do vidro da janela. Meu peito dói e não contenho um arquejo quando meu olhar cruza com o dele. Os olhos azuis glacias, que tanto me encantam e estiveram me assombrando de saudade nos últimos dois meses, se cravam nos meus. O impacto é tão forte que cambaleio e caio sentada no sofá.

Domenico Aron Fox! E eu que achava estar pelo menos um pouco mais preparada para lidar com sua presença. Gemo baixinho, me levantando do sofá envergonhada por estar demonstrando tamanha fraqueza e aquele arremedo

de sorriso descarado desenha seu rosto ao mesmo tempo em que ele se vira para mim.

Com passos elegantes, ele diminui a pequena distância que nos separa, parando a apenas alguns palmos de mim. Seus olhos analisam meu corpo, me causando aquela sensação estranha de frio e calor simultâneos e só agora me dou conta que estou vestindo apenas um conjuntinho de malha de short e camiseta, o que deixa praticamente todo o meu corpo a mostra.

Impossível conter o arrepio que se espalha por minha pele diante sua análise minuciosa. Em uma atitude de defesa, cruzo os braços para tentar de alguma forma esconder meus mamilos arrepiados que clamam pelo seu toque. Um flash de diversão ilumina seu rosto enquanto olhos astutos acompanham meu gesto ridículo.

Ele dá mais uma passo em minha direção e nesse instante, nossa distância é praticamente nula. Alto e intimidante, Domenico não é o tipo de homem a ser desprezado, seja lá qual for o motivo. Ergo minha cabeça e o encaro, tentando a todo custo não deixar transparecer o quanto apenas sua proximidade já é capaz de me encharcar. Sim, Domenico é lindo, o homem mais lindo de toda face da terra!

– Bom dia, Ethel. – Com os olhos colados aos meus, ele diz em voz rouca.

– Domenico... – Balbucio sem conseguir esconder o quanto estou ofegante.

– Você está bem?

– Estou... Ou melhor, estava, até você entrar sem ser convidado em minha casa! – Dando um passo para trás, me dou conta de quem está a minha frente e do quão vulnerável sou a seus charmes e encantos.

– Fui convidado a entrar por sua amiga, que acredito também ser a dona da casa. – Com uma expressão de desdém, ele aponta para Clarisse, que permanece parada como uma estatua de sal na porta, junto a Leonard e outro homem que não faço a mínima ideia de quem seja.

– Por que está aqui, Domenico? – Seus olhos se estreitam ligeiramente e ele me observa em silêncio, me fazendo perder um compasso cardíaco enquanto o tempo passa. Como um predador, ele estuda meus movimentos, tentando se antecipar as minhas reações, que obviamente, são bem favoráveis diante a sua presença diabolicamente bonita.

– Tenho uma proposta para fazer. – Ele diz com sua arrogância costumeira de o todo poderoso dono de todo o universo, torcendo os lábios sarcasticamente.

– Não tenho interesse em nenhuma das suas propostas, Domenico.

Acho que procurou a pessoa errada. Quem sabe Alejandro Gomes? – Seu olhar glacial de fixa ao meu e é exatamente nesse momento que perco as palavras. Sempre foi assim. Oscilo entre o intimidada, deslumbrada e assustada. Esse é o efeito Domenico sobre mim.

– Creio que depois de me ouvir, mudará sua perspectiva. – Ele fala sem uma nota sequer de alteração em sua voz. Caralho, como pode a presença de alguém ser tão esmagadora?

– Já deixei claro que não estou disposta a te ouvir. – Uso o máximo de potência possível para entonar minha voz, tentando me fazer segura e desinteressada. O foda disso tudo é que ele está realmente muito próximo, o perfume me entorpecendo, amolecendo minhas pernas e me deixando vulneravelmente exposta.

– Será que você pode deixar de ser criança, Ethel Lisa? – Ele rosna e isso me irrita.

– E você pode deixar de ser um idiota arrogante, Domenico Fox? – Ele bufa com minha resposta e leva uma das belíssimas mãos aos cabelos, movimento acompanhado com toda a atenção por meus sedentos olhos. Preciso me segurar para eu mesma não me entrelaçar no emaranhado loiro acobreado que tanto me afeta.

– O que você quer, Domenico? – Baixo a guarda, sabendo que será impossível lutar contra a vontade dele.

Um sorriso que acho ser carinhoso desenha seus lábios. Suas covinhas ressaltam por baixo da barba por fazer e seus longos e macios dedos tocam minha bochecha de forma saudosa e reverencial, o que me faz dar um pulo para trás, tremula e ofegante com o ínfimo contato.

– Primeiro eu quero saber se você está bem, Doce Ethel. – A voz suave junto ao jeito terno de pronunciar meu nome, me obriga a fechar os olhos e entreabrir levemente os lábios.

Sinto o deslizar de seus dedos pelo meu rosto, deixando uma trilha ardente por onde o toque suave passa, sem urgência ou pressa, ele me acaricia ternamente. Mais uma vez aquela mistura eletrizante de frio e quente me invade. Meu ventre se contorce e não gosto nem de imaginar o estrago que deve estar minha calcinha.

Abro meus olhos e fico hipnotizada pelas esferas glaciais que brilham, como dois raros diamantes. Mesmo trazendo um “Q” de ternura, ainda sim consigo ver a austeridade inflexível que carrega, uma das características que torna Domenico um homem tão incrivelmente singular.

– Eu estou bem, Domenico. E você, como tem passado? – Falo baixinho, aproveitando ao máximo a sensação da sua pele na minha. Suas

narinas se dilatam, como se precisasse disso para respirar e seu rosto se aproxima do meu, inalando profundamente.

– Vivendo a vida. – Rosna asperamente, enquanto seu polegar resvala, contornando meus lábios.

Engulo em seco e prendo o ar, sentindo minha carne mais interna e necessitada pulsar. E de repente, como tudo começou, também termina. Domenico se afasta e volta a enfiar as mãos nos bolsos, sinalizando com a cabeça para que os outros se aproximem. Ordem prontamente atendida.

– Srta. Willians? – O cara que não faço ideia de quem seja mas sabe perfeitamente quem eu sou, se dirige a mim.

– Sim... – Preciso pigarrear para encontrar minha voz perdida em algum lugar bem profundo dentro de mim.

– Sou Willian Fore, advogado do Sr. Fox. – Ele me estende a mão, a qual aceito receosa. O que o advogado de Domenico quer comigo?

– Tenho alguns documentos que precisa assinar. – Prático, ele fala enquanto retira um bolo de papeis de dentro de uma maleta apoiada na bancada da cozinha.

– Que tipo de documentos? – Cerro os dentes, já me colocando na posição de defesa.

– Permita-me explicar, doce Ethel. Você vai se casar comigo. – Puta que pariu, nunca ouvi piada maior na minha vida. Não me contendo, dou uma sonora gargalhada, me sentando no sofá e limpando as lágrimas que a crise de riso me causou.

– Ethel... – O tom intimidador me faz voltar os olhos em sua direção. Da graça a completa fúria.

– Vai a merda, Domenico! Acha que sou esse tipo de idiota? Não pense que vai chegar aqui, com toda sua pompa envolvido em sua cátedra e decidir o que vou ou não fazer da minha vida. Foda-se o trato que fez com meu pai, não vou ser conivente com tamanho absurdo! Sinceramente, você deve estar usando algum tipo de droga muito pesada para imaginar a hipótese de que eu aceitaria essa proposta mais do que indecente.

Um canto de boca firme se eleva diante a minha insolência e explosão. Tudo bem, essa seria a hora em que eu deveria sair correndo completamente apavorada, principalmente por ver o enorme corpo se aproximar perigosamente do meu, me deixando encurralada entre o monte de massa muscular e o sofá.

– Deixe-me explicar uma coisa, doce Ethel. Isso não tem absolutamente nada a ver com o fato ocorrido a meses atrás. Seu estimado pai enviou hoje cedo uma carta bastante ameaçadora para o meu escritório. Antes disso, ele encheu minha caixa de e-mail com suas abobrinhas insanas. Acredito

que você não tenha escolha.

– Não tenho escolha? O que uma carta endereçada a você tem a ver comigo? Não vou me casar com você, Domenico, nem que seja o último homem na face da terra! – O afronto, me levantando e colando meu nariz em seu queixo.

– Você pode se acalmar e me ouvir?

– Não, eu não posso! – Grito de encontro ao seu rosto.

– Vocês podem nos dar licença?

Sem esperar por resposta, Domenico agarra meu braço na altura do meu cotovelo e mesmo diante meus protestos, me puxa com certa agressividade em direção ao quarto. Com uma das mãos ele abre a porta, com a outra, enlaça minha cintura, puxando-me forte contra seu corpo.

Sinto minhas costas tocarem a parede e me sinto tonta. Minhas pernas amolecem e estremeço com o contato e principalmente com o cheiro amadeirado que dança um balé clássico em minhas narinas, causando um furor sem fim em meu cérebro. A sensação do corpo de Domenico colado ao meu me subjuga, me faz um nada.

– Não temos opções, doce Ethel. – Sua boca pronuncia as palavras muito próxima a minha, Seus olhos azuis flamejam e reconheço o que vejo... Desejo. O mais puro e lascivo desejo!

– Sempre existem opções, Domenico. – Mais gemo do que falo ao sentir sua respiração percorrer minha pele e seu hálito mentolado junto ao meu. Involuntariamente, meus olhos buscam por sua boca.

Sim, quero bater em Domenico Fox, na mesma proporção que quero puxá-lo pelos cabelos e devorar sua deliciosa boca. Se controle Ethel Lisa, grita meu lado inteligente do cérebro, sendo completamente ignorado pelo lado inconsequente, que me faz passar a língua sobre os lábios, a fim de umedecer a carne repentinamente ressequida.

Um rosnado baixo escapa da garganta de Domenico e seu polegar mais uma vez toma minha boca, dessa vez sendo interpelado por minha língua. Sem resistir, lambo seu dedo e a reação é imediata. Domenico empurra o quadril contra meu corpo, sugando todo o ar dos meus pulmões, me fazendo sentir o tamanho de sua excitação.

Uma dor lancinante toma meu sexo. Fluidos quentes escorregam e ultrapassam a barreira da calcinha simples de malha que estou usando. Meu ventre se contrai, e ao invés de me afastar, me empurro contra seu corpo, aumentando humilhantemente nosso contato.

– Domenico... – Mais gemo do que falo.

– Está sentindo, doce Ethel? Meu pau grita pelo seu corpo. – Ronrono e cerro os olhos, mortificada com minhas reações selvagens e cruas ao sentir seu

enorme volume contra minha pele.

– Seu pau grita por qualquer coisa que use saia e meias de seda, Domenico! Não seja um completo imbecil, espero mais que isso de você. – Espalmo as mãos em seu peito e tento empurrá-lo, mas a única coisa que consigo com meu gesto é me excitar ainda mais sentindo cada pequeno gomo de sua musculatura perfeita.

– Case-se comigo e vou te mostrar todos os dias por quem meu pau grita. – Seus lábios se estreitam em um sorriso cínico e seus olhos se tornam ainda mais glaciais. Suas mãos sobem por meus braços e não contendo um arrepio. Domenico sabe bem como provocar esse tipo de reação em meu corpo.

– Não vou me casar com você, Domenico! De onde tirou essa ideia absurda? Tem uma fila de mulheres fazendo até promessa para um pedido seu, vá atrás delas!

– Sim, doce Ethel, eu posso realmente ter a mulher que eu bem desejar, e é exatamente por isso, que você irá se casar comigo. Acho que essa conversa já ficou maçante e bastante infrutífera! – Sua voz é um rosnado selvagem e enquanto fala, Domenico baixa as finas alças da minha camiseta. Sem ar, preciso controlar a guerra interna entre vontade e medo de me permitir entregar mais uma vez a ele.

Deslizando de uma vez minha camiseta, Domenico me observa por alguns segundos. Sinto o tecido escorregar pelos meus quadris, ficando ali presos. Sem um pinga de cerimonia, seus polegares terminam o serviço, dessa vez levando o pequeno short e calcinha junto.

Minha primeira reação foi me cobrir, evitando assim seu olhar faminto, mas meu lado apaixonado acaba por falar mais alto e me empino, como um pavão fêmea pronto para acasalar, esticando minha coluna e aguentando a potencial glacial de seu olhar. Seus olhos se predem aos meus por um tempo e consigo enxergar aquele brilho satisfeito. E aqui estamos nós dois, jogando mais uma vez!

– Você é linda, Ethel! – Sua voz é baixa e suave e eu, me derreto.

Seu olhar se perde em minhas curvas, sua respiração se altera e seu maxilar perfeito range. Meu corpo treme sem controle, sinto meus seios endurecerem, se tornando mais pesados, os mamilos gritam, pontudos, prontos para receber sua boca sempre tão faminta.

Domenico geme quando enfim alcança meu sexo com seu olhar e essa reação muito me agrada. Saber que sou capaz de descompensar um homem tão intenso me faz poderosa. Comprimo minhas coxas, evitando o fluxo de excitação que se derrama por entre as minhas pernas, sem evitar um gemido. Ele sorri, notando meu esforço e sua expressão irônica o torna ainda mais desejável.

– Ethel, contratualmente, já estamos casados desde a semana passada basta que assine os papeis. – Ele fala, desviando os olhos do meu ponto em ebulição e voltando a buscar por meus olhos.

– O que? – O tesão foge a galope ao ouvir suas palavras.

Esqueço o melado das coxas, o pau imenso que lateja a minha frente, o rosto perfeito, o corpo musculosos, esqueço tudo. Me aprumando ainda mais e alheia ao fato de estar completamente nua, me estico em sua direção, com o dedo em riste, decida a acabar com essa palhaçada de uma vez.

– Já disse que não existe nada no mundo que me faça casar com você, Domenico! Chega, você está me irritando! –

Cuspo as palavras e chacoalho ao notar que ele voltou a se aproximar com aquele sorriso de esfinge enfeitando o rosto, pouco se importando com minha afronta. Engasgo com minha própria saliva ao buscar por uma alternativa e não encontrar. Domenico nesse momento tem a vantagem, tanto física quanto emocional sobre mim.

– Gosto de você bravinha assim...

– Sério? E vai fazer o que? Me estuprar? Porque se é em sexo que está pensando, só dessa maneira irá conseguir, meu querido! – Tudo bem, não esperava mesmo por sua reação. Domenico gargalha alto, jogando sua cabeça para trás, me permitindo alguns segundo de admiração plena pelo seu delicioso e apetitoso pescoço.

– Seu namoradinho enfrentou a mesma resistência? – Ele pergunta baixo, de um jeito lacônico.

– O que? – Junto as sobrancelhas em uma expressão confusa, sem compreender o que Domenico quer dizer.

– O anjo Gabriel. Fodeu com ele enquanto se fazia de difícil para mim? – Meu rosto aquece conforme a raiva me domina.

– Você andou me vigiando? – Pergunto incrédula.

– Protegendo seria mais apropriado. – Seus lábios desenhavam mais uma vez aquele sorriso torto, que exalta suas lindas covinhas.

– Protegendo? Para sua informação, com quem eu fodi ou deixei de foder não é da sua conta, Domenico Fox! E eu não estava fugindo de você, deixei claro que depois do que fez, não havia espaço em minha vida para uma pessoa miserável como você!

Tudo bem, deveria ter ficado calada. Em um bote rápido, Domenico me prende contra a parede, erguendo meus braços por sobre minha cabeça. Em uma reação automática, tento atingi-lo com meu joelho, mas o cretino é mais rápido e impede meu movimento.

Um dos seus pés abre minhas pernas e gemo frustrada, sabendo que é

impossível resistir, por mais que eu tente e que minha razão esteja berrando descontrolada, meu corpo não me obedece. Segurando meus pulsos com uma só mão, tarefa que para ele é bem fácil, ele escorrega a outra pelo meu pescoço, ombro, até enfim alcançar meu seio, acariciando gentilmente.

Ofegante, fecho os olhos diante o contato inesperadamente suave, tentando controlar o desejo imoral que se inflama em minhas artérias e escapole por todos os meus poros. Quanto mais raiva sinto, mais excitada fico. Um sorriso desdenhoso torce seus lábios que descem bem lentamente sobre meu outro seio.

– Domenico... – Chamo pelo seu nome ao sentir a língua quente e experiente viajar pelo meu mamilo antes de ser abocanhando e ferozmente sugado.

Choramingo ao sentir a deliciosa onda de prazer atravessando minha carne quando com a mão que acariciava meu outro seio ele me belisca, puxando com força o mamilo, mamando o que está em sua boca em um frenesi erótico, me fazendo explodir em um milhão de pedaços.

Sôfrega, arqueio meu corpo, me empurrando ainda mais em sua direção, querendo mais, adorando mais uma vez ser subjugada pelo meu delicioso dominador, de quem senti tanta falta. Seus dentes mordiscam meu mamilo e eu grito desesperada. Sua boca engole meu seio, que é completamente sugado, me causando uma deliciosa mistura de dor e prazer.

Sem pena, Domenico me engole, me devoram enfraquecendo qualquer intenção que ainda tinha de resistir. Tremo, ofego, me contorço inteira. Jogo meu quadril em direção ao dele, buscando pelo pau imenso que sei estar pronto para mim, mandando as favas o restinho de amor próprio que ainda me sobrava.

Domenico rosna com minha reação, permitindo que escape um gemido rouco do fundo de sua garganta. Por mais que eu queira, não encontro forças para me desvencilhar do sentimento poderoso que me abate quando tocada por ele. Não consigo, não quero resistir.

Sua mão para a tortura deliciosa que impunha em meu seio e descende, percorrendo meu ventre, amassando a carne da minha cintura, apertando meus quadris, explorando calmamente, como se tentasse lembrar de cada ponto mais escondido da minha pele.

Seus dedos deslizam como uma pluma em minhas coxas. Um arrepio percorre minha coluna e jogo a cabeça para trás, me oferecendo, me doando por inteira. Um rosnado reverbera de sua boca ainda agarrada em meu seio quando finalmente seus dedos encontram meu sexo.

– Caralho, Ethel! Sua boceta gostosa está pingando para mim!

Uma infinidade de sugadas em meus seios se seguem. Ora um, ora outro, a atenção dispensada a ambos é a mesma. Seus dedos deslizam pelo meu

sexo, apertando meus grandes lábios, beliscando meu clitóris e por fim, se enfiando em minha profundidade vagorosamente.

– Domenico, não... – Balbucio, buscando forças para não me permitir viajar mais uma vez nas loucuras dominadoras de Domenico. Como se não tivesse me ouvido, ele inicia um vai e vem cadenciado e delicioso com seu dedo, tocando aquele ponto exato, que só ele conhece a existência.

– Você fodeu com ele? – Sua boca abandona meu seio e seu rosto agora está muito próximo ao meu. Seus olhos carregam uma mistura confusa de esperança e raiva.

– Não enche, Domenico... – Reclamo, revirando os olhos ao sentir mais um dedo se juntar a massagem extasiante no interior do meu sexo.

– Responda, Ethel. Você fodeu com ele? – Ele volta a perguntar, sei que não vai desistir, conheço bem o homem que tenho a minha frente.

– Não, Domenico. Eu não fodi com ninguém! – Respondo em um fio de voz e vejo surpresa e alívio tomarem seu belíssimo rosto

– Tem certeza? – A expressão agora dá espaço a desconfiança. Domenico estreita os olhos e se enfia ainda mais profundamente, me arrancando um grito.

– Eu não minto, Domenico. – Arfo, tremendo descontroladamente e seu rosto torce no que acredito ser arrependimento, mas foi tão rápido que eu mesma acabo duvidando se foi mesmo isso que vi.

– Eu sei, doce Ethel, eu sei... – A voz doce e amorosa me pega desprevenida.

Domenico me fode devagar, suas pedras glaciais coladas em meus olhos, observando minhas incontidas reações. Seu polegar massageia meu ponto mais delicado, enquanto seus dedos me devastam lentamente. Gemo baixinho seu nome, completamente rendida, sugando-o e apertando seus dedos ao redor da minha carne molhada e quente.

– Sabe o quanto senti falta disso? – Ele sorri livre de qualquer escárnio ao sussurrar em meu ouvido com a voz suave e diabolicamente sedutora.

Lábios quentes tocam minha face, pequenos beijos são depositados por todo o meu rosto, trilhando um caminho enlouquecedor até meu pescoço. Sem pensar em mais nada, inclino a cabeça, dando espaço para sua exploração. Mordidas, lambidas e chupões são distribuídos naquele vale pecaminoso entre ombro e pescoço.

Uma poderosa energia começa a se desencadear em meu ventre. Percebendo minha necessidade, Domenico acelera seus movimentos de maneira ritmada, e o que antes era só uma massagem sensual, se torna uma foda acelerada, forte e profunda. Seus dentes mordem a carne do meu pescoço e me

vejo perdida.

– Vamos, Ethel. Aperta meus dedos com essa boceta molhada e gostosa. Goza para mim. – Seu comando como sempre é uma ordem e sou jogada em um precipício profundo diante suas palavras depravadas, excitada de uma maneira descontrolada por sua áspera perversão.

– Domenico... – Grito seu nome quando a barreira do prazer me rompe, espalhando pedaços de mim por todo o quarto em uma explosão sem precedentes. Gozo com uma força absoluta, e não paro, é como se um orgasmo emendasse ao outro. Grito apavorada com a sensação, que me deixa completamente sem fôlego.

– Isso, doce Ethel, não pare... – Domenico grunhe em meu ouvido enquanto permanece estocando seus dedos em mim, me fazendo perder o chão, querendo que a sensação plena jamais chegue ao fim.

Delicadamente ele solta meus punhos, segurando meu corpo enquanto espasmos secundários de prazer ainda me sacodem. Com cuidado, ele retira os dedos e não contendo um gemido languido. Com os olhos colados aos meus, Domenico lambe meu gozo de seus dedos, parecendo extasiado com o gosto que absorve. Sei que é imoral, mas amo quando ele faz isso.

Mal me sustento de pé, pois minhas pernas ainda tremem mais que vara verde e ele se afasta. Totalmente recomposto, como se absolutamente nada tivesse acontecido. Enquanto estou descabelada, ofegante, e com o coração saltando pela boca, ele permanece intacto, sem demonstrar nenhum tipo de emoção, e pior... Nenhum tipo de afeição.

– Agora podemos conversar, Ethel? Ou vou precisar te fazer gozar mais uma vez para isso? Preciso confessar que adoraria passar o dia todo nesse joguinho, mas infelizmente, não temos tempo para isso, ao menos não agora.

Arregalo os olhos atônita, meu peito subindo e descendo por causa da respiração pesada, sentindo toda a satisfação de uma gozada épica simplesmente desaparecer. Revoltada comigo mesma por ter me permitido mais uma vez ser tão pouco para Domenico e mais irritada ainda com suas medidas despóticas e pouquíssimo usuais de sempre conseguir aquilo que deseja, cato minhas roupas do chão, enfiando-as apressadamente em meu corpo. E ele acabou de vencer mais uma partida!

CAPÍTULO VINTE E SETE



O que ele descobriu de tão assombroso a respeito da sua vida que está te fazendo ceder a sua chantagem? – Pergunto horrorizada, sem ter coragem de olhar Domenico nos olhos. Vergonha tardia recaindo com uma ponta de culpa bem pesada depois de tudo que acabei de fazer.

– Isso é uma longa e complicada história, Ethel.

– Se tivemos tempo para que me convencesse do seu modo não muito convencional a ouvir seus absurdos, acredito que também o tenhamos para que me conte. – Cruzo os braços e pela primeira vez olho em seus olhos.

– Não temos mais tempo, Ethel. – Domenico retruca laconicamente.

– Deixe-me entender. O cara quer 51% de tudo aquilo que você tem?

– Exatamente. – O tom entediado dá indícios de que Domenico começa a perder sua já tão escassa paciência. Que se foda! Depois de tudo que acabou de fazer comigo, vai ter que dar muitas explicações.

– Diga apenas que não! Simples assim! – Contraponho.

– Não, não é simples assim. – Ele resmunga.

– Claro que é Domenico! Basta dizer não. O cara é um pé rapado qualquer, o que poderia fazer contra um homem poderoso como você?

– Ethel, as coisas não funcionam assim.

– E como exatamente elas funcionam? – Fixo meus olhos aos de Domenico, que parecem nervosos, ainda mais misteriosos do que costumam ser.

– A questão é: Não posso e não vou ceder a chantagem daquele merda, mas preciso me resguardar.

– Se resguardar de que?

– Já falei que é uma longa história, que não envolve só a mim, Ethel.

– E que agora necessariamente irá me envolver. – Reviro os olhos, sem entender absolutamente nada.

– Devo lembrá-la que o cara é seu pai. Não sou eu que estou te envolvendo, fui envolvido nisso tudo!

Calo minha boca sem argumentos inteligentes para rebater a colocação de Domenico. A verdade é que eu o enfiei nessa merda toda. Minha família

amálgama está chantageando o cara que nem meu namorado é. Deveria ao menos ser mais complacente e ouvir sua proposta?

– Tudo bem, vamos repassar os fatos. Casando comigo em comunhão total de bens, fico com 50% de tudo que te pertence. Sendo assim, ele fica com 25% de tudo que é seu, me tornando a majoritária de toda a corporação.

– Vamos falar que ficaria com 24%, uma vez que pelo que pude perceber, o que ele quer é ter mais poder que eu sobre as empresas, nesse caso, ele teria 26% das minhas cotas. Qual a dificuldade de entender isso, Ethel? – Seus olhos chispam em minha direção.

– Nenhuma, só estava me acostumando com o fato de ser a nova chefona poderosa da porra toda! – Debocho, prendendo meu cabelo em um rabo de cavalo alto.

– Ethel, estou sem paciência para suas brincadeiras infantis. – Ele rosna entredentes, me arrancando um sorrisinho satisfeito.

– Tudo bem. E por que necessariamente precisa se casar comigo? Qualquer mulher poderia facilmente tomar meu lugar. Você passaria as ações para ela e pronto, problema resolvido. De qualquer forma, ele pode exigir uma parte da minha porcentagem também.

– Por isso Willian fez a data do casamento retroativa. Já estaremos casados a uma semana. Uma cláusula no contrato lhe concede o direito a 50% do que tenho, mas, te limita a apenas administrá-lo, jamais negociá-lo sem a previa aceitação de um conselho.

– Você burlou a lei? – Prendo meus olhos em seu belíssimo rosto que agora se enfeita com um sorriso torto e descarado.

– Digamos que é apenas um subterfúgio para conseguir enrolar seu estimado pai.

– Subterfúgio ou não, isso é ilegal, Domenico. Caso aceite sua proposta louca, vou estar compactuando com isso!

– A questão aqui não é pensar em aceitar, Ethel, mas sim assinar e aceitar. Acha mesmo que Alejandro te deixará em paz? Acredita que não voltará a te procurar e talvez não faça coisa muito pior do que fez a dois meses atrás? – Um arrepio percorre todo o meu corpo e me encolho em meu próprio eixo. Lembrar das mãos nojentas tocando meu corpo me causa imenso repúdio.

– Domenico, pelo que entendi, Alejandro se tornará o segundo maior acionista da corporação. Seria muito mais seguro para mim se eu estivesse fora de toda sua transação. Me casando com você estarei muito mais vulnerável a sua presença.

– Eu vou protegê-la.

– Como pode me garantir isso?

– Na carta enviada ele nada mencionou sobre desconfiar que descobri a verdade sobre a história que me contou naquela noite. Isso significa, que para todos os fins, estou me casando com você por vingança, seguindo o plano original acordado.

– Então é isso? Não basta ele e minha mãe terem acabado com minha vida de uma forma irrefutável e ainda sim ele me quer mais fodida nas suas mãos?

– De verdade? Por mais que eu tente, não consigo compreender seus propósitos. A única coisa que tenho certeza é que esse cara quer dinheiro, o máximo que puder e conseguir, além de querer seu mal, isso já ficou bem claro. Não custa nos resguardarmos, Ethel. – Domenico fala como se explicasse a uma criança o porque dela não poder comer um pirulito antes do jantar. Isso me irrita profundamente.

– Arrume outra para seguir em frente com seu plano, Domenico. Estou fora! Não vou me casar com você e com isso pintar um alvo em minha testa!

– Que merda, Ethel! Dá para colocar nessa sua cabeça oca que não confio em outra mulher para fazer o que estou te propondo fazer? – Seus olhos brilham e sim, Domenico está falando a verdade!

– Então me conte o que de tão grave ele descobriu que está te obrigando a fazer o imenso sacrifício de se casar comigo. – Insisto.

– Não hoje. – Ele baixa os olhos e interrompe nosso contato.

– Quando, Domenico?

– Quando eu achar necessário. Ethel, apenas diga que sim. Os documentos já estão prontos, basta assiná-los. Nosso tempo é escasso.

– Você soltou a matéria para que ele ficasse sabendo... – Falo baixinho, mais para mim mesma do que para que Domenico ouvisse.

– Brilhante dedução. Agora podemos de fato ir ao que interessa?

– Estou falando sobre o que me interessa, Domenico. Não sou técnica como você, preciso de explicações razoáveis, principalmente quando envolve um pedido de casamento.

– Será um contrato, Ethel, apenas isso. Não estaremos verdadeiramente casados. – Uma pontinha de decepção invade meu peito.

– E como vai funcionar? – Me sento na cama e Domenico se acomoda ao meu lado.

– Terá seus direitos e deveres, como qualquer esposa.

– E quais seriam meus deveres?

– Não quer saber sobre seus direitos? – Ele ergue uma das sobrancelhas, daquele jeito debochado só dele.

– Me preocupo mais com os deveres. – retruco, ignorando sua ironia.

– Como qualquer boa esposa, precisará comparecer a eventos, talvez se envolver em algum projeto social, ser discreta e, é claro, dedicada. – O tom que ele emprega na última palavra me deixa bastante incomodada.

– Dedicada?

– Sim, se possível, bastante dedicada. – Ele sorri e vejo que nesse momento ele está apenas brincando.

– Deixe de ser idiota, Domenico. – Dou um tapa em seu braço e ele me encara. Impossível qualquer contato entre nossas peles, por menor e mais inocente que o seja, é como se uma corrente elétrica nos invadissem, descompensando todos os nossos hormônios.

– Vou ser uma submissa? – pergunto em um fio de voz.

– Não, Ethel. Você não será minha submissa. Nossa relação estará restrita a dividirmos o mesmo teto a fim de passarmos a impressão de um casal normal. Fora isso, só fará aquilo que tiver vontade.

– E quanto ao abecedário do sexo? – A pergunta sai sem que eu consiga me conter.

– Abecedário do que? – Seus olhos se viram para mim, curiosos com minha colocação.

– Você sabe. As fichas com as informações sobre as suas submissas.

– Ethel, não vou me abster de fazer sexo. – Um soco na boca do estômago. As palavras de Domenico machucaram mais que qualquer tipo de agressão o faria.

– Então isso significa que também não preciso me abster. – De rabo de olho, observo sua reação. O maxilar latejando denota sua irritação, mas, ele se mantém indiferente, como se minhas palavras não o tivessem abalado.

– Não posso cobrar aquilo que não poderei dar, concorda?

– Posso sair pela rua dando a vontade que você pouco vai se importar. Uau, isso que é casamento! – Escarneo ao me levantar.

– Não posso mandar nas suas vontades, mas espero ao menos que me respeite. – O tom duro e sério me faz virar em sua direção.

– Te respeitar? Você vai continuar suas sessões de espancamento e vem me falar em respeito? Só pode ser piada!

– Me escute. Não vou negar que quero dividir minha cama com você. Sabemos o quanto nossa química é forte e o quanto nos damos bem quando o assunto é sexo. Podemos entrar em um acordo.

– Um acordo do tipo, somos casados, não rola sentimento, mas fodemos todos os dias?

– Bem resumido, talvez eu não usasse essas palavras, mas se prefere assim...

– Vá a merda, Domenico. – Praguejo.

– Ethel, não temos escolha. Você precisa de proteção, uma proteção que apenas eu posso te oferecer, eu preciso de alguém confiável para tentar minimizar a chantagem de seu pai. Estaremos apenas unindo o útil ao agradável.

– Posso ir até a polícia e pedir por proteção. Alejandro já abusou de mim uma vez, já seria motivo o suficiente para que conseguisse uma liminar, mantendo-o bem distante de mim. – Ergo o queixo em afronta.

– Faça isso. Se essa é a sua vontade... Apenas não esqueça que quando teve a oportunidade de comunicar a polícia, não o fez, sabe-se lá por quais motivos.

– Para proteger você, Domenico. Você e Clarisse! Acha mesmo que eu permitiria que ele fizesse mal a alguém que amo? – Solto a frase e depois me dou conta da merda que acabei de falar. Domenico vira seu rosto em minha direção, parecendo atordoado com o que acabou de ouvir.

– Tenho certeza que não. Clarisse seria o seu primeiro alvo. Mesmo não gostando muito dela, sei o tamanho do amor que as une e tenho consciência que jamais a colocaria em risco. – Domenico fala, parecendo aliviado com sua conclusão de que o amor citado foi por Clarisse e não por ele.

– Falando nisso, e quanto a Clarisse? Me casar com você não irá protegê-la. – Pergunto nervosa.

Depois do que passei em suas mãos, sei bem que Alejandro Gomes faria qualquer coisa para atingir seus objetivos. Quando souber que não conseguirá o que deseja, poderá facilmente se virar contra minha amiga. Jamais me perdoaria por isso!

– Essa é a novidade boa. Parece que Leonard irá chamá-la para morar com ele. – Domenico sorri, parecendo verdadeiramente feliz pelo amigo.

– Por amor... – Deixo meus pensamentos falarem por mim, surpresa com a novidade e ao mesmo tempo feliz demais por Clarisse ter encontrado seu par perfeito.

– Ethel, nunca enganei você. Sempre deixei claro que amor não é para mim. Não estou me casando com você porque estou apaixonado. Tenho um puta tesão em você, não posso negar a química que nos envolve, mas isso não significa que vamos trocar juras de amor diariamente.

– Eu já entendi essa parte, Domenico. A parte que não consigo compreender é porque está fazendo tanta questão de desconstruir cada pequeno tijolo da minha miserável vida.

– Não estou fazendo isso, Ethel. – Ele volta a falar e dessa vez, seu tom parece bastante irritado.

– Sim, você está! Por que casamento? Poderia colocar uma infinidade

de seguranças atrás de mim até que Alejandro desistisse e facilmente negar sua proposta, você não me parece o tipo de homem que cede a qualquer tipo de chantagem. Existem inúmeras opções as quais você está ignorando, e pior, parece fazê-lo de forma proposital, apenas para infernizar a minha vida! Onde guarda seus sentimentos? – Termino meu monólogo e vejo olhos azuis glaciais me fitarem impiedosamente.

– A muito tempo deixei de ter sentimentos, Doce Ethel. – Ele rosna ao se colocar de pé, me olhando de cima para baixo.

– E por isso se acha no direito de esmagar os dos outros? – Explodo, liberando lágrimas de frustração, limpando o rosto com raiva.

– Não seja dramática, Ethel. Estou fazendo isso para te ajudar, para evitar que uma merda maior aconteça.

– Deixe de ser hipócrita, Domenico. Não tem absolutamente nada a ver com me ajudar. Você está fazendo isso para tirar o seu rabo da reta. Seja lá o que for que Alejandro tenha descoberto a seu respeito, muito provavelmente é o motivo para todo esse circo. – Me levanto aos gritos, apontando o dedo em riste em sua direção.

– Diminua seu tom de voz, Ethel Lisa. – A ameaça foi baixa e rouca, o que me deixou ainda mais descontrolada.

– Só para que saiba, eu odeio você Domenico Fox e não vou assinar porra de papel nenhum!

– O fato de me odiar não tirará minhas noites de sono, Ethel. Agora mexa essa bunda gostosa e trate de assinar a merda dos documentos.

– Me obrigue! – Cruzo os braços e o encaro. Seu rosto perfeito se torce em uma risadinha cínica e maliciosa.

– Seria um imenso prazer te foder novamente, principalmente sabendo o quanto você adora. – O tom é complacente e sua mão brinca por sobre o tecido caro do terno que encobre seu enorme e já preparado membro. Pisco os olhos e desvio. A imagem me faz apertar as coxas e perco completamente o foco da discussão em andamento.

– Você é um lixo, Domenico. Não vou ser mais uma das suas cadelas de estimação! – Aos berros, dou um passo para trás, sabendo o quanto minhas atitudes podem influenciar no temperamento instável do homem magnanimamente delicioso a minha frente.

– Lixo ou não, você ama gozar gostoso no meu pau, tomar a minha porra e abrir essas deliciosas pernas toda vez que quero. Quanto a ser minha cadela, posso te chamar de minha puta, se assim preferir.

Sem conseguir mais me conter, corto a distancia entre nós e o pego desprevenido, desferindo um forte tapa em seu rosto. Tomada pelo choque da

minha atitude impensada, dou um passo para trás e cubro a boca com uma das mãos, sem acreditar no quanto pude ser agressiva. Olhos glaciais estão sobre mim agora.

– Não vou explicar mais uma vez os motivos, Ethel. Já é grandinha demais e de burra não tem nada. Não me faça perder o pouco de paciência que ainda me resta. Apenas assine os documentos! – Seu tom é mortal e dessa vez não discuto.

Apressada, me viro e corro igual uma criança amedrontada para o meu closet, onde me enfio fechando a porta e me recostando nela. Minha respiração apressada ecoa em meus ouvidos. Todo o meu corpo treme e bem lá no fundo, me sinto responsável sim por tudo que ele está passando.

Não fosse a ganância de um pai que eu nem sabia existir e de uma mãe permissiva que se importa muito mais com seus vícios do que com a própria filha, esse tal segredo tão bem guardado de Domenico, jamais teria sido desenterrado. Por mais que procure, não acho outra opção.

Só existe uma alternativa, por mais louca que seja, é só o que posso fazer para amenizar minha culpa por tê-lo envolvido em algo tão sujo e podre. Respiro fundo e controlo meus batimentos cardíacos. Secando as lágrimas que teimam em escapar com uma roupa qualquer dependurada, abro a porta e encaro o homem mais perfeito do mundo parado bem no meio do meu quarto.

– Onde eu assino?

Aperto os olhos e circulo meu corpo com meus próprios braços. Um medo sem fim do desconhecido me invade. Por mais que seja um acordo, um contrato e não um casamento de verdade, como vou conseguir lidar com sua indiferença conflitando com a imensidão do meu amor?

O poço glacial pelo qual me apaixonei desde o primeiro momento se estreita. Seu maxilar treme e um lampejo de sorriso brota em seus lindos lábios. Sim, diabolicamente lindo. Esse é o homem perigoso por quem me apaixonei.

Um calafrio percorre meu corpo e minhas pernas ficam bambas. Respiro profundamente e devolvo seu olhar, sem encontrar qualquer certeza que justifique minha falsa confiança. Se é para ser feito, que assim seja! Coragem Ethel! Mas como ter coragem? O que será da minha vida a partir de agora nas mãos de Domenico Aron Fox?

SÉRIE DOMINADA

A Entrega
(LIVRO II)

Outras obras da autora:

Série INCONSTANTE

Inconstante Prazer

<https://www.amazon.com.br/dp/B07CKHJB14>

Inconstante Prisão

<https://www.amazon.com.br/dp/B07CSMN6S8>

Inconstante Amor

<https://www.amazon.com.br/dp/B07FC9PCDN>

Inimigo íntimo (Livro Único)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07G5L5LJ8>

Laços de Sangue (Livro único)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07GM9SHYZ>

Série DOMINADA

Dominada - A Descoberta (Livro I)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07MFF491T>

Acompanhe as novidades sobre a autora nas redes sociais.

Página Oficial Facebook
www.facebook.com/klchristynoficial/

Site Oficial
<http://www.klchristyn.com.br/>

Instagram Oficial
www.instagram.com/klchristyn/?hl=pt-br

Contato E-mail
klchristyn@gmail.com

Nota da autora

Seria impossível descrever o prazer e emoção que tomam conta de mim nesse momento. Entregar o segundo livro da série Dominada para vocês foi uma peleja pessoal. Problemas diversos interferiram em sua conclusão, mas, depois de uma imensa lua de mel literária, enfim consegui em vocês força e inspiração suficientes para completar a penúltima etapa da saga entre Domenico e Ethel. Espero que curtam muito e principalmente, que meus esforços tenham valido a pena e correspondam as suas expectativas.

Deixo um agradecimento mais do que especial ao meu grande, insubstituível e amado amigo Arthur Garrido, que me fez compreender um pouco melhor sobre o que escrevia, abrindo meus horizontes e me fornecendo valiosas experiências para que pudesse ser o mais realista possível.

“Dedico esse livro a minha netinha Diana. Minha menina Maravilha, que vem superando a cada dia uma nova batalha, ensinando a todos que a palavra desistir simplesmente não é uma opção!”